



# FOGE, NICKY, FOGÉ!

**Nicky Cruz**

**e Jamie Buckingham**

Título original em inglês: *Run Baby Run*

Tradução de Adiel de Almeida Oliveira

6ª.edição, 1980

Editora Betânia

Digitalizado, revisado e formatado por SusanaCap



# Prefácio

---

QUANDO TOMEI A INICIATIVA de realizar este projeto, Catherine Marshall comentou que escrever um livro deste tipo é como ter um filho. Eu teria de viver com ele, até que nascesse.

Neste caso, não fui só eu quem teve de viver com ele, mas a minha família e também a Igreja Batista do Tabernáculo que eu estava pastoreando. Sofreram comigo todos os ataques de mal-estar matutino, todas as dores de parto, e até mesmo uns dois alarmes falsos. Mas, tanto minha família como a igreja, compreenderam que este livro era concebido pelo Espírito Santo, escrito com oração e lágrimas, e deveria ser publicado para a glória de Deus. A igreja praticamente libertou-me de todas as obrigações, até terminá-lo; além disso, vários dos membros ajudaram no trabalho de datilografia.

Contudo, os padrinhos do livro foram John e Tibby Sherril e os editores da revista Guideposts. A recomendação e a confiança de John deram início ao projeto, e no seu término, foi a crítica do casal Sherril que nos deu a visão final da história violenta, mas empolgante, da vida de Nicky Cruz.

Os méritos da movimentação da história em si cabem, porém, a Patsy Higgins, que ofereceu voluntariamente os seus serviços para a glória de Deus. Ela viveu e sentiu o manuscrito como crítica, editora e datilógrafa — revelando um talento para cortar e reescrever, que só pode ter sido dado por Deus.

O livro em si quebra uma das regras básicas da literatura. Termina abruptamente. Não há um final apoteótico ou bem elaborado. Cada vez que eu en-

trevistava Nicky Cruz, ele relatava uma experiência nova e fantástica, material que daria para outro livro — talvez para vários. Portanto, Foge, Nicky, Foge! é a história, tão exata, quanto possível, dos primeiros vinte e nove anos da vida de um moço, cujos dias mais áureos ainda estão no futuro.

Jamie Buckingham

Eau Gallie, Flórida

## Introdução

---

A HISTÓRIA DE NICKY CRUZ é notável. Tem todos os elementos de tragédia, violência e interesse, além do maior de todos os ingredientes, o poder do evangelho de Jesus Cristo.

Os primeiros capítulos formam um cenário obscuro e tenebroso para o eletrizante desenlace desta história. Portanto, não desanime com a atmosfera um tanto sangrenta da primeira metade do livro.

Nicky é jovem, e está atualmente causando um grande impacto sobre um bom número de outros jovens, nos Estados Unidos. A população adulta já não pode mais ignorar a mocidade, com os tremendos problemas do século vinte. A juventude busca um propósito na vida. Não está enamorada de nossos esclerosados tabus sociais. Quer sinceridade na religião, honestidade na política, e justiça para os desprivilegiados da sociedade. O aspecto encorajador, no que diz respeito a esses milhões de “garotos” (que em 1970 ultrapassaram o número da população adulta), é que eles estão desesperadamente procurando soluções para seus problemas. Em contatos com centenas de estudantes de nossas universidades, fiquei tremendamente impressionado com a busca que estão empreendendo,

procurando a verdade, a realidade e soluções honestas. Alguns jovens de nossas favelas estão ansiosos para ter um contato honesto com a sociedade, e com razão. Alguns deles são influenciados por defensores da violência e da força bruta, e são facilmente atraídos para o redemoinho dos distúrbios de rua, incêndios e pilhagem. Foge, Nicky, Foge! é um exemplo notável de que essa mocidade insatisfeita pode encontrar um significado e um propósito para a vida, na pessoa de Cristo.

Em nossas campanhas, quase a metade dos ouvintes tem menos de vinte e cinco anos. Não vão às campanhas para zombar, mas para uma busca sincera da verdade e de objetivos para a vida. Centenas deles atendem ao chamado de Cristo.

Foge, Nicky, Foge! é uma história emocionante! Minha esperança é que ela seja muito lida, e que muitos leitores venham a conhecer o Cristo que transformou o coração vazio e insatisfeito de Nicky Cruz e fez dele uma epopéia cristã de nossa era.

Billy Graham

## **Preâmbulo**

---

A HISTÓRIA DE NICKY é, possivelmente, a mais dramática do movimento Pentecostal, mas não é a única. Nicky é um vivido representante de vasto número de pessoas que, nas últimas décadas, têm sido libertadas do crime, do álcool, dos narcóticos, da prostituição, do homossexualismo, e de quase todo tipo de perversão e degeneração que o homem conhece. Tratamento psicológico, cuidados médicos e conselhos espirituais não conseguiram influenciar essas pessoas. Elas, porém, foram libertas de sua escravidão de modo

inesperado e maravilhoso, pelo poder do Espírito Santo, e levadas a uma vida de serviço útil, e, algumas vezes, de profunda oração. É muito natural desconfiar-se de transformações radicais e repentinas. Porém não há razão teológica para se suspeitar delas. A graça de Deus pode apossar-se de um homem e transformá-lo, num abrir e fechar de olhos, de pecador em santo. “Porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.” (Lucas 3:8.) O esforço humano não pode produzir tais transformações, nem na própria pessoa nem em outrem, porque a natureza exige tempo para se desenvolver, gradualmente; mas Deus pode fazer em um instante o que leva anos e anos para o homem realizar.

Conversões assim ocorreram na história do cristianismo, desde o princípio. Zaqueu, Maria Madalena (a penitente de Lucas 7:37), o “bom ladrão”, o apóstolo Paulo, e mesmo Mateus, o discípulo, são os primeiros de uma longa lista. Contudo, o maior número de tais conversões está tendo lugar hoje em dia, em relação ao chamado “Movimento Pentecostal”, o que é, creio eu, sem precedentes. Qual o significado deste fato extraordinário?

Tenho meditado muito sobre isto, e o que me vem à mente com freqüência é a parábola das bodas (Mateus 22:1-14). Quando as pessoas convidadas não apareceram, o senhor disse a seu servo: “Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos.” (Lucas 14:21.) Quando nem aquilo foi suficiente, o servo foi enviado uma vez mais, desta vez para os caminhos e atalhos, com a ordem: “Obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa.” Creio que isto é o que estamos vendo acontecer hoje. Os “convidados” à mesa do Senhor, isto é, os que “nasceram no cristianismo”, os justos, os membros legítimos da sociedade, já demonstraram sobejamente que são indignos. Eles “vão à igreja”, mas na verdade não têm participado do

banquete propiciado pelo Rei. É por isto que a Igreja, em lugar de ser um corpo vivo e uma testemunha desafiadora, muitas vezes se assemelha a um inútil clube religioso.

Todavia, enquanto os doutores da lei discutem qual o novo vocabulário que fará ressuscitar Deus (porque tudo o que conhecem a respeito dele são palavras), e que novos símbolos farão com que a liturgia tenha mais significado (porque tudo o que enxergam na religião é a parte humana), Deus está reunindo, em silêncio, novos convidados para o seu banquete. Recebe alegremente aqueles que, segundo os padrões humanos, são espiritual e moralmente pobres, aleijados, cegos e coxos. Pelo poder do seu Espírito, está mesmo “forçando-os” a entrar, arrancando-os das ruas da degradação e dos atalhos da perversão.

Nicky Cruz e os milhares que se lhe assemelham não são apenas exemplos comoventes do amor fiel do Bom Pastor, mas são também sinais dos tempos, que faríamos bem em discernir. São um sinal encorajador de que Deus está agindo com um poder novo em nossa época, para que não tenhamos medo de proclamar ousadamente o evangelho a todos. Por outro lado, também são um sinal de advertência a todos os que, pelos seus hábitos religiosos, pelo seu ministério sagrado, ou por qualquer outra razão, seja ela qual for, julgam ter um lugar marcado à mesa do banquete. “Porque vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia.” (Lucas 14:24.) Porque “está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos”. (Mateus 22:8.)

Prof. Edward D. O'Connor, C.S.C.

Universidade de Notre Dame

Estados Unidos

## Capítulo 1

# NINGUÉM ME QUER

---

“SEGUREM ESSE GAROTO MALUCO!” gritou alguém.

A porta do quadrimotor da Pan American mal acabara de se abrir, e eu já me precipitava escada abaixo, em direção ao prédio do Aeroporto Idlewild, em Nova York. Estávamos a 4 de janeiro de 1955, e o vento frio fazia arder minhas faces.

Algumas horas antes, meu pai me colocara no avião em San Juan: um rapazinho porto-riquenho, rebelde e amargurado. Fora entregue aos cuidados do piloto; haviam-me recomendado que permanecesse no avião até a chegada de meu irmão, Frank. Porém, quando a porta abriu, fui o primeiro a sair, correndo selvagememente pela pista de concreto.

Três funcionários do aeroporto se aproximaram de mim, cercando-me, empurrando-me contra a cerca de correntes de aço, ao lado do portão. O vento cortante zunia através da minha roupa tropical e leve, enquanto eu procurava escapar. Um policial agarrou-me pelo braço, e os funcionários voltaram ao seu trabalho. Para mim aquilo era uma brincadeira; olhei para o guarda e sorri.

“Porto-riquenho louco! Que diabo você pretende fazer?”

Meu sorriso sumiu quando notei ódio em sua voz. Suas bochechas gordas estavam vermelhas de frio, e os olhos lacrimejavam devido ao vento. Um toco de cigarro apagado estava esquecido entre seus lábios balofos.

Ódio! Senti-o circular por todo o meu corpo. O mesmo ódio que eu tivera contra meu pai e minha mãe, contra meus professores e os guardas em Porto Rico. ódio! Tentei libertar-me, mas ele me prendeu com uma fêrrea chave de braço.

“Venha, garoto, vamos voltar ao avião.” Olhei para ele e dei uma cusparada.

“Porco!” rosnou. “Porco sujo!” Ele afrouxou a pressão sobre o meu braço e tentou segurar-me por trás, pela gola do casaco. Mergulhando por baixo do seu braço, deslizei pelo portão aberto que levava para o edifício do aeroporto.

Atrás de mim, ouvi gritos e pisadas rápidas. Corri pelo longo corredor desviando-me, à esquerda e à direita das pessoas que se dirigiam aos aviões. De repente, achei-me em um grande salão. Descobrimo uma porta de saída, zuni pelo salão e saí para a rua.

Um grande ônibus estava parado junto ao meio-fio, com a porta aberta e o motor ligado. A fila estava entrando. Com algumas empurradas, consegui entrar também. O motorista me agarrou pelo ombro e pediu o dinheiro da passagem. Encolhi os ombros e respondi-lhe em espanhol. Ele me pôs para fora rispivamente, ocupado demais para perder tempo com um rapazinho tolo que mal compreendia inglês. Quando ele desviou a atenção para uma senhora que estava remexendo na bolsa, baixei a cabeça e esgueirei-me por detrás dela, atravessei a porta e penetrei no ônibus lotado. Dando uma olhadela por sobre o ombro, para ter a certeza de que ele não me vira, dirigi-me à parte traseira do ônibus, e sentei-me junto a uma janela.

Quando o coletivo deu a partida, vi o guarda gorducho e mais dois soldados sair ofegantes pela porta lateral do aeroporto, e olhar em todas as direções. Não pude resistir à tentação de bater na vidraça, acenar para eles e sorrir através do vidro.



Afundando no banco, apoiei os joelhos nas costas do assento da frente e apertei o nariz contra o vidro frio e sujo da janela.

O ônibus atravessou com dificuldade o tráfego intenso de Nova York, em direção ao centro da cidade. Lá fora havia neve e lama pelas ruas e calçadas. Eu sempre imaginara que a neve era branca e bonita, como nos contos de fadas. Mas aquela era parda, como mingau sujo. Minha respiração embaçou a vidraça. Afastei-me um pouco e passei o dedo nela. Era um mundo diferente, inteiramente diferente do que eu acabara de abandonar.

Minha mente voltou ao dia anterior, quando eu parara no morro diante de minha casa. Lembrei-me da grama verde que meus pés amassavam, salpicada dos pontinhos de cor clara, das pequeninas flores campestres. O campo descia num declive suave, até a vila, lá em baixo. Lembrei-me da brisa fresca que soprava contra minha face, e do calor do sol em minhas costas bronzeadas e nuas.

Porto Rico é uma bela terra de sol e de crianças descalças. É uma terra em que os homens não usam camisa, e as mulheres caminham preguiçosamente sob um sol causticante. Os sons dos tambores de aço e das guitarras ouvem-se noite e dia. É uma terra de cantigas, flores, crianças sorridentes e água azul refulgente.

Mas é também uma terra de feitiçaria e macumba, de superstição religiosa e de muita ignorância. De noite, os sons dos tambores da macumba ressoam nas montanhas cobertas de palmeiras, enquanto feiticeiros exercem o seu ofício, oferecendo sacrifícios e dançando com serpentes à luz de fogueiras bruxuleantes.

Meus pais eram espíritas. Ganhavam a vida expulsando demônios e estabelecendo um suposto contato com espíritos de mortos. Papai era um dos homens mais temidos da ilha. Com mais de 1,80m de altura, seus

enormes ombros encurvados haviam levado os ilhéus a se referirem a ele como “O Grande” Ele fora ferido durante a Segunda Guerra Mundial e recebia uma pensão do governo. Mas, como havia dezessete meninos e uma menina na família, depois da guerra ele recorreu ao espiritismo para ganhar a vida.

Mamãe trabalhava com papai como “médiun”. Nossa casa era sede de toda sorte de reuniões de macumba, sessões e feitiçaria. Centenas de pessoas vinham de toda a ilha para participar das sessões espíritas.

Nossa casa enorme, no alto da colina, era ligada por uma trilha sinuosa e estreita à pequena vila morderrenta de Las Piedras, escondida no vale, lá em baixo. Os aldeões subiam pela trilha a qualquer hora do dia ou da noite, para ir à “Casa do Feiticeiro”. Eles tentavam falar com espíritos dos mortos, tomavam parte em atos de feitiçaria, e pediam a papai para libertá-los de demônios.

Papai era o chefe mas havia outros médiuns que se utilizavam de nossa casa para sede de suas atividades. Alguns permaneciam ali semanas seguidas, às vezes invocando espíritos, às vezes expulsando demônios.

Havia uma mesa comprida na sala da frente, ao redor da qual o povo se assentava, quando estava tentando se comunicar com os espíritos dos mortos. Papai era muito entendido no assunto, e tinha uma biblioteca de magia e espiritismo, sem igual, naquela parte da ilha.

Certa manhã, dois homens trouxeram uma senhora perturbada à nossa casa. Eu e meu irmão Gene esgueiramo-nos da cama, olhamos por uma fresta da porta, e vimos quando eles a estenderam sobre a mesa grande. O seu corpo tremia e gemidos escapavam de seus lábios; os homens se postaram um de cada lado da

mesa, segurando-a. Mamãe ficou aos pés dela, com os olhos erguidos para o teto, repetindo palavras estranhas. Papai foi à cozinha e voltou com uma pequena urna preta cheia de incenso a fumar. Trazia também um grande sapo que colocou sobre o estômago agitado da mulher. Depois, suspendendo a urna sobre a cabeça dela, aspergiu pó de incenso sobre seu corpo convulso.

Nós tremíamos de medo; ele mandou que os espíritos maus saíssem da mulher e entrassem no sapo. De repente, a mulher jogou a cabeça para trás e soltou um grito agudo. O sapo saltou do seu estômago e espatifou-se contra a soleira da porta. Imediatamente, ela começou a dar pontapés e, sacudindo-se, libertou-se dos homens que a seguravam, rolou da mesa e caiu pesadamente no chão. Picou babando e mordendo a língua e os lábios; sangue misturado com espuma escorria pelos cantos de sua boca.

Mais tarde aquietou-se e ficou imóvel. Papai declarou que ela estava curada e os homens lhe deram dinheiro. Eles pegaram o corpo inconsciente e se foram, agradecendo a papai e chamando-o repetidamente de “Grande Milagreiro”.

Minha infância foi cheia de temor e sobressaltos. O fato de sermos uma família grande significava que mui pouca atenção era dada individualmente a cada filho. Eu tinha raiva de papai e mamãe, e tinha medo da macumba que era realizada todas as noites.

No verão anterior à época que eu devia entrar para a escola papai trancou-me, um dia, no pombal. Já era noite e ele me apanhara roubando dinheiro da bolsa de mamãe. Procurei correr, mas ele esticou o braço e me agarrou pela nuca: “Não adianta correr, moleque. Você roubou; agora vai me pagar.”

“Eu te odeio”, gritei.

Ele me levantou do chão, sacudindo me diante de si “Vou ensiná-lo a falar assim com seu pai”, disse entre dentes. Colocando-me debaixo do braço como se eu fosse um saco de farinha, atravessou o quintal escuro, dirigindo-se ao pombal. Escutei o ruído de suas mãos ao abrir a porta. “Para dentro”, rosnou ele. “Você vai ficar aí com os pombos, até aprender.”

Atirou-me porta adentro, e fechou-a atrás de mim, deixando-me em total escuridão. Ouvi o trinco sendo colocado no lugar, e a voz de papai, abafada, através das fendas da parede: “E nada de jantar.” Ouvi seus passos se diminuindo na distância, de volta para casa.

Eu estava petrificado de terror. Martelava a porta com os punhos. Chutava-a freneticamente, gritando e chorando. De repente, a casinhola encheu-se do barulho de asas: os pássaros, assustados, haviam acordado; repetidas vezes, chocaram-se contra o meu corpo. Apertei as mãos contra o rosto e gritei histericamente, enquanto as pombas se arremetiam contra as paredes, e bicavam ferozmente meu rosto e pescoço. Caí aturdido no chão imundo, e enterrei a cabeça nos braços, tentando proteger os olhos e tapar os ouvidos para não ouvir o som das asas que volteavam sobre minha cabeça.

Parecia que uma eternidade se passara, quando a porta abriu, e papai me fez ficar de pé e arrastou-me para o quintal. “Da próxima vez, você vai lembrar-se de não roubar e de não responder com insolência quando for apanhado”, disse ele asperamente: “Agora, tome um banho e vá para a cama.”

Chorei naquela noite até dormir; depois, sonhei com pássaros esvoaçantes que se chocavam contra meu corpo.

Meus ressentimentos contra papai e mamãe reavivaram-se no ano seguinte, quando entrei para a escola. Eu odiava qualquer autoridade. Mais tarde,

quando já tinha oito anos, rebelei-me de uma vez contra meus pais. Foi em uma tarde quente de verão. Mamãe e vários outros “médiuns” estavam sentados à grande mesa da sala, tomando café. Eu me cansara de brincar com meu irmão e entrara na sala, brincando com uma pequena bola, batendo-a no assoalho. Um dos médiuns disse à mamãe: “O Nicky é um menino bonito. Parece com você. Deve orgulhar-se dele.”

Mamãe olhou séria para mim e começou a balançar-se na cadeira, para a frente e para trás. Seus olhos reviraram, a ponto de aparecer somente o branco. Estendeu os braços para a frente, sobre a mesa. Seus dedos ficaram duros e tremiam e ela levantou vagorosamente os braços sobre a cabeça e começou a falar em tom de cantochão: “Este... não... meu... filho. Não, Nicky não. Ele nunca foi meu. Ele é filho do maior de todos os bruxos. Lúcifer. Não, meu não... não, meu não... Pilho de Satanás, filho do diabo.”

Larguei a bola, que rolou pela sala afora. Encostei-me à parede, e mamãe continuou em transe; sua voz se levantava e baixava, enquanto ela falava como em responso: “Não, meu não, não, meu, não... a mão de Lúcifer sobre a sua vida... o dedo de Satanás está na sua vida... o dedo de Satanás toca na sua alma... a marca da besta no seu coração... Não, meu não, meu não.”

Observei que lágrimas corriam pelas suas faces. De repente, voltou-se para mim com os olhos arregalados e gritou com voz esganiçada: “Sai, DIABO! Para longe de mim. Deixa-me, DIABO! Longe! Longe! Longe!”

Eu estava petrificado de terror. Corri para o meu quarto e joguei-me sobre a cama. Pensamentos passavam pela minha mente como rios canalizados em uma garganta estreita. “Não sou filho dela... filho de Satanás... ela não me ama... Ninguém me quer.

Ninguém me quer.”

Então as lágrimas vieram, e eu comecei a chorar e a soluçar. A dor que sentia no peito era insuportável, e esmurrei a cama até ficar exausto.

O velho ódio se agitou dentro de mim, a consumir minha alma, como a onda da maré avança sobre um recife de coral. Senti que odiava minha mãe. Puxa, como a odiava! Eu queria feri-la, torturá-la, vingar-me. Empurrei a porta e saí correndo e gritando até a sala. Os médiuns ainda estavam ali com mamãe. Esmurrei a mesa e gritei. Estava tão frustrado pelo ódio que gaguejava e as palavras não saíam direito: “Eu — eu... t-te o-o-odeio.” Apontava um dedo trêmulo para minha mãe e gritava: “Vo-vo-você me paga. Você me paga.”

Dois de meus irmãos mais novos estavam à porta olhando, curiosos. Empurrei-os para o lado e corri para os fundos da casa. Mergulhando escada abaixo, virei-me e arrastei-me para baixo da varanda e cheguei ao canto escuro e frio onde eu sempre me escondia. Abaixado sob a escada, no meio daquela poeira seca, ouvi as mulheres rindo e mais alta do que as outras, a voz de minha mãe ecoando através do assoalho rachado: “Viram, eu bem disse que ele é filho de Satanás.”

Como senti ódio dela. Queria destruí-la, mas não sabia como. Esmurrando a poeira, gritei de desespero, meu corpo sacudindo-se em soluços, convulsivos. “Eu te odeio. Eu te odeio. Eu te odeio”, gritei. Mas ninguém me ouviu. Ninguém se importou. No meu desespero pegava mancheias de pó e atirava furiosamente em todas as direções. A poeira assentava em meu rosto transformando-se em pequenos riachos sujos ao misturar-se com as lágrimas.

Mais tarde o frenesi acalmou-se e fiquei em silêncio. Ouvi as crianças brincando no quintal. Um garoto estava cantando uma música que falava de passarinhos e borboletas mas eu me sentia isolado,

solitário... Torturado pelo ódio e pela perseguição e obcecado pelo medo. Ouvi a porta do pombal fechar-se e as ruidosas passadas de papai que vinha dos fundos da casa; ele começou a subir os degraus da escada. Parando, olhou para as trevas, por entre as rachaduras das tábuas dos degraus. “O que está fazendo aí em baixo, menino?” Fiquei em silêncio, com a esperança de que não me reconhecesse. Ele encolheu os ombros e continuou subindo a escada, e entrou deixando a porta bater atrás de si. Ninguém me quer, pensei.

Ouvi mais risadas dentro da casa, quando a voz de baixo profundo de meu pai uniu-se à das mulheres. Eu sabia que eles ainda estavam rindo de mim.

Ondas de ódio me invadiram outra vez. Lágrimas rolaram pelo meu rosto, e comecei a gritar de novo. “Eu te odeio, mamãe! Eu te odeio. Eu te odeio.” Minha voz ecoou no vácuo sob a casa.

Chegando a um auge de emoção, caí de costas na poeira, e rolei de um lado para o outro — a poeira cobria meu corpo. Exausto, fechei os olhos e chorei, até cair num sono agitado.

O sol já tinha se escondido no mar, quando despertei e me arrastei para fora, saindo de baixo da varanda. A areia ainda rangia em meus dentes, e o meu corpo estava coberto de sujeira. Os sapos coaxavam. Os grilos cantavam. Eu sentia o orvalho úmido e frio sob meus pés descalços.

Papai abriu a porta dos fundos, e um jato de luz amarela projetou-se onde me achava, ao pé da escada. “Porco!” gritou ele. “O que você estava fazendo tanto tempo debaixo da casa? Veja como está. Não queremos porcos por aqui. Vá se lavar e venha jantar.”

Obedeci. Porém, meditando enquanto me lavava debaixo da bica, cheguei à conclusão de que haveria de odiar eternamente. Compreendi que nunca mais amaria

de novo .. a ninguém. E nunca mais choraria... nunca. Medo, sujeira e ódio para o filho de Satanás. Foi quando comecei a fugir.

Muitas famílias porto-riquenhas têm o costume de mandar seus filhos para Nova York, quando estes alcançam idade suficiente para cuidar de si. Seis dos meus irmãos mais velhos já haviam deixado a ilha, mudando-se para Nova York. Todos estavam casados e procurando construir vida nova.

Eu, porém, era muito novo para ir. Não obstante, nos cinco anos seguintes meus pais chegaram à conclusão de que não era possível que eu permanecesse em Porto Rico. Tornara-me rebelde na escola. Estava sempre procurando briga, principalmente com crianças menores do que eu. Um dia atirei uma pedra na cabeça de uma menina. Fiquei olhando, com um sentimento de prazer, o sangue que gotejava através de seu cabelo. A menina estava gritando e chorando, e eu ali, rindo.

Meu pai esbofeteou-me aquela noite até minha boca sangrar. “Sangue por sangue”, gritou ele.

Comprei uma espingarda “pica-pau” para matar passarinhos. Mas, para mim, matá-los não era o suficiente. Gostava de mutilar seus corpos. Meus irmãos se afastavam de mim, por causa do meu estranho desejo de ver sangue.

Quando estava no oitavo ano, tive uma briga com o professor de artes manuais. Era um homem alto e magro que gostava de assobiar para as moças. Um dia, na classe, eu o chamei de “negro”. A sala ficou silenciosa e os outros rapazes se esgueiraram para trás das máquinas da oficina, sentindo a tensão no ar.

O professor caminhou pela classe, até o lugar onde eu estava, ao lado de um torno. “Sabe o que mais, rapaz? Você é pretencioso.”

Respondi com insolência: “Desculpe, negro, eu



acho que não sou.”

Antes que pudesse safar-me, ele me bateu com o longo braço ossudo e senti a carne dos meus lábios esmagar-se contra os dentes com a violência do golpe. Senti o gosto do sangue que escorria pela minha boca e pelo meu queixo.

Avancei para ele, brandindo os braços. O professor era um homem feito enquanto eu pesava menos de cinqüenta quilos. Eu estava cheio de ódio e a vista do sangue fez-me explodir. Esticando os braços e colocando as mãos contra a minha testa ele me conservou à distância, enquanto eu dava murros no ar.

Compreendendo a inutilidade dos meus esforços, fugi. “Você vai ver, negro”, gritei. “Vou à polícia. Espera para ver.” Saí correndo da sala de aula.

Ele correu atrás de mim, chamando-me: “Espere. Eu sinto muito.” Mas, não voltei.

Não fui à polícia. Em lugar disso, dirigi-me a papai e lhe disse que o professor tentara me matar. Ele ficou furioso. Correu ao quarto e depois saiu com sua enorme pistola no cinto. “Vamos garoto. Vou matar um valentão.”

Voltamos à escola. Eu tinha dificuldade em acompanhar os passos longos de papai e quase precisava correr para alcançá-lo. Meu coração saltava ao pensar na sensação de ver aquele professor alto encolher-se de medo sob a fúria de meu pai.

Mas, o professor não estava na sala de aula. “Espera aqui, menino”, disse papai. “Eu vou conversar com o diretor, e resolver isto.” Senti medo, mas esperei.

Papai demorou muito tempo no escritório do diretor. Quando saiu, caminhou depressa em minha direção, e me sacudiu pelo braço. “Muito bem, rapaz, você tem algumas explicações a dar. Vamos para casa.”

Voltamos de novo através da pequena vila, e pela trilha sinuosa, até em casa. Ele me puxava atrás de si, preso pelo braço. “Mentiroso sujo”, disse-me já defronte da casa. Levantou a mão para esbofetear-me, mas consegui sair fora do seu alcance, e corri ladeira abaixo. “Está certo... Fuja, moleque!” gritou. “Você há de voltar para casa e quando voltar, eu vou lhe mostrar...”

Voltei para casa; mas só três dias depois. A polícia pegou-me andando na beira de uma estrada que levava às montanhas, no interior. Roguei-lhes que me soltassem, mas devolveram-me ao meu pai. E ele cumpriu a sua promessa.

Eu sabia que precisava fugir outra vez. E mais outra. Fugiria para tão longe que ninguém seria capaz de me trazer de volta. Nos dois anos que se seguiram, fugi cinco vezes. Todas as vezes a polícia me encontrou e me levou de volta para casa. Finalmente, sem mais esperança, papai e mamãe escreveram para meu irmão Frank, perguntando-lhe se poderia receber-me para morar em sua companhia. Frank concordou, e eles traçaram os planos para a minha ida.

Na manhã em que viajei, as crianças se enfileiraram na varanda à frente da casa. Mamãe me apertou ao peito. Havia lágrimas em seus olhos quando ela tentou falar, porém não saiu palavra nenhuma. Eu não tinha por ela sentimento de qualquer espécie. Pegando minha pequena mala, virei as costas, carrancudo, e dirigi-me à velha caminhoneta onde papai me esperava. Não olhei para trás.

Levamos quarenta e cinco minutos para chegar ao aeroporto de San Juan, onde papai me deu a passagem e enfiou em minha mão uma nota de dez dólares dobrada. “Telefone para Frank logo que chegar a Nova York”, disse ele. “O piloto vai tomar conta de você até ele chegar.”

Ficou de pé olhando para mim durante longo

tempo, bem mais alto do que eu, enquanto um cacho do seu cabelo grisalho e ondulado era agitado pela brisa quente. É provável que eu parecesse pequeno e patético a seus olhos, parado ali na estrada, com a maleta na mão. Seus lábios tremeram quando estendeu a mão para apertar a minha. Então, repentinamente, envolveu-me em seus longos braços e apertou o meu corpo magro contra o seu.

Escutei-o soluçar só uma vez: “Hijo mio” (filho meu).

Soltando-me, ele disse rapidamente: “Seja um bom menino, passarinho.” Virei-me, e saí correndo; galguei as escadas do enorme avião, e sentei-me junto a uma janela.

Lá fora vi a figura magra e solitária de meu pai, “O Grande”, encostado na cerca. Ele levantou a mão uma vez, como se fosse acenar, mas pareceu envergonhar-se, e voltou, andando depressa, para junto da velha caminhoneta.

Por que será que ele me chamara de “passarinho”? Recordei o momento quando, muitos anos atrás, sentado nos degraus da grande varanda, papai me chamara daquela forma.

Estava sentado em uma cadeira de balanço, fumando o seu cachimbo, quando me contou a lenda de um pássaro que não tinha pés, e por isso voava continuamente. Papai olhou-me sombrio, e disse: “Esse passarinho é você, Nicky. Você não tem descanso. Como um passarinho, você está sempre fugindo.” Meneou a cabeça vagarosamente, e levantou os olhos para os céus, soprando fumaça nas trepadeiras, que subiam até o telhado da varanda.

“Esse passarinho é pequenino e muito leve. Não pesa mais do que uma pena. Ele é levado pelas correntes de ar, e dorme ao vento. Está sempre fugindo.

Fugindo de gaviões, de águias, de corujas. Aves de rapina. Ele se esconde colocando-se entre elas e o sol. Se elas voarem acima dele, poderão vê-lo, em contraste com a terra escura. Mas as suas pequenas asas são transparentes, como a água clara da lagoa. Enquanto ele permanece no alto, elas não conseguem vê-lo, e assim ele nunca descansa.”

Papai recostou-se e soltou uma baforada de fumaça azul. “Mas, como é que ele come?” perguntei.

“Ele come ao vento”, respondeu papai. Falava vagarosamente, como se tivesse visto a avezinha. “Ele apanha insetos e borboletas. Não tem pernas... nem pés... está sempre se movendo.”

Fiquei fascinado com a estória. “E nos dias chuvosos?” perguntei-lhe. “O que acontece quando o sol não brilha? Como é, então, que ele escapa dos seus inimigos?”

“Nos dias feios, Nicky”, disse papai, “ele voa tão alto que ninguém pode vê-lo. A única hora em que pára de voar — o único momento em que pára de fugir — a única vez que vem à terra — é quando morre. Pois, uma vez que toca o solo, não pode mais fugir”

Papai me deu um tapinha no traseiro e me tocou de casa. “Vá agora, passarinho. Fuja, voe. Seu pai o chamará quando já não for hora de correr.”

Literalmente voei pelo campo gramado, batendo os braços como um pássaro que tentasse alçar vôo. Contudo, por alguma razão, parece que não conseguia ganhar suficiente velocidade para subir.

Os motores do avião tossiram, soltaram fumaça negra, e entraram em funcionamento. Finalmente, eu ia voar. Estava a caminho...

O ônibus parou. Lá fora, as luzes brilhantes e os anúncios luminosos multicoloridos acendiam e

apagavam na penumbra fria. Um homem que estava do outro lado levantou-se para descer. Segui-o até a porta, e saímos. As portas se fecharam atrás de mim, e o ônibus partiu. Fiquei ali na calçada... sozinho no meio de oito milhões de pessoas.

Apanhei um punhado de neve suja e tirei a crosta que a cobria. Ali estava: neve pura e brilhante. Desejei colocá-la na boca e comê-la. Porém, ao olhar bem, pequenas manchas negras começaram a aparecer na superfície. Compreendi que o ar estava cheio de fuligem das chaminés e que a neve estava tomando o aspecto de queijo fresco pulverizado com pimenta-do-reino.

Joguei a neve para o lado. Não fazia diferença. Eu estava livre.

Vagueei pela cidade dois dias. Encontrei um casaco velho jogado em uma lata de lixo. As mangas cobriam as minhas mãos, e a barra varria a calçada. Os botões tinham sido arrancados e os bolsos rasgados, mas ele me aquecia. Aquela noite eu dormi no metrô, encolhido em um banco.

No fim do segundo dia, meu entusiasmo esfriara. Eu estava com fome... e com frio. Em duas ocasiões, tentei falar com alguém, pedindo ajuda. O primeiro homem simplesmente ignorou-me. Continuou andando, como se eu não estivesse ali. O segundo empurrou-me contra a parede: “Caia fora, seu. Não ponha essas mãos gordurentas em mim.” Piquei com medo. Tentava impedir que o pânico subisse do estômago para a garganta.

Naquela noite, percorri de novo as ruas da cidade, o paletó comprido varrendo a calçada e a pequena mala segura firmemente em minha mão. Pessoas passavam por mim, e me olhavam, mas ninguém parecia importar-se comigo. Apenas olhavam e continuavam andando.

Nessa mesma noite gastei os dez dólares que

papai me dera. Entrei em um pequeno restaurante e pedi um cachorro-quente, apontando para a figura de um, que estava dependurada acima do balcão. Engoli-o sofregamente e indiquei que desejava outro. O homem sacudiu a cabeça negativamente e estendeu a mão. Enfiei a mão no bolso e tirei a nota amarfanhada. Limpando as mãos em uma toalha, ele abriu a nota, alisou-a, e meteu-a no bolso do avental sujo. Trouxe-me então outro cachorro-quente e uma terrina de feijão com carne. Quando terminei, procurei-o, mas ele havia desaparecido na cozinha. Peguei a mala e voltei para a rua fria. Acabara de ter meu primeiro encontro com a esperteza americana. Como iria saber que um cachorro-quente americano não custa cinco dólares?

Descendo a rua, parei em frente a uma igreja. Um pesado portão de ferro, trancado com um cadeado, fora colocado diante das portas. Parei diante do grande edifício de pedra cinzenta e observei a torre que apontava para o céu. As frias paredes de pedra e os escuros vitrais estavam fora do meu alcance, protegidos pela cerca de ferro. A estátua de um homem de rosto simpático e olhos tristes espiava através do portão fechado. Os seus braços estavam estendidos e cobertos de neve, mas ele estava trancado lá dentro, e eu aqui fora.

Arrastei-me rua abaixo... andando... andando sem parar.

O pânico voltava furtivamente. Era quase meia-noite, e eu tremia não só de frio, mas também de medo. Tinha esperança de que alguém parasse e me perguntasse em que poderia me ajudar. Nem sei o que teria dito, se alguém parasse e oferecesse ajuda. Mas eu me sentia sozinho, com medo, e perdido...

A multidão apressada foi embora e me deixou. Nunca pensei que uma pessoa pudesse sentir solidão no meio de um milhão de pessoas. Para mim, solidão era

perder-se na floresta ou em uma ilha deserta. Porém, essa era a pior das solidões. Vi pessoas bem vestidas, voltando do teatro para suas casas... velhos vendendo jornais e frutas em pequenas bancas que ficavam abertas a noite toda... policiais patrulhando, aos pares... calçadas cheias de pessoas apressadas. Ao olhar para seus rostos, elas também pareciam solitárias. Ninguém ria. Ninguém de rosto alegre. Todos apressados.

Sentei-me na calçada e abri minha pequena mala. Encontrei um pedaço de papel dobrado, com o número do telefone de Frank, escrito por mamãe. De repente, senti algo empurrando-me por trás. Era um cachorro velho, felpudo que encostava o focinho no enorme casaco que cobria meu corpo magro. Rodeei seu pescoço com o braço, e puxei-o para mim. Ele lambeu meu rosto e eu enterrei a cabeça no seu pelo sarnento.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentado, tremendo e afagando o cão. Quando olhei para cima, vi os pés e pernas de dois policiais uniformizados. As suas galochas estavam molhadas e sujas. O cachorro sarnento pressentiu o perigo, e saiu correndo, desaparecendo num beco.

Um dos guardas bateu no meu ombro com a ponta do cassetete. “O que é que você está fazendo aqui sentado, no meio da noite?” perguntou ele. A sua face parecia estar cem quilômetros acima. Com dificuldade procurei explicar, em meu inglês de pé quebrado, que estava perdido.

Um deles murmurou algo para o outro, e se foi. O que ficara ajoelhou-se ao meu lado, na calçada suja. “Posso ajudá-lo, garoto?”

Acenei que sim e tirei o pedaço de papel com o nome e número do telefone de Frank. “Irmão”, disse-lhe, mostrando o papel.

Ele sacudiu a cabeça ao olhar para a escrita quase

ilegível. “É aí que você mora, garoto?”

Eu não sabia responder e apenas disse: “Irmão”. Ele acenou que sim, levantou-me pelo braço, e dirigimo-nos a uma cabine telefônica atrás de uma banca de jornais. Pescou um níquel no bolso e discou o número. Quando a voz sonolenta de Frank respondeu, ele me entregou o fone. Em menos de uma hora eu estava a salvo, no apartamento de meu irmão.

A sopa quente que tomei já na casa de Frank estava gostosa, e a cama limpa, deliciosa. Na manhã seguinte Frank me contou que eu deveria ficar com ele, que ele cuidaria de mim e me poria na escola. Algo dentro de mim, porém, me dizia que eu não ficaria ali. Começara a fugir, e agora nada me faria parar.

## Capítulo 2

# NA SELVA DO QUADRO- NEGRO

---

FIQUEI DOIS MESES COM FRANK, aprendendo a manobrar o inglês. Porém não era feliz, e as tensões internas estavam me perturbando muito.

Frank, logo na primeira semana, matriculou-me no ginásio. A escola era quase inteiramente de negros e porto-riquenhos. Era dirigida mais como um reformatório do que como escola pública. Os professores e administradores passavam a maior parte do tempo tentando manter a disciplina, de forma que pouco tempo restava para o ensino. Era um lugar selvagem, cheio de brigas, de imoralidade e de constante batalha contra os



que tinham autoridade.

Todas as escolas do Brooklin têm representantes de pelo menos duas ou três gangs. Estas gangs são quadrilhas formadas por rapazes e garotas que vivem em um certo bairro. Algumas vezes as gangs são inimigas, o que invariavelmente cria conflitos, quando são colocadas na mesma sala de aula.

Aquilo era uma experiência nova para mim. Todo dia na escola tinha de haver uma briga nos corredores ou em uma das salas de aula. Eu me encostava à parede, com medo de que algum dos rapazes maiores me batesse. Depois da aula, sempre havia uma briga no pátio, e alguém saía ferido e perdendo sangue.

Frank costumava advertir-me, para não andar pelas ruas à noite. “As quadrilhas, Nicky. As quadrilhas podem te matar. Eles saem como matilhas de lobos, durante a noite, e matam qualquer pessoa que não conheçam.”

Ele me recomendou que viesse direto da escola para casa, todas as tardes, e ficasse no apartamento, e me conservasse à distância das gangs.

Logo fiquei sabendo também que as quadrilhas não eram a única coisa que eu deveria temer. Havia também os “pequenos”. Eram terríveis moleques de nove e dez anos que perambulavam pelas ruas à tarde e à noitinha, ou que brincavam diante dos pardieiros em que moravam.

Tive meu primeiro encontro com os “pequenos” quando voltava da escola para casa certo dia, logo na primeira semana. Uma gang de cerca de dez meninos entre oito e dez anos investiu contra mim, saindo de um portão.

“Ei, garotos, olhem por onde andam.”

Um dos meninos deu um rodopio e disse: “Vá para

o inferno!”

Outro veio por trás e abaixou-se. Antes que me desse conta do que estava acontecendo, vi-me estatelado de costas na calçada. Tentei levantar-me, mas um dos garotos agarrou meu pé e começou a puxar. Gritavam e riam o tempo todo.

Perdi a calma e dei um soco no que estava mais próximo, jogando-o na calçada. Naquele momento, ouvi uma mulher gritar. Olhei para cima, e vi-a debruçada numa janela no quarto andar. “Afastese de meu filho, porco nojento, ou eu te mato.”

Naquele momento, não havia nada que eu desejasse mais do que afastar-me de seu filho. Mas os outros meninos estavam avançando. Um deles atirou uma garrafa de refrigerante na minha direção. Ela acertou na calçada, perto do meu ombro, fazendo chover vidro no meu rosto.

A mulher estava gritando ainda mais: “Não se meta com os meus meninos! Socorro! Socorro! Ele está matando meu filho!”

De repente, outra mulher apareceu em uma porta, com uma vassoura na mão. Era gorda e bamboleava ao correr; tinha a cara mais feia que eu já vi. Ela entrou no meio da quadrilha de garotos, com a vassoura levantada acima de sua cabeça. Tentei rolar no chão, fugindo dela, mas era tarde — a vassoura acertou em cheio nas minhas costas. Rolei de novo e ela me acertou no alto da cabeça. Ela estava gritando. Percebi então que várias outras mulheres estavam debruçadas nas janelas, gritando, e chamando a polícia. A mulher gorda me golpeou pela terceira vez, antes que eu pudesse pôr-me de pé e começar a correr. Ouvi-a dizer, atrás de mim: “Se você aparecer por aqui de novo, judiando de nossas crianças, nós te matamos.”

Na tarde seguinte, ao voltar da escola para casa,

escolhi um caminho diferente.

Uma semana mais tarde tive o primeiro encontro com uma gang. Voltava da escola e parara em uma praça para ver um homem que tinha um papagaio. Eu estava dançando ao redor dele, rindo e conversando com o pássaro, quando o homem subitamente perdeu o interesse, apertou o papagaio contra o peito e foi saindo. Olhei ao redor, e vi cerca de quinze rapazes num semicírculo em torno de mim. Não eram “pequenos”. Ao contrário, eram bem “grandes”, na maioria, maiores do que eu.

Rapidamente formaram um círculo pondo-me no meio e um dos rapazes disse: “Ei, moleque, de que é que você está rindo?”

Apontei para o homem do papagaio, que então fugia da praça. “Puxa, eu estava rindo daquele papagaio bacana.”

“Escute, você mora aqui por perto?” perguntou o rapaz, com olhar ameaçador.

Senti que algo estava errado, e comecei a gaguejar um pouco: “Eu-eu moro com meu irmão, no fim desta rua.”

“Você pensa que só porque mora no fim desta rua, pode entrar na nossa praça e rir como uma hiena, hein? É o que você pensa? Não sabe que está nos domínios dos Bishops, rapaz? Nós não permitimos que estranhos entrem em nossos domínios, principalmente paspalhos que riem como hienas.”

Olhei para eles, e percebi que falavam sério. Antes que eu pudesse responder, o rapaz de olhar duro tirou uma faca do bolso e, pressionando um botão, abriu-a, mostrando uma lâmina reluzente de dezessete centímetros.

“Sabe o que vou fazer?” disse ele. “Vou cortar a

sua garganta e deixar você sangrar, como o animal que ri como você.”

“Ei, ra-ra-rapaz”, gaguejei. “O que é que há de errado comigo? Por que é que você quer me esfaquear?”

“Porque não gosto da sua cara, só isso”, disse ele. Apontou a faca para o meu estômago, e começou a andar em minha direção.

“Vamos, paizinho. Deixe-o. Esse menino acaba de chegar de Porto Rico. Não conhece as regras”, falou outro membro da quadrilha, um moreninho espigado.

“Certo, mas um dia vai saber. E é melhor que não pise no domínio dos Bishops.” Com um sorriso de escárnio, ele recuou.

Viraram-se e foram embora. Corri para o apartamento e passei o resto da tarde pensando.

No dia seguinte, na escola, alguns meninos ouviram falar do incidente da praça. Descobri que o rapaz que tirara a faca chamava-se Roberto. Naquela tarde, durante a aula de educação física, estávamos jogando beisebol. Roberto derrubou-me de propósito. Todos os outros meninos começaram a gritar:

“Dá nele, Nicky. Bate nele. Mostre que ele não é de nada, quando não está com uma faca na mão. Vamos, Nicky, nós estamos com você. Dá nele!";

“Está bem”, disse eu, “vamos ver se você é bom de briga.” Levantei-me e limpei a roupa.

Tomamos posição um diante do outro, e os demais meninos formaram um grande círculo à nossa volta. Ouvi-os gritar: “Lutem! Lutem!” e percebi que o círculo aumentava.

Roberto riu, porque eu tomara a posição tradicional de pugilista, com as mãos diante do rosto. Ele encurvou-se um pouco e também levantou os punhos

fechados, desajeitadamente. Era óbvio que não estava acostumado a lutar daquela forma. Dancei em direção a ele, e antes que pudesse mover-se, acertei-lhe um soco de esquerda. O sangue espirrou de seu nariz e ele deu um passo para trás, olhando-me surpreso. Avancei de novo.

De repente, ele baixou a cabeça e carregou contra mim como um touro, acertando-me no estômago e jogando-me de costas no chão. Tentei levantar-me, mas ele me chutou com seus sapatos pontudos. Rolei para o lado, e ele pulou sobre minhas costas e puxou-me a cabeça para trás, enterrando deliberada-mente os dedos nos meus olhos.

Fiquei pensando que os outros meninos iriam me ajudar, ou pelo menos apartar a briga, mas se limitaram a ficar ali, torcendo.

Eu não sabia brigar daquela forma. Todas as minhas brigas haviam sido segundo as regras do boxe, mas pensei que aquele rapaz iria me matar, se não fizesse algo. Agarrei as suas mãos e tirei-as dos meus olhos, enterrando os meus dentes no seu dedo. Ele gritou de dor e saiu de cima de mim.

De um pulo fiquei de pé e tomei novamente posição de pugilista. Ele levantou-se vagarosamente, segurando a mão ferida. Dancei em sua direção e acertei-lhe dois socos de esquerda no rosto. Eu o ferira, e avancei para socá-lo de novo, quando ele me agarrou pela cintura, prendendo meus braços ao lado do corpo. Usando a cabeça como um bate-estacas, ele começou a dar-me cabeçadas no rosto. Meu nariz começou a sangrar e fiquei cego de dor. Finalmente ele me soltou e me deu dois socos, e eu caí no pó do pátio da escola. Senti que ele me deu um pontapé, quando chegou um professor que o afastou de mim.

Naquela noite quando fui para casa, Frank gritou comigo. “Eles vão matar você, Nicky. Eu lhe disse para

ficar longe das quadrilhas. Eles vão matar você.” Minha face estava muito ferida e meu nariz parecia estar quebrado. Eu sabia, porém, que daí para frente ninguém mais levaria vantagem sobre mim. Eu era capaz de lutar tão deslealmente como eles — e até mais. Da próxima vez estaria preparado .

A “próxima vez” foi várias semanas mais tarde. As aulas tinham terminado, e eu ia descendo pelo corredor, em direção à porta. Percebi que alguns alunos estavam me seguindo. Dei uma olhada por sobre o ombro. Atrás de mim havia cinco garotos negros e uma menina. Sabia que era comum haver brigas feias entre rapazes porto-riquenhos e negros. Comecei a andar mais depressa, mas percebi que eles também apressavam o passo.

Saindo pela porta, eu descia um corredor que dava para a rua. Os garotos de cor me cercaram, e um deles, um grandão, me empurrou contra a parede. Derrubei os livros, e outro rapaz chutou-os corredor abaixo, e eles caíram numa vala cheia de água suja.

Olhei ao redor, porém não vi ninguém que pudesse chamar em meu socorro. “O que você está fazendo nestes domínios, rapaz?” perguntou o grandalhão. “Você não sabe que isto aqui é nosso?”

“Essa não! Isto é domínio da escola. Não pertence a quadrilha alguma”, disse eu.

“Não banque o espertinho comigo, menino, não gosto de você.”

Colocou a mão contra o meu peito e me apertou contra a parede. Naquele momento ouvi um clique e percebi que era o ruído de um canivete automático.

Quase todos os rapazes andavam com um desses. Eles preferiam usar um tipo de canivete de pressão, que é operado com o auxílio de uma mola. Quando um pequeno botão de lado é apertado, a mola solta-se e a lâmina se abre.

O rapagão colocou a arma contra meu peito, picando os botões da minha camisa com a ponta afiada e fina.

“Olha o que vou fazer, espertinho”, disse ele. “Você é novo nesta escola, e nós fazemos todos os novatos nos pagarem para receber proteção de nós. É um bom negócio. Você nos paga vinte e cinco centavos por dia e nós garantimos que ninguém te amola.”

Um dos outros rapazes deu uma risadinha forçada e disse: “Sim, meu chapa; da mesma forma, nós garantimos que não amolamos você, também.”

Todos os outros rapazes riram.

Então eu disse: “Ah, é? E quem me prova que mesmo que eu dê vinte e cinco centavos para vocês todos os dias, vocês não judiarão de mim?”

“Ninguém prova, menino inteligente. Você apenas nos dá o dinheiro, de qualquer forma. Se não dá, morre”, respondeu ele.

“Está bem. Então é melhor que vocês me matem agora mesmo. Porque se vocês não matarem, eu voltarei mais tarde e matarei vocês um por um.” Pude perceber que os outros ficaram um pouco amedrontados. O rapagão que tinha a faca contra o meu peito, naturalmente, pensava que eu era destro. Por isso, não esperava que fosse agarrá-lo com a mão esquerda. Torci a sua mão, afastando-a do meu peito, o fiz girar sobre si mesmo e dobrei-lhe o braço por detrás das costas.

Ele deixou cair a faca e eu apanhei-a do chão. Senti-me bem como ela na mão. Coloquei-a contra a sua garganta, pressionando-a a ponto de marcar a pele, sem furá-la.

Empurrei o seu rosto contra a parede com a faca no lado da sua garganta, logo abaixo da orelha. A mocinha começou a gritar, com receio de que eu fosse

matá-lo.

Virei-me para ela e disse: “Ei, boneca, eu conheço você. Sei onde é a sua casa. Hoje à noite vou até lá e te mato; quer?”

Ela gritou mais alto e agarrou o braço de um dos outros rapazes, começando a puxá-lo para longe: “Foge! Foge!” gritava ela. “Esse cara é louco. Foge!”

Eles fugiram, inclusive o rapagão que estivera preso contra a parede. Deixei que se fosse, sabendo que eles poderiam ter-me matado, se tivessem tentado.

Desci pela calçada até onde os livros estavam jogados na água. Apanhei-os e sacudi-os. Ainda tinha o punhal na mão. Fiquei parado muito tempo, abrindo e fechando a lâmina. Era o primeiro “canivete de pressão” que segurava em minha mão. Achei delicioso manejá-lo. Deixei-o cair no bolso do paletó e fui para casa. “Daquela hora em diante, seria melhor que eles pensassem duas vezes antes de se enroscarem com o Nicky”, pensei.

Logo espalhou-se o boato de que eu era terrível. Aquilo fez de mim uma isca atraente para qualquer rapaz que quisesse brigar. Cheguei à conclusão de que algo drástico aconteceria: era apenas uma questão de tempo. Mas, estava preparado.

A explosão final veio dois meses depois de eu ter começado a estudar. A professora acabara de estabelecer a ordem na classe e estava fazendo a chamada. Um rapaz de cor chegou atrasado. Veio gingando e tinha um sorriso cínico nos lábios. Havia uma linda garota porto-riquenha sentada na última fileira. Ele curvou-se e beijou-a no pescoço.

Ela afastou-se dele e sentou-se ereta na carteira. Ele deu a volta e beijou-a na boca; ao mesmo tempo tentando acariciá-la. Ela pulou do lugar e começou a gritar.



Os outros alunos estavam rindo e gritando: “Vamos, rapaz, larga brasa!”

Dei uma olhadela para a professora. Ela pôs-se a descer entre as fileiras, mas um latagão levantou-se diante dela e disse: “Ora, professora, a senhora não vai querer estragar a festa, vai?” A professora encarou o rapaz que era mais alto do que ela, e recuou para a sua mesa, enquanto a classe urrava, divertindo-se.

A esta altura, o rapaz tinha a garota presa contra a parede, e tentava beijar-lhe a boca. Ela gritava e tentava afastá-lo.

Ele finalmente desistiu e deixou-se cair pesadamente no seu lugar.

A professora limpou a garganta e começou de novo a fazer a chamada.

Algo estalara dentro de mim. Levantei-me da carteira e dirigi-me aos fundos da classe. A garota sentara de novo e soluçava, enquanto a professora fazia a chamada.

Cheguei por trás do rapaz, que agora estava sentado na carteira, limpando as unhas. Peguei uma pesada cadeira de madeira que estava no fim do corredor e disse: “Ei, olhe, garotão, eu tenho uma coisa para você.”

Quando ele virou-se para olhar, dei-lhe uma cadeirada no alto da cabeça. Ele afundou na carteira, enquanto o sangue escorria de um profundo corte na cabeça.

A professora saiu correndo da classe e voltou em um segundo com o diretor. Ele agarrou-me pelo braço e me empurrou corredor a fora, para seu escritório. Fiquei sentado lá enquanto ele chamava uma ambulância, e tomava providências para que alguém cuidasse do rapaz ferido.

Virou-se para mim. Depois de dizer tudo o que ouvira a meu respeito, nos últimos dois meses, isto é, as confusões em que eu estivera metido, pediu-me uma explicação do que acontecera na classe. Contei-lhe exatamente o que houvera. Disse-lhe que o rapaz estava se aproveitando da garota porto-riquenha, e que a professora nada fizera para impedi-lo. Por isso eu me colocara a seu lado.

Enquanto falava, pude ver o seu rosto se avermelhar. Finalmente, ele se levantou e disse: “Está bom, já agüentei essas brigas até onde pude. Vocês vêm aqui e pensam que podem agir da mesma forma que agem nas ruas. Penso que já é hora de dar um exemplo, e quem sabe se a autoridade será mais respeitada aqui dentro. Não estou para me sentar aqui todos os dias e ver vocês se matando e mentindo depois, para explicar o que não tem explicação. Vou chamar a polícia.”

Pus-me de pé: “Senhor, a polícia vai me pôr na cadeia.”

“Espero que sim”, disse o diretor. “Pelo menos o resto desses monstros que há aqui aprenderão a respeitar a autoridade.”

“Chame a polícia”, disse eu; ao mesmo tempo, encostei na porta tremendo de medo e de raiva, “e quando eu sair da cadeia, voltarei, e um dia pego o senhor sozinho e o mato.”

Meus dentes rangiam enquanto falava.

O diretor ficou branco. Sua face empalideceu e ele pensou durante um momento.

“Está bem, Cruz. Vou deixar você ir desta vez. Mas nunca mais quero vê-lo nesta escola. Não me importa onde você vai; para mim, pode ir para o inferno; mas nunca mais deixe que eu veja a sua cara aqui por perto. Quero que saia daqui correndo, e não pare enquanto não estiver fora das minhas vistas. Compreendeu?”

Eu compreendi. E saí... correndo.

## Capítulo 3

# SOZINHO

---

UMA VIDA MOTIVADA pelo ódio e pelo temor não tem lugar para mais nada a não ser o próprio ego. Eu odiava a todo mundo, inclusive Frank. Ele representava a autoridade, e quando começou a reclamar porque eu não ia mais à escola e ficava fora até tarde da noite, resolvi deixá-lo.

“Nicky”, disse ele, “Nova York é uma selva. O povo que vive aqui, vive pela lei da selva. Só os fortes sobrevivem. Na verdade, você ainda não viu nada, Nicky. Moro aqui há cinco anos e sei. Este lugar está cheio de prostitutas, viciados em narcóticos, ébrios e assassinos. Esses indivíduos podem matar você, ninguém vai saber que está morto, até que algum malandro tropece no seu corpo em decomposição, sob um monte de lixo.”

Frank tinha razão. Mas eu não podia mais ficar ali. Estava insistindo para que eu voltasse à escola, e eu sabia que tinha de tentar viver por minha conta, sozinho.

“Nicky, não posso forçar você a voltar para a escola. Mas se você não fizer isso, está perdido.”

“Mas o diretor me expulsou. Ele disse para eu não voltar nunca mais.”

“Não tenho nada a ver com isso. Se quiser viver aqui, tem de voltar. Você precisa estudar.”

“Se pensa que vou voltar, está louco, Frank.”

Respondi com maus modos. “Se tentar me obrigar, eu te mato.”

“Nicky, você é meu irmão. Isto não é coisa que se fale. Mamãe e papai me disseram para tomar conta de você e não vou deixar que fale assim. Ou você vai para a escola, ou sai daqui. Vá embora, se quiser. Mas você voltará, porque não tem onde ir. Mas se ficar, vai para a escola e é só.”

Isso foi na sexta-feira de manhã, antes de Frank sair para o trabalho. Naquela tarde deixei um bilhete sobre a mesa da cozinha, dizendo-lhe que fora convidado por alguns amigos para ficar com eles durante uma semana. Eu não tinha amigos, todavia não podia ficar mais com Frank.

Naquela noite, vagueei por Bedford-Stuyvesant, um bairro de Brooklin, procurando lugar para ficar. Dirigi-me a alguns rapazes que estavam parados numa esquina. “Alguém sabe onde eu posso encontrar um quarto para morar?”

Um deles virou se e olhou para mim, tirando baforadas de um cigarro. “Sim”, disse ele, apontando com o polegar sobre o ombro, na direção da Escola de Brooklin. “O meu velho é zelador daqueles apartamentos, do outro lado da rua. Fale com ele, que encontrará um lugar para você. Lá está ele sentado na escada, jogando baralho com aqueles outros caras. Ele é o que está bêbado.” Todos os outros rapazes riram.

O prédio a que o rapaz se referira pertencia ao projeto Fort Greene, no coração de um dos maiores conjuntos residenciais do mundo. Mais de trinta mil pessoas viviam nos altos edifícios, sendo que a maioria era de negros e porto-riquenhos. O Conjunto Habitacional de Fort Greene vai desde a Av. Park até a Av. Lafayette, e a Praça Washington fica no centro.

Encaminhei-me para o grupo de homens e per-

guntei ao zelador se havia um quarto para alugar. Ele tirou os olhos das cartas e grunhiu: “Sim, tem um. Por quê?”

Hesitei e gaguejei: “Bem, porque eu preciso de um lugar para morar.”

“Tem quinze pacotes aí?” perguntou, cuspidando fumo na direção de meus pés.

“Bem, não, agora não, mas...”

“Então não tem quarto”, disse ele, e voltou ao baralho. Os outros homens nem se dignaram a levantar os olhos.

“Mas posso conseguir o dinheiro”, argumentei.

“Olhe, garoto, quando você puder mostrar-me quinze pacotes adiantados, o quarto é seu. Não me importa como vai consegui-los. Roube de alguma velha, não me importo. Mas até que você tenha o dinheiro, não meta mais o nariz aqui, você está me enchendo.”

Voltei para a Av. Lafayette: passei por Papa John's, Casa de Carne Harry, Bar Paradise, Shery's, The Esquire, Bar Valhal, e Rendezvous do Lincoln. Parando ao lado do último, entrei em um beco, procurando descobrir como conseguir dinheiro.

Sabia que se tentasse assaltar alguém e fosse apanhado, iria para a cadeia, mas estava desesperado. Dissera a Frank que só voltaria depois de uma semana. Um quarto custava dinheiro, e eu não tinha um centavo. Eram quase dez horas da noite, e o vento de inverno estava frio de rachar. Recuei para a escuridão do beco, e vi pessoas passando na calçada. Tirei o punhal do bolso e apertei o botão. A lâmina abriu-se com um estalido. Encostei a ponta contra a palma da mão. Minha mão tremia ao pensar como iria praticar o roubo. Seria melhor empurrá-los para o beco? Eu deveria esfaqueá-los, ou apenas amedrontá-los? E se gritassem?...

Meus pensamentos foram interrompidos por duas pessoas que conversavam na entrada do beco. Um velho bêbedo fez parar um rapaz de uns dezenove anos, que levava um enorme saco de mantimentos. O velho pedia-lhe uns trocados para tomar café. Ouvi o rapaz, tentando escapar, dizer ao bêbedo que não tinha dinheiro.

Atravessou-me a mente o pensamento de que o velho, provavelmente, estava com o bolso cheio de dinheiro mendigado e roubado. Não ousaria gritar pedindo socorro, se eu o roubasse. Logo que o rapaz se fosse eu o puxaria para o beco e tiraria o dinheiro dele.

O rapaz estava pousando o saco de mantimentos no chão. Enfiou a mão no bolso e encontrou uma moeda. O velho resmungou um agradecimento e foi embora.

“Diacho”, pensei comigo. “Que faço agora?”

Naquele instante o rapaz derrubou o saco de mantimentos. Duas maçãs rolaram pela calçada. Ele curvou-se para apanhá-las, e eu o puxei para o beco, apertando-o contra o muro. Ambos estávamos morrendo de medo, mas eu tinha a vantagem da surpresa. Ele ficou petrificado quando eu levantei a faca diante do seu nariz.

“Não quero machucar você, mas preciso de dinheiro. Estou desesperado. Dê-me dinheiro. Já! Depressa! Tudo o que tem, antes que o mate.”

Minha mão tremia tanto que eu tive medo de deixar cair a faca.

“Por favor, por favor. Leve tudo, mas não me mate”, rogou o rapaz. Tirou a carteira do bolso e tentou passá-la para mim, mas derrubou-a. Ele tremia mais do que eu. Chutei a carteira ainda mais para o fundo do beco. “Caia fora”, disse eu. “Corra, homem, corra! E se parar de correr antes do segundo quarteirão, é um

homem morto.”

Olhou para mim, com os olhos arregalados de terror, e começou a correr. Tropeçou nos mantimentos e estatelou-se na calçada, na entrada do beco. Cambaleando, levantou-se outra vez, e meio de gatinhas, meio em pé, saiu correndo rua abaixo. Logo que virou a esquina, peguei a carteira e corri com todas as forças na direção oposta. Emergindo da escuridão em De Kalb, saltei a cerca de corrente que cerca o parque, e corri pela grama alta, em direção às árvores. Escondendo-me por trás de um aterro, parei para tomar fôlego e permitir que o meu coração acelerado se acalmasse. Abrindo a carteira, contei dezenove dólares. Era uma sensação agradável ter as notas na mão. Atirei a carteira no meio da grama alta, e contei o dinheiro outra vez, antes de dobrá-lo e colocá-lo no bolso.

Nada mal, pensei. As quadrilhas estão matando vagabundos por menos de um dólar, e eu conseguira dezenove na primeira tentativa. Afinal de contas, as coisas não iam assim tão mal.

Mas o sentimento de autoconfiança não removeu todo o medo e permaneci escondido detrás dos arbustos, até depois da meia-noite. A essa altura, já era tarde demais para ir procurar o quarto; voltei então ao lugar onde havia cometido o roubo. Alguém já juntara todos os mantimentos que haviam caído, com exceção de uma caixa de bolachas, que estava toda amassada. Apanhei a caixa e sacudi-a, fazendo com que os pedaços e o farelo caíssem na calçada. Reconstituí o acontecido em meus pensamentos, e sorri. Eu devia tê-lo cortado, só para ver como era, pensei. Da próxima vez, vou fazer isto.

Dirigi-me para a entrada do metrô, perto de Papa John, e peguei o primeiro trem que chegou. Passei a noite no metrô, e no dia seguinte, logo cedo, estava de volta à Rua Fort Greene para alugar o quarto.

O zelador subiu comigo três lances de escadas. O quarto

tinha janelas para a rua que ficava defronte à Escola Técnica de Brooklin. Era pequeno, com rachaduras no forro. O zelador disse-me que havia um banheiro comum no segundo andar, e que eu podia regular o sistema de aquecimento com a maçaneta do radiador de aço. Entregou-me a chave, e disse-me que o aluguel vencia todo sábado, uma semana adiantado. A porta fechou-se atrás dele. Escutei seus passos soando pesadamente escada abaixo.

Voltei-me e olhei o quarto. Havia duas camas de solteiro, uma cadeira, uma mesinha, um lavatório e um pequeno guarda-roupa. Indo à janela, olhei a rua, lá embaixo. O trânsito, logo cedinho, movia-se com um zumbido na Av. Lafayette, no fim do quarteirão. Do outro lado da rua erguia-se a Escola Técnica de Brooklin. Ocupava todo o quarteirão e impedia a visão de qualquer outro panorama, mas não fazia muita diferença. Pelo menos, eu estava por conta própria.

Naquela manhã, dei a primeira volta pela vizinhança. Descendo as escadas do pardieiro, vi um rapaz sair cambaleando de debaixo da escada. Sua face estava pálida como um lençol, e seus olhos profundamente encovados. O paletó sujo e esfarrapado caía de um dos ombros, e as suas calças ficaram com a braguilha aberta, depois dele ter urinado atrás do radiador. Não sabia dizer se estava bêbedo ou dopado. Parei no patamar e fiquei a observá-lo, enquanto saía pela porta e descia os degraus externos. Debruçou-se sobre o corrimão e vomitou na calçada. Um grupo de “pequenos” irrompeu por uma porta lateral do primeiro andar e correu para fora, ignorando completamente sua presença. O cara parou de vomitar e deixou-se cair no último degrau, olhando inexpressivamente para a rua.

Passei por ele e desci para a calçada. Sobre a minha cabeça ouvi uma janela abrir-se e olhei para cima exatamente a tempo de desviar-me rapidamente de uma



avalanche de lixo que era jogada do terceiro andar. Em outra porta, logo adiante, um dos “pequenos” estava agachado na penumbra, debaixo da escada, usando uma entrada de porão como latrina. Estremeci, mas disse a mim mesmo que acabaria me acostumando com aquilo.

Por trás do edifício de apartamentos havia um terreno baldio, cheio de espinheiros e mato que chegavam à altura da cintura. Algumas árvores esqueléticas esticavam seus galhos desnudos para o céu cinzento. A primavera começara, mas as árvores pareciam relutantes em fazer brotar novos rebentos e enfrentar outro verão do gueto (Gueto: Nome dado a uma área pobre de cidade grande, em que habitam pessoas de uma mesma raça ou cor. N. dos E.). Chutei uma lata de cerveja vazia — o terreno estava cheio delas. Caixas velhas de papelão, jornais e caixas quebradas estavam espalhados no meio do mato crescido. Uma cerca de arame toda estragada, estendia-se através do lote, até outro edifício de apartamentos que fazia frente com a Rua St. Edward. Olhando para trás, vi o meu prédio, e algumas das janelas do primeiro andar tapadas com tábuas ou com folhas de zinco, para resguardar os apartamentos do vento frio. Dois prédios além, eu vi as faces redondas de uns negrinhos pequenos, com seus narizes apertados contra a vidraça suja, observando-me chutar o lixo. Eles me fizeram pensar em animaizinhos engaiolados, ansiando pela liberdade, mas com medo de aventurar-se fora da gaiola, temerosos de serem feridos ou mortos. Parte da janela estava quebrada e em seu lugar haviam posto folhas de papelão manchado de umidade. Contei cinco faces amedrontadas. Possivelmente havia mais cinco no pequeno apartamento de três cômodos.

Dei a volta, e retornei à frente do apartamento. O apartamento do porão, debaixo do número 54, estava vago. O portão de ferro estava aberto. Chutei-o e entrei

O cheiro de urina, excrementos, vinho, fumo e graxa era maior do que eu podia suportar. Saí depressa prendendo a respiração. Pelo menos eu tinha um quarto no terceiro andar.

Comecei a descer pela calçada. As prostitutas constituíam uma cena patética. As mulheres brancas exerciam o seu comércio do lado direito da rua e ocupavam um prédio de apartamentos a um quarteirão do meu. As mulheres de cor “trabalhavam” do outro lado da rua, e viviam perto da entrada do metrô. Eram todas viciadas em narcóticos. Picavam por ali, vestidas com casacos sujos, em grupos. Algumas bocejavam ou porque estavam doentes, ou porque precisavam de um “estimulante”, uma picada de heroína, logo de manhã, para animá-las.

Dois meses se passaram e eu ainda não me acostumara com Nova York. Lá em Porto Rico vira gravuras da estátua da Liberdade e do edifício das Nações Unidas, mas aqui, nesta área pobre, só havia edifícios de apartamentos até perder de vista, cheios de carne humana. Cada janela simbolizava uma família, amontoada em quartos minúsculos, levando uma vida miserável. Pensei no jardim zoológico de San Juan, onde os ursos andavam lentamente, e os macacos tagarelavam detrás das grades. Eles se espojavam na sua própria imundície. Comiam carne estragada ou alface murcha. Lutavam uns contra os outros, e a única vez em que concordavam era quando se reuniam para rechaçar um intruso. Os animais não foram feitos para viver desta forma, só com uma floresta pintada na parede de trás da jaula, a recordar-lhes o lugar onde deveriam estar. Nem as pessoas. Mas aqui, nos guetos, elas vivem assim.

Parei no meio-fio, na esquina da Av. Myrtle, esperando o sinal abrir. Sobre minha cabeça um trem rugiu e matraqueou, cobrindo os que estavam embaixo

com uma camada fina de fuligem e poeira. As ruas estavam cobertas com uma mistura lamacenta de neve, sujeira e sal, que o povo atravessava quando o sinal abria.

Nos fundos dos prédios de apartamentos os varais iam de uma sacada a outra, de uma chaminé a outra. As camisas azuis e calças cáqui drapejavam ao vento gélido. Roupas de baixo que uma vez haviam sido brancas agora eram de um cinzento encardido, devido à constante exposição ao ar poluído. O sábado amanhecera. Os lojistas abriam as pesadas grades de ferro defronte às lojas. Em muitos quarteirões não havia loja que não tivesse uma grade de ferro em forma de tela ou barras de ferro, para protegê-la das quadrilhas que por ali vagueavam à noite.

Os apartamentos eram, porém, o que mais me deprimia. Havia evidências de tentativas anêmicas dos ocupantes, procurando alguma forma de identidade, acima da selva de concreto e dos precipícios de tijolos. Mas era um esforço desesperado à semelhança de um homem que está se enterrando em areia movediça, que tateia às bordas do lodaçal com dedos frementes, procurando uma raiz que seja, agarrando-se a ela desesperadamente, enquanto é arrastado para o fundo, com a raiz quase esmagada nas mãos apertadas em desespero.

Um vaso de cerâmica, sujo, com flores, enfeitava o batente de uma janela coberta de fuligem. Um gerânio mal cuidado apoiava-se contra o vidro.

Ocasionalmente, via um apartamento com escadas pintadas de cores vivas, e às vezes os umbrais de uma janela estavam pintados, aparecendo assim em flagrante contraste com as pedras escuras. Em outro local uma jardineira improvisada, feita com a madeira rústica de um engradado, aparecia dependurada de uma janela imunda. Nela, algumas flores artificiais

desafiavam o vento de inverno, cobertas da fuligem que saía de milhares de chaminés erguidas por toda a cidade.

Eu chegara à Rua St. Edward, e parara defronte à biblioteca Walt Whitman, perto do Distrito Policial. Do outro lado da rua havia um enorme edifício de apartamentos de doze andares, que cobria um quarteirão inteiro. Suas seiscentas janelas davam para a rua, cada uma representando um estado miserável de humanidade, tremendo por trás das vidraças. De uma das janelas pendia um trapo esfarrapado, outrora de cores brilhantes, agora desbotado devido às intempéries. A maior parte das janelas' não tinha venezianas ou cortinas — estavam ali, arregaladas como os olhos de um cadáver congelado, deitado na rua.

Voltei sobre os meus passos, em direção à Praça Washington. O que há de errado com este povo, aqui neste lugar imundo? pensei. Por que vive assim? Não há quintais. Nem grama. Nem espaços abertos. Nem árvores. Eu não sabia que uma vez que alguém muda para uma daquelas gaiolas de concreto, fica prisioneiro dela. Não há escapatória na selva de asfalto.

Naquela tarde, desci rua abaixo de novo. Eu notara que havia uma espécie de parque de diversões e espetáculos, no pátio que havia atrás da Igreja Católica de St. Michael e St. Edward na esquina das ruas Auburn e St. Edward. Era uma quermesse. Cheguei às quatro horas. A música do alto-falante ressoava no volume máximo. Ainda tinha um pouco de dinheiro que restara do furto, e o pensamento de uma quermesse fazia meu sangue formigar. Na porta, notei um grupo de rapazes em volta de um tocador de realejo. Vestiam blusões negros, com dois M vermelhos costurados nas costas. A música do realejo era quase sufocada pelo barulho que os rapazes estavam fazendo, batendo palmas e dançando no meio da calçada.

No centro do grupo estava um rapaz de cabelos negros, bem magro, mais ou menos da minha idade. Seu rosto bonito abria-se num sorriso, enquanto ele sapateava, em ritmo acelerado. Com as mãos na cintura, ele girava ao ritmo da música. Repentinamente seus olhos negros encontraram os meus. Parou de repente e o sorriso foi instantaneamente substituído por um olhar duro e frio.

“Ei, cara, o que é que você está fazendo neste território? Aqui é domínio dos Mau-Maus. Nós não queremos nenhum quadrado rondando por aqui.”

Devolvi-lhe o olhar duro, e percebi que os outros rapazes de blusão preto haviam, silenciosamente, formado um pequeno círculo ao nosso redor. O rapaz bonito, de olhos frios como o aço, encaminhou-se para mim e me empurrou com o peito, rindo: “Qual a sua “turma”, moleque?”

“Não tenho turma”, respondi. “Vim aqui para entrar na quermesse. É crime?”

Um rapaz do grupo avançou para mim.

“Ei, meu chapa, você sabe o que é isto?” disse ele, brandindo uma faca aberta. “Isto é um punhal, cara. Isso vai cortar sua barriga. Quero ver você a bancar o espertinho comigo! Eu não sou mole como o Israel.”

O rapaz a quem ele chamara de Israel fez sinal para o outro afastar-se, e continuou: “Sabe, um quadrado pode ser morto num instante. Pode ser que eu o mate. Agora, se você quer viver, é melhor pinicar .”

Eu estava com raiva, e pus a mão no bolso, procurando minha faca, mas cheguei à conclusão de que a minha desvantagem era muito grande. Não queria portar-me como covarde, mas sabia que haveria outra oportunidade para demonstrar minha coragem. Assenti com a cabeça e voltei rua acima, em direção à Praça Washington, e ao meu quarto. Atrás de mim pude ouvir

a quadrilha rindo e apupando: “Isto é que é falar, Israel. Aquele pirralho aprendeu a lição, desta vez. Vai fazer frio no inferno antes que ele ponha o nariz aqui de novo.”

Eu estava zangado e frustrado. Passando por baixo do pontilhão do trem na Av. Myrtle, entrei na praça e sentei-me em um banco. Não notei que um garoto de cerca de treze anos me seguira. Virei-me e olhei para ele, que riu e sentou-se no banco, ao meu lado.

“Eles lhe fizeram passar um aperto, não?” disse ele.

“O que você está pensando?” perguntei. “Eu dou em todos eles, mas seria um bobo se fosse lutar contra todos de uma só vez.”

“Rapaz, as quadrilhas aqui são duronas”, disse o menino, tirando do bolso da camisa um cigarro feito em casa. “Matam a gente se não concordar com eles.”

Acendeu o cigarro e notou que eu o observava.

“Você fuma maconha?” perguntou. Meneei a cabeça, embora soubesse do que estava falando.

“Quer experimentar? Tenho mais um. É bárbaro, bicho.”

“Claro”, respondi. Recuara uma vez naquela tarde, e não queria recuar de novo.

Ele enfiou a mão no bolso da camisa e tirou um cigarro dobrado e amarfanhado. Estava dobrado em ambas as pontas, e manchado lateralmente, onde ele lambeira o papel para colá-lo.

“É preciso tragar”, disse o rapaz. “Se não, ele se apaga.”

Ele acendeu o cigarro e comecei a fumar cuidadosamente .

“Não”, riu o menino, “é assim.”

Deu um trago profundo no cigarro e inalou vagarosamente a fumaça para os pulmões.

“Puxa, como isto é bom! Se você der baforadas, ele se queima e você não aproveita. Você precisa tragar, meu chapa!”

Eu traguei. Tinha um gosto estranhamente doce, e um cheiro forte.

“O que acontece?” perguntei, começando a sentir os efeitos atordoantes da erva.

“Meu chapa, isto faz a gente voar”, respondeu o rapaz. “Faz a gente rir um bocado. Faz a gente achar que é o melhor dançarino, melhor namorado, melhor lutador. Todos aqueles rapazes lá na quermesse estavam fumando a erva. Você não viu como os

olhos deles estavam vermelhos? A gente pode saber se eles estão “altos”, observando o brilho dos olhos.”

“Onde é que você consegue isto?”

“Ah, é fácil. Tem umas cem bocas de fumo aqui na vizinhança. A maior parte dos rapazes pode consegui-la para você. Eles conseguem de contatos mais importantes. Cuba, México. Eu? Meu velho tem uma plantação de maconha no fundo do quintal. Nosso quintal está cheio de mato. Ninguém vai lá, e o meu velho plantou algumas sementes no meio do mato. Nós temos umas mudas, para o gasto. Não é tão boa como outros tipos de mercadoria, mas é de graça.”

“Quanto custa, a gente comprando numa boca de fumo?” perguntei, procurando aprender o vocabulário e um pouco embaraçado pelo fato de um menino de treze anos saber mais do que eu.

“Alguns “pacaus” custam um dólar. Algumas vezes a gente encontra a setenta e cinco centavos, mas é melhor comprar uma lata. É como uma pequena lata de

fumo. Dessa forma a gente pode fazer os próprios “pacaus” por quarenta centavos, mais ou menos. Mas, precisa ter cuidado. Alguns caras podem querer tapear você. Eles misturam orégano com a maconha, e assim a gente não compra a erva pura. Sempre é bom provar antes de pagar, pois certamente eles quererão tapear.”

Eu terminara de fumar o meu “pacau”, e esticara as pernas para a frente, descansando a cabeça nas costas do banco. Não parecia estar sentindo o vento frio, e a tontura desaparecera, deixando-me uma sensação de estar flutuando em uma nuvem de sonho.

Voltei-me para olhar o garoto. Ele estava sentado no banco, com a cabeça nas mãos.

“Pensei que esta droga devia fazer a gente feliz. Por que você não está rindo?”

“Rapaz, por que é que eu vou rir?” disse ele. “Meu velho é um beberrão. Só que ele não é meu verdadeiro pai. Ele veio morar com minha mãe no ano passado. Pra te contar a verdade, eu nem sei quem é o meu velho. Esse homem bate na minha mãe o tempo todo. Na semana passada tentei tirá-lo de cima dela e ele deu uma garrafada na minha cara, quebrando-me dois dentes. Joguei um despertador nele, que pegou nas suas costas. Então minha mãe, minha própria mãe me xingou e disse para eu me mandar... que eu não tinha direito de machucar o seu homem. Agora eu estou morando na rua, esperando a hora de poder matá-lo. Não faço parte de nenhuma quadrilha. Não estou unido a ninguém. Estou só esperando pegar aquele vagabundo sozinho, para matá-lo. Também não gosto mais de minha mãe. Que motivo tenho para sorrir?”

Nenhuma vez levantou a cabeça enquanto falava.

“Esse é o mesmo homem que plantou a maconha no fundo do quintal?” perguntei.

“É. Ele também é traficante. Meu chapa, espera só



eu o pegar sozinho. Vou furá-lo — atravessá-lo com uma faca.” Ele olhou para cima, o rosto contorcido e cansado. Parecia mais a face de um macaco velho, do que a de um rapazinho de treze anos.

“E o seu velho, ele também é um pau d’água?”  
“Não, eu sou de sorte. Eu nem mesmo tenho um velho ou uma velha”, menti. “Sou sozinho.”

O menino levantou a cabeça: “É, agora eu também; espero.”

Depois, animando-se, acrescentou: “Bem, “ciao”. Tome cuidado com as quadrilhas. Eles te matam, se te pegarem na rua durante a noite!”

“Ei, e o que você me diz dessas quadrilhas? Quantas são?”

“Centenas”, disse ele. “Rapaz, há tantas que a gente nem pode contar.”

“O que é que eles fazem?”

“Brigam, meu chapa; o que mais? Estão sempre saindo para lutar contra outra gang, ou então ficam perto de casa para defender seus domínios contra alguma gang invasora. Quando não estão combatendo uns com os outros, estão combatendo com a polícia. Usam tudo o que podem para brigar. Carregam facas, porretes, pistolas, revólveres, soqueiras de bronze, rifles, espingardas de cano serrado, baionetas, tacos de beisebol, garrafas quebradas, tijolos, pedras, correntes de bicicleta... rapaz, qualquer coisa que você pensar, eles usam para matar. Chegam a afiar a ponta do guarda-chuva, pôr pregos nos sapatos, e algumas das quadrilhas dos italianos carregam navalhas, e colocam lâminas de barbear entre os dedos, quando vão dar socos. Fique por aqui, e você vai ver. É por isto que não me uno a eles. Eu só ando pelos becos e ruas escuras, e fico longe deles. Mas você vai aprender; fica por aí, que você aprende.”

Ele se levantou e foi andando sem destino pela praça, desaparecendo no crepúsculo. Voltei ao número 54 da Fort Greene. Já estava ficando escuro.

## Capítulo 4

# BATISMO DE SANGUE

---

VÁRIAS SEMANAS MAIS TARDE, saí de meu apartamento por volta de oito da noite, e fui até Papa John's, numa esquina da Av. Lafayette. Um moço porto-riquenho chamado Tico estava encostado na parede do edifício, fumando. Eu já me encontrara com ele uma ou duas vezes, e sabia que era perito na faca.

Ele olhou para mim e disse: “Ei, Nicky, você gostaria de ir a uma “festinha”? Vou apresentá-lo ao Carlos, presidente da gang.”

Eu tinha ouvido falar dessas “festinhas”, mas nunca fora convidado, por isso aceitei pressuroso o seu convite, e acompanhei-o por uma rua transversal; entramos em um porão debaixo de um lance de escadas de um edifício de apartamentos.

Tive dificuldade em acostumar os olhos com a penumbra. Um quebra-luz estava aceso a um canto. Um pouco de claridade entrava pelas janelas, e um pouquinho, pela porta, vinda das luzes da rua, lá fora.

Quando entrei no salão, pude ver figuras agarradas umas às outras, dançando ao som de música suave. Suas cabeças caíam no ombro uma da outra, enquanto os pés moviam-se em compasso com a música lenta. Um dos rapazes agarrou uma garrafa de vinho por trás das costas do seu par, e cambaleou ao mesmo

tempo que rodeava o pescoço da moça com o braço e tomava um longo trago da garrafa.

Vários rapazes se achavam sentados diante de uma pequena mesa, jogando baralho e fumando maconha, como vim a saber mais tarde. Uma garrafa de vinho fora colocada no meio da mesa.

Bem ao fundo do salão, longe da lâmpada, dois casais estavam deitados numa esteira. Um casal estava aparentemente dormindo, um nos braços do outro. Enquanto eu ainda os observava, levantaram, e saíram tropeçando por uma porta lateral.

Tico olhou para mim e piscou. “Há uma cama ali. Eles podem fazer amor quando quiserem.”

Um monte de revistas com figuras de mulheres nuas e semi-nuas estava no chão, aos meus pés.

“Então, isto é uma “festinha”, pensei.

Tico agarrou meu braço e empurrou-me salão adentro. “Ei, turma, este é um amigo meu. Vamos fazê-lo sentir-se em casa.”

Uma garota loura surgiu das trevas perto da porta, e me agarrou pelo braço. Estava com um suéter preto apertado, uma saia vermelha, e descalça. Coloquei a mão ao redor da sua cintura e disse: “Ei, boneca, quer dançar comigo?”

“Como se chama?” perguntou. Antes que eu pudesse responder, Tico falou: “Seu nome é Nicky. Ele é meu amigo e é um cara muito bom de briga. Pode ser que entre na nossa turma.”

A garota deslizou à minha frente e ficou bem perto de mim.

“Tá bom, Nicky, se você é tão bom de briga, vamos ver se é bom também para dançar.”

Dançamos um pouco e depois paramos para ver

dois rapazes fazer o jogo da “galinha” com uma faca. Um dos rapazes estava de pé contra a parede, e o outro atirava uma faca em direção aos seus pés. O objetivo era espetar a faca tão perto quanto possível, sem acertar nos pés. Se o rapaz recuasse, ele era um “galinha”.

Surpreendi-me desejando que ele ferisse o rapaz. A idéia de ver sangue me excitava. Ali de pé, comecei a rir interiormente, esperando que ele errasse, e machucasse o outro.

A loura de suéter negro me puxou pelo braço: “Venha comigo. Quero que você conheça um cara que é muito importante.”

Segui-a até uma sala ao lado. Um porto-riquenho alto e esbelto estava estirado numa cadeira, com as pernas sobre uma mesinha à sua frente. Uma garota estava sentada a cavalo em seu colo, encostada nele, e ele soprava fumaça através do cabelo dela e sorria.

“Ei!” gritou para nós. “Vocês não têm educação? Não sabem que não podem entrar aqui sem pedir licença? Vocês podem me pegar fazendo alguma coisa que não quero que ninguém veja.” Riu, virou-se de lado, e deu tapinhas nos quadris da garota com ambas as mãos.

Olhando para mim, ele perguntou: “Quem é esse cara?”

A loura respondeu: “É meu amigo Nicky. Veio com Tico. Tico disse que ele é bom de briga.”

O rapaz alto tirou a garota do colo e olhou carrancudo para mim. Depois arreganhou os dentes num sorriso e estendeu a mão.

“Toca aqui, Nicky. Meu nome é Carlos. Presidente dos Mau-Maus.”

Cuidadosamente encostei minha mão aberta na sua e puxei-a para trás, escorregando a palma contra a

dele. Esta é a maneira de cumprimentar das quadrilhas.

Ouvira falar dos Mau-Maus. Eles tomaram esse nome emprestado dos sanguinários selvagens da África. Já os vira nas ruas, com seus blusões de couro com dois M vermelhos costurados às costas. Usavam chapéus alpinos extravagantes, muitos dos quais enfeitados com fósforos de madeira. Quase todos carregavam bengalas e usavam sapatos pontudos e podiam matar um homem a pontapés em questão de segundos.

Carlos acenou com a cabeça para o canto da sala e eu reconheci o rapaz que vira na quermesse. “Aquele é Israel, vice-presidente dos Mau-Maus.” O rosto de Israel, ao olhar para mim, estava inexpressivo. Seus profundos olhos negros pareciam querer perscrutar minha alma, deixando-me embaraçado.

Descobri mais tarde que o presidente e o vice-presidente estão quase sempre juntos. Protegem-se um ao outro no caso de um dos dois ser atacado.

“Quantos anos, Nicky?” perguntou Carlos.

“Dezesseis”, respondi.

“Sabe brigar?”

“Claro.”

“Está disposto a brigar com qualquer um, até com a polícia?”

“Claro”, respondi outra vez.

“Ei, você já “furou” alguém ?”

“Não”, repliquei pesaroso, mas falando a verdade.

“Alguém já tentou “furá-lo” ?”

“Já”, respondi.

“É ?”, disse Carlos, demonstrando renovado interesse. “E o que foi que você fez com o cara?”

“Nada”, disse eu, “mas vou fazer. Só estou esperando pegá-lo de novo, e quando isso acontecer, vou matá-lo.”

Israel interrompeu-nos: “Escute, meu chapa, se você quer entrar para a nossa gang, precisa ser como nós. Somos os mais durões. Até a polícia tem medo da gente. Mas não queremos “bolhas”. Para entrar para a nossa quadrilha, não pode ser “bolha”. Tá certo? Se você bancar o “galinha”, nós cortamos e matamos você.”

Eu sabia que Israel estava falando a verdade, pois já ouvira contar de rapazes que tinham sido mortos por suas próprias quadrilhas, por terem denunciado um colega de gang.

Carlos, então falou: “Duas coisas, rapaz: se você entrar para os Mau-Maus, é para toda a vida. Ninguém pede demissão. Segundo, se a polícia te pegar e você der o serviço, nós acertamos você quando sair da cadeia, ou entramos na cadeia e acertamos você lá. O fato é que acertamos.”

Israel mostrou um sorriso escarninho no rosto simpático: “Que tal, menino, você ainda quer entrar na turma?”

“Dêem-me três dias”, disse eu. “Se eu entrar para a sua gang quero ir até o fim.”

“Tá bom, meu chapa”, disse Carlos, “tem três dias para pensar. No fim desse prazo, volte aqui. Quero saber sua decisão.” Ele ainda estava meio deitado na cadeira com as pernas sobre a mesa. Atraíra a garota para si, outra vez, e estava com a mão esquerda sob a sua saia, ao redor dos quadris.

Virei-me para sair, e Carlos disse: “Ei, Nicky, eu me esqueci de lhe dizer: se você contar a alguém... a qualquer pessoa... onde estamos, eu o mato antes de você dizer “ai”. Morou?”

“Morei”, respondi. E eu sabia que ele falava sério.

Lá fora, na rua, interroguei Tico: “O que é que você acha, Tico? Acha que eu devo entrar para os Mau-Maus?”

Tico apenas encolheu os ombros.

“É um negócio bom, cara. Se entrar, eles tomam conta de você. Se não entrar, eles são capazes de matá-lo por não ter entrado. Você não tem muita escolha agora. Além disto, você vai ter que entrar para uma quadrilha, para continuar vivo por aqui.”

“Que é que você acha de Carlos ?” perguntei, “que tipo de sujeito é ele?”

“É cem por cento. Não fala muito, mas quando fala, todo mundo escuta. Ele é o chefe, e todos sabem disso.”

“É verdade que o presidente escolhe a garota que quiser?” perguntei.

“É”, disse Tico. “Tem umas setenta e cinco garotas em nossa gang e o presidente escolhe qualquer uma delas. Cada dia é uma diferente, se quiser. Rapaz, elas gostam disso. Você sabe, namorar o presidente é ser importante. Elas brigam para ver quem vai divertir-se com ele. E isto não é tudo. A quadrilha cuida do presidente. Ele tem a parte do leão em tudo o que roubamos — o que geralmente dá para ele pagar o aluguel, a comida e as roupas. Ser presidente é um alto negócio.”

“Ei, Tico, se você é tão bom de faca, por que você não é o presidente ?”

“Eu não, meu chapa. O presidente não briga muito. Ele tem de ficar para trás e fazer os planos. Eu gosto é de brigar. Não quero ser presidente.”

“É disso também que eu gosto”, pensei. “Prefiro

brigar... brigar.”

Tico foi para o Papa John's outra vez, e eu voltei para o n.º 54 de Fort Greene. Sentia o sangue ferver nas veias ao imaginar o que me esperava. As “festinhas”, as garotas... Porém, acima de tudo, as brigas. Eu não teria mais de brigar sozinho. Poderia ferir tanto quanto quisesse, sem ser ferido. Meu coração começou a bater mais depressa. Talvez eu tivesse a chance de esfaquear alguém. Quase que já podia enxergar o sangue escorrendo pelas minhas mãos e pingando na rua. Fiz movimentos com as mãos, golpeando o ar, enquanto andava, como se estivesse com uma faca atacando e ferindo figuras imaginárias na escuridão. Dissera a Carlos que resolveria em três dias, mas já me decidira. Tudo o que queria era que alguém me desse um punhal e um revólver.

Duas noites mais tarde, voltei à sede da quadrilha. Entrei, e Carlos veio me encontrar na porta.

“Ei, Nicky, você chegou bem na hora. Há outro rapaz que deseja entrar para os Mau-Maus. Quer ver o ritual de iniciação ?”

Eu não tinha idéia do que fosse uma iniciação, mas queria assistir. Carlos continuou: “Mas quem sabe se você veio para dizer que não quer entrar para a gang, hein?”

“Não”, repliquei. “Vim para dizer que quero entrar. Quero brigar. Acho que sou tão durão como qualquer de vocês, e luto melhor do que a maioria dos outros.”

“Bom”, disse Carlos, “você pode assistir, e depois será a sua vez. Temos duas maneiras de saber se o cara é covarde. Ou ele fica imóvel enquanto cinco dos nossos rapazes mais fortes o surram, ou encosta na parede esperando a faca. Se fugir de qualquer uma das provas, não pode entrar para a quadrilha. Este rapaz diz que é durão. Vamos ver se é mesmo. E depois veremos se você



também é.”

Olhei para o outro lado do salão e vi o outro garoto. Tinha cerca de treze anos, espinhas por todo o rosto, e longos cabelos negros que caíam sobre os olhos. Era pequeno e magro, e seus braços caíam duros ao longo do corpo. Estava vestido com uma camisa branca de mangas compridas, manchada na frente e repuxada sobre o cinto. Pensei já ter visto aquele rosto espinhento na escola, mas não tinha certeza, pois ele era mais novo do que eu.

Havia cerca de quarenta rapazes e garotas esperando ansiosamente o espetáculo. Carlos estava na direção. Mandou que abrissem espaço, e todo mundo encostou nas paredes. Carlos mandou que o menino se encostasse na parede nua, e ficou à sua frente, com um punhal aberto na mão. A lâmina de aço brilhava mesmo na luz fraca.

“Vou dar as costas para você e dar vinte passos em direção à outra parede”, disse ele. “Você fica onde está. Você diz que é durão. Bem, vamos ver se é. Quando eu acabar de contar vinte, vou virar e atirar esta faca. Se você se encolher ou tirar o corpo fora, é “galinha”. Se não, mesmo que a faca acerte em você, é durão, e pode entrar para os Mau-Maus. Morou?”

O menino fez que sim.

“Agora, outra coisa”, disse Carlos, levantando a faca diante do nariz do menino. “Se ficar com medo enquanto eu estiver contando os passos, é só gritar, mas então é melhor nunca mais mostrar o nariz por aqui. Se aparecer, nós vamos cortar essas orelhonas, fazer você comer, e depois arrancar o seu umbigo com um abridor de latas e deixar você sangrar até morrer “

Os rapazes e garotas começaram a rir e a aplaudir. “Vamos, cara, vamos!” gritavam para Carlos.

Carlos deu as costas para o menino e

compassadamente cruzou a sala. Segurava a longa faca reluzente pela ponta da lâmina e cruzou os braços, com a faca diante dos olhos.

“Um... dois. . . três. . .” A turma começou a gritar e a zombar : “Acerta nele, Carlos ! Atravessa os olhos dele! Mostra a cor do sangue dele; rapaz, faz um furo nele.”

O rapazinho estava petrificado de medo, encostado à parede, parecendo um ratinho que tivesse sido pego por um tigre. Estava tentando desesperadamente ser valente. Seus braços rígidos ao longo do corpo, suas mãos apertadas em punhos minúsculos, as unhas enterrando-se na palma da mão. Seu rosto perdera todo o sangue, e os seus olhos estavam arregalados de terror.

“Onze... doze... treze...” Carlos contava em voz alta, enquanto media as passadas. A tensão chegou ao auge, à medida que rapazes e garotas vaiavam e clamavam por sangue.

“Dezenove.. . vinte. “ Vagarosamente Carlos virou-se e levantou a mão, à altura da orelha, segurando a faca pela ponta da lâmina, pontuda como uma agulha. A turba de adolescentes mostrava-se selvagem no seu furor, pedindo sangue. No instante em que ele lançou o punhal para a frente, o menino dobrou-se, cruzando as mãos por trás da cabeça, e gritando : “Não ! Não !” A faca chocou-se surdamente contra a parede, a poucos centímetros de onde estivera a sua cabeça.

“Galinha !... galinha !... galinha !...” rugiu a turba.

Carlos ficou com raiva. Os cantos de sua boca apertaram-se e os seus olhos se franziram. “Peguem-no”, silvou ele. Dois rapazes avançaram de cada lado da sala e agarraram o garoto encolhido de medo, pelos braços, empurrando-o contra a parede.

Carlos atravessou o salão e parou diante do menino que tremia. “Galinha”, falou ele entre dentes. “Galinha ! eu sabia que era covarde desde a primeira,

vez que te vi. Devia te matar.”

Os rapazes por toda a sala aproveitaram-se do tema : “Mate ! Mate esse sujo !”

“Sabe o que fazemos com os covardes ?” perguntou Carlos. O menino olhou para ele tentando mover os lábios, mas nenhum som saía.

«Eu vou lhe contar o que fazemos com “galinhas”, disse Carlos. “Cortamos as asas, para não voarem mais.”

Arrancou a faca que estava espetada na parede de madeira. “Estiquem o bicho!” disse ele.

Antes que o menino pudesse mover-se, os dois rapazes, com um repelão, abriram-lhe os braços, afastando-os do corpo. Movendo-se tão rapidamente que com dificuldade podia-se acompanhar o movimento da sua mão. Carlos levantou a faca em um golpe rápido, com toda a força, e enfiou-a quase até o cabo na axila do garoto. O menino contorceu-se e gritou de dor. O sangue saiu aos borbotões, e em poucos instantes manchou de vermelho sua camisa branca.

Arrancando o punhal da carne do garoto, passou-o rapidamente para a outra mão. “Veja, cara”, jactou-se ele, levantando-o ameaçadoramente e enterrando-o na outra axila, “sou canhoto também.”

Os dois rapazes largaram o menino e ele caiu no chão, com os braços cruzados sobre o peito e as mãos apertando lamentosamente a carne dilacerada. Ele gritava e gemia, rolando pelo chão. A camisa estava quase que completamente ensopada de sangue, de um vermelho vivo.

“Tirem isso daqui”, ordenou Carlos rispidamente. Dois rapazes avançaram e, agarrando-o pelos braços, puseram-no de pé. Ele atirou a cabeça para trás e gritou em agonia, quando eles lhe levantaram os braços. Carlos tapou-lhe a boca e o grito cessou. Os olhos do garoto,

arregalados de terror, olhavam-nos por sobre a mão de Carlos.

“Vai para casa, “galinha”! Se eu ouvir você gritar mais uma vez, ou se você nos delatar, vou cortar sua língua também, tá?” Enquanto falava, levantou o punhal, de cuja lâmina o sangue ainda corria sobre o cabo de madrepérola. “Morou?” repetiu Carlos.

O garoto fez que sim com a cabeça.

Os rapazes levaram-no meio arrastado pelo chão até a calçada. A quadrilha de adolescentes no salão gritou quando ele saiu: “Vai para casa, “galinha!”

Carlos voltou-se. “Quem é o seguinte ?” perguntou... olhando bem nos meus olhos. A turba silenciou.

Percebi então que eu não estava amedrontado. De fato, eu tinha ficado tão envolvido com as facadas e a dor que estava gostando do espetáculo. A vista de todo aquele sangue me dava uma sensação selvagemmente deliciosa. Eu estava com inveja de Carlos. Mas agora era a minha vez.

Lembrei-me da declaração de Carlos que eu podia escolher a forma da minha iniciação. O bom senso me dizia que Carlos ainda estava enraivecido. Se eu permitisse que ele atirasse o punhal em mim, iria tentar acertar-me de propósito. Dentre as duas provas, parecia mais sábio escolher a outra.

“Tem outro covarde aqui?” pilheriou Carlos.

Avancei para o meio da sala e olhei à minha volta. Uma das garotas, esbelta e alta, com calças compridas bem justas, gritou: “O que é que há, meninão, você está com medo, ou o que é? Sobrou algum sangue, se você não tem.” A turba vaiou e gritou rindo. Ela tinha razão. O assoalho, perto da parede onde o menino estivera, estava coberto com uma camada grossa de sangue.

Respondi: “Eu não. Não tenho medo. Pode me

experimentar, menina. Onde estão os rapazes que querem me surrar?”

Eu estava tentando aparentar calma, mas por dentro estava com medo. Tinha certeza de que ia acabar machucado. Compreendi que aquela gente não era de brincadeira. Mas eu preferia morrer do que ser “galinha”. Por isso disse: “Estou pronto”.

Carlos gritou cinco nomes. “ Johnny!” Um rapaz troncudo saiu do grupo e parou à minha frente. Tinha o dobro do meu corpo, uma testa profundamente vincada e quase não tinha pescoço. Sua cabeça parecia descansar diretamente sobre os ombros. Foi até o centro da sala e estalou os dedos, com um ruído seco e forte.

Procurei imaginar meus cinqüenta quilos contra os seus quase cem quilos. Ele apenas olhou-me inexpressivamente, como um símio, esperando a ordem de ataque.

“Mattie !” Outro rapaz apresentou-se. Era pouco maior do que eu, mas os seus braços eram compridos, muito mais longos do que os meus. Ele dançou no centro da sala, dando socos no ar, como um pugilista. Conservava o queixo bem junto ao peito, olhando por entre as sobranceiras. Deu uma volta no salão, esmurrando o ar com a velocidade do relâmpago. As garotas assobiaram e suspiraram enquanto ele continuava sua luta fantasma, bufando pelo nariz enquanto se esquivava e dava pequenos golpes.

“José !” Um terceiro rapaz juntou se ao grupo. Tinha uma cicatriz profunda na face esquerda, que ia desde sob o olho até a ponta do queixo. Começou a tirar a camisa e flexionar os músculos. Tinha a constituição física de um halterofilista. Rodeou-me, olhando-me de todos os ângulos.

“Coruja!” Uma aclamação fez-se ouvir dos outros rapazes que estavam na sala. Coruja, sem dúvida, era

um dos favoritos. Mais tarde fiquei sabendo que eles o chamavam Coruja porque era capaz de ver tão bem de noite como de dia. Lutava na linha de frente, durante os “quebra-paus”, para que ele avisasse os outros da presença de quadrilhas inimigas, quando elas se aproximassem. Tinha olhos grandes e rasgados, e um nariz recurvado que certamente fora quebrado diversas vezes. Perdera metade de uma orelha ao ser atingido por uma tábua com um prego comprido. Isso acontecera durante um tumulto no pátio da escola, e o prego rasgara sua orelha, arrancando mais da metade. Coruja era um garotão baixo e gordo, e tinha um olhar maldoso, o pior que eu já vira.

“Paco!” Não cheguei a ver Paco. Ouvi-o dizer o meu nome, às minhas costas: “Ei, Nicky”. Virei-me para olhar e ele me deu um murro nas costas, pouco acima da cintura. A dor foi excruciante. Parecia que ele me rompera o rim. Procurei tomar fôlego, mas ele me golpeou de novo. Quando eu me endireitei e coloquei as mãos às costas para apertar o lugar dolorido, um dos outros rapazes me esmurrou no estômago com tanta força que perdi o fôlego. Senti que começava a desmaiar de dor, quando alguém me deu um soco no rosto, e eu ouvi o osso do nariz quebrar-se sob o impacto.

Não tive oportunidade de revidar. Senti-me cair. Percebi que alguém me agarrou pelo meu cabelo comprido. Meu corpo despencou no chão, mas minha cabeça continuava suspensa pelo cabelo. Um deles chutou-me o rosto com um sapato sujo, e pude sentir a areia em meus lábios e rosto. Eu estava levando chutes em todas as partes do corpo e, o que estava me agarrando pelo cabelo, golpeava-me na têmpora.

As luzes então se apagaram e eu não me lembro de mais nada.

Algum tempo depois percebi que alguém estava me sacudindo e estapeando-me as faces. Ouvi alguém

dizer: “Ei, acorda, Nicky.”

Procurei focalizar os olhos, mas não era capaz de ver nada além do forro. Passei a mão pelo rosto, e pude sentir sangue na pele. Estava coberto de sangue. Olhei para cima e vi o rosto do rapaz a quem chamavam de Coruja. O sangue me fez ficar louco. Com um movimento rápido acertei-o na boca. Repentinamente, toda a minha energia retornou. Eu estava deitado de costas naquela grande poça de sangue endurecido, e comecei a voltar, mesmo deitado, chutando todos os que estivessem ao meu alcance, xingando, gritando, batendo com as mãos e com os pés.

Alguém agarrou meus pés e imobilizou-me contra o solo, até passar a fúria. Israel curvou-se sobre mim, rindo.

“Você é um dos nossos, Nicky. Rapaz, você pode nos ajudar. Você pode ser um monte de coisa, mas não é covarde. No duro. Toque aqui.” Ele apertou algo contra a minha mão.

Era um revólver trinta e dois. “Você é Mau-Mau agora, Nicky. Mau-Mau.”

## Capítulo 5

# TUMULTO NAS RUAS

---

DESDE O PRINCÍPIO, eu e Israel nos tornamos quase inseparáveis. Três noites depois, ele passou pelo meu apartamento para dizer que ia haver um “quebra-pau” com os Bishops. “Por fim”, pensei, “uma oportunidade para usar meu revólver — uma oportunidade para lutar.” Enquanto Israel descrevia o plano

senti-me arrepiar.

Os Mau-Maus deveriam reunir-se na Praça Washington perto de De Kalb. Deveríamos estar lá, por volta das nove da noite. O nosso conselheiro de guerra já havia se encontrado com o conselheiro de guerra dos Bishops, uma quadrilha de rapazes de cor, para marcar a hora e o lugar. Dez da noite no parque atrás do 67.º Distrito.

Israel disse: “Leva seu revólver. Todos os outros rapazes têm armas. Alguns fizeram suas próprias espingardas, e Heitor tem um rifle serrado. Vamos dar uma lição nos Bishops. Se tivermos de matar, mataremos. Mas se cairmos, cairemos lutando. Somos os Mau-Maus. Os tais. Os Mau-Maus africanos bebem sangue, cara, e nós somos iguais a eles.”

A gang já estava reunida, quando eu cheguei à praça às oito e meia. Haviam escondido suas armas nas árvores e na grama alta, com medo que a polícia chegasse. Mas naquela noite não havia polícia, e Israel e Carlos estavam dando ordens. Às dez horas havia mais de cem rapazes vagueando pela praça. Alguns deles tinham revólveres. A maioria tinha facas. Uns poucos, tacos de beisebol, porretes com pregos nas pontas, ou clavas feitas em casa. Outros tinham correntes de bicicleta, que eram arma perigosa quando batiam na cabeça de alguém. Carlos tinha uma baioneta de cerca de sessenta centímetros, e Heitor, a sua espingarda serrada. Alguns rapazes deveriam ir dois quarteirões abaixo, passar por trás do pátio da escola, na Av. Park, para cortar a retirada dos Bishops. Deveriam esperar até ouvir o barulho da luta e então atacar pela retaguarda. O restante avançaria da R. St. Edward, ao lado da escola, tentando forçar os Bishops a recuarem para onde o nosso pelotão de retaguarda cortaria sua retirada.

Movemo-nos silenciosamente, apanhando nossas



armas nos esconderijos ao sairmos. Tico estava ao meu lado, rindo. “Que tal, Nicky, está com medo ?”

“Rapaz, eu não ! É isto que eu estava esperando”, disse, abrindo o blusão para que ele pudesse ver o meu revólver.

“Quantas balas tem aí?” perguntou. “Está cheio, menino. Cinco balas.” “Puxa”, disse Tico, assobiando baixo, “não está nada mal. Você deve pegar um daqueles bastardos pretos esta noite, sem dúvida. Eu ? Fico com a minha faca.”

Dividimo-nos em grupos pequenos, a fim de passarmos despercebidos pela delegacia que havia na esquina das ruas Auburn e St. Edward. Reunimo-nos defronte da escola, e Carlos deu o sinal de ataque.

Corremos ao redor do edifício, e entramos no pátio. Os Bishops estavam nos esperando. “Eia! eia! matem! peguem!” gritávamos, enquanto enxameávamos em direção ao pátio, e corríamos pelo espaço aberto que separava as duas quadrilhas.

Arremeti à frente do grupo, tirando o revólver do cinto. Israel desviou-se para um lado, girando o seu taco de beisebol. Rapazes volteavam ao meu redor, gritando, xingando e atacando uns aos outros. Devia haver duzentos rapazes no pátio, mas estava escuro, e era difícil distinguir-se as quadrilhas. Vi Heitor correr por uma quadra de basquete, e vi alguém correndo em direção a ele com uma tampa de lata de lixo. Heitor caiu para trás, disparando a espingarda ao mesmo tempo, com um barulho ensurdecedor.

Perto dele um rapaz negro caiu para a frente, com sangue escorrendo de um ferimento na cabeça. Passei correndo perto dele e chutei seu corpo. Parecia um saco de milho.

De repente, fui empurrado por trás, e me esparamei no cimento duro da quadra. Estendi as mãos para

diminuir o impacto da queda, e senti a pele da palma das minhas mãos esfolar-se. Olhei para ver quem me empurrara, e desviei rapidamente a cabeça exatamente no instante em que um taco de beisebol espatifava-se contra o pavimento, ao meu lado. Ouvi o taco estilhaçar-se ao bater. Um golpe direto teria me matado.

Um grande grito levantou-se dos Mau-Maus, quando o resto da nossa quadrilha atacou pela retaguarda. “Acabem com eles, turma, acabem com eles!” Levantei-me cambaleando, enquanto os Bishops, agora em confusão, começavam a fugir pelas ruelas que davam para a Rua St. Edward. Israel estava a meu lado, gritando: “Atira naquele lá, Nicky, atira nele.”

Ele apontava para um menino que tentava fugir mas fora ferido e estava tentando correr, meio coxeando, ficando cada vez mais para trás dos Bishops que fugiam. Fiz mira com o revólver na direção da figura cambaleante, e puxei o gatilho. A bala disparou, mas ele ainda corria. Agarrei o revólver com ambas as mãos, e puxei o gatilho outra vez.

“Você acertou, cara, você acertou.” Vi o rapaz cair para a frente, ao impacto da bala na coxa. Ele ainda rastejava, quando Israel agarrou o meu braço e gritou: “Vamos nos mandar, rapaz; aí vêm os tiras.” Ouvimos os apitos e gritos dos guardas diante da escola, e a polícia rodeando, cercando os Bishops que fugiam pelo beco, tentando escapar. Corremos na direção oposta, espalhando-nos pelo fundo do pátio da escola. Olhei para trás, ao pular uma cerca de corrente. Na penumbra, pude ver ainda três rapazes caídos no pátio e vários outros sentados, apertando os ferimentos. A batalha não durara mais de dez minutos.

Corremos seis ou sete quarteirões, até ficarmos exaustos. Carlos e mais dois rapazes uniram-se a nós, e pulamos numa valeta de esgoto, que havia atrás de um posto de gasolina.

Israel estava sem fôlego, mas ria tanto que quase não agüentava. “Você viu esse Nicky maluco ?” arquejou ele entre gargalhadas. “Rapaz, ele pensou que era um filme de mocinho e ficou dando tiros para o ar.”

Os outros estavam retomando o fôlego e rindo também. Participei da alegria geral. Estávamos deitados de costas na valeta, rindo. Até pensamos que nossos pulmões iriam estourar. Israel tomou fôlego e, com o dedo esticado, fez: “Bang! Bang! Bang!” caindo outra vez na risada. Nós apertávamos a barriga e rolávamos na valeta, rindo a mais não poder.

Sentia-me bem. Tinha visto sangue correr. Havia atirado em alguém, e talvez o houvesse matado, e havíamos conseguido escapar. Eu jamais tivera aquela sensação de pertencer a um grupo como a que sentia ali dentro daquele fosso, com aqueles rapazes. Era quase como se fôssemos uma família, e pela primeira vez na vida senti que era aceito e querido.

Israel estendeu o braço e colocou-o ao redor dos meus ombros. “Você é dos bons, Nicky. Estava esperando alguém como você há muito tempo. Somos do mesmo tipo — nós dois somos doidos.”

Caímos na risada outra vez, mas dentro de mim pensei que era melhor ser louco e desejado, do que ser normal e viver sozinho.

“Ei, turma, que tal a gente beber?” disse Carlos, ainda empolgado pelo êxito. “Quem tem grana?”

Estávamos todos “duros”.

“Vou arrumar dinheiro”, disse eu.

“O que é que você vai fazer? assaltar alguém?” perguntou Israel.

“Certo, meu chapa. Quer ir também ?” Israel deu um soco no meu braço: “Você é legal, Nicky. Rapaz, você não tem coração, nem sentimentos. Tudo o que você

quer é brigar. Vamos, cara, nós estamos com você.”

Olhei para Carlos, que devia ser o líder. Já estava de pé, pronto para sair. Foi a minha primeira indicação de que os outros rapazes seguiriam o que fosse o mais cruel, o mais sedento de sangue, o mais corajoso.

Levantamo-nos do fosso, e atravessamos a rua, correndo para uma ruela escura. Na esquina, brilhavam luzes em um bar que ficava aberto a noite inteira. Dirigi-me para lá.

Havia três pessoas na lanchonete. Duas delas, um homem e uma senhora, estavam por trás do balcão. Um velho acabara de levantar-se dum banquinho, diante do balcão, e estava pagando a conta. Cheguei perto dele e empurrei-o contra o balcão. Ele virou-se com surpresa e medo, lábios trêmulos, ao ver-me apertar o botão da minha faca, abri-la, e encostá-la de leve no seu estômago.

“Vamos, velho. Dá aqui”, disse eu, fazendo sinal com a cabeça para as notas em sua mão.

O homem que estava atrás do balcão começou a mover-se em direção ao telefone público, na parede.

Israel abriu o punhal e agarrou o homem pela parte superior do avental. Empurrando-o com força contra o balcão, ele disse: “Ei, cara, você quer morrer, hein?” Ouvi a mulher engasgar-se e colocar a mão na boca para sufocar um grito. Israel empurrou o homem para trás, sobre a caixa e tirou o fone do gancho. “Você quer chamar os tiras, grandão ?” zombou ele. “Pronto, aqui está!” Deu um sorriso de mofa, enquanto arrancava o receptor da parede e atirava para o homem. “Pode chamar !” O homem, estonteado, apanhou o fone e ficou a segurá-lo pelo fio, que oscilava como o fio de um pêndulo.

“Vamos depressa, velho. Não posso esperar a noite toda”, rosnei. Ele estendeu a mão trêmula à minha

frente, e eu arrebatei as notas de entre os seus dedos. “Isto é tudo?” perguntei. Ele tentou responder, mas nenhum som saiu dos seus lábios trêmulos. Os olhos começaram a girar para trás nas órbitas, a saliva a correr dos cantos da boca, enquanto dava grunhidos esquisitos.

“Vamos nos mandar daqui”, disse um dos rapazes. Carlos apertou um botão da caixa registradora, e rapou todas as notas, enquanto nos afastávamos para a porta. O velho despençou por terra, apertando o peito com as mãos, produzindo ruídos, como de cacarejo.

“Ei, espera”, disse Israel, enquanto agarrava um punhado de troco da caixa registradora. Moedas de todos os tamanhos tilintaram no chão duro. Israel estava rindo. “Nunca saia de uma espelunca sem deixar uma gorjeta”, gargalhou. Todos rimos. O homem e a mulher ainda estavam presos à ponta do balcão, e o velho estava ajoelhado no chão, todo curvado.

Apanhei um pesado açucareiro e espatifei-o contra o vidro da vitrine.

“Rapaz, você é louco”, gritou Carlos e começamos a correr rua abaixo. “Isto vai atrair todos os tiras de Brooklin. Vamos nos mandar daqui.” O velho caiu para frente, de rosto no chão. Corremos pela rua escura até em casa, rindo e gritando.

Dois meses depois Carlos foi apanhado pela polícia, e condenado a seis meses de cadeia. Naquela noite tivemos uma grande reunião da quadrilha no auditório da escola perto do 67.º Distrito. Ninguém podia entrar na escola fora do expediente, mas fizemos um trato com Firpo, vice-presidente dos Chaplains, cujo pai era zelador da escola. Ele deixava as quadrilhas usarem o auditório do prédio, de noite, para reuniões, porque tinha medo do filho. Naquela noite promovemos Israel à presidência, e eu fui escolhido como vice-presidente por unanimidade.

Depois da reunião da quadrilha, tivemos uma “festinha” no porão da escola. Havia um grande número de “bonecas”, e um dos rapazes me apresentou sua irmã, Lídia, que morava defronte à escola. Picamos muito tempo na escola, naquela noite, fumando maconha, bebendo vinho barato, e sentados na escadaria interior, namorando, enquanto outros dançavam ao som de um fonógrafo. A escada estava fechada por um gradil que vários casais abriam, a fim de subir ao primeiro andar, para fazer amor, no escuro.

Puxei Lídia pela mão: “Vamos cair fora.” Quando saímos pela porta, ela chegou-se a mim: “Sou sua para sempre, Nicky. Sempre que você me quiser, eu sou sua.”

Nos quatro meses seguintes houve brigas, roubos, e outras atividades da quadrilha. Fui agarrado pela polícia quatro vezes, mas em nenhuma delas puderam provar coisa alguma contra mim. Todas as vezes saí livre, recebendo apenas uma advertência.

Os membros da quadrilha gostavam de mim e me respeitavam. Eu não tinha medo de coisa alguma, e estava disposto a brigar tanto à plena luz do dia, como sob o manto das trevas.

Certa tarde um dos Mau-Maus contou que Lídia havia me delatado a um Apache. Meu sangue ferveu e eu disse que ia matar Lídia. Voltei ao meu apartamento para pegar o revólver. Um dos rapazes contou ao irmão dela e ele correu a avisá-la. Quando cheguei ao apartamento dela, conversei com Luís, seu irmão mais velho. Ele me disse que um dos Apaches encontrara Lídia na rua, na noite anterior, e batera nela, para saber onde eu morava, pois queria me matar.

Saí de lá e segui para o apartamento de Israel. Saímos procurando o Apache de quem Luís nos falara. Encontramo-lo na esquina das ruas Lafayette e Fort Greene, defronte à Casa de Carnes Harry. Mais seis Mau-Maus reuniram-se a nós formando um pequeno

círculo. Dei um soco no rapaz, derrubando-o, e bati nele com um cano de metal. Ele rogou-me que não o matasse. A turma estava rindo; continuei golpeando-o; acertei-o repetidas vezes, e ele ficou coberto de sangue. Os espectadores correram, enquanto a surra continuava. Finalmente, quando ele não podia mais levantar os braços para proteger-se contra os golpes, eu, maldosamente, amassei o cano contra os seus ombros, e continuei batendo nele até que caiu, inconsciente, em uma poça de sangue.

“Estúpido, sebento ! Isto te ensinará a não bater na minha garota.” Saímos correndo. Eu estava ansioso para dizer a Lídia o que fizera para defender sua honra, embora uma hora antes estivesse disposto a matá-la.

À medida que o verão avançava, as brigas de rua tornavam-se piores. O calor nos apartamentos era insuportável, e nós ficávamos na rua a maior parte da noite. Dificilmente uma noite se passava sem atividade das quadrilhas.

Ninguém de nossa gang tinha carro. Se queríamos ir a algum lugar, tomávamos o metrô, ou roubávamos um carro. Eu não sabia guiar, mas uma noite Mannie Durango chegou para mim e disse: “Vamos roubar um carro e dar uma volta.”

“Você sabe de algum ?” perguntei.

“Sim, meu chapa, logo ali virando a esquina. É uma beleza, e o bobo do dono deixou as chaves no contato.”

Fui com ele e vi o carro, defronte a um prédio de apartamentos. Mannie tinha razão, era uma beleza. Era um Chevrolet conversível com a capota abaixada. Pulamos para dentro e Mannie sentou-se atrás do volante. Reclinei-me no banco ao seu lado, e fumava um cigarro, sacudindo as cinzas por sobre a porta, como um grã-fino sofisticado. Mannie virava a direção para um

lado e para outro, fazendo ruídos com a boca, imitando pneus derrapando e motor de carro de corrida.

“Rrruuuummmmmmm! Rruuummmmmmm! Rroooourrrrr!” Comecei a rir.

“Ei, Mannie, você sabe mesmo guiar este carro?”

“Claro, rapaz, olhe só.”

Ele girou a chave que estava pendurada no contato e o carro rugiu. Engatou em marcha-ré e calcou o pé no acelerador, trombando com um caminhão que estava estacionado atrás. Ouvimos barulho de vidro quebrado.

“Ei, meu chapa”, falei, rindo, “você é um motorista bacana. Puxa, você sabe mesmo mexer com esse troço. Quero ver agora se sabe andar para a frente.”

Mannie engatou a marcha, eu me retesei no banco, e o carro chispou para a frente, batendo na traseira de outro carro. De novo houve um estrondo forte de vidro quebrado e de lata amassada.

Nós dois ríamos tanto que não vimos um homem sair correndo do apartamento, e gritar conosco. “Saíam do meu carro, seus cachorros!” gritava ele, tentando tirar-me do assento. Mannie arrancou para ré e fez o homem perder o equilíbrio, jogando-o para trás. Peguei uma garrafa de refrigerante que estava no banco do carro e dei-lhe uma forte pancada na mão, que se agarrava desesperadamente

à porta. Ele gritou de dor. Mannie engatou a primeira e nós nos arremessamos para a rua. Eu ainda estava recostado no assento, rindo desbragadamente. Joguei a garrafa na calçada, e ouvia quebrar-se, enquanto saíamos à toda.

Mannie não sabia guiar. Ele virou a esquina, com os pneus cantando, e entrou no lado errado da Av. Park. Por pouco não colidimos com dois carros, e outro,



buzinando insistentemente, subiu na calçada, para evitar uma colisão. Nós dois estávamos rindo e gritando. Mannie atravessou um posto de gasolina e saiu por uma rua lateral.

“Vamos pôr fogo neste carro”, disse Mannie. “Não, cara! Este carro é uma beleza. Vamos ficar com ele. Vamos mostrá-lo as garotas.”

Porém Mannie não foi capaz de fazer a volta e finalmente enfiou-o na traseira de um caminhão que parara diante de um sinal vermelho. Pulamos para fora e corremos rua abaixo, deixando o carro seriamente danificado enfiado sob a carroceria do caminhão.

Mannie era o tipo ideal de companheiro para mim. Mal sabia eu o horror que estava reservado para ele.

Todos os dias nos dávamos a muitas atividades criminosas. As noites eram ainda piores. Uma noite, Tony e mais quatro rapazes atacaram uma senhora que voltava do serviço para casa, arrastaram-na para um jardim, onde os cinco abusaram dela, duas vezes cada um. Tony tentou matá-la por asfixia, com o seu cinturão. Mais tarde ela o identificou, e ele foi condenado a doze anos de prisão.

Duas semanas depois, eu e mais quinze pegamos um rapaz italiano andando nos domínios dos Mau-Maus. Rodeamo-lo e jogamo-lo ao solo. Coloquei-me sobre ele, brincando com a faca, espetando de leve o seu pomo de Adão, e cutucando os botões da sua camisa. Xingando-me, ele deu um tapa na faca, arrebatando-a da minha mão, e antes que eu pudesse mover-me, Tico pegou-a e riscou o rosto dele. O rapaz gritou quando Tico cortou sua camisa e riscou um enorme “M” nas suas costas. “Olhe aqui, cara, isto é para ensinar você a não pisar nos domínios dos Mau-Maus”, disse ele. Saímos correndo, deixando-o ensangüentado na calçada.

Todos os dias os jornais estampavam reportagens de assassinato nos jardins, nos metrô, nas travessas, nos saguões dos prédios de apartamentos, nos becos. Todas as noites havia “quebra-pau”.

Os diretores da Escola Técnica de Brooklin mandaram colocar telas de arame grosso sobre as portas e janelas da escola. Todas as janelas, mesmo as do quinto andar, estavam cobertas de tela metálica.

Muitos proprietários de lojas estavam comprando cães policiais, e deixavam-nos presos dentro das lojas, durante a noite.

As gangs estavam ficando mais organizadas, e novas quadrilhas estavam se formando. Três gangs novas haviam surgido em nosso bairro: a Scorpions, a Viceroy e a Quentos.

Descobrimos pouco depois que a lei da cidade de Nova York proibia os policiais de revistarem mulheres. Por isso, deixávamos as garotas carregar nossos revólveres e facas, até na hora em que precisássemos deles. Se um guarda parasse para nos revistar, as garotas ficavam para trás e gritavam: “Ei, tira sujo! Largue dele. Ele não tem nada, está limpo. Por que você não vem me revistar? depois eu te ponho na cadeia. Ei, tira, você não quer pôr as mãos em mim? Venha!”

Aprendemos a fazer revólveres para balas calibre vinte e cinco, usando antena de carro e peças de fechadura. Ocasionalmente um desses revólveres explodia na mão de alguém, ou atirava para trás cegando-o. Mas nós conseguimos fabricar grande número deles e vendê-los para membros de outras quadrilhas — sabendo que eles os usariam contra nós, se tivessem oportunidade.

Naquele verão, no dia quatro de julho, todas as gangs reuniram-se no parque de diversões de Coney Island. Os jornais calcularam que mais de oito mil

jovens, membros de quadrilhas, convergiam para Coney Island. Ninguém pagou. Eles apenas entraram empurrando o portão, e ninguém ousou dizer coisa alguma. O mesmo aconteceu no metrô.

No dia primeiro de agosto, Israel foi apanhado pela polícia. Quando saiu da cadeia, disse-nos que as coisas estavam mesmo pretas para ele, e que queria assumir uma posição secundária, até que a situação esfriasse. Concordamos, e a quadrilha me elegeu presidente, designando Israel para servir como vice-presidente até que tudo esfriasse. Eu fazia parte da quadrilha há seis meses, quando passei a ser chefe.

Não levei muito tempo para perceber que os Mau-Maus eram muito temidos, e que eu havia ganhado reputação de ser um valentão sanguinário. Eu me gloriava dessa reputação.

Certa noite, fomos todos a um grande baile que era promovido pelo centro social da igreja de St. Edward — St. Michael. A igreja estava fazendo uma tentativa para afastar os rapazes das ruas, e havia aberto uma cantina logo abaixo da delegacia de polícia, para realizar bailes nos fins de semana. Toda sexta-feira havia ali um conjunto de dança e todos os membros das quadrilhas iam ao centro para dançar. Ficavam na rua também, defronte ao centro, e bebiam cerveja e vinho barato. Na semana anterior nós havíamos nos embebedado, e quando os padres tentaram fazer-nos ficar quietos, batemos e cuspiamos neles. A polícia veio e nos pôs a correr. Raramente passava-se uma sexta-feira sem que o baile da cantina não se transformasse em tumulto.

Naquela noite, eu fora com Mannie e Paco. Estávamos bebendo muito e fumando maconha. Marquei uma bonita garota loura e dancei várias vezes com ela. Ela me disse que o irmão estava complicado com a gang Phantom Lords. Eles iam matá-lo.

“Onde está seu irmão?” perguntei. “Ninguém vai

machucá-lo sem minha ordem. Vamos falar com ele.”

Levou-me a um canto da sala, e apresentou-me ao irmão. Ele disse que a turma Phantom Lords da Av. Bedford queria matá-lo porque ele namorava uma das suas “bonecas”. O rapaz estava completamente bêbedo e muito amedrontado.

“Olhe”, disse eu “sua irmã é uma menina bacana. Acho que vou querer sair com ela mais vezes, e como gosto dela, vou tomar conta de você também.”

Eu já marcara encontro com a garota, para levá-la ao cinema. Disse-lhe que teria de fazer tudo o que eu quisesse, porque eu era o presidente dos Mau-Maus. Ela ficou amedrontada, e disse que iria comigo, mas não queria que nenhum dos outros rapazes tocasse nela. Nós nos beijamos e eu disse que enquanto ela estivesse comigo eu cuidaria dela.

Levantamos os olhos exatamente no instante em que três Phantom Lords entravam pela porta. Estavam vestidos com paletós espalhafatosos e calças xadrez, e tinham chaveiro com corrente longa. Um dos rapazes passou perto de nós girando a corrente e piscou para a minha garota. Ela deu-lhe as costas e eu pus o braço ao seu redor.

“Ei, menina”, zombou ele, “que tal sair comigo? Meu irmão está com o carro aí fora, e o banco de trás fica reservado só para nós...” “Está querendo morrer”, rosnei. “Bruto”, riu o rapaz, “nós já estamos planejando matar o seu amigo bêbedo, e bem podemos matar você também, vagabundo.”

Mannie deu uma gargalhada zombeteira. O rapaz virou-se rápido: “Quem foi?”

Mannie começou a rir, mas eu senti a tempestade no ar, e respondi: “Ninguém.” Comecei a me afastar, mas o rapaz voou para o lado de Mannie, e deu-lhe um soco, derrubando-o. Depois de Israel, Mannie era o meu

melhor amigo. Ninguém iria feri-lo na minha presença, sem receber o troco. Voltei e dei no rapaz um golpe terrível nas costas, bem acima dos rins. Ele apertou os rins com as mãos, e gritou de dor.

Mannie levantou-se aos tropeções e puxou da faca. Eu peguei a minha também e os outros rapazes formaram um semicírculo e avançaram contra nós. Não havia muitos de nosso grupo para brigar, por isso recuamos para a porta. Quando chegamos à escada, um rapagão arremeteu contra mim com uma faca. Ele errou o golpe, mas a faca cortou meu paletó. Quando ele tropeçou devido à violência do golpe frustrado, atingi-o na nuca e chutei-o pelos degraus de concreto abaixo. Dois outros pularam sobre mim. Mannie puxou o meu paletó e nós começamos a correr. “Vamos”, gritei. “Vou procurar os Mau-Maus, e voltamos para incendiar este lugar.”

Os rapazes olharam um para o outro. Não sabiam que eu era Mau-Mau, pois estava vestido de paletó e gravata, naquela noite. Começaram a recuar para a sala, e Mannie e eu viramo-nos e saímos.

No dia seguinte chamei Mannie e Paco. Estávamos atrás de Santo, o Phantom Lord que havia ameaçado o irmão da loura. Mannie e eu havíamos bebido, e estávamos quase bêbedos. Fomos até a Loja de Doces da Rua Três, e vi alguns Phantom Lords. “Qual de vocês é Santo?” perguntei. Um dos rapazes deu uma olhadela na direção de um rapaz alto de cabelo anelado. Eu disse: “Ei, garotão, qual é o seu nome? Santo do Dia?”

Mannie riu, e o rapaz olhou para mim e me xingou de um palavrão.

“Olhe, menino”, disse eu, “está sendo bobo. Sabe quem são os Mau-Maus?”

“Sim, ouvi falar deles. Eles são sabidos demais para ficar vadiando por aqui.”

“Hoje eles estão aqui, cara. Aqui estão os Mau-Maus. Meu nome é Nicky. Sou o presidente. Você vai lembrar este nome o resto da vida, moleque.”

O dono da loja estendeu a mão para o telefone. Pus a mão no bolso e espetei o dedo contra o forro, como se tivesse um revólver no bolso. “Você aí!” gritei, “largue isso!”

Os outros ficaram com medo e recuaram. Encaminhei-me para Santo e dei-lhe dois tapas no rosto. Conservava ainda a outra mão no bolso: “Quem sabe se você agora vai lembrar de mim, cara.” Ele vacilou, e eu o golpeei no estômago. “Vamos”, disse eu a Paco, “vamos sair daqui. Esses caras estão com medo.” Viramo-nos e começamos a sair; cuspi por sobre o ombro. “Da próxima vez, diga à sua mamãe para não se esquecer de pôr a fralda em vocês, antes de deixá-los sair. Vocês ainda são nenês.” Rimos um para o outro e saímos. Quando chegamos à rua, Mannie colocou a mão no bolso do paletó e apontou o dedo através do tecido: “Bang! bang! bang! Você está morto!” gritou ele. Rimos e descemos bamboleando rua abaixo.

Naquela noite Israel foi à minha casa e disse que os Phantom Lords estavam se preparando para um grande “quebra-pau”. por causa da briga da confeitaria. Israel e eu passamos na casa de Mannie para apanhá-lo, e dirigimo-nos para os domínios dos Phantom Lords, a fim de surpreendê-los antecipadamente. Quando chegamos perto da ponte de Brooklin, separamo-nos. Israel e Mannie rodearam o quarteirão, e eu desci diretamente pela rua. Poucos instantes depois, ouvi Israel gritar e saí correndo a toda, rodeando o edifício. Eles haviam surpreendido um Phantom Lord sozinho, e tinham-no deitado na calçada, pedindo misericórdia.

“Tira a calça dele”, ordenei. Os rapazes desafiaram o cinto e tiraram-lhe a calça. Jogaram-na na sarjeta de água suja, e depois rasgaram sua cueca.

“De pé, aborto, e comece a correr.” Observamo-lo enquanto ele corria aterrorizado, rua abaixo. Ficamos rindo e gritando nomes.

“Vamos”, disse Israel, “nenhum daqueles maloqueiros está por aqui. Vamos voltar para casa.” Começamos a voltar, quando repentinamente fomos rodeados por uma turma de doze ou quinze Phantom Lords. Era uma emboscada. Reconheci alguns membros de uma gang de judeus com eles. Um rapaz avançou para mim com uma faca, e eu o feri com um cano de ferro. Outro arremeteu com ímpeto contra mim; dei uma guinada e golpeei-o no lado da cabeça com o cano.

Foi então que eu senti uma explosão na nuca, e caí na calçada. Minha cabeça parecia que ia estourar. Tentei olhar para cima, porém um deles chutou-me o rosto com um sapato de chapinha. Outro chutou-me nas costas, à altura da cintura. Tentei levantar-me, mas fui atingido acima dos olhos, com um cano. Eu sabia que eles iriam matar-me, se eu não fugisse, mas não conseguia levantar-me. Caí de volta na calçada, de bruços, e senti que o rapaz que tinha chapinhas no sapato pulou nas minhas pernas e depois sapateou sobre as minhas costas. As chapinhas eram afiadas como giletes. Senti o aço afiado rasgando minha calça e afundando-se na carne de minhas coxas e nádegas. Desmaiei de dor

A primeira coisa de que me lembro a seguir, é de Israel e Mannie arrastando-me por um beco. Eu sabia que estava muito ferido, porque não era capaz de firmar as pernas. “Vamos, corra!” continuavam a dizer. “Aqueles bastardos vão estar de volta num minuto. Precisamos nos raspar “

Desmaiei de dor outra vez, e, quando recuperei os sentidos, estava no chão de meu apartamento. Eles haviam-me arrastado o caminho todo, até em casa, e subido os três lances de escada, levando-me até meu

quarto. Haviam-me ajudado a deitar na cama, onde eu desmaiara de novo. O sol forte jorrava através da janela, quando acordei e arrastei-me para fora da cama. Estava tão dolorido que mal podia mover-me. A parte inferior do meu corpo estava coberta de sangue coagulado. Tentei tirar as calças, mas o sangue colara o tecido à minha carne, e eu senti que estava rasgando a pele, ao tirá-la. Desci cambaleante um lance de escadas, até o banheiro e fiquei debaixo do chuveiro, de roupa e tudo, até que o sangue amoleceu e pude afastar a roupa das feridas. Minhas costas e quadris eram uma verdadeira massa de cortes profundos e chagas horríveis. Voltei cambaleante, subi nu as escadas, lembrando-me do rapaz que correra de nós, sem calças.

“Puxa”, pensei, “se ele pudesse me ver agora...” Arrastei-me até o quarto e passei o resto do dia fazendo curativos nos meus cortes. Ser presidente dos Mau-Maus era bom, mas havia certas horas em que podia significar a morte. Desta vez ela chegara bem perto.

## Capítulo 6

# O INFERNO

---

NAQUELE OUTONO, LUÍS, meu irmão que vivia em Bronx, foi ao meu apartamento pedir-me para ir morar com ele. Ele lera nos jornais de Nova York que eu estivera envolvido com a polícia. “Nicky, você está correndo risco de vida. Está fazendo um jogo perigoso. Vai acabar sendo assassinado.” Disse que tinha conversado sobre mim com a esposa, e ambos desejavam que eu fosse para o apartamento deles. Minha resposta foi uma risada.



“Por que vocês querem que eu mude para lá?” perguntei. “Ninguém mais me quer, como vocês decidiram que me querem?”

“Está errado, Nicky”, respondeu Luís, “todos queremos você. Frank, Gene, todos nós queremos você. Mas é preciso que sossegue.”

“Escute”, disse eu, “ninguém me quer. Você é mesmo um tapeador. Nem você, nem Frank, nem Gene, nem papai, nem mamãe...”

“Espere aí”, interrompeu Luís, “papai e mamãe amam você.”

“Ah, é? Então por que foi que eles me mandaram embora de casa? Como explica isso, espertalhão?”

“Eles mandaram você para cá porque não podiam com a sua vida. Você é como um selvagem... como se estivesse fugindo de alguma coisa, o tempo todo.”

“Você acha? Talvez eu estou mesmo fugindo de vocês, seus vagabundos. Escute, sabe quantas vezes na vida papai conversou comigo? Uma. Só uma vez na vida ele sentou e tivemos uma conversa. Contou-me então uma estória sobre um passarinho estúpido. Uma vez só! Nada mais. Rapaz, não vem me dizer que ele me ama. Ele não tinha tempo para gastar com ninguém, a não ser consigo mesmo.”

Luís levantou-se e começou a andar pelo quarto.

“Nicky, será que você não pode ouvir a voz da razão?”

“Por que tenho de ir para sua casa? Você quer me mandar de novo para a escola, como Frank queria. Aqui eu me realizei. Tenho duzentos amigos que fazem o que eu mando, e setenta e cinco garotas que estão comigo sempre que eu peço. Eles me dão todo o dinheiro que preciso. Ajudam-me a pagar o aluguel. Até a polícia tem medo de mim. Por que eu haveria de ir para a sua casa,

morar com você? A gang é a minha família. É só o que preciso.”

Luís ficou sentado à beira da cama, durante muito tempo, noite adentro, tentando me convencer que um dia tudo aquilo iria mudar. Disse que, se eu não fosse morto ou jogado no cárcere, um dia eu precisaria arranjar um emprego e teria necessidade de instrução. Eu lhe disse que não pensasse mais no assunto. Tudo me corria bem, e eu não estava disposto a abandonar aquela posição cômoda.

Sozinho no quarto, na tarde seguinte, o medo, que tão bem conseguira dissimular, tomou conta de mim. Recostei na cama, e bebi vinho até ficar tão embriagado e tonto que não conseguia ficar sentado. Aquela noite dormi de roupa, porém não estava preparado para a experiência que passei — pesadelos! pesadelos horríveis, de gelar o sangue! Sonhei com papai. Sonhei que ele estava acorrentado em uma caverna. Seus dentes eram como os de um lobo, e o seu corpo estava coberto por um pelo sarnento. Ele estava latindo que dava dó, e eu queria aproximar-me dele e afagá-lo, mas tinha medo de que me abocanhasse.

Vieram então os pássaros. A face de Luís ia e vinha à minha frente, pois se achava montado em um pássaro, que voava livremente pelo céu. Fui depois rodeado por milhões de pássaros que dilaceravam minha carne e bicavam-me os olhos. Cada vez que eu conseguia livrar-me deles, via Luís voando como uma pequena mancha no céu, cavalgando um pássaro que voava para uma liberdade desconhecida.

Levantei-me gritando: “Não tenho medo. Não tenho medo “ Mas quando caí no sono outra vez, vi papai acorrentado nas trevas, e os pássaros que se ajuntavam ao meu redor, para me atacar.

O efeito continuou. Por mais de dois anos eu tive medo de dormir. Cada vez que pegava no sono, os

sonhos horríveis voltavam. Lembrava-me de papai e desejava que ele viesse a Nova York, a fim de afastar aqueles demônios de mim. Eu estava possuído de um sentimento de culpa e de medo, e de noite ficava deitado na cama, lutando contra o sono e repetindo indefinidamente: “Vai mal. Vai mal. Não tenho saída. Não tenho saída.” Só as atividades da quadrilha me impediam de enlouquecer completamente .

Os Mau-Maus tinham-se tornado parte da minha vida. Embora fôssemos suficientemente fortes para sobreviver sozinhos, ocasionalmente formávamos aliança com outra quadrilha. No inverno de 1955 os Hell Burners, de Williamsburg, procuraram-nos para formar aliança conosco.

A noite vinha perto e alguns de nós estávamos reunidos no parque infantil, perto do 67.º Distrito, para discutir uma “guerra” que teríamos contra os Bishops. Levantei os olhos e vi três rapazes saindo das trevas, encaminhando-se para nós. Imediatamente colocamos-nos em guarda. Um dos Mau-Maus esgueirou-se pelas sombras e colocou-se por trás dos três que já estavam quase nos alcançando.

“Ei, o que é que estão querendo?” gritei.

“Estamos procurando Nicky, o líder dos Mau-Maus.” Um deles falou pelos outros.

“Bem, o que é que querem com o Nicky?” Eu sabia que podia ser um truque.

“Escute, cara, não queremos tapear ninguém. Estamos atrapalhados, e precisamos falar com o Nicky.”

Eu continuava desconfiado. “Que atrapalhão é essa?” perguntei.

“Meu nome é Willie Açougueiro”, disse o rapaz, suficientemente perto agora, para que eu pudesse vê-lo. “Sou o líder dos Hell Burners. Precisamos de ajuda.”

Eu agora estava certo de quem se tratava: “Que tipo de ajuda?”

“Vocês ouviram falar do que os Phantom Lords fizeram com o Ike?” apontou com a cabeça o rapaz à sua direita.

Eu tinha ouvido. Toda a história tinha sido publicada nos jornais. Ike tinha quatorze anos, e morava na Rua Keap. Estava brincando com dois meninos, quando uma turma de Phantom Lords os atacara. Os outros conseguiram fugir, mas Ike foi cercado e empurrado contra uma cerca. Quando ele tentou reagir, foi dominado e arrastado para um porão, do outro lado da rua. Ali, de acordo com a reportagem dos jornais, amarraram-no com as mãos para a frente, e lhe deram socos e chutes até que perdeu os sentidos. Depois, derramaram fluido para isqueiro sobre as suas mãos, e puseram fogo. Ele cambaleou até a rua, onde caiu e foi encontrado por uma radiopatrulha que passava.

Dei uma rápida olhadela no rapaz que Willie Açougueiro apresentara como Ike. As mãos e os braços estavam cobertos de ataduras, e o seu rosto estava muito ferido.

“Vocês são os únicos que podem ajudar. Queremos ser clubes irmãos. Todo mundo tem medo dos Mau-Maus, e nós precisamos da sua ajuda para brigar com Phantom Lords. Se não vingarmos Ike, somos covardes”, continuou Willie.

As outras quadrilhas conheciam a minha reputação e a reputação da gang dos Mau-Maus. Não era a primeira vez que alguém nos procurava, pedindo ajuda. E nós gostávamos, pois isso nos dava uma desculpa para brigar.

“E se nós não ajudarmos?”

“Vamos perder o nosso território para os Phantom

Lords. Ontem à noite eles já entraram lá e puseram fogo em nossa confeitaria.”

“Eles queimaram a sua confeitaria? Bem, rapaz, eu vou queimá-los. Todos eles. Amanhã à noite eu estarei no território dos Hell Burners, e faremos planos para matar aqueles esnobes.”

No dia seguinte, saí do meu apartamento, logo que escureceu, e dirigi-me para Williamsburg. No caminho, convidei dez membros da minha quadrilha. Ao entrarmos no território dos Hells, sentimos a tensão no ar. Eles estavam com medo e tinham subido aos telhados. De repente, fomos bombardeados com pedras e garrafas. Felizmente a pontaria deles era péssima, e nós nos enfiamos pela porta de um prédio de apartamentos, para escapar à avalanche de pedras e vidro que despencava do alto.

Disse aos outros rapazes que continuassem escondidos, enquanto eu subia pelo prédio de apartamentos, até o último andar. Ali descobri uma escada que subia até o teto, com um alçapão dando para o telhado.

Levantando um pouco a tampa do alçapão, pude ver os rapazes na parte da frente do telhado, debruçados na beirada, olhando a rua, lá em baixo. Esgueirei-me silenciosamente pelo alçapão, e me escondi atrás do tubo de ar.

Devagarinho, aproximei-me de dois deles, e dei-lhes um tapa no ombro. “Aiiiiii!” gritaram. Os dois quase caíram do telhado. Olharam para trás, com os olhos arregalados, mãos agarradas nervosamente ao parapeito, bocas abertas de medo.

“Q-q-q-quem é-é-é- vo-você?” gaguejaram.

“Ei, meu chapa, eu sou Nicky. Quem é você? Uma coruja, ou o quê?” Não pude deixar de rir.

“Q-q-quem é Nicky?” gaguejou um deles.

“Vamos, moleque, eu sou o líder dos Mau-Maus. Estamos aqui para ajudar, a menos que nos matem primeiro. Onde está o seu líder? Onde está Willie Açogueiro?”

Ele estava em outro telhado. Levaram-me até lá. Cerca de quinze Hell Burners aglomeraram-se ao nosso redor, e o resto dos Mau-Maus subiu e juntou-se a nós.

Willie nos contou como estavam tentando frustrar a invasão dos Phantom Lords, mas como até então não tinham conseguido nada. Naquela noite, tudo estava quieto, mas nunca se sabia quando a quadrilha surgiria nas ruas, para picá-los em pedacinhos. A polícia sabia que estava havendo uma guerra de quadrilhas, mas nada podia fazer para impedi-la.

Willie tinha um revólver, mas pelo que pude compreender, nenhum dos outros rapazes tinha arma de fogo.

Escutei o que tinham a dizer e depois comecei a traçar os planos para a batalha. A turma ficou quieta enquanto eu falava.

“Vocês estão perdendo porque estão na defensiva. Estão deixando que eles venham aqui, e assim têm de defender o seu próprio território. A maneira de vencer é ir atrás deles.”

Fiz uma pausa para causar efeito, e depois continuei: “E nada de armas de fogo.”

“Nada de armas de fogo? Como é que se pode brigar sem revólver?” Houve um movimento entre eles.

“Vamos usar armas silenciosas.” Abri o paletó e tirei uma baioneta de uns sessenta centímetros, completa, com bainha. Tirei-a da bainha, brandindo-a no ar. Pude ouvir assobios baixos dos rapazes que nos rodeavam.

Eu ganhara seu respeito e aprovação. Agora ou-

viam-me, ansiosos para ver como é que eu ia liderá-los.

Virei para Willie: “Quero cinco dos rapazes mais fortes. Nós vamos escolher cinco dos nossos. Amanhã à noite vamos entrar no território dos Phantom Lords, e conversar com os chefes. Eles não querem inimizade com os Mau-Maus. Digo que agora somos clubes irmãos, e se eles não deixarem vocês em paz, terão de lutar também com a gente. Se não quiserem acordo, vamos botar fogo na confeitaria deles, só para eles ficarem sabendo que estamos falando sério. O que é que acham?”

“Sim, sim, meu chapa”, começou a gritar a gang. “Vamos tocar fogo naqueles bastardos. Vamos acabar com eles. Vamos mostrar a eles.”

Na tarde seguinte fui com cinco de nossos rapazes, e nos reunimos na confeitaria da Rua White, no território dos Hell Burners. A confeitaria fora fechada desde a briga das quadrilhas, alguns dias antes. Cinco dos Hells, inclusive Willie, nos encontraram lá. Conversei com o gerente, e disse que sentíamos muito que os Phantom Lords tivessem depredado a casa, e que iríamos providenciar para que aquilo jamais acontecesse de novo. Pedi-lhe então para guardar a minha baioneta até que voltássemos

Eram cerca de cinco da tarde, e uma chuva fina estava caindo no crepúsculo frio. Saímos dali e atravessamos a cidade, em direção à Rua Três, no território dos Phantom Lords. Havia cinco deles na confeitaria. Eles nos viram chegando, mas não puderam escapar porque tínhamos bloqueado a porta.

Todos entramos de mãos no bolso do paletó, como se portássemos revólveres. Dirigi-me aos rapazes que tinham ficado de pé, por trás da mesa. Perguntei praguejando: “Quedê o chefe?”

“Freddy é o nosso líder”, disse um rapaz de ex-

pressão maldosa, que usava óculos escuros.

“Qual de vocês é Freddy?”

“Eu sou Freddy; que diacho são vocês?” perguntou um rapaz de cerca de dezoito anos, de feições abrutalhadas e cabelo negro e crespo, que deu um passo à frente.

Eu mantinha ainda a mão no bolso, e a gola da capa de chuva levantada atrás.

“Sou Nicky, Presidente dos Mau-Maus. Já ouviu falar de nós? Este é Willie Açougueiro, chefe dos Hell Burners. Agora nós somos clubes irmãos. Queremos acabar com a briga.”

“Tá certo, meu chapa”, disse Freddy. “Vamos bater um papo. “

Reunimo-nos a um canto para conversar, mas um dos Phantom Lords xingou Willie com um palavrão. Antes que eu pudesse mover-me, Willie tirou a mão do bolso e abriu um punhal. Em vez de recuar, o rapaz estendeu o guarda-chuva na direção dele. A ponta de metal, afiada como uma agulha, rasgou a capa de chuva de Willie, esfolando-lhe o lado, perto das costelas. Imediatamente, um dos Hell Burners agarrou um pesado açucareiro, e atirou-o no rapaz que empunhava o guarda-chuva, atingindo-o no ombro e derrubando-o por terra.

“Ei calma!” gritou Freddy, mas ninguém lhe deu atenção. Os rapazes lançaram-se uns contra os outros. Freddy virou-se para mim: “Manda parar.”

“Ora, manda você. Foi sua turma que começou.”

Foi então que algo me atingiu na nuca. Ouvi um tinido de vidro quebrado, quando uma garrafa espatifou-se contra um espelho por trás do balcão.

Lá fora, um carro da radiopatrulha parou no meio



da rua, com um rangido de freios, luzes vermelhas piscando. Dois policiais uniformizados saltaram, deixando as portas do carro abertas, e correndo para a confeitaria, com os cassetetes na mão.

Os outros rapazes também os viram. Como por um sinal, todos voamos para a porta e nos espalhamos por entre os carros. Um guarda estava bem atrás de mim, mas eu virei uma grande lata de lixo no meio da calçada, retardando-o o suficiente para escapar por uma travessa.

O palco estava montado para um “quebra-pau” em grande escala.

Na noite seguinte, mais de cem Mau-Maus se reuniram na confeitaria, no território dos Hells. Willie Açogueiro estava lá com mais de cinqüenta dos seus rapazes. Marchamos juntos pelo meio da rua, em direção à confeitaria na zona dos Phantom Lords.

Cortez, um dos Mau-Maus, tinha passado a semana toda “alto” com heroína, e naquela noite estava louco para brigar. Quando chegamos à confeitaria, ele empurrou a porta e agarrou um Phantom Lord que tentou escapar. Cortez tentou golpeá-lo com uma faca, mas errou, e empurrou-o para mim, que vinha atrás.

Eu estava rindo. Era aquela a proporção em que eu gostava de brigar — cerca de cento e cinqüenta contra quinze. Com um pedaço de cano de chumbo que levava na mão bati no rapaz que cambaleava. Ele gritou de dor quando o pesado cano o acertou no ombro. Enquanto ele caía na calçada, golpeei-o de novo, desta vez na nuca. Ele despencou pesadamente no concreto, e o sangue escorreu por um ferimento profundo.

“Vamos gente”, gritou alguém, “vamos queimar todo o território.” Os rapazes espalharam-se. Alguns entraram na confeitaria e outros arremeteram contra um salão de bilhar que ficava ao lado. Eu fui levado pela

onda, e vi-me na confeitaria. Ainda estava com o cano na mão, e ia batendo em tudo que encontrava. As janelas já tinham sido quebradas, e pude ver o gerente encolhido debaixo do balcão, procurando proteger-se. O pessoal estava como louco, quebrando tudo. Alguém fez tombar a vitrola, e eu me vi sobre ela, arrebatando-a com o cano. Outros tinham entrado atrás do balcão, e estavam arrancando as prateleiras da parede, e quebrando garrafas e pratos. Alguém “limpou” a caixa registradora, e então dois rapazes atiraram-na através da vidraça quebrada.

Corri para a rua, com o rosto coberto de sangue, ferido por um estilhaço de vidro. Corria para baixo e para cima, quebrando os pára-brisas dos carros com o cano.

Cerca de cinqüenta rapazes estavam dentro do salão de bilhar. Tinham virado todas as mesas de bilhar de pernas para o ar, e quebrado todos os tacos. Agora tinham voltado para a rua e atiravam bolas de bilhar em todas as lojas.

Uma turma de rapazes fez parar um carro no meio da rua, e subia nele, pulando sobre o teto e o cofre do motor, até que o carro ficou disforme. Todos estavam rindo, gritando e destruindo.

Sirenes gemeram quando carros da polícia convergiram de ambas as extremidades da rua. Normalmente, aquilo seria um sinal para os rapazes pararem e fugirem, mas a febre de destruição assumira o controle, e já não ligávamos mais.

Um carro da radiopatrulha conseguiu chegar até o meio do quarteirão, mas os tiras não puderam abrir as portas do carro, pois os rapazes arremeteram de todos os lados, batendo neles com garrafas quebradas, tijolos e porretes, quebrando os faróis e despedaçando as janelas. Os policiais, enjaulados dentro do veículo, tentaram chamar a central de polícia pedindo ajuda,

mas nós subimos em cima do carro e arrancamos a antena. Um dos rapazes começou a dar pontapés na sirene, e ela soltou-se e caiu na rua.

Mais carros da polícia brecaram, os freios rangendo, no fim do quarteirão. Era a baderna. Mais de cento e cinqüenta rapazes estavam lutando, gritando, virando carros, quebrando vidros. Policiais aventuraram-se no meio daquela multidão efervescente e ruidosa, brandindo os cassetetes. Vi Cortez lutando contra dois guardas no meio da rua. Corri para ajudá-lo, mas ouvi estampidos de tiros, e percebi que era hora de dar o fora.

Espalhamo-nos em todas as direções. Alguns dos rapazes correram rua abaixo e enveredaram pelas travessas. Outros entraram nos prédios de apartamento, subiram as escadas e esconderam-se nos telhados. Em questão de minutos a cena estava vazia, e nada mais restava além de todo um quarteirão destruído. Nenhum carro ficara intacto. A confeitaria fora completamente demolida. O salão de bilhar também. Todas as vidraças haviam sido quebradas no bar do outro lado da rua, e quase todo o uísque fora roubado das prateleiras. Alguém abrira a porta de um carro, cortara os assentos, e depois pusera fogo no estofamento. Os policiais estavam tentando apagar o fogo, mas o fogo ainda ardia, quando fomos embora.

Todos escaparam, menos Cortez e três Hells. A lei das quadrilhas declarava que se o cara fosse preso, teria que “se virar sozinho”. Se começasse a “cantar” ou a “dar o serviço”, seria punido pela quadrilha. Ou, se estivesse na cadeia, a gang se vingava na família dele. Cortez foi sentenciado a três anos, e os outros também receberam condenação.

Mas os Phantom Lords nunca mais voltaram ao território dos Hells.

# FILHO DE LÚCIFER

---

QUANDO O SEGUNDO VERÃO se aproximou, parecia que o gueto inteiro estava pegando fogo, cheio de ódio e violência. As quadrilhas haviam diminuído as atividades durante o inverno, surgindo na primavera com forças muito bem organizadas. Durante todo aquele inverno nós nos ocupáramos, fazendo revólveres caseiros, roubando armas de fogo, e estocando munição. Eu ganhei a reputação de ser o chefe de quadrilha mais temido do Brooklin. Fui preso dezoito vezes, e uma vez naquele inverno, passei trinta dias na cadeia, aguardando julgamento. Jamais, porém, puderam provar qualquer acusação.

Com a chegada do calor, começamos a agir como loucos ou selvagens. Os Dragons estavam empenhados em batalha contínua contra os Viceroy's. No dia primeiro de maio, Mingo, presidente dos Cha-plains, entrou em uma confeitaria, tendo no braço uma espingarda de cano serrado.

“Ei garoto”, disse ele, apontando a espingarda por sobre o braço, para um rapaz sentado em um reservado. “Você é o Sawgrass?”

“Sou eu, sim. O que é que há?”

Mingo não respondeu. Fez mira com a espingarda e apontou para a cabeça dele.

“Ei, cara” disse Sawgrass rindo amarelo, enquanto se punha de pé e recuava. “Não aponte esse negócio para mim. Pode disparar.”

Mingo estava “alto” de heroína, e contentava-se

em olhá-lo sem qualquer expressão, ao puxar o gatilho. O disparo atingiu o rapaz pouco acima do nariz, e arrancou o alto da sua cabeça. O resto do corpo caiu debatendo-se no chão. Sangue, ossos e grãos de chumbo foram chocar-se contra a parede que lhe ficava por detrás.

Mingo virou-se e saiu da confeitaria. Quando a polícia o encontrou, ele descia a rua, segurando a espingarda indolentemente. Gritaram-lhe para que parasse. Em lugar de obedecer, virou-se e apontou a arma para os guardas. Eles abriram fogo e Mingo caiu na rua crivado de balas.

Contudo, dentro de cada um de nós havia um Mingo. Era como se toda a cidade tivesse enlouquecido.

Naquele verão declaramos guerra à polícia. Escrevemos uma carta para os guardas do 88°. Distrito e para a Central de Polícia, avisando que estávamos em guerra contra eles e que daquela hora em diante qualquer guarda que entrasse em nosso território era um homem morto.

A polícia dobrou as patrulhas, e geralmente faziam a ronda em grupo de três. Isto não nos intimidava. Subíamos nos telhados, e atirávamos tijolos, garrafas e latas de lixo neles. Quando saíam para ver quem estava atirando aquelas coisas, nós abríamos fogo. Nossa pontaria era péssima, e nossos revólveres de fabricação caseira eram muito imprecisos, exceto em disparos à queima-roupa. Nosso maior sonho era matar um guarda.

Um dos nossos golpes favoritos era atirar bombas de gasolina, chamadas “coquetéis Molotov”. Roubávamos gasolina de carros que ficavam estacionados durante a noite, e a colocávamos em garrafas de refrigerante e de vinho. Fazíamos um pavio com um trapo, púnhamos fogo e atirávamos a garrafa na parede de um edifício ou em um carro da polícia. Ela explodia

em chamas.

Algumas vezes o feitiço virava-se contra o feiti-ceiro. Certa tarde Dan Brunson, membro da nossa gang, acendeu um “coquetel Molotov” para atirar na delegacia. O pavio queimou depressa demais, e a bomba explodiu na mão dele. Antes que alguém pudesse chegar até ele, todo o seu corpo já estava coberto de gasolina em chamas. Os guardas correram e apagaram as chamas com as próprias mãos. Um deles ficou gravemente queimado ao abafar o fogo. Levaram depressa Dan para o hospital, mas os médicos disseram que só após muitos anos é que ele voltaria ao normal.

Na semana seguinte, diminuímos o ritmo das brigas, porém, elas foram logo reiniciadas com ferocidade ainda maior.

Os feriados eram ocasiões excelentes para os “quebra-paus” das quadrilhas. Na Páscoa, no Dia do Trabalho e no Dia da Independência grande parte das duzentas e oitenta e cinco gangs da cidade reuniam-se em Coney Island. Todos iam vestidos com as suas melhores roupas, e procuravam exhibir-se, o que resultava em lutas terríveis, e muitas vezes fatais. Naquele 4 de julho — Dia da Independência dos EUA — os Bishops mataram Larry Stein, um de nossos rapazes. Ele tinha só treze anos de idade. Cinco deles surraram-no com correntes de bicicleta até matá-lo; depois, enterraram seu corpo na areia, debaixo de uma passagem de tábuas. Ele só foi encontrado uma semana mais tarde.

Quando ficamos sabendo disso, nos reunimos no porão da escola — éramos quase duzentos — para uma assembléia de vingança. A sala estava carregada de ódio. Metade dos rapazes estava embriagada, e queria sair naquela noite e queimar os prédios de apartamentos dos Bishops, e pôr fogo na parte da Av. Bedford que ficava no bairro de Brooklin. Contudo, eu consegui manter a

ordem, e concordamos em assistir ao enterro de Larry, na tarde seguinte, e depois reunirmo-nos outra vez, à noite, para traçar os planos de batalha.

Na tarde seguinte reunimo-nos no cemitério para o enterro. Dois carros pararam e um pequeno grupo de pessoas que choravam saiu deles. Reconheci a mãe de Larry, seu pai e seus quatro irmãos. Os Mau-Maus estavam vagueando pelo cemitério, e quando o funeral chegou, todos avançamos — mais de duzentos rapazes e garotas, a maioria vestida de blusões negros com um duplo M escarlate nas costas.

Dirigi-me à Senhora Stein para falar com ela. Ela me viu chegando e gritou: “Tirem esses monstros daqui! Levem esses diabos!” Ela voltou-se e começou a andar em direção ao carro, cambaleando, mas desmaiou e caiu na grama. O marido curvou-se sobre ela, e os filhos ficaram estáticos de terror, olhando nossa quadrilha que se esgueirava por entre os túmulos, aproximando-se da cova.

O pai de Larry olhou para mim e amaldiçoou-me: “Você é o culpado. Se não fosse você e sua gang imunda, Larry estaria vivo hoje.” Começou a aproximar-se de mim, disparando chispas de ódio pelos olhos, mas o administrador do cemitério agarrou-o pelo braço, puxando-o para trás.

“Por favor, espere do outro lado da cova”, disse-me o administrador. “Colabore conosco, certo?”

Fiz o que pedia e afastamo-nos do túmulo, enquanto eles reanimavam a Sra. Stein e continuavam a cerimônia fúnebre.

Naquela noite tivemos a segunda reunião. Desta vez nada haveria de nos segurar. Ficamos sabendo na tarde do mesmo dia, que os GGI haviam matado um dos Bishops, e que o funeral seria realizado no dia seguinte. Os rapazes queriam acabar com o funeral atirando

bombas dos edifícios A intensa lealdade da quadrilha, em vingar o seu parceiro morto, era espantosa. Todos ferviam de ódio, e finalmente não podiam mais contê-lo. Mannie foi quem gritou que já ia para a agência funerária, onde o corpo do rapaz dos Bishops aguardava a hora do enterro. “Vamos pôr fogo naquela baiúca”, gritou ele. “Se esperarmos até amanhã, será tarde demais. Vamos agora.”

“Sim, sim, vamos”, gritaram em coro. Mais de quinze deles convergiram em direção ao pequeno salão da empresa funerária, reservado aos negros; tombaram caixões e rasgaram as cortinas com facas.

O enterro foi realizado no dia seguinte sob forte escolta policial, mas nós nos sentimos vingados.

Os tumultos nas ruas eram superados apenas pelos pesadelos de violência que fervilhavam em meu coração. Eu era um animal sem consciência, moral, razão, e sem qualquer senso do que era certo ou errado. A quadrilha me sustentava com o produto dos seus roubos noturnos, e Frank me ajudava um pouco. Mas eu preferia obter o de que precisava por meus próprios meios.

Na primavera de 1957, Frank veio ver-me e disse que mamãe e papai vinham de Porto Rico para visitar-nos. Ele queria que eu fosse ao seu apartamento na noite seguinte, para vê-los. Recusei-me. Eu não precisava deles. Eles me haviam rejeitado, e eu agora não queria qualquer contato com eles.

Na noite seguinte, Frank trouxe papai ao meu quarto. Mamãe não apareceu, já que eu não quisera vê-la.

Papai ficou de pé à porta, por muito tempo, olhando para mim, que estava sentado à beira da cama

“Frank me contou tudo sobre você”, disse ele, levantando a voz, até falar quase aos gritos quando



terminou. “Ele disse que você é agora chefe de uma quadrilha e que a polícia está procurando-o. É verdade?”

Não respondi, mas virei-me para Frank, que estava de pé ao lado do velho, e rosnei: “Que diabo andou falando para ele? Eu te disse para não vir aqui com eles.”

“Contei-lhe a verdade, Nicky”, disse Frank calmamente.

“Talvez já seja hora de você também enfrentar a verdade.”

“Ele tem um demônio”, disse papai, encarando-me sem piscar os olhos. “Ele está possesso. Preciso libertá-lo.”

Olhei para papai e ri nervosamente: “No ano passado eu pensei que tinha um demônio. Mas agora até os demônios têm medo de mim.”

Papai atravessou o quarto e colocou sua pesada mão em meu ombro. Empurrou-me com força, até que fui obrigado a ajoelhar-me por terra. Dominou-me em toda a sua altura, suas mãos enormes prendendo-me como correntes.

“Sinto cinco espíritos maus nele”, disse papai. Fez sinal para que Frank agarrasse meus braços e os levantasse acima da minha cabeça. Lutei para libertar-me, mas eles eram fortes demais para mim. “Cinco demônios!” cantou papai, “é por isso que ele é delinqüente! Hoje nós vamos curá-lo.”

Cruzando as mãos sobre a minha cabeça, exerceu grande pressão, apertando para baixo, e torcendo as mãos, como se estivesse tentando abrir a tampa de um recipiente.

“Sai! Sai!”, gritava ele, “eu ordeno que vocês saiam.” Papai estava falando com os demônios da minha mente.

Deu-me, então, tapas com as duas mãos em ambos os lados da cabeça, sobre as orelhas, repetidas vezes. Estava gritando com os demônios para que saíssem de meus ouvidos.

Frank continuou segurando meus braços acima da cabeça, e papai colocou suas mãos imensas ao redor do meu pescoço, e começou a me estrangular.

“Há um demônio na sua língua. Sai, demônio, sai.” Depois gritou: “Pronto. Ele já está saindo.”

“O seu coração também está negro”, disse ele, e deu-me vários socos no peito, que até pensei que minhas costelas iriam partir-se.

Finalmente, ele me agarrou pela cintura e me colocou de pé, dando-me tapas nas virilhas e ordenando aos espíritos maus que saíssem das minhas entranhas.

Afinal ele me soltou e Frank afastou-se dizendo : “Ele te fez um grande favor, Nicky. Você tem sido muito mau, mas papai te purificou.”

Papai estava de pé no meio do quarto, tremendo como vara verde. Eu disse um palavrão e saí como um pê-de-vento pela porta a fora, correndo pelas escadas, em direção à rua. Duas horas depois encontrei um marinheiro bêbedo, dormindo em um banco na Praça Washington. Virei-o de lado e roubei-lhe a carteira. Se papai tinha expulsado os demônios de mim, não demorou muito tempo para que eles voltassem. Eu ainda era filho de Lúcifer.

Os pesadelos ficaram piores. A visita de meu pai pareceu aumentar o meu medo do futuro. Noite após noite rolava pela cama gritando, ao acordar de um pesadelo após outro. Redobrei minhas brigas frenéticas, tentando encobrir o medo que me consumia interiormente.

Naquele verão nossa luta contra a polícia tornou-

se ainda mais intensa. Todas as noites ficávamos nos telhados, esperando que os guardas passassem por baixo. Derrubávamos sacos de areia, atirávamos garrafas e pedras neles — mas precisávamos de armas de fogo, principalmente de rifles, e isto custava dinheiro.

Tive uma idéia, para realizar um roubo fácil. Eu tinha notado que todo sábado, às três da madrugada, um homem chegava em um grande carro preto, dirigindo-se para um dos apartamentos. Os rapazes já haviam observado isso, e contávamos muitas piadas sobre o caso. Sabíamos que ele vinha da cidade de Jersey, e que esperava sempre que Mário Silvério saísse para o trabalho. Achávamos que estava se encontrando com a mulher de Mário. Certa noite, alguns dos rapazes desafiaram a mim e Alberto a espia-los. Trepamos assim pela escada de incêndio e vimo-lo entrar no apartamento de Silvério.

Todo sábado às três da manhã acontecia a mesma coisa. Ele estacionava o carro, trancava as portas e subia as escadas até o apartamento.

Eu disse a Mannie que achava que seria um trabalhinho fácil e ele concordou. Pedimos a Willie Açougueiro para trazer o seu revólver, e encontrar-se conosco às duas da madrugada.

Quando chegamos ao prédio de apartamentos, Willie já estava por ali, testando o revólver. Ele tirara todas as balas e colocara uma ao lado da outra, num degrau da escadaria. Vendo-nos chegar, recarregou a arma e colocou-a no cinto.

Nosso plano era: Willie e Mannie esperariam atrás do edifício. Quando o homem saísse do carro, eu me aproximaria dele e faria uma pergunta. Então Willie e Mannie apareceriam, o primeiro apontando a arma para o homem, enquanto o revistávamos e tomávamos seu dinheiro.

O relógio do grande edifício de Flatbush, na esquina da Rua Houston, deu três badaladas. Willie quis examinar o revólver de novo. Desta vez dirigiu-se aos fundos do edifício, e voltou dentro de poucos minutos, dizendo que tudo estava pronto.

Mais ou menos às três e quinze o carro virou a esquina e parou defronte ao prédio. Willie e Mannie esconderam-se nas sombras. Enrolei a capa de chuva em torno do corpo, e comecei a andar pela calçada. O homem saiu do carro. Era um sujeito grandalhão, de cerca de quarenta anos e usava chapéu e casaco de elevado preço. Fechou o carro cuidadosamente, e começou a andar em direção ao edifício.

As ruas estavam desertas. Só os carros que transitavam pela avenida próxima quebravam o silêncio.

Quando me aproximei, ele apertou o passo. “Ei, moço”, disse eu, “estou perdido. Pode me dizer onde é a Av. Lafayette?”

O homem virou-se e olhou em todas as direções. “Suma, moleque”, disse, “não quero amolação.”

“Olhe, moço, tudo o que eu quero saber é onde fica a Av. Lafayette.” Dei uma risada e pus a mão no bolso da capa, como se tivesse um revólver apontado para ele.

“Socorro! Ladrões!” gritou o homem, recuando para o carro.

Encostei-me nele: “Cale a boca, ou eu te mato.”

Ele engoliu em seco, e olhou-me incrédulo. Depois começou a gritar: “Socorro! Socorro!”

Naquele momento Willie passou o braço ao redor do seu pescoço, por trás, batendo-lhe no rosto com o tambor do revólver: “Se der um pio, está morto”, falou Willie entre dentes.

O homem ficou duro, enquanto Mannie e eu começávamos a revistá-lo.

No bolso do paletó encontrei o maior maço de notas que já vira. Estavam presas por um elástico. Penso que estava levando aquele dinheiro para a mulher de Mário.

“Ei, olhe, Willie. Que tal ? Este cara é rico. Puxa, veja todo este dinheiro.”

Afastei-me rindo. Tínhamos achado uma mina de ouro. Comecei a caçoar dele : “Ei, cara, se eu deixar você dormir com a minha velha, você me dará dinheiro toda semana ?”

Mannie começou a desafivelar o cinto do homem. “Que tal, Zé ? Não se importa se tirarmos sua calça para que todas as senhoritas vejam como você é simpático?”

O homem rilhou os dentes e começou a gemer. “Ei, cara, nós estamos prestando um favor a você”, disse Mannie. “Vamos, vamos tirar a calça como um bom menino.”

Abriu o cinto e o homem começou a gritar outra vez. “Socorro! Soc...”

Mas eu pulei e fechei-lhe a boca com a mão. Ele enterrou os dentes com força na palma da minha mão. Pulei para trás gritando : “Atira nele, Willie! Fura ele ! Ele me mordeu. “

Willie recuou e com ambas as mãos apontou o revólver para as costas do homem e puxou o gatilho. Ouvi o pino cair, mas nada aconteceu.

Dei um soco no estômago do homem, com todas as forças. Ele dobrou-se, e eu dei-lhe outro soco na fonte com a outra mão, mas senti tanta dor que pensei que ia desmaiar. Fiquei de lado, rodeando-o : “Atira nele, Willie. Dê-lhe uma lição.”

Willie puxou o gatilho outra vez. Nada aconteceu de novo. Ele continuou tentando, mas o revólver não disparou.

Agarrei o revólver de Willie, e dei uma coronhada no rosto do homem. Houve um ruído de metal batendo no osso. A carne se rompeu e eu pude ver o branco do osso facial, e o sangue começando a correr. Ele estava tentando gritar quando eu o feri de novo no alto da cabeça. Ele caiu prostrado na sarjeta, uma das mãos pendentes sobre o bueiro que havia sob o meio-fio.

Não esperamos mais. Luzes se acendiam nas janelas dos apartamentos, e ouvimos alguém gritar. Corremos rua abaixo, e atalhamos por uma travessa que ia dar atrás da escola. Enquanto corria, tirei a capa e joguei-a em uma lata de lixo.

Separamo-nos na rua seguinte. Corri para a minha rua e subi a escada até meu quarto. Já dentro, tranquei a porta e fiquei na escuridão arquejando e rindo, “Isto sim, era vida.”

Acendi a luz e olhei para a minha mão. Vi claramente as marcas dos dentes do homem na palma. Lavei-a com um pouco de vinho e enrolei um lenço.

Apaguei a luz e deixei-me cair na cama. As sirenes da polícia gemeram à distância, e eu sorri para mim mesmo. “Que pacote!” pensei, e apalpei o bolso, procurando o maço de notas.

E esta agora ? Não estava lá ! Fiquei de pé, procurando freneticamente em todos os bolsos. De repente, lembrei. Eu o colocara no bolso da capa, no começo da briga. Ah, não ! Eu havia jogado a capa na lata de lixo. E o revólver? O revólver de Willie também se fora. Eu devia tê-lo deixado cair, depois que dera a coronhada no homem.

Eu não podia voltar lá aquela hora. O lugar devia estar regurgitando de guardas. Precisaria esperar até de

manhã, mas então o lixeiro teria passado e a capa e o dinheiro estariam perdidos.

Caí na cama, batendo com os punhos no colchão. Todo aquele esforço, e nenhum resultado.

## Capítulo 8

# A GARGALHADA DO DIABO

---

DURANTE O PERÍODO de dois anos em que fui líder dos Mau-Maus, dezessete pessoas foram mortas. Fui preso mais vezes do que sou capaz de me lembrar. Nós vivíamos — todos os componentes das quadrilhas — como se não existisse lei. Nada era sagrado, exceto a nossa lealdade uns para com os outros — principalmente os laços de lealdade que eu sentia em relação a Israel e a Mannie.

Certo dia Israel entrou furtivamente em meu quarto, no meio da noite, e lançou uma pomba pela porta. Ficou de fora e deu gargalhadas ao ouvir meus gritos de medo. Quando ele abriu a porta e acendeu a luz, eu estava debaixo da cama. Tentei encobrir meu terror, rindo enquanto ele atirava a pomba pela janela. Mas depois que ele se foi, fiquei tremendo na cama, com o som de asas ruflando nos ouvidos. Quando finalmente consegui pegar no sono, sonhei que estava caindo. Acordei julgando ter ouvido a gargalhada do diabo.

Na manhã seguinte Israel voltou para me contar que Mannie fora esfaqueado e estava no hospital. “O que é que há, Nicky ?” disse ele depois de contar como fora a facada, “que cara é essa?”

Não pude responder na hora. Sentia o estômago

embrulhado, e o sangue fugindo de minhas faces. Mannie e Israel eram os únicos amigos que eu tinha. De repente, via minha segurança abalada, enquanto Israel me contava que Mannie quase morrera.

Sacudi a cabeça : “Estou bem. É só raiva. Vou visitar Mannie e descobrir quem fez isso. Depois vamos queimar esse cara direitinho.”

Naquela tarde tentei entrar no hospital, mas havia dois policiais uniformizados na porta. Trepei pela escada de incêndio e bati de leve na janela e Mannie a abriu por dentro. Ele estava fraco e mal pôde arrastar-se de volta para o leito.

“Quem fez isto, cara ?” perguntei. “Ninguém vai bater e esfaquear você sem levar o troco.”

“Foram os Bishops. Eles me pegaram sozinho, e me acertaram duas vezes: na perna e no lado.”

“Quem foi ?” perguntei. “Você sabe quem fez isso?”

“Sim. Foi aquele cara chamado Joe. É o novo vice-presidente deles. Pensa que é o tal. Quando fugiu disse que eles voltariam para me matar. É por isso que os tiras estão aí fora.”

“Bem, só quero que você fique bom, meu chapa. E quando sair daqui, vamos agarrar aquele negro sujo.”

Esgueirei-me de volta pela escada de incêndio e naquela noite encontrei com Israel e Homer Belanchi, nosso conselheiro de guerra, para traçar planos de vingança. Decidimos fazer um seqüestro.

No dia seguinte Homer roubou um carro. Escondemos o bicho atrás de um velho armazém durante duas semanas, até Mannie sair do hospital.

Estávamos na semana anterior ao Natal de 1957, quando entramos em ação. Homer foi guiando o carro, e nós apanhamos Mannie. Ele ainda estava usando



bengala. Augie, Paco e eu ficamos no banco de trás. Cruzamos a Rua St. Edward, depois do Centro Católico. Havia um baile de Natal no Centro, naquela noite, e dois policiais uniformizados estavam de guarda à porta. Não vimos nenhum dos Bishops por ali; por isso, continuamos descendo a rua, até a confeitaria, e estacionamos do lado oposto. Eram quase onze horas da noite; dissemos a Mannie para esperar no carro.

Atravessamos a rua e entramos na confeitaria. Havia vários Bishops na confeitaria, e eu disse: “Ei, turma, nós estamos procurando o nosso amigo, Vice-Presidente dos Bishops. Alguém disse que ele quer fazer um acordo, e nós viemos por causa disso. Ele está por aqui?”

“Você está falando do Joe ? Está lá no canto, beijando a garota”, disse um dos Bishops.

Sáimos devagar e fomos até onde Joe estava, sentado no chão, ao lado de uma mocinha. Ele levantou os olhos e Augie disse : “Bicho, nós somos os tais. Os Mau-Maus. Viemos buscar você.”

Joe tentou levantar, mas Augie pôs o pé sobre o seu ombro e empurrou-o para trás. Nós dois estávamos armados e ele viu que apontávamos para ele.

Começou a gritar. Augie tirou o revólver e apontou para os outros que estavam no local. “Não se movam. Ninguém. O primeiro que mexer é homem morto.”

O proprietário parecia que ia ter um acesso.

“Não vamos fazer nada com você, velhinho”, disse Augie.

“Fique quieto que nós vamos cair fora num minuto.”

Falei com Joe, que ainda estava sentado no chão, ao lado da garota que parecia horrorizada: “Ei, pulha, você tem duas coisas para escolher: ou vai conosco,

ou nós o matamos aqui mesmo. Quer um minuto para pensar ?”

O rapaz começou a gaguejar algo, e eu disse : “Bem, fico alegre por você ter resolvido.”

De um arranco coloquei-o de pé, e saímos pela porta, e Israel ficou apontando o revólver para os outros rapazes que ficaram no bar.

“Digam aos Bishops que vamos trazê-lo de volta depois de mostrar o que acontece quando alguém põe a mão num Mau-Mau”, disse Augie. Fechamos a porta atrás de nós e o obrigamos a correr; atravessamos a rua empilhamo-nos no carro. Ele sentou-se atrás, entre Augie e eu, e durante todo o tempo apontamos as armas para ele. Homer deu partida no carro, e saímos em direção a um edifício abandonado, perto da Ponte de Manhattan.

Levamos Joe para dentro, amarrando-o a uma cadeira, com uma mordaca na boca.

“Talvez sua morte seja rápida. Talvez vá ficar aqui o resto da vida”, falei zombando. Augie cuspiu no rosto dele e saímos batendo a porta atrás de nós. Era meia-noite.

Só voltamos dois dias depois. Quando o fizemos, levamos vinte e cinco Mau-Maus conosco. Joe estava caído de lado, ainda amarrado à cadeira. Tentara escapar, mas fora muito bem amarrado. Pusemos a cadeira em pé e acendemos a luz. Ele tinha passado dois dias inteiros sem comida e sem água. O edifício estava gelado. Ele piscou de medo e horror, quando nos agrupamos ao seu redor.

Chamei Mannie para ficar diante dele.

“Mannie, foi este que te deu uma facada e ameaçou te matar?”

Mannie aproximou-se mancando. “Foi ele. Foi ele

mesmo.”

Tirei a mordança da boca de Joe. Seus lábios e sua língua estavam inchados e rachados. Tinha a garganta seca e produziu ruídos esquisitos e ofegantes, ao tentar falar.

“Veja, ele está confessando”, disse eu rindo.

Augie agarrou-o pelos longos cabelos e puxou-lhe a cabeça para trás. Mannie sacudiu a cinza de seu cigarro, e colocou-o perto do pescoço do rapaz. Os olhos de Joe estavam arregalados de medo, e Mannie riu ao encostar levemente a ponta acesa do cigarro na pele fina. Ele gritou de dor, e Mannie tirou o cigarro.

“Outra vez”, disse Augie a Mannie, “ele esfaqueou você duas vezes.”

Desta vez Mannie esmagou vagorosamente o cigarro contra a boca do rapaz, forçando-o deliberadamente entre os lábios rachados, que ele cerrava fortemente. O queixo do rapaz tremia enquanto ele corria a língua crestada pelas feridas avermelhadas, em uma débil tentativa de livrar-se da cinza e dos fragmentos de fumo que se haviam apegado a elas.

“Agora, pessoal, é a vez de vocês”, disse Augie.

Cada rapaz que estava no prédio acendeu um cigarro, e avançou para ele, enquanto Augie o agarrava pelo cabelo outra vez, forçando sua cabeça para trás. Ele gritou de dor e a garganta produziu ruídos estranhos, como de lixa esfregada em uma tela. Os rapazes chegaram-se a ele, cada um apagando o cigarro contra o seu rosto e pescoço. Ele gritou sem parar, até desmaiar de dor.

Tiramos as cordas que o prendiam e ele escorregou para o solo, em meio à sujeira e teias de aranha. Gritando palavrões, os rapazes deram-lhe chutes, com os sapatos pontudos, quebrando-lhe as costelas e o

maxilar. Foi depois atirado no carro e levado à confeitaria que havia no território dos Bishops. Augie escreveu uma nota e prendeu-a com um alfinete às suas costas. “Ninguém fere um Mau-Mau e fica sem o troco.” Passamos vagarosamente pela confeitaria, e rolamos o seu corpo inconsciente para a rua. Depois, chispamos para longe dali.

No dia de Natal encontrei Mannie no bar do Gino. Estávamos sentados em banquetas diante do balcão, fumando, e rindo do que acontecera na semana anterior.

Levantei os olhos e vi cinco Bishops atravessando a rua. Dei uma olhadela em volta : embora estivéssemos no centro do território dos Mau-Maus, estávamos sozinhos. Cutuquei Mannie : “Bishops, meu chapa. Vamos nos raspar.”

Mas era tarde demais. Eles nos viram mergulhar detrás do balcão para tentar sair pela porta lateral. Tínhamos algum tempo de vantagem sobre eles, e corremos porta a fora, atravessamos a rua e nos enfiamos por uma travessa. Corríamos o mais depressa possível, mas fraco como estava, Mannie foi ficando para trás. Quando viramos a esquina da travessa e saímos na outra rua — eles estavam à nossa frente.

Baixei a cabeça e corri diretamente através deles. Peguei-os de surpresa com minha ousadia, e eles não estavam preparados para o ataque. Atingi um deles no estômago, de cabeça, e ele caiu de costas na calçada. Pus a mão sobre a capota de um carro estacionado, e saltei sobre ele, caindo no meio da rua. Um carro de entregas vinha a toda pela rua, e tocou insistentemente a buzina enquanto eu me safava por pouco. Esperava que Mannie aproveitasse a vantagem do meu ataque, e me seguisse.

De repente, percebi que Mannie não me seguira. Olhei para trás. Nenhum dos Bishops estava me seguindo. Parei de correr e voltei pela rua, para ver o que

tinha acontecido. Na entrada da travessa vi que os cinco tinham cercado Mannie, apertando-o contra o muro, e davam-lhe socos e chutes no estômago e na virilha.

Algo brilhou por um instante, e percebi que era o reflexo da luz do sol na lâmina de uma faca. Corri para eles, procurando tirar apressadamente a minha faca do bolso, e gritando: “Bastardos! Larguem dele Vou matar vocês.”

Era, porém, muito tarde. Vi o rapaz que estava com a faca levantar o braço, e num golpe desleal, abaixá-lo em direção à costela de Mannie, com grande força. Este gemeu e vi-o ereto contra o muro por um curto momento; depois começou a cair de rosto no concreto. Enquanto caía, o rapaz, maldosamente enterrou a faca outra vez no seu peito.

Eu tinha parado no meio-fio. Não acreditava que eles tentariam matá-lo. Fiquei como louco. Corri para o grupo brandindo a faca e dando socos com a outra mão. Eles espalharam-se e correram em todas as direções. Mannie ficou caído na calçada. O sangue corria da boca e do nariz, e uma poça começou a formar-se ali, com o que vazava de sob o casaco de couro.

Estava deitado de bruços, mas tinha o rosto virado de lado, e os seus olhos me encaravam cheios de terror. Tentou falar, mas quando abriu a boca, só saíram pequenas bolhas de sangue.

Ajoelhei-me e virei-o de costas. Levantei sua cabeça e coloquei-a em meu colo, abraçando-a contra meu blusão de couro. Seu sangue manchou minhas calças, e eu o sentia quente e pegajoso em minhas mãos.

Continuou tentando dizer-me algo. Os olhos estavam arregalados de terror. Porém, quando abriu a boca para falar, tudo o que pude ouvir foi um gorgolejo que subia dos pulmões. Continuou soltando pequenas bolhas de sangue com os lábios.

“Mannie, Mannie”, gritei, “não morra, Mannie. Não morra, Mannie.”

Ele abriu a boca uma vez, muito pouco, e pude ouvir um som como de ar escapando. Parecia um pneu acabando de se esvaziar. Sua cabeça rolou em meus braços e senti que o seu peito baixava sob a jaqueta.

Olhei para os seus olhos fixos. Estava morto!

“Mannie! Mannie! Mannie!” eu estava gritando com todas as forças, e minha própria voz se enchera do horror infinito da realidade que eu acabara de presenciar.

Ouvi vozes rua abaixo. Uma mulher gritou: “O que está acontecendo aí?”

Eu não podia mais ficar ali. Com todas as minhas passagens pela polícia, eles tentariam culpar-me. Não havia outra coisa que eu pudesse fazer naquela hora. As vozes se aproximavam. Levantei-me cambaleando. O corpo inerte de Mannie caiu pesadamente na calçada. O som cavo de sua cabeça, chocando-se contra o concreto duro, ecoava em cada uma de minhas passadas, enquanto corria pela travessa, até sair na rua seguinte. Em minha mente, ainda estava vendo Mannie caído na calçada com a face virada para mim, com aqueles olhos mortos, arregalados de terror. Eu estava com medo.

Corri até chegar ao meu apartamento. Bati a porta atrás de mim, e tirei o revólver do guarda-roupa. Minha respiração saía aos arrancos, e eu me sentei, na beira da cama, tremendo, com a pistola armada apontada para a porta fechada. Eu estava petrificado de terror.

Nunca vira a morte tão de perto — pelo menos não face a face. Ele fora meu amigo. Um minuto antes estava rindo e falando. No minuto seguinte, estava deitado na rua, com sangue escorrendo da boca...

Eu não podia agüentar aquilo. Pensara que era valente — que não tinha medo de nada. Mas a morte era demais para mim. Comecei a sentir-me mal. Grandes ondas de náusea me dominaram, e eu me esforcei para não vomitar. Queria chorar, mas não conseguia.

Fiquei de pé e corri em direção à parede. “Não estou com medo! Não estou com medo!” gritei repetidas vezes.

Parecia que estava possuído por demônios. Olhei para minhas mãos. Vi o sangue coagulado em minha pele e sob as unhas. Aquela imagem, de lábios rachados e olhos arregalados atravessou de novo minha mente.

Comecei a bater a cabeça na parede, gritando: “Ninguém pode me fazer mal! Ninguém pode me fazer mal! Ninguém...”

Exausto, caí ofegante no chão. Medo! Terror infinito, indefensável, invencível, terrificante! Era como se um pesadelo tivesse se tornado realidade. Rolei no chão durante muito tempo, apertando o peito com os braços, gemendo e gritando. As paredes do quarto pareciam aproximar-se de mim, à medida que o forro se afastava. Parecia estar a dez quilômetros de distância. Piquei deitado no fundo daquele retângulo minúsculo, olhando para cima, vendo a porta e a janela que pareciam estar a centenas de metros acima de mim. Eu estava apertado e preso no fundo do que era, para mim, como um canudinho de refresco, quadrado, que tinha dez quilômetros de altura, sem saída.

Então, de cima, uma nuvem negra, grossa e lodosa apareceu e começou a achatar o canudo em minha direção. Eu estava sufocando. Abri a boca para gritar, mas nada saía a não ser bolhas de sangue. Eu estava arranhando a parede, tentando escapar, tentando trepar. Mas meu pescoço insistia em cair de lado, e eu senti minha cabeça chocando-se contra o solo com um ruído como o da cabeça de Mannie, quando, ao rolar de

meu colo, chocara-se contra a calçada de cimento.

A nuvem negra foi descendo, e eu fiquei deitado de costas, com as mãos e os pés estendidos para cima, tentando afastá-la. Era a nuvem da morte — morte — morte... e vinha buscar-me. Ouvi o chiado suave do ar escapando dos meus pulmões que se esvaziavam. Tive náuseas e tentei gritar, mas só saíram mais bolhas, e então aquele gorgolejo cavo que ouvira no peito de Mannie, quando o sangue enchera seu pulmão e subira pela garganta. Escutei-o em meu próprio peito. Então, a nuvem negra me envolveu e ouvi uma gargalhada fantasmagórica ecoar pelas paredes daquele canudo quadrado no fundo do qual eu estava. O eco repetiu-se vezes sem conta. MORTE. .. Morte .. Morte... Era a gargalhada do Diabo.

Quando acordei, era dia. O sol estava tentando penetrar pela minha janela imunda. Eu ainda estava no chão paralisado, dolorido, e enregelado. A primeira coisa que notei foram minhas mãos, ainda cobertas de sangue endurecido.

## Capítulo 9

# NA FOSSA

---

TRÊS DIAS ANTES DA Páscoa, eu e mais três de nosso grupo estávamos na esquina das Ruas Auburn e St. Edward, defronte à Igreja St. Edward e St. Michael. Sabíamos que os padres recebiam muito dinheiro durante as missas especiais da semana santa, e estávamos planejando entrar na igreja.

Um policial saiu do Distrito, atravessou a rua e viu-nos encostados na grade de ferro que rodeia a igreja.



Aproximou-se de nós e disse: “Caíam fora, seus portorriquenhos porcos.” Ficamos ali, abraçando a grade, contemplando-o com olhos inexpressivos .

O guarda repetiu: “Vagabundos, já disse que caíam fora!” Os outros rapazes se espalharam mas eu não me movi. O guarda olhou-me fixamente: “Eu disse mexa-se, vagabundo; então, vá circulando.” Levantou o cassetete, como se fosse me bater.

Cuspi nele. Brandiu o cassetete em minha direção, mas eu me baixei, e este foi atingir a grade. Investi contra o policial, e ele me agarrou pelo pescoço. Era duas vezes maior do que eu, mas eu o mataria, se pudesse. Procurei apanhar a faca, quando percebi que ele abriu o coldre e estava tentando tirar o revólver, ao mesmo tempo que gritava, pedindo socorro.

Afastei-me depressa e levantei as mãos. “Eu me entrego! Eu me entrego!”

Vários policiais derramaram-se pela porta do Distrito, e atravessaram a rua correndo. Agarraram-me e arrastaram-me para a Delegacia, fazendo-me subir os degraus e entrar no prédio.

O guarda que lutara comigo bateu com força no meu rosto. Senti na boca o sangue que saía dos lábios.

“Você é um valentão quando está armado, mas por dentro é um covarde como todo o resto desses tiras sujos”, disse eu.

Ele me bateu outra vez; fingi que desmaiava e caí no chão.

“Levante-se, porco imundo. Desta vez vamos ajustar as contas com você.”

Enquanto eles me arrastavam para outra sala, ouvi o sargento escrevente murmurar : “Acho que esse cara é louco. Deve ficar preso até mofar, antes que mate alguém.”

Eu já fora preso muitas vezes, mas eles nunca conseguiram me segurar por muito tempo. Ninguém testemunhara contra mim, porque sabia que quando eu saísse da cadeia haveria de matá-lo, ou os Mau-Maus matariam para mim.

Dessa vez eles me levaram para o outro lado da cidade, e colocaram-me em uma cela. O carcereiro deu-me um empurrão, quando entrei na cela. Virei-me e arremeti contra ele dando socos. O homem puxou-me para o corredor, e outro guarda me segurou, enquanto ele me esmurrava à vontade.

“A única maneira de tratar esses p... é bater neles até matá-los”, disse ele. “São uma súcia de porcos sujos e fedorentos. A cadeia está cheia de negros, italianos e porto-riquenhos. Você é igualzinho ao resto, e se não entrar na linha, vai acabar desejando que estivesse morto.”

Empurraram-me de novo para a cela, e eu caí no chão duro, dirigindo-lhes palavrões. “Está bom, vagabundo”, disse o carcereiro ao fechar a porta da cela, “por que você não se levanta e briga conosco agora? Você não é tão durão?” Mordi os lábios e não respondi, mas sabia que iria matá-lo quando saísse.

No dia seguinte o carcereiro voltou à minha cela. Quando abriu a porta, joguei-me de novo contra ele, empurrando-o de volta para o corredor. Ele me bateu na cabeça com o molho de chaves. Senti o sangue correr de um corte no supercílio.

“Vamos, pode bater em mim”, gritei, “mas um dia vou à sua casa e mato a sua mulher e seus filhos. Espere para ver.”

Eu estava sendo acusado apenas de uma pequena contravenção, por ter resistido à prisão e desobedecido à autoridade. Mas estava piorando a minha própria situação. O carcereiro me deu um soco, jogando-me de

costas no chão da cela, e fechou a porta.

“Pois bem, cachorro, você pode apodrecer aí!” Meu julgamento foi na semana seguinte. Fui algemado e marchei para o tribunal. Sentei-me em uma cadeira, e um policial começou a ler as acusações.

O juiz, um homem de rosto severo, de cerca de cinquenta anos, que usava óculos sem aro, disse. “Espere um minuto: este rapaz já não esteve no banco dos réus?”

“Sim, meritíssimo”, respondeu o policial, “esta é a terceira vez que ele é trazido ao tribunal. Além disto, ele tem vinte e uma prisões na sua folha corrida, e tem sido acusado de tudo, desde roubo até assalto a mão armada e tentativa de homicídio.”

O juiz virou-se e olhou para mim: “Quantos anos você tem, rapaz?”

Curvei-me na cadeira e fixei os olhos no chão.

“Levante-se quando eu falar com você!” explodiu o juiz.

Fiquei de pé e olhei para ele

“Perguntei quantos anos você tem”, repetiu ele firmemente

“Dezoito”, respondi.

“Você tem dezoito anos e já foi preso vinte e uma vezes e já compareceu ao banco dos réus três vezes. Por que seus pais não vieram com você?”

“Eles estão em Porto Rico”, respondi.

“Com quem você vive?”

“Com ninguém. Não preciso de ninguém. Vivo sozinho.”

“Há quanto tempo vive sozinho?”

“Desde quando cheguei a Nova York, há três anos atrás.”

“Meritíssimo”, interrompeu o oficial de justiça, “ele não presta. É o presidente dos Mau-Maus. É o centro de todos os problemas que temos tido no conjunto habitacional. Nunca vimos um rapaz tão malvado e incorrigível como este. É como um animal, e a única coisa que se pode fazer com um cachorro louco é enjaulá-lo. Gostaria de recomendar, meritíssimo, que Vossa Ex<sup>a</sup>. o colocasse na prisão até que ele completasse vinte e um anos. Quem sabe se até então poderíamos manter um pouco de ordem em Fort Greene.”

O juiz virou-se e olhou para o oficial de justiça:

“Você diz que ele é como um animal, não é? Um cachorro louco, não é assim?”

“Exatamente, meritíssimo. E se V. Ex<sup>a</sup>., soltá-lo, ele matará alguém antes do escurecer.”

“Sim, creio que você tem razão”, disse o juiz, olhando para mim outra vez. “Mas penso que precisamos pelo menos tentar descobrir o que é que faz com que ele seja como um animal. Por que é tão depravado? Por que odeia, rouba, briga e mata? Centenas de rapazes como ele passam pelos tribunais todos os dias, e creio que o Estado, tem, por assim dizer, uma obrigação de tentar salvar alguns destes rapazes. Não apenas trancá-los pelo resto de suas vidas. Creio que bem no fundo do coração deste perverso “cachorro louco” há uma alma que pode ser salva.”

Virou-se para o oficial de justiça: “Você acha que devemos tentar?”

“Não sei, meritíssimo”, disse o policial. “Estes rapazes mataram três policiais nos últimos dois anos, e tivemos quase cinquenta assassinatos naquele bairro, desde que estou naquela ronda. Só compreendem a linguagem da força. Estou certo de que.

se V. Ex<sup>a</sup>. soltá-lo, teremos de prendê-lo de novo. Só que da próxima vez poderá ser por assassinato .”

O juiz lançou os olhos à folha de papel que tinha à sua frente.

“Cruz, não é? Venha aqui, Nicky Cruz, e fique de pé diante da mesa.”

Levantei-me e fui até onde ele estava. Senti que meus joelhos começavam a tremer.

O juiz debruçou-se sobre a mesa e olhou-me dentro dos olhos.

“Nicky, eu tenho um filho da sua idade. Ele vai à escola, vive em uma boa casa, em um bairro agradável. Ele não se mete em barulho. Joga beisebol no time da escola e tem boas notas. Não é um cachorro louco como você. A razão é que tem alguém que o ama. Parece evidente que ninguém ama você — e você também não ama a ninguém. Não tem capacidade para amar. Você está doente, Nicky, e eu quero saber o motivo. Quero saber o que faz você odiar tanto. Você não é normal como os outros rapazes. O oficial tem razão. Você é um animal. Vive como um animal e age como um animal. Devia tratá-lo como a um animal, mas vou tentar descobrir porque você é tão anormal. Ficarà sob a custódia do psicólogo do tribunal, o Dr. John Goodman. Não estou qualificado para decidir se você é ou não um psicopata. Ele vai examiná-lo e dar a decisão final.”

Sacudi a cabeça. Eu não sabia se ele iria me soltar ou deixar na cela, mas compreendi que ele não ia mandar-me para a cadeia, pelo menos por enquanto.

“Mais uma coisa, Nicky”, disse o Juiz, “se você arranjar novas encrencas, se eu tiver uma só queixa contra você, se fizer qualquer coisa errada, saberei então que é completamente incapaz de seguir ordens, e aceitar responsabilidades, e será imediatamente enviado para

Elmira, para a colônia agrícola . Compreendeu?”

“Sim, senhor”, respondi. E fiquei surpreso comigo mesmo. Era a primeira vez que respondia a alguém dizendo “senhor”. Mas pareceu-me a coisa mais correta a dizer naquele caso.

No dia seguinte, logo de manhã, o psicólogo do tribunal, Dr. John Goodman, entrou em minha cela. Era um homenzarrão de cabelos prematuramente grisalhos nas têmporas, e uma profunda cicatriz na face. O colarinho de sua camisa estava gasto e os sapatos sem brilho.

“Fui encarregado de acompanhar o seu caso”, disse ele, sentando-se no meu catre e cruzando as pernas. “Isto significa que teremos de passar algum tempo juntos.”

“Está certo, grandão, seja como quiser.”

“Escute, vagabundo, converso com vinte sujeitos como você todos os dias. Veja como fala comigo, senão vai ser pior para você.”

Fiquei surpreendido com seus modos rudes, mas repliquei com arrogância: “Quem sabe quer receber uma visita dos Mau-Maus uma noite destas?”

Antes que pudesse mover-me, o médico havia me agarrado pelo colarinho, e quase me levantou do chão.

“Deixe-me dizer-lhe algo, espirro. Passei quatro anos nas gangs e três nos Fuzileiros Navais, antes de ir para a Faculdade. Está vendo esta cicatriz?” Ele virou a cabeça para que eu pudesse ver a profunda cicatriz que ia da ponta do seu queixo até o colarinho da camisa. “Ganhei isto nas quadrilhas, mas não antes de ter matado seis outros pulhas com um taco de beisebol. Agora, se quer bancar o valente, encontrou o homem certo.”

Ele me empurrou para trás. Tropecei no catre e

caí sentado. Cuspi no chão, mas não falei mais nada.

Sua voz voltou a um tom normal quando disse: “Amanhã de manhã tenho de fazer uma viagem à montanha Bear. Você pode ir comigo, e então conversaremos.

No dia seguinte estive sob o exame informal do psicólogo. Saímos da cidade e entramos no Estado de Nova York. Era a minha primeira viagem fora da selva de asfalto, desde que chegara de Porto Rico, três anos antes. Senti um certo entusiasmo, mas permaneci amuado e arrogante, quando me fazia perguntas.

Depois de uma breve parada na clínica, levou-me ao jardim zoológico, no parque público. Andamos pelo caminho que passava defronte às jaulas. Parei e observei os animais selvagens andando para lá e para cá, detrás das grades.

“Você gosta de zoológicos, Nicky ?” perguntou ele.

“Detesto”, respondi, dando as costas para as jaulas e descendo caminho abaixo. “Ah, é? Por quê?”

“Odeio esses bichos fedorentos. Sempre andando para lá e para cá. Sempre querendo sair.”

Sentamos em um banco do parque, e conversamos. O Dr. John tirou alguns cadernos de uma pasta, e pediu-me para fazer alguns desenhos. Cavalos. Vacas. Casas. Fiz uma casa com uma porta enorme na frente.

“Por que colocou uma porta tão grande na casa?” perguntou ele.

“Para o estúpido psiquiatra poder entrar”, respondi .

“Não aceito isto. Dê-me outra resposta.”

“Pois bem, para eu poder sair depressa no caso de alguém estar atrás de mim.”

“Muita gente desenha portas para entrar.”

“Eu não. Estou querendo sair.”

“Agora desenhe uma árvore”, disse ele.

Desenhei uma árvore. Pensei, então, que não estava certo ter uma árvore sem um passarinho, e por isso desenhei um no alto da árvore.

O Dr. Goodman olhou para o desenho e disse: “Você gosta de pássaros, Nicky?”

“Detesto.”

“Você parece que tem ódio de tudo.”

“Sim. Pode ser que sim. Mas detesto pássaros mais do que tudo.”

“Por quê ?” perguntou ele, “por que são livres ?”

Ouvi um trovão rolando surdamente no céu, à distância.

Aquele homem estava começando a me amedrontar com suas perguntas. Peguei um lápis e fiz um buraco no lugar da figura do pássaro.

“Então esqueça o passarinho. Já está morto.”

“Você pensa que pode livrar-se de todas as coisas de que tem medo, matando-as, não é?”

“Que diacho você pensa que é, seu charlatão estúpido?” gritei.

“Pensa que pode me fazer desenhar uma figura estúpida, fazer-me algumas perguntas bobas, e saber tudo a meu respeito? Eu não tenho medo de ninguém. Todo mundo tem medo de mim. Pergunte aos Bishops, eles lhe contarão. Não há nenhuma quadrilha de Nova York que queira encenar com os Mau-Maus. Eu não tenho medo de ninguém.” Minha voz se elevava febrilmente, enquanto o enfrentava.

O Dr. John continuou escrevendo coisas em seu bloco.



“Sente-se, Nicky”, disse ele, levantando os olhos, “não precisa tentar impressionar-me.”

“Escute, cara, para de encher, senão acabo com você “

O ribombar no horizonte tornou-se mais forte. Continuei de pé à sua frente, tremendo. Dr. John olhou para cima e começou a dizer alguma coisa, mas os pingos de chuva começaram a cair com força no caminho, ao nosso lado. Ele sacudiu a cabeça: “É melhor irmos embora antes que fiquemos molhados”, disse.

Fechamos as portas do carro exatamente no instante em que a primeira pancada forte de chuva salpicava o pára-brisa. O Dr. John ficou sentado silenciosamente durante muito tempo, antes de dar partida no carro e sair para a estrada.

“Eu não sei, Nicky”, disse ele, “não sei mesmo.” A viagem de volta foi horrível. A chuva bombardeava o carro sem compaixão. O Dr. John guiava silenciosamente. Eu estava perdido em meus pensamentos. Odiava ter de voltar para a cidade. A idéia de voltar para a cadeia me amedrontava. Era insuportável ficar enjaulado como um animal selvagem

A chuva parou, mas o sol já se escondera quando passamos pelas centenas de quarteirões de altos edifícios de apartamento encardidos. Eu me sentia como se estivesse afundando em uma fossa. Gostaria de sair e correr. Mas, em lugar de dirigir-se ao presídio, o Dr. John diminuiu a marcha e entrou na Av. Lafayette, em direção ao conjunto habitacional de Fort Greene.

“Não vai me levar para a cadeia?” perguntei, confuso.

“Não. Tenho direito de trancá-lo ou soltá-lo. Não acho que a cadeia vai lhe trazer nenhum benefício .”

“Boa, meu chapa, agora você está na minha”, falei rindo.

“Não, você não compreende o que eu quero dizer. Acho que nada pode ajudá-lo!”

“Que é isso, doutor, acha que não há esperança?” gargalhei.

Ele estacionou o carro na esquina da Av Lafayette com Fort Greene.

“Exatamente, Nicky. Tenho trabalhado com rapazes como você durante anos. Eu vivi num gueto. Mas é a primeira vez que vejo alguém tão duro, frio e selvagem como você. Não reagiu a nada que eu lhe disse. Odeia a tudo e a todos, e tem medo de tudo que possa ameaçar a sua segurança.”

Abri a porta e saí: “Olhe, doutorzinho, pode ir para o inferno. Não preciso de você nem de ninguém .”

“Nicky”, disse ele, quando eu comecei a afastar-me do carro, “quero ser bem claro : você está condenado. Não tem esperança A menos que mude, está numa estrada que o levará direto à cadeia, à cadeira elétrica, e ao inferno.”

“Acha ? Vejo você lá então”, disse eu. “Onde?” perguntou.

“No inferno, meu chapa”, respondi, dando uma risada.

Ele sacudiu a cabeça e arrancou, perdendo-se em meio à noite escura. Tentei continuar rindo, mas o som morreu na minha garganta.

Fiquei parado na esquina com as mãos nos bolsos da capa. Eram sete horas da noite, e as ruas estavam cheias de incontáveis rostos, pessoas de passos apressados.. andando, andando, andando... Eu me senti como uma folha no mar da humanidade, sendo levado

para todas as direções pelas minhas próprias paixões insensatas. Olhei para o povo. Todo mundo se movia. Alguns estavam correndo. Estávamos em maio, mas o vento era frio. O vento fustigou minhas pernas e esfriou-me por dentro.

As palavras do psicólogo continuaram soando em minha mente como um disco enguiçado: “O seu único caminho é a cadeia, a cadeira elétrica, e o inferno.”

Eu jamais havia olhado para mim mesmo, antes. Seriamente, não. Gostava de olhar para mim mesmo no espelho. Sempre fora um rapaz asseado, o que é um pouco incomum para a maioria dos porto-riquenhos do meu bairro. Diferentemente de quase todos os rapazes da quadrilha, eu me orgulhava da forma como me vestia. Gostava de usar gravatas e camisas coloridas. Sempre procurava conservar as calças bem passadas, e usava montes de loção no rosto. Não fumava muito, para evitar o mau hálito produzido pelo cigarro.

Senti-me, porém, sujo por dentro, repentinamente. O Nicky que eu via no espelho não era o verdadeiro Nicky. E o Nicky que eu estava vendo agora era sujo... imundo... perdido.

Da vitrola automática no bar do Papa John ouvia-se o som gritante de um disco de música popular. O trânsito na rua era intenso: um carro encostado no pára-choque do outro. As buzinas tocavam, apitos silvavam, pessoas gritavam. Olhei para os seus rostos inexpressivos e anônimos. Ninguém sorria. Todos pareciam apressados. Alguns mendigos estavam embriagados. Na frente do bar, a maioria dos sujeitos estava maconhada. Aquele era o verdadeiro Brooklin. Aquele o verdadeiro Nicky...

Comecei a subir a rua em direção ao meu quarto na Fort Greene. Folhas de jornal levadas pelo vento agarravam-se à cerca de ferro e às grades de aço diante das lojas. Havia garrafas quebradas e latas de cerveja

vazias ao longo da calçada. O cheiro de comida sebosa descia até a rua, e eu me senti nauseado. A calçada tremia debaixo dos meus pés, quando os trens passavam matraqueando rumo às trevas desconhecidas.

Encontrei-me com um trapo de velha. Eu disse “velha”, mas pelas costas não se podia dizer a sua idade. Ela era baixa, mais baixinha do que eu. Tinha um lenço preto enrolado na cabeça, bem apertado. Seu cabelo amarelo-avermelhado, tingido repetidas vezes, aparecia nas beiradas. Vestia uma velha jaqueta de lã de marinheiro, seis números maior que o tamanho certo. Suas pernas magras, envoltas em calças negras, pareciam palitos abaixo do casaco. Calçava sapatos de homem, sem meias.

Odiei-a. Ela simbolizava toda a sujeira e imundície da minha vida. Procurei a faca no bolso. Desta vez eu não estava brincando. Fiquei imaginando com que força precisaria golpeá-la para que a lâmina atravessasse o casaco grosso e atingisse suas costas. Imaginar que o sangue gotejaria da barra do casaco e se empoçaria na rua, deu-me uma sensação pegajosa de calor.

Naquele momento um cachorrinho veio correndo rua abaixo em nossa direção, e desviou-se dela. Ela virou-se e olhou para ele com olhos vazios e mortiços. Reconheci-a como uma das prostitutas decadentes que viviam no meu quarteirão. Pela sua aparência, pelos olhos semicerrados, inexpressivos, percebi que estava “baratinada”.

Soltei a faca, voltando a pensar em mim mesmo, e comecei a ultrapassá-la. Ao fazê-lo, vi seus olhos vazios observando um balão vermelho vivo, levado pelo vento para o meio da rua.

Um balão. Meu primeiro instinto foi correr para o meio da rua e pisá-lo. Que ódio senti dele. Era livre.

Repentinamente, uma grande onda de compaixão

me dominou. Identifiquei-me com aquela estúpida bola flutuante. É estranho que a primeira vez em que tive piedade em toda a minha vida, foi por um objeto inanimado sendo levado pelo vento, sem destino.

Assim, em vez de descer até o meio da rua e estourá-lo, ultrapassei a mulher e apertei o passo para acompanhar o balão que voava e saltava pela rua suja.

Parecia estranhamente deslocado naquele lugar imundo. Ao seu redor havia papéis e lixo também soprados pelo vento frio. Na calçada viam-se garrafas de vinho quebradas e latas de cerveja amassadas. De ambos os lados da rua ficavam as paredes de concreto e pedras negras, desbotadas, da prisão inescapável onde eu morava. E ali, no meio de tudo aquilo, estava uma bola vermelha, livre, sendo levada pelas forças invisíveis do vento.

O que havia naquele estúpido balão que me interessava? Apertei ainda mais o passo para acompanhá-lo. Surpreendi-me desejando que o balão não batesse em um pedaço de vidro e estourasse, embora soubesse que ele não duraria muito. Era muito delicado. Muito limpo; tenro e puro demais para continuar a existir no meio daquele inferno.

Prendia a respiração cada vez que ele saltava no asfalto, esperando o estouro final e inevitável, mas continuou seu trajeto saltitante pelo meio da rua. Fiquei pensando: “Pode ser que ele consiga. Pode ser que chegue até o fim do quarteirão, e seja levado pelo vento, para a praça, livre. Afinal de contas, é possível que ele tenha chance de sobreviver .”

Eu estava quase rezando para que tal acontecesse. Porém, a depressão voltou quando pensei na praça. Aquela praça mal-cheirosa e estúpida. O que acontecerá se ele chegar ao jardim? E depois? Não há nada para ele ali. Será atirado, pelo vento, contra a cerca enferrujada e explodirá. Ou mesmo que consiga

passar por cima da cerca e entre no gramado, cairá em cima de algum espinho na grama ou nos arbustos, e lá se vai...

“Ou então”, pensei com meus botões, “mesmo que alguém o pegue, vai levá-lo para o seu imundo apartamento, onde ficará aprisionado para o resto da vida. Não há esperança. Não há esperança para ele — nem para mim.”

Subitamente, sem aviso prévio, um carro da polícia surgiu na esquina. Antes que eu pudesse interromper minha cadeia de pensamentos, ele estava em cima do balão. Ouvi um pequeno estouro, quando o carro, sem compaixão, esmagou-o contra o chão. O carro sumiu — desceu a rua e virou a esquina. Nem percebeu o que acontecera, e mesmo que soubesse, não se importaria. Mas eu quis correr atrás do carro e gritar: “Meganhas imundos, não enxergam?” Queria matá-los por me terem esmagado no meio da rua.

Senti um desânimo mortal. Parei no meio-fio e olhei para a rua escura, porém não havia sinal do balão. Seus restos se misturaram com o lixo e o cascalho, no meio da rua, e se identificaram com toda a sujeira de Brooklin.

Voltei e sentei-me na escada. A velha meretriz desaparecera nas trevas. O vento ainda assobiava e os papéis e o lixo continuaram sendo soprados rua abaixo, e atirados contra a cerca que rodeava a praça. Outro metrô matraqueou debaixo da terra, e retumbou nas trevas. Eu estava com medo. Eu, Nicky. Estava com medo. Estava tremendo, não de frio, mas por dentro. Coloquei a cabeça entre as mãos, e pensei: “Não adianta. Estou condenado. É exatamente como o Dr. John disse. Não há esperança para o Nicky; seu destino é a cadeia, a cadeira elétrica e o inferno.”

Depois daquilo nada mais me importava. Devolvi a presidência da quadrilha a Israel. Estava na fossa; não

podia descer mais fundo. Não havia mais esperança. Eu podia muito bem fazer como todos os outros no gueto, e recorrer à agulha. Estava cansado de fugir. O que o juiz dissera que me faltava? Amor! Mas onde poderia encontrar amor dentro da fossa?

## Capítulo 10

# O ENCONTRO

---

ERA UMA TARDE QUENTE de sexta-feira, em julho de 1958. Israel, Lídia e eu estávamos sentados na escada defronte ao meu apartamento, quando alguns dos garotos vieram correndo rua abaixo.

“Ei, o que está acontecendo?” gritei para eles.

“É um circo que está lá na escola”, respondeu um dos meninos.

Acontecimentos extraordinários são raros em Brooklin. Esta é uma das razões que temos para criar nossos próprios divertimentos, em forma de lutas, narcóticos e sexo. Qualquer coisa era melhor do que ficar ali sentado. Por isso, atravessamos o jardim em direção à escola da Rua St. Edward.

Quando chegamos, uma grande multidão se formara em frente ao Posto Policial n.º 67. Abrimos caminho através do povo, derrubando ao chão os meninos pequenos, para ver o que estava acontecendo.

Um homem se achava de pé sobre o hidrante, tocando “Avante, Avante, ó Crentes” em um pistom. Ele ficou repetindo a mesma música, vezes sem conta. Ao seu lado, de pé na calçada, estava outro homem.

O indivíduo mais magro, mais fraco e mais insignificante que eu já vira. Sobre eles, presa a um mastro, drapejava uma bandeira americana.

O pistonista finalmente parou, e a turba começou a gritar para ele. Quase cem rapazes e moças se haviam reunido, bloqueando a rua e a calçada.

O magrinho tinha uma banqueta de piano que trouxera da escola. Subiu nela e abriu um livro preto. Começamos a gritar e a gracejar. Ele ficou ali, com a cabeça curvada e vimos que estava com medo. A gritaria tornou-se maior. A multidão era compacta.

De repente, percebi que tudo silenciara. Desviei a atenção de Lídia e olhei para o homem de pé sobre o banquinho. Ele curvara a cabeça e segurara o livro preto, aberto. Uma sensação de medo percorreu o meu corpo, a mesma que costumava sentir quando, em casa, meu pai praticava a feitiçaria. Tudo ficou estranhamente quieto; até os carros na Av. Park, a meio quarteirão dali, pareciam não estar fazendo ruído algum. Era um silêncio esquisito. Fiquei amedrontado.

O velho medo, que eu não sentira desde que me juntara aos Mau-Maus, repentinamente me dominou. Era o medo que eu precisara combater no tribunal, diante do juiz; era o medo que sentira na noite em que fora para casa, depois da entrevista com o psicólogo do tribunal. Das outras vezes eu pudera afastá-lo, ou fugir dele. Mas agora, ele se agarrava ao meu coração e ao meu corpo, e eu podia senti-lo tomar posse da minha própria alma. Queria escapar — mas todo mundo estava escutando — esperando.

De repente, o magricela levantou a cabeça e, numa voz tão fraca que mal se podia ouvir, começou a ler no livro preto: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”



Eu tremia de medo. Aquele sujeito devia ser uma espécie de padre, ou feiticeiro, ou coisa parecida. Ele estava falando de amor. Eu conhecia o “amor”. Era experiente nisso. Estendi a mão e belisquei a coxa de Lídia. Ela olhou para mim : “Escute o que ele diz, Nicky.” Fechei a cara e voltei os olhos de novo para o magricela. Ele estava falando a respeito de pedirmos que acontecesse um milagre. Eu não sabia o que era um milagre, mas todo mundo estava escutando, e eu não queria ser diferente.

O homem tinha parado de falar e estava ali de pé, esperando alguma coisa acontecer. Disse a seguir que queria falar com os presidentes e vice-presidentes das quadrilhas. Comecei a achar aquele homem perigoso. Ele estava invadindo o nosso mundo e eu não queria que nenhum estranho se intrometesse.

Ele continuou: “Se vocês são tão grandes e tão fortes, não terão medo de vir aqui e apertar a mão de um pregador magricela, não é?”

Houve um movimento na multidão. Alguém gritou, lá de trás: “Ei Buck, o que é que há, está com medo?” Referiam-se a Buck, o presidente dos Chaplains, nossa quadrilha irmã.

Ouvi um bulício atrás, na multidão, e olhei: ali vinha Buck ao lado de Stage e mais dois membros daquela gang de rapazes de cor. Dirigiram-se para o pregador magrinho, que agora descera da banqueta e os esperava.

Fiquei mais nervoso. Não estava gostando daquilo, de forma alguma. Dei uma olhada ao meu redor, e parecia que todo mundo estava sorrindo e abrindo caminho para Buck e Stage passarem.

Eles se cumprimentaram, e depois o pregador e o pistonista levaram Buck, Stage e os outros dois rapazes para a entrada da escola. Ficaram lá conversando; eu

me afastei de Lídia, e me aproximei de Israel. “O que estão fazendo ?” perguntei-lhe. Israel não respondeu. Tinha um ar estranho.

De repente, eu vi todos eles se ajoelhando ali mesmo, na rua. Buck e Stage tinham tirado o chapéu e o seguravam, ajoelhados ali na calçada.

Quando se levantaram, voltaram para o meio da multidão. Eu gritei para Buck: “Ei, Buck, você é crente agora?” Buck era um rapaz corpulento; tinha naquela época uns oitenta quilos e cerca de 1,80m de altura. Virou-se e olhou para mim de uma forma que eu nunca vira antes. Seu rosto estava sério, muito sério. Seu olhar penetrou profundamente no meu, e compreendi o que queria dizer, embora não entendesse o que lhe acontecera. Estava dizendo, com os olhos: “É melhor você cair fora, Nicky; isto não é hora de piadas.”

Subitamente, alguém gritou para mim: “Ei, Nicky, será que aqueles negrinhos vão deixar você pra trás? Está com medo de ir à frente, também?”

Israel me cutucou e acenou com a cabeça em direção aos dois homens. “Vamos, Nicky, vamos.” Vi que ele estava falando sério, e me afastei. Havia algo de sinistro naquilo tudo... algo perigoso e enganador. Fazia-me lembrar de algo de que eu tinha terror mortal.

A turba começou a vaiar e a gritar: “Ei, veja o nosso líder. Ele está com medo do pregador magrinho.”

Israel puxou-me pelo paletó. “Vamos, Nicky.” Eu não tinha escolha: fui à frente e me coloquei diante dos dois homens.

Israel deu a mão para eles. Eu ainda estava com medo, retraído. O homem magrinho veio até mim e estendeu a mão. “Nicky, meu nome é Davi Wilkerson. Sou um pregador da Pensilvânia.”

Olhei bem para ele e disse: “Vá pro inferno, pre-

gador.”

“Você não gosta de mim, Nicky”, falou ele, “mas eu penso diferente. Gosto de você. E não é só isto: vim para lhe falar sobre Jesus, que também ama você.”

Eu me senti como um animal apanhado numa armadilha, prestes a ser enjaulado. Atrás de mim estava a multidão. Na minha frente, a face sorridente daquele homem franzino falando de amor. Ninguém me amava. Ninguém jamais me amara. Enquanto estava ali de pé, recordei-me daquela ocasião, tantos anos antes, quando ouvira minha mãe dizer com ódio: “Não gosto de você, Nicky.” Pensei: “Quando nossa própria mãe não ama a gente, ninguém nos ama — nem pode amar.”

O pregador continuava ali de pé, sorrindo, com a mão estendida. Eu sempre me orgulhara de não ter medo. Mas, estava com medo. Com muito medo de que aquele homem fosse me pôr numa jaula. Ele ia roubar-me os amigos. Ia transtornar tudo em minha vida, e por isso eu o odiava.

“Se chegar perto de mim, pregador, eu te mato”, disse eu, retraindo-me, buscando a proteção do povo. Estava amedrontado e não sabia como enfrentar a situação.

O pavor me dominava. Sentia-me quase em pânico. Rosnei algo para ele e pus-me a andar através da multidão. “Este homem é comunista, turma”, gritei. “Saíam daqui. Ele é comunista.”

Eu não sabia o que era um comunista, mas sabia que era algo que todos deveriam combater. Eu estava fugindo, e bem sabia disso, mas é que não conseguia enfrentar uma situação como aquela. Se ele tivesse me atacado com uma faca, teria enfrentado. Se tivesse vindo rogando e suplicando, teria rido dele, e lhe daria um soco nos dentes. Mas ele veio dizendo: “Gosto de você.” E eu nunca tivera que enfrentar alguém que se

aproximasse de mim com afeto.

Atravessei a multidão com a cabeça levantada e o peito estufado. Cheguei até Lídia, agarrei-a pelo braço, e levei a comigo; começamos a subir a Rua St. Edward, afastando-nos da escola.

Alguns rapazes nos seguiram. Descemos ao porão e liguei a vitrola ao máximo. Estava tentando abafar o som daquelas palavras: “Jesus ama você.” Por que um fato como aquele me deixara tão confuso? Dancei um pouco com Lídia, bebi meia garrafa de vinho barato e fumei um maço de cigarros. Fumei muito — acendendo um cigarro no toco do outro. Lídia percebeu que eu estava nervoso. “Nicky, quem sabe você deveria conversar com o pregador. Ser cristão pode não ser tão ruim como você pensa.” Olhei-a carrancudo: ela baixou a cabeça.

Eu me sentia miserável. E com medo. De repente, houve uma agitação na porta; levantei os olhos e vi o pregador magricela entrando. Ele parecia completamente deslocado, ali naquele porão sujo, com o terno bonito, camisa branca e gravata limpa. Perguntou a um dos rapazes : “Onde está o Nicky ?”

O rapaz apontou para o lugar onde eu me achava sentado com o rosto escondido nas mãos, o cigarro pendente dos lábios.

Davi atravessou a sala como se o lugar lhe pertencesse. Tinha um sorriso a iluminar-lhe a face. Estendeu a mão outra vez, dizendo: “Nicky, eu apenas queria acertar a sua mão e...” Antes que pudesse terminar, dei-lhe um tapa na cara — com toda força. Ele tentou forçar um sorriso, mas era evidente que eu o impressionara. A seguir, porém, conseguiu controlar-se e outra vez o medo brotou dentro de mim, a ponto de sentir o estômago embrulhado. Fiz a única coisa que sabia fazer, para me vingar: cuspi nele.

“Nicky, cuspiram em Jesus também, e ele orou :  
“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”

“Saia daqui! Vá pro inferno!” gritei, furioso, e empurrei-o para a porta.

“Nicky, antes de sair, quero dizer só uma coisa: Jesus ama você.”

“Caia fora, padre doido. Não sabe o que fala. Vou lhe dar vinte e quatro horas para deixar meu território; depois, te mato.”

O Rev. Wilkerson retirou-se, ainda sorrindo. “Lembre-se, Nicky, Jesus ama você.”

Era mais do que eu podia suportar. Peguei a garrafa de vinho vazia que estava no chão e atirei-a no assoalho espatifando-a. Nunca me sentira tão frustrado, tão desesperado, tão insatisfeito.

Saí porta afora, batendo os pés. O meu orgulho borbulhava dentro de mim. Percebi que todos os outros rapazes sabiam que aquele sujeito conseguira me impressionar. A única maneira que conhecia para enganá-los era agir rudemente. Se desse demonstração das minhas verdadeiras emoções, mesmo por um instante, sentia que perderia todo o respeito da quadrilha.

“Aquele macumbeiro estúpido, maluco”, disse eu; “se ele voltar aqui, ponho fogo nele.” Bati a porta atrás de mim e permaneci na calçada, olhando-o pelas costas, enquanto ele se retirava apressado. “Convencido”, pensei. Apesar de tudo, lá no fundo eu sabia que havia algo de verdadeiro naquele homem estranho.

Voltei-me, e andei na direção oposta. Parei no salão de bilhar, comecei uma partida, tentando concentrar-me na ponta do meu taco. Porém tudo o que eu conseguia ouvir em minha mente era a voz do pregador magricela, e as palavras : “Jesus ama você.”

“Que me importa”, pensei; “ele não vai me as-

sustar. Ninguém me mete medo.”

Fiz as duas jogadas seguintes e atirei o taco na mesa. “Jesus ama você”, as palavras ressoavam nos meus ouvidos. Disse aos rapazes que estava doente e arrastei-me de volta ao meu apartamento.

Tinha medo de estar realmente doente. Nunca me recolhera tão cedo. Eram vinte e duas e trinta e eu sempre esperava até três ou quatro horas da madrugada para ir dormir. Fechei a porta e tranquei-a. Tremia ao atravessar o quarto e ao acender o pequeno quebra-luz sobre a mesa, ao lado da cama. Peguei meu revólver no guarda-roupa, coloquei duas balas no tambor, e deixei-o também na mesa. Chutei fora os sapatos e troquei de roupa. Deixei o maço de cigarros sobre a mesa, deitei, e fiquei olhando para o forro. Ouvia as palavras de Davi Wilkerson repetindo-se sem cessar: “Jesus ama você, Nicky, Jesus ama você.”

Levantei a mão, apaguei a luz e acendi um cigarro. Novamente, fumei um cigarro atrás do outro. Não conseguia repousar. Virava-me de um lado para outro. Não conseguia dormir. As horas passavam. Finalmente, levantei-me, acendi a luz e olhei o relógio : cinco da madrugada. Eu me revirara na cama a noite inteira.

Levantei-me, vesti-me e guardei o revólver no guarda-roupa, novamente. Peguei os cigarros, descii os dois lances de escadas e abri a porta da frente do prédio de apartamentos. O céu tinha começado a ficar cinzento. À distância, ouviam-se os sons da grande cidade, que bocejava e se espreguiçava, voltando à vida.

Sentei-me nos degraus do prédio, com a cabeça nas mãos. “Jesus ama você... Jesus ama você... Jesus ama você.”

Ouvi um carro parar em frente ao apartamento e a porta bater. Senti o peso da mão de alguém em meu ombro. Levantei a cabeça e vi o pregador franzino de pé,

diante de mim. Estava ainda sorrindo, e disse: “Oi, Nicky. Você se lembra do que lhe falei ontem à noite? Tive vontade de voltar e dizer-lhe outra vez : Nicky, Jesus ama você.”

Fiquei em pé de um salto e fiz um movimento para atingi-lo. Davi tinha certamente percebido, pois pulou para trás, para fora do meu alcance. Fiquei rosnando como um animal pronto para o bote. Ele olhou-me bem nos olhos, e disse: “Você pode me matar, Nicky. Você pode me cortar em mil pedaços e jogá-los na rua. Mas, cada pedaço continuaria gritando: “Jesus ama você”. Nunca poderá escapar disto.”

Eu tentei intimidá-lo com meu aspecto belicoso, mas ele continuou falando: “Nicky, não tenho medo de você. Você fala grosso, mas por dentro é exatamente igual a todos nós. Está com medo. Está cansado dos seus pecados. Sente-se solitário. Mas Jesus ama você.”

Algo deu um estalo em mim: como é que ele sabia que eu me sentia solitário? Eu não sabia do que ele falava quando mencionou pecado; tinha medo de admitir meus temores. Mas, como ele sabia que eu me sentia solitário ? A quadrilha estava sempre ao meu lado. Tinha tido todas as garotas que desejara. As pessoas tinham medo de mim — ao me verem, elas desciam da calçada e andavam pelo meio da rua. Eu era o chefe da gang. Como alguém podia saber que me sentia isolado? Esta era, porém, a verdade. E aquele pregadorzinho sabia disso.

Tentei parecer esperto : “Você acha que vai me transformar de um momento para outro?” disse eu, estalando dois dedos. “Você acha que vou atendê-lo, vou pegar uma Bíblia e andar por aí pregando, e o povo vai começar a dizer : Nicky Cruz — anjo — santo ?” Mas eu compreendi que ele estava decidido. E que era sincero.

“Nicky, você não dormiu muito esta noite, não é ?” Fiquei de novo admirado. Como é que ele sabia que eu

não dormira ?

“Eu também não dormi muito esta noite, Nicky. Fiquei acordado a maior parte da noite, orando por você. Antes disso, conversei com alguns dos rapazes daqui. Eles me disseram que ninguém pode aproximar-se de você. Todos têm medo de você. Olhe, Nicky, eu vim para dizer-lhe que alguém se importa com você: Jesus. Ele ama você.” Olhou-me então bem firme nos olhos : “Um dia, e não demora muito, Nicky, o Espírito de Deus começará a operar em você. Um dia, Nicky, você vai deixar de fugir, e vai correr para ele.”

Eu não disse nada. Levantei-me, dei-lhe as costas e entrei no prédio, fechando a porta atrás de mim. Subi a escada, entrei no meu apartamento e sentei-me na cama. Olhando pela janela, vi que o carro dele se fora. No leste, o céu estava começando a ficar rosado. Um enorme edifício, do outro lado da rua, bloqueava a minha visão do horizonte. Porém, subitamente, assim como sentimos a brisa marítima quando ainda estamos a muitos quilômetros do mar, tive uma sensação de que havia, na vida, algo mais do que aquilo que eu conhecia. Mais do que aqueles edifícios altíssimos, de concreto — aquelas prisões de vidro e pedra.

Pensei nas palavras dele: “Um dia você vai parar de fugir e correrá para ele.” Eu nem sabia quem era ele, mas, sentado ali na cama, olhando para a rua cheia de lixo e ouvindo o ruído dos caminhões que desciam rangendo e rugindo, pensei que ele devia ser algo semelhante à estrela matutina que ainda brilhava no céu que se coloria com as primeiras tintas do arrebol. Talvez... Algum dia...

Esse dia estava mais perto do que eu pensava.

Nos dias que se seguiram, eu não pude escapar a um encontro com o homem que representava Deus. Era Israel que me atormentava constantemente. Toda vez que nos encontrávamos, tinha de ouvir alguma coisa a



respeito de Deus.

“Diacho, Israel, se você não pára de falar nesse negócio de Deus, eu te mato.”

Mas Israel continuou falando sobre ele, e eu suspeitei que estivesse se encontrando com Davi Wilkerson às escondidas. Eu não estava gostando daquilo. Achava que aquele homem podia até mesmo destruir a nossa quadrilha. Agora que Mannie se fora, só Israel ficara. E até ele parecia estar se desviando para outra direção. As suas constantes referências a Davi Wilkerson e o seu insistente desejo de me forçar a falar, levaram-me às raias do desespero.

Não agüentava mais. Na véspera do dia da independência dos Estados Unidos, quatro de julho, quando todas as quadrilhas deviam convergir para o parque de Coney Island, Israel passou a noite comigo. Falou até tarde da noite, procurando convencer-me a que não fosse a Coney Island na noite seguinte, e em vez disso, que fosse conversar com Davi Wilkerson. Tapei os ouvidos, procurando abafar a sua conversa incessante. Mais tarde, ele caiu no sono. Deitei-me no leito, olhando para o forro, no escuro, quase consumido de medo. Eu tinha de parar com aquilo. Tinha de fazer Israel calar. Não suportava mais ouvir falar de Davi Wilkerson.

Tateando sob o colchão, encontrei o cabo de madeira do furador de gelo que eu tinha escondido ali. Ouvia Israel ressonando profundamente, na cama ao lado. Quanto mais pensava nele, me amolando a respeito de Deus, mais furioso ficava.

Não agüentei mais. “Isto vai ensinar você a não me encher mais”, gritei, enquanto arrancava o furador de gelo de sob o colchão e o lançava em direção às costas de Israel.

O meu grito acordou-o e ele se levantou rapidamente, exatamente na hora em que o furador de gelo

penetrava profundamente no colchão, atrás dele.

Arranquei-o, e tentei brandi-lo outra vez, gritando: “Eu mandei você calar a boca e não falar mais sobre Deus. Por que você não se calou? Por quê? Por quê?”

Israel me agarrou e começamos a lutar corpo a corpo, caindo no chão, enquanto eu o golpeava cegamente.

Ele me deitou de costas e caiu sobre mim, sentando-se sobre o meu peito, segurando-me as mãos contra o assoalho, sobre a minha cabeça.

“Por que você não parou?” continuei gritando.

“O que é que há com você?” Israel gritava, tentando manter-me seguro. “Você está louco. Sou eu. Seu amigo. O que há com você?”

Repentinamente, percebi que ele estava chorando, enquanto gritava e lutava comigo. Lágrimas corriam pela sua face. “Nicky, Nicky. Pára. Eu sou seu amigo. Não me obrigue a machucá-lo. Por favor, pára. Eu sou seu amigo. Eu gosto de você.”

Ele havia dito aquilo! Aquelas palavras caíram sobre mim como água gelada. Ele havia falado exatamente da maneira como Davi Wilkerson fizera. Relaxei a pressão sobre o furador de gelo e ele arrancou-o da minha mão. Eu nunca vira Israel chorar. Por que chorava agora?

Ficou com o furador de gelo suspenso sobre o meu rosto. Agarrava-o com tanta força que os nós dos seus dedos surgiam brancos na penumbra. Estava trêmulo pela tensão muscular. Por um momento pensei que ia golpear-me na cabeça com o furador, mas depois atirou-o raivosamente para um lado. Ainda estava chorando quando me soltou e jogou-se na cama.

Eu rolei no chão, frustrado, confuso e exausto. O que havia de errado comigo? Tentara matar o meu

melhor amigo !

Fugi do quarto e subi os degraus que levavam ao telhado do edifício. Lá fora estava escuro e abafado. Cruzei a laje dirigindo-me para o lugar onde o velho Gonzales guardava as suas pombas em uma gaiola. Abri a gaiola e peguei uma pomba. As outras esvoaçaram, debateram-se, e fugiram na noite.

Segurei a pomba bem apertada contra o meu peito nu, dirigi-me para perto do tubo de ar, e sentei-me.

Pássaros! Eu os odiava. Tão livres! Ó, Deus, como eu odiava os que eram livres. Davi Wilkerson era livre. Israel aproximava-se da liberdade. Eu estava sentindo isso. Aquele pássaro era livre, mas eu estava preso na minha gaiola de ódios e temores.

Meus dedos se apertaram em torno da cabeça da pomba, esticando-lhe o pescoço. “Não estou com medo.”

O pássaro deu um piado curto e abafado e senti seu corpo tremer, quando os ossos do pescoço se separaram. “Veja, mãe, eu não estou com medo.”

Perdi o controle. Torci-lhe o pescoço para diante e para trás, até que senti a pele e os ossos se separarem; depois, com um forte repelão, separei completamente a cabeça do corpo.

O sangue quente jorrou nas minhas mãos, pingou nos meus joelhos e correu pela laje de concreto. Mirei a cabeça ensangüentada na minha mão, e gritei: “Agora, você não está livre. Ninguém é livre.”

Atirando longe a cabeça da pomba, esmaguei contra a laje, o corpo ainda trêmulo. Por fim, aquele passarinho danado estava morto; nunca mais assombraria meus sonhos.

Fiquei no telhado, dormindo e acordando intermitentemente. Cada vez que dormia, o pesadelo voltava, mais horrível do que antes. Ao amanhecer, voltei

para meu quarto. Israel se fora.

Passei a maior parte do dia seguinte procurando-o. Finalmente encontrei-o sentado sozinho no porão onde realizávamos as nossas “festinhas”. Todos os outros rapazes haviam ido a Coney Island.

“Ei, cara, desculpe pelo que aconteceu ontem à noite”, comecei.

“Esqueça”, respondeu Israel com um sorriso amarelo.

“Não, cara, eu sinto mesmo. Não costumo fazer isso. Acho que alguma coisa está errada comigo.”

Israel levantou-se e fingiu dar-me um soco no queixo. “Certo, meu chapa; somos iguais — malucos.”

Passei o resto da tarde com ele. Era a primeira vez em três anos que eu não ia a Coney Island no dia quatro de julho.

Durante a segunda semana de julho de 1958, Israel me procurou e falou a respeito da grande reunião que Davi Wilkerson iria realizar na Arena St. Nicholas. De fato, ele viera conversar com Israel e convidar os Mau-Maus para a reunião. Haveria um ônibus especial para nós, defronte ao Posto Policial n.º 67, e teríamos assentos reservados nos primeiros bancos do auditório. Israel dissera a Davi Wilkerson que levaria os Mau-Maus.

Meneei a cabeça e comecei a subir os degraus do prédio do meu apartamento. Eu não queria nada com aquilo. Ondas de terror começaram a rolar sobre mim, novamente, e senti-me tão sufocado que tinha dificuldade de falar.

“Ei, cara”, chamou Israel quando voltei-me para sair, “você não é covarde, é?”

Israel me atingira na única falha da minha ar-

madura — meu único ponto fraco. Voltei-me para ele: “Nicky não tem medo de ninguém... nem daquele pregadorzinho... nem de você... nem mesmo de Deus.”

Israel ficou ali com um pequeno sorriso brincando no seu rosto simpático. “Parece que você está com medo de alguma coisa. Então, por que não quer ir?”

Lembrei de Buck e Stage ajoelhados na calçada, diante da escola. Tinha certeza de que se aquilo podia acontecer a eles... A única coisa que eu sabia era fugir — continuar fugindo. Mas, correr agora, em face do desafio de Israel, daria a impressão de que estava com medo. Com medo mesmo.

“A que horas chega o ônibus?” perguntei.

“Sete da noite”, respondeu Israel. “A reunião começa às sete e trinta. Você vai?”

“Claro, meu chapa! Você pensa que sou covarde? Vamos levar a turma toda lá e pôr fogo naquela espelunca.”

Israel sorriu e desceu rua abaixo, gingando. Virei-me e subi os degraus em direção ao meu apartamento, três andares acima. Sentia-me doente.

Fechei a porta atrás de mim, e joguei-me de costas na cama. Procurei um “pacau”. Quem sabe se a maconha ajudaria. Não tinha nenhum, por isso fumei um cigarro comum.

Os pensamentos inundaram minha mente, como a água correndo por uma comporta que transborda. Estava aterrorizado! O cigarro tremeu e as cinzas caíram na minha camisa, indo parar sobre os lençóis sujos da cama. Tinha medo de pegar aquele ônibus. Detestava a idéia de abandonar nossos domínios. Só de pensar em sair dos acanhados limites do território com que estava familiarizado, um terror desmedido nascia no meu coração. Tinha medo de me encontrar em meio a uma

grande multidão, de ser engolido por ela e me tornar uma bolha — nada. Sabia que, na arena, teria de fazer algo para chamar a atenção sobre mim.

Acima de tudo, porém, eu estava com medo do que vira diante da escola, aquele dia. Tinha medo de que alguém ou alguma coisa maior e mais poderosa do que eu me forçasse a cair de joelhos diante do povo e me fizesse chorar. Tinha verdadeiro horror de lágrimas. Elas simbolizavam fraqueza, fracasso, estupidez e criancice. Eu nunca mais chorara depois dos oito anos de idade. Algo fizera Israel chorar. Mas, eu — nunca.

Mas, se eu não fosse, seria chamado de covarde por Israel e pelo resto da turma. Eu não tinha escolha.

Fazia muito calor naquela noite de julho, em que lotamos um ônibus. Havia dois homens de terno e gravata, que deviam manter a ordem. Mas nada conseguiram. O barulho no ônibus era ensurdecedor.

Eu me senti melhor por estar no meio da minha gang. Era a solidão do meu quarto que me deprimia. No ônibus era diferente. Mais de cinquenta Mau-Maus estavam comprimidos dentro dele. Os monitores, aflitos, tentaram manter a ordem, mas finalmente desistiram e nos deixaram à vontade. A turma ficou se esmurrando, gritando palavrões, abrindo janelas, fumando, bebendo vinho, puxando a campainha, e gritando para o ônibus partir.

Quando chegamos à Arena, abrimos a porta de emergência e alguns chegaram mesmo a pular pelas janelas. Havia várias mocinhas na frente do prédio, usando blusas justas e “shorts”. De todos os lados ouviam-se gritos como : “Ei, boneca, me dá um pedaço? “Venha comigo, vamos fazer uma “festinha” divertida”. Algumas das meninas juntaram-se a nós, quando entramos.

Israel e eu fomos à frente da tropa. Um porteiro

tentou fazer-nos parar na porta interior. Podíamos ver que, lá dentro, pessoas se voltavam e olhavam para nós, quando irrompemos no saguão.

“Ei, cara, deixa a gente entrar!” disse Israel. “Nós somos a gang. Os Mau-Maus. O próprio padre nos convidou. Tem lugar reservado para nós.”

Lá na frente, um membro dos Chaplains nos viu, levantou-se e gritou : “Ei, Nicky, desce aqui, cara. Estes lugares são para vocês.” Empurramos o indeciso e espantado porteiro para um lado, e entramos empavonados na Arena.

Estávamos vestidos com os nossos uniformes de Mau-Mau. Nenhum de nós tirou o chapéu preto. Desfilamos pelo corredor abaixo, batendo forte no assoalho com nossas bengalas, gritando e assobiando para a multidão.

Olhando para o povo, pude ver membros de quadrilhas rivais. Havia Bishops, GGI, bem como alguns Phantom Lords do parque da Av. Bedford. A arena estava quase cheia e continha todos os ingredientes para um conflito em grande escala. Afinal de contas, isso não seria mau.

O barulho era terrível. Sentamos e começamos a participar, assobiando, gritando e batendo com as bengalas no chão.

Em um dos lados da plataforma, uma jovem começou a tocar o órgão. Um jovem porto-riquenho levantou-se, deu um murro no peito com as duas mãos, jogou a cabeça para trás e gritou : “Ó, Jesu-u-us ! Salve a minha alma grande e encardida.” Caiu de novo na cadeira entre vaias e gargalhadas estrondosas de todas as quadrilhas.

Vários rapazes e moças foram para perto do órgão e começaram a requebrar. As meninas bamboleavam as cadeiras num ritmo duas vezes mais rápido do que a

música, e os rapazes gingavam ao redor delas. Aplausos e gritos de aprovação saudaram a sua proeza. As coisas estavam começando a sair dos limites.

De repente, uma jovem dirigiu-se ao centro do palco. Colocou-se atrás do microfone, as mãos unidas diante de si, esperando o barulho diminuir.

Aumentou. “Ei, boneca, requebra um pouco mais”, gritou alguém. “Vamos marcar um encontro, querida ?” Um rapaz magro, que eu nunca tinha visto, levantou-se, fechou os olhos, estendeu os braços, e disse, num tom efeminado : “Mamãe!” A turba aumentou os aplausos e assobios.

A moça começou a cantar. Mesmo de nossa posição privilegiada, na terceira fileira, era impossível ouvir a sua voz acima da balbúrdia em que estava a multidão. Enquanto ela cantava, vários rapazes e garotas levantaram-se de seus lugares e começaram a girar e a dançar. As garotas, com “shorts” bem curtos, e os rapazes com jaquetas Mau Mau, sapatos pontudos e chapéus de ponta, cobertos de fósforos e com uma estrela prateada na frente.

A moça terminou o seu cântico e olhou nervosamente em direção aos bastidores. Começamos a aclamar e aplaudir e pedir outra canção. Contudo, ela saiu do palco e de repente o pregador magricela avançou para o microfone.

Eu não o vira desde aquele encontro de madrugada, várias semanas antes. Meu coração deu um salto e o terror voltou, como a inundá-lo. Era como uma nuvem negra que penetrava em todos os recantos da minha personalidade. Israel estava de pé. “Ei, Davi! Estou aqui. Veja, eu disse que viria. E olhe quem está aqui”, disse ele, apontando para mim.

Eu sabia que tinha de fazer algo ou iria arrebentar de medo. Fiquei de pé e gritei: “Ei, pregador, o que é que



você vai fazer: converter-nos, ou o quê ?”

Os Mau-Maus acompanharam em gargalhadas e eu me sentei de novo, sentindo-me melhor. Eles ainda reconheciam a minha autoridade. Apesar de sentir-me petrificado de terror e ter abdicado a presidência em favor de Israel, ainda era o líder deles e ainda riam das minhas piadas. Estava de novo no controle da situação.

O Rev. Wilkerson começou a falar: “Esta é a última noite de nossa campanha para a mocidade de Nova York. Hoje vamos fazer uma coisa diferente. Vou pedir aos meus amigos, os Mau-Maus, para tirarem a coleta.”

Irrompeu o pandemônio. Os membros de todas as quadrilhas presentes no auditório conheciam a nossa reputação. Pedir aos Mau-Maus para tirarem a coleta era como pedir que Jack, o Estripador, servisse de amaseca. O pessoal começou a rir e a gritar.

Mas eu estava de pé em um segundo. Estivera esperando uma oportunidade para me mostrar, para chamar a atenção de todos sobre mim, de maneira espetacular. Chegara a hora. Não podia imaginar que o pregador iria chamar-nos, mas se ele queria, nós realmente o faríamos.

Indiquei outros cinco, inclusive Israel. “Você, você, você.. vamos.” Nós seis marchamos para a frente e nos alinhamos defronte ao palco. Atrás de nós o auditório ficou em silêncio — silêncio mortal.

Davi Wilkerson curvou-se e entregou a cada um de nós uma grande caixa de papelão. “Agora”, disse, “quero que vocês se enfileirem aqui diante da plataforma. O órgão vai tocar e vou pedir ao povo para vir à frente e dar a sua oferta. Quando terminar, quero que vocês dêem a volta por aquela cortina e subam ao palco. Eu esperarei até que tragam a coleta.”

Era bom demais para ser verdade. Ninguém du-

vidava do que iríamos fazer. Qualquer sujeito que não aproveitasse uma situação daquelas seria um bobo.

A coleta foi grande. Os corredores estavam cheios de gente que se dirigia à frente. Muitos dos adultos deram notas grandes e outros deram cheques. Se nós íamos receber a oferta, eu resolvi que ela deveria ser bem boa. Alguns dos membros das quadrilhas vieram à frente, requebrando e dançando pelo corredor. Alguns não pretendiam por dinheiro na caixa, mas tirar. Quando isto acontecia, eu punha a mão no bolso como se fosse agarrar uma faca e dizia: “Ei, espere um minuto, meu chapa. Você se esqueceu de pôr alguma coisa.”

Eles começavam a rir, até perceberem que eu falava sério. “Rapaz, o padre disse : dê! Você vai dar, ou preciso fazer com que os rapazes o tirem de você ?”

Quase todos fizeram alguma contribuição.

Quando todos tinham vindo à frente, acenei com a cabeça e nós marchamos pelo lado direito do auditório, atravessando a cortina que cobria a parede. Bem sobre as nossas cabeças estava um letreiro enorme, em letras vermelhas, escrito : “SAÍDA” Podia ser visto por todos, e tão logo desaparecemos por detrás das cortinas, as gargalhadas começaram. No começo eram apenas risinhos reprimidos. Pouco a pouco, começamos a ouvi-los aumentarem num crescendo, até que todo o auditório estava contorcendo-se de rir do pobre pregador que fora logrado pelos Mau-Maus.

Reunimo-nos em círculo, atrás da cortina. Os rapazes olharam para mim com grande expectativa, esperando que eu lhes dissesse o que fazer. Eu podia dizê-lo com os olhos. Estavam esperando um sinal. um piscar de olhos em direção à saída, o que significaria : “Vamos correr. Vamos pegar este dinheiro e desaparecer daqui.”

Todavia, algo dentro de mim estava me arrastando em outra direção. O pregador me escolhera e demonstrara confiança na minha pessoa. Eu podia fazer o que a turba esperava de mim, ou o que ele esperava que eu fizesse. A confiança do pregador acendeu uma faísca em meu íntimo. Em vez de piscar os olhos em direção da porta de saída, sacudi a cabeça: “Não. Venham”, disse eu. “Vamos levar este saque para o magricela.”

Os rapazes quase não acreditavam, mas tinham de fazer o que eu lhes ordenava. Havia dois rapazes na minha frente, quando começamos a subir os degraus por trás da plataforma. Um deles tirou uma nota de vinte da caixa e meteu-a no bolso da jaqueta.

“Ei, você! Que diacho pensa que está fazendo ? Devolva esse dinheiro. Pertence ao padre.”

Eles olharam para mim, incrédulos.

“Ei, Nicky, não fique nervoso. Veja que monte. Ninguém vai ficar sabendo... Vamos! Há bastante para todos nós e para ele também.”

Meti a mão no bolso e num movimento rápido saquei a minha faca. Brandindo a lâmina aberta, disse: “Meu chapa, isto vai ser seu cemitério, se você não devolver a gaita.”

Não houve mais discussão. Ele devolveu humildemente, à caixa, a nota roubada.

“Espera um minuto; ainda não terminou”, disse eu. “Quanto dinheiro você tem no bolso, meninão?”

“Ora, Nicky, puxa vida”, gaguejou ele. “Este dinheiro é meu. Minha mãe me deu para comprar uma calça.”

“Quanto?” perguntei de novo, apontando a ponta brilhante da faca para o seu pomo de Adão.

Ele ficou vermelho, enfiou a mão no bolso e tirou duas notas de dez e uma de cinco. Eu disse: “Na caixa.”

“Meu chapa, você está louco, ou o quê? Minha velha vai me pelar vivo, se eu perder este dinheiro.” Ele estava quase chorando.

“Bem, eu vou lhe dizer uma coisa, meninão: eu vou te pelar vivo agora mesmo, se você não obedecer. Na caixa !”

Ele olhou para mim outra vez, com incredulidade. O punhal convenceu-o de que falava sério. Amassou as notas e atirou-as na caixa.

“Agora vamos”, disse eu.

Marchamos em fila para o palco. Um grupo de rapazes começou a vaiar. Pensavam que nós iríamos enganar o pregador e estavam decepcionados porque não tínhamos fugido com o dinheiro, como teriam feito. Porém, tive a sensação agradável de saber que fizera uma coisa certa. Uma coisa honrada. Pela primeira vez em toda a minha vida, agira corretamente porque quisera. A sensação era deliciosa.

“Aqui, pregador!” disse eu, “isto é seu.” Estava nervoso, ali na frente da multidão. Quando estendi a ele o dinheiro, o auditório ficou silencioso outra vez.

Davi Wilkerson pegou as caixas de nossas mãos e me olhou bem nos olhos. “Obrigado, Nicky. Eu sabia que podia contar com você.” Viramos e, em fila, voltamos para nossos lugares. O auditório estava tão quieto que se poderia ouvir um alfinete cair. O Rev. Wilkerson começou a pregar.

Falou durante cerca de quinze minutos. Todo mundo estava em silêncio, mas eu não ouvi palavra. Fiquei lembrando a sensação agradável que tivera quando lhe entregara o dinheiro. Interiormente, eu me reprovava por não ter caído fora com a grana. Mas algo

adquirira vida dentro de mim e eu sentia que aquilo crescia. Era uma sensação de bondade — de nobreza — de justiça. Sentimentos que eu jamais experimentara.

Fui interrompido na minha sucessão de pensamentos por uma desordem atrás de mim. Davi chegara a um ponto do sermão em que dizia que devemos amar uns aos outros. Ele estava dizendo que os porto-riquenhos devem amar os italianos, os italianos devem amar os negros, os negros devem amar os brancos, e todos devemos amar-nos uns aos outros.

Augie levantou-se por trás de mim : “Ei, pregador, você é maluco, ou coisa parecida. Você quer que eu ame esses gringos? Está louco! Olhe aqui.” Levantou a camisa e mostrou uma grande cicatriz vermelha no seu lado. “Há dois meses um daqueles guinéus sujos me deu um tiro. Você acha que posso esquecer disto ? Eu vou matar aquele... se eu o encontrar outra vez.”

“Ah, é ?” um rapaz dentre os italianos levantou-se de um salto e abriu a camisa. “Está vendo isto ?” Apontou uma cicatriz de faca que dava uma volta no seu ombro e descia pelo peito. “Um negro me cortou com uma navalha. Sim, eu vou amá-los — com um pau de fogo.”

Um negrinho levantou-se, lá no fundo, e, com veneno na voz, gritou: “Ei, guinéu, você quer experimentar agora?”

De uma hora para outra, a sala estava carregada de ódio. Um rapaz negro, dos Chaplains, levantou-se derrubando cadeiras. Tentava abrir caminho para o lugar onde se achavam os Phantom Lords. Senti que um tumulto generalizado estava se formando.

Um fotógrafo desceu pelo corredor com a máquina fotográfica. Parando na frente, virou-se e começou a tirar fotos.

Israel dirigiu-se rapidamente a três dos rapazes

que estavam na ponta da fileira : “Agarrem-no !” Eles levantaram-se e entraram em luta corpo-a-corpo com o fotógrafo. Um dos rapazes conseguiu arrancar-lhe a máquina das mãos e atirou-a no assoalho. Quando o fotógrafo se curvou para apanhá-la, um rapaz do outro lado chutou-a no corredor abaixo, até a frente do salão. O fotógrafo arrastou-se de gatinhas atrás dela. No momento em que estendeu uma das mãos para apanhá-la, outro rapaz chutou-a para longe dele, em direção à parede, do outro lado. O fotógrafo já estava de pé, correndo atrás da máquina, mas antes que pudesse alcançá-la, outro rapaz chutou-a com força: ela deslizou pelo chão e foi espatifar-se na parede de concreto — quebrada e inútil.

Todos estávamos de pé. O auditório fervia de ódio. Eu procurava um meio de sair para o corredor. Um “quebra-pau” em grande escala estava se formando.

De repente, senti uma necessidade imperiosa de olhar para Davi Wilkerson. Ele estava de pé no palco, muito calmo. A cabeça curvada. As mãos cruzadas diante do peito. Eu podia ver seus lábios se movendo. Sabia que orava.

Algo apertou o meu coração. Parei e olhei para mim mesmo. Ao meu redor, a baderna continuava, mas eu estava olhando para dentro. Ali estava aquele homem franzino, corajoso, no meio de todo aquele perigo. De onde ele recebia esse poder? Por que não tinha medo, como todos nós ? Senti-me envergonhado. Culpado.

A única coisa que eu sabia acerca de Deus era o que aprendera ao observar aquele homem. Pensei em minha única experiência anterior a respeito de Deus. Quando eu era criança, meus pais haviam me levado à igreja. Estava cheia de gente. O padre mastigou algumas palavras e o povo respondeu cantando. Foi uma hora horrível. Nada parecia aplicar-se a mim. Nunca mais voltei.

Caí sentado na minha cadeira. Ao redor, o pandemônio continuava. Israel levantou-se e olhou para trás. Começou a gritar: “Ei! Calma! Vamos ouvir o que o pregador tem a dizer.”

Os Mau-Maus se sentaram. Israel continuou gritando, pedindo silêncio. O barulho arrefeceu. Como um nevoeiro vindo do mar, o silêncio invadiu o auditório, da frente para o fundo, e depois as galerias. Outra vez um silêncio mortal dominou o salão.

Alguma coisa estava acontecendo comigo. Estava recordando... Recordei a minha infância — o ódio que dedicava à minha mãe. Recordei os primeiros dias em Nova York, quando corria como um animal selvagem libertado de uma jaula. Foi como se estivesse em um cinema e as minhas ações fossem passando diante dos meus olhos. Vi as garotas... o desejo... o sexo. Vi as facadas... a dor... o ódio. Era quase insuportável. Estava completamente insensível ao que se passava ao meu redor. A única coisa que conseguia era recordar... Quanto mais eu recordava, maior era o sentimento de culpa e vergonha. Tinha medo de abrir os olhos, temendo que alguém pudesse olhar dentro deles e ver o que eu estava vendo. Era repulsivo.

Davi Wilkerson falava outra vez. Disse algo sobre arrependimento de pecados. Eu me achava sob a influência de um poder um milhão de vezes mais forte do que qualquer droga. Não era responsável por meus movimentos, minhas ações ou palavras. Era como se tivesse sido apanhado por uma correnteza selvagem, em um rio turbulento. Não tinha forças para resistir. Não compreendia o que estava acontecendo dentro de mim. Só sabia que o medo desaparecera.

Ao meu lado, ouvi Israel assoando o nariz. Atrás de mim, ouvi gente chorando. Algo estava varrendo aquela arena lotada, como o vento que balança as copas das árvores. Até as cortinas, dos lados do auditório,

começaram a mover-se e a farfalhar como se animadas por um sopro misterioso.

Davi Wilkerson dizia: “Ele está aqui! Ele está nesta sala. Ele veio especialmente para vocês. Se querem que suas vidas sejam transformadas, este é o momento exato.” Exclamou então com autoridade : “Levantem se ! Os que desejam receber Jesus Cristo e ser transformados — levantem-se! Venham à frente!”

Percebi que Israel ficou de pé. “Rapazes, eu estou indo. Quem vai comigo ?”

Eu estava de pé. Virei-me para a minha quadrilha e acenei com o braço : “Vamos.” Houve um movimento espontâneo: levantaram-se e foram à frente. Mais de vinte e cinco dos Mau-Maus atenderam ao apelo. Atrás de nós, cerca de trinta rapazes de outras quadrilhas seguiram o nosso exemplo.

Reunimo-nos de pé diante do palco, olhando para Davi, lá em cima. Ele terminou a reunião e convidou-nos para segui-lo para as salas do fundo, onde receberíamos conselhos.

Israel ia à minha frente, com a cabeça curvada, o lenço no rosto. Atravessamos a porta e encontramos-nos em um vestíbulo que levava aos camarins.

Vários membros da minha quadrilha estavam ali no vestíbulo, dando risadinhas: “Ei, Nicky, o que é que há, cara, você virou crente ?” Levantei a cabeça, na hora em que uma das meninas dirigiu-se a nós. Ela levantou a blusa e mostrou-nos o seio nu. “Se você for lá, meu bem, pode dizer adeus para isto aqui.”

Compreendo agora que elas estavam com ciúme. Sentiam que íamos repartir nosso amor com Deus e queriam que o déssemos só a elas. Era tudo o que sabiam acerca do amor. Era tudo o que eu também conhecia do amor. Mas, naquela hora, aquilo não me atraiu. Empurrei-a para longe, cuspiendo no chão, e



disse: “Você me enoja.” Nada mais importava naquele momento, exceto o fato de que eu desejava ser seguidor de Jesus Cristo — fosse ele quem fosse.

Um homem falou a respeito da vida cristã. E, então, Davi Wilkerson entrou: “O.K., rapazes”, disse, “ajoelhem aqui no chão.”

Pensei que ele estava louco. Eu nunca me ajoelhara diante de ninguém. Mas uma força invisível me pressionou. Senti meus joelhos dobrarem. Não consegui permanecer em pé. Foi como se uma gigantesca mão estivesse me empurrando para baixo, até meus joelhos tocarem o solo.

O contato com o chão duro me trouxe de volta à realidade. Era verão. Era época dos “quebra-paus”. Abri os olhos e pensei: “O que você está fazendo aqui?” Israel estava ao meu lado, chorando alto. No meio de toda aquela tensão, comecei a rir.

“Ei, Israel, você está me enchendo com esse choro.” Israel olhou para cima e sorriu entre lágrimas. Mas, quando olhamos um para o outro, eu tive uma estranha sensação. Senti lágrimas encherem os meus olhos, e dali a pouco elas transbordaram pelos cantos dos olhos e desceram pelas minhas faces. Eu estava chorando... Pela primeira vez, desde que chorara à vontade no porão da casa em Porto Rico, eu estava chorando.

Israel e eu estávamos de joelhos, lado a lado, com lágrimas correndo pela face, mas rindo ao mesmo tempo. Era um sentimento estranho, indescritível.

Lágrimas e risos... Eu me sentia feliz, mas chorava. Algo estava acontecendo em minha vida, sobre o qual eu absolutamente não tinha controle... e aquilo me trazia felicidade.

De repente, senti a mão de Davi Wilkerson sobre a minha cabeça. Ele orava por mim. As lágrimas correram mais livremente quando baixei a cabeça, e a vergonha, o

arrependimento, e a maravilhosa alegria da salvação misturaram-se em minha alma.

“Continue, Nicky”, disse ele. “Continue chorando. Derrame a sua alma diante de Deus. Clame a ele.” Abri a boca, mas as palavras que saíram não eram minhas. “Ó Deus, se você me ama, vem para a minha vida. Estou cansado de fugir. Vem transformar minha vida. Por favor, transforma-me.”

Foi só isso. Mas senti-me envolvido e levado para o céu.

Maconha ! Sexo ! Sangue! Todas as emoções sádicas e imorais de um milhão de vidas juntas não podiam igualar-se ao que eu sentia. Fui literalmente batizado com amor.

Depois que a crise emocional passou, Davi Wilkerson mencionou alguns versículos da Escritura para nós: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram: eis que se fizeram novas.” (II Cor. 5:17.)

Era isto mesmo. Pela primeira vez na vida eu compreendia. Eu fora renovado. Eu era Nicky, mas não era mais Nicky. A velha vida havia desaparecido. Era como se eu tivesse morrido para a velha vida — mas estava vivo, em uma vida nova.

Felicidade. Alegria. Gozo. Alívio. Liberdade. Maravilhosa, maravilhosa liberdade.

Eu parara de fugir.

Todos os meus temores tinham findado. Toda a minha ansiedade terminara. Todo o meu ódio se fora. Eu amava a Deus... a Jesus Cristo... e a todas as pessoas ao meu redor. Amava até a mim mesmo. O ódio que sentira por mim mesmo transformara-se em amor. De repente, compreendi que a razão pela qual eu procedera de forma tão mesquinha em relação à minha pessoa, era

porque eu realmente não amava a mim mesmo como Deus queria que amasse.

Israel e eu nos abraçamos. Lágrimas nos corriam pelo rosto, molhando a camisa um do outro. Eu o amava. Ele era meu irmão.

Davi Wilkerson saíra, mas já estava de volta à sala. Eu o amava também. Aquele pregador franzino e sorridente em quem eu cuspira semanas atrás — eu o amava.

“Nicky, Israel”, disse ele, “quero dar uma Bíblia a vocês. Tenho bíblias para todos os outros Maus também. Venham comigo.”

Nós o seguimos até outra sala. Ali, em caixas que estavam no chão, havia exemplares do livro preto. Ele se curvou, pegou alguns novos testamentos, tamanho de bolso, e começou a nos dar. “Ei, Davi”, perguntei, “e aqueles livros grandes? Nós poderíamos ganhar dos grandes? Queremos que todo mundo saiba que agora somos cristãos “

Davi pareceu surpreso. Os “livros grandes” eram exatamente isso. Eram bíblias enormes, de púlpito. Mas, os rapazes queriam aquelas e ele estava disposto a dá-las.

“Menino”, disse Israel rindo para mim, “que tal? Uma Bíblia de dez quilos!” Eu também achava, mas o peso dela era pequeno em comparação com o peso tirado do meu coração naquela noite, quando o pecado fora removido e o amor inundara.

Tarde da noite, subi os degraus para o meu quarto, como uma nova pessoa. Eram pouco mais de onze horas, o que para mim era cedo, mas eu estava ansioso para voltar ao meu quarto. Não havia mais necessidade de correr. As ruas não tinham mais atrativo para mim. Não sentia mais necessidade de ser reconhecido como chefe de gang. Não tinha mais medo da noite.

Entrei, dirigi-me ao guarda-roupa, tirei o blusão Mau-Mau e os sapatos pontudos e coloquei-os em uma sacola. “Nunca mais”, pensei. “Não vou precisar mais disso.” Estendi a mão para a prateleira e tirei o revólver. Por força do hábito, comecei a por as balas no tambor, para dormir com o revólver no criado-mudo. Porém, de repente, lembrei. Jesus me ama. Ele me protegerá. Tirei as balas, coloquei-as de volta na caixinha e devolvi o revólver à prateleira. De manhã, iria entregá-lo à polícia.

Passei pelo espelho. Não podia crer nos meus olhos. Havia uma luz radiosa em minha face, que jamais vira. Sorri para mim mesmo. “Ei, Nicky, veja como você é simpático. Pena que tenha de desistir de todas as garotas, agora que é tão simpático.” Dei uma gargalhada, diante da ironia de tudo aquilo. Mas estava feliz. O peso dos temores se fora. Podia rir.

Ajoelhei-me ao lado da cama, e joguei a cabeça para trás. “Jesus...” não pude dizer mais nada. “Jesus...” Finalmente vieram as palavras. “Obrigado, Jesus... obrigado.”

Naquela noite, pela primeira vez, ao que me lembrava, pus a cabeça no travesseiro e dormi maravilhosamente durante nove horas. Nada de rolar na cama. Nenhum medo de ruídos fora do quarto. Os pesadelos tinham terminado.

## Capítulo 11

# **SAINDO DO DESERTO**

---

NO DIA SEGUINTE, bem cedo, eu já estava na rua procurando os rapazes que haviam ido à frente, na noite anterior. Disse-lhes que trouxessem as armas e a

munição, e se encontrassem comigo na Praça Washington. Íamos marchar para a delegacia de polícia.

Voltando ao meu quarto, pus o revólver no cinto e, pegando minha Bíblia grande, voltei à Praça Washington para encontrar os outros.

Descendo pela Rua Fort Greene, quase dei de encontro com uma velha senhora italiana que já vira antes. No passado ela costumava atravessar a rua quando me via. Desta vez levantei meu grande livro preto que, em letras douradas, tinha as palavras “Bíblia Sagrada” na capa, e aproximei-me dela.

“Onde você roubou essa Bíblia ?” A velha arregalou os olhos.

“Não roubei. Ganhei de um pregador.” Dei uma risada.

Ela balançou a cabeça. “Não sabe que não deve mentir sobre as coisas sagradas ? Deus vai castigar você”.

“Não estou mentindo. Deus não vai me castigar, porque me perdoou. Estou indo para a delegacia, para entregar o meu revólver.”

Abri a camisa e mostrei a arma debaixo do cinto.

Seus olhos moveram-se do revólver para a Bíblia : “Aleluia!”, gritou ela, enquanto seu rosto se abria em um sorriso. Levantando os braços, gritou de novo: “Aleluia!”

Sorri e passei por ela, em direção à Praça Washington. Cerca de vinte e cinco Mau-Maus estavam ali. Israel organizou-os, e marchamos pela Rua St. Edward, até a Delegacia de Polícia na esquina da Rua Auburn.

Não pensamos no que a polícia poderia achar de nossa atitude. Vinte e cinco dos mais endurecidos membros de quadrilhas do Brooklin, marchando pelo

meio da rua, carregando um arsenal de armas e munições. Tenho agradecido a Deus muitas vezes pelo fato deles não nos terem visto antes de chegarmos à porta da delegacia. Se nos tivessem visto a um quarteirão de distância, teriam erguido barricadas às portas e provavelmente atirado em nós ainda de longe.

Quando entramos, o sargento levantou-se de um salto e procurou o revólver. “O que é que há, rapazes ? O que estão querendo agora?”

“Ei, calma, seu guarda”, disse Israel, “não queremos encrenca. Viemos entregar nossas armas.”

“Entregar o quê?” disse o sargento. “Que negócio é esse afinal?” Virou-se e gritou por trás do ombro: “Delegado, acho que é melhor o senhor vir aqui já.”

O delegado apareceu à porta : “O que é que esses rapazes estão fazendo aqui ?” perguntou ao sargento, “o que é que há?”

Israel virou-se para o delegado : “Nós todos demos o coração para Deus, e agora queremos dar nossos revólveres para a polícia.”

“É sim”, concordou um dos rapazes, “quem sabe vão servir para vocês atirarem nos moleques malvados .”

Todos rimos, e o delegado virou-se para o sargento: “Será verdade? Então é melhor mandar alguns guardas dar uma olhada lá fora. Pode ser uma emboscada, ou coisa parecida.”

Dei um passo à frente: “Ei, delegado olhe aqui.” Levantei a minha Bíblia. “O pregador nos deu estas bíblias ontem à noite, depois que todos nós entregamos o coração a Cristo. Não vamos mais ser membros de quadrilhas. Agora, somos crentes.”

“Que pregador ?” perguntou o delegado.

“Ora, Davi Wilkerson. Aquele pregador magrinho

que tem estado por aqui, conversando com os membros das quadrilhas. Teve uma grande reunião na Arena St. Nicholas ontem à noite, e nós todos nos entregamos a Deus. Se não acredita na gente, telefona pra ele.”

O delegado olhou para o sargento: “Você tem o telefone do pregador?”

“Sim, senhor; está hospedado em casa de uma tal Sra. Ortez.”

“Chame-o e diga-lhe para vir aqui o mais depressa possível. Pode ser que estejamos metidos em grande encrenca. Se isto foi algo inventado por ele, vou metê-lo na cadeia tão depressa que ele vai ficar tonto.”

O sargento fez a ligação, e entregou o fone para o delegado.

“Reverendo Wilkerson? É bom o senhor vir aqui agora mesmo. A sala está cheia de Mau-Maus, e eu não sei o que está acontecendo.” Houve uma pausa, e depois o delegado colocou o fone no gancho.

“Ele está a caminho. Mas antes de chegar quero suas armas — todas.”

“Claro, general”, disse Israel, “é para isso que estamos aqui.” Depois, virando-se para a turma, disse: “Vamos, turma. Tragam os revólveres e ponham no balcão. Deixem as balas também.”

Os policiais não podiam crer no que viam. A essa altura mais quatro guardas tinham chegado, e ficaram ali com os olhos arregalados de incredulidade para o monte de pistolas, revólveres de fabricação caseira e espingardas pica-pau, que crescia mais e mais.

Quando terminamos, o delegado só balançou a cabeça. Virando-se para Israel, disse: “Pois bem suponhamos que agora você me conte a verdade sobre o que está acontecendo.”

Israel relatou outra vez o que havia sucedido na Arena St. Nicholas. Disse-lhe que nós agora éramos crentes, e começaríamos uma vida diferente. Depois perguntou ao delegado se ele podia autografar a sua Bíblia.

Isto pareceu-nos uma grande idéia, e nós todos reunimo-nos em torno dele e dos guardas, pedindo-lhes que autografassem nossas bíblias.

Naquele momento, Davi empurrou a porta. Deu uma olhada rápida para nós e caminhou direto para o delegado. Este pediu que todos os outros guardas entrassem na sala. “Reverendo”, disse ele, “quero apertar a sua mão

Davi Wilkerson olhou em torno de si com um ar surpreso, mas estendeu a mão que o delegado apertou firmemente.

Como é que o Senhor conseguiu isto ?” perguntou. Estes rapazes declararam guerra contra nós, e só tem nos dado trabalho, durante anos. Agora, sem ninguém esperar, entra toda esta tropa aqui, e o senhor sabe o que eles queriam ?”

Davi sacudiu a cabeça em negativa.

“Queriam nosso autógrafo em suas bíblias.”

O Rev. Wilkerson estava sem fala “Vocês pediram aos policiais o quê ?” gaguejou

Abri minha Bíblia e mostrei-lhe o autógrafo do delegado na folha de rosto.

“Bem, glória a Deus!” disse Davi. “Veja, delegado, Deus está operando aqui em Fort Green!”

Sáimos todos para a rua e deixamos o homem sacudindo a cabeça, estupefato, tendo uma pilha de armas amontoadas no balcão, diante dele.

Aglomeramo-nos ao redor do Rev. Wilkerson.



Israel falou : “Ei, Davi, passei a maior parte da noite lendo a Bíblia. Veja! Eu estou na Bíblia. O meu nome está em toda parte. Viu ? Israel. Sou eu. Sou famoso.”

Várias semanas depois, o Rev. Arce, pastor de uma igreja cujos cultos eram realizados em espanhol, chamada Iglesia de Dios Juan 3:16, veio ao meu apartamento. Israel estava lá. Passamos muito tempo juntos, lendo a Bíblia e andando pelo quarto, orando em voz alta. O Rev. Arce queria que fôssemos à sua igreja no dia seguinte, para dar testemunho. Era um culto de quarta-feira à noite, e ele prometeu passar em minha casa para apanhar-nos.

Foi o primeiro culto verdadeiro que assisti em uma igreja. Cantamos durante quase uma hora. Israel e eu estávamos na plataforma, e o templo se encontrava lotado. O Rev. Arce pregou um sermão mais ou menos longo, e depois chamou-me para dar meu testemunho.

Depois que terminei de falar, sentei-me na primeira fileira e ouvi Israel dar o dele.

Foi a primeira vez que o ouvi falar em público. Ele levantou-se detrás do púlpito; seu rosto simpático irradiava o amor de Cristo. Com voz suave começou a contar os acontecimentos que motivaram a sua conversão. Embora tivéssemos passado juntos a maior parte das últimas semanas, naquela noite eu observei nele uma profundidade de sentimentos e de expressão que não vira antes. Suas palavras levaram-me de volta à Arena St. Nicholas, quando ele tão prontamente atendera ao evangelho. Pensei na minha própria atitude para com Davi. Tivera ódio dele — Deus sabe como eu o odiara! Como pudera estar tão errado ? Tudo o que ele queria era deixar Deus me amar através dele — mas, na minha ignorância, eu cuspira nele, xingara e desejara matá-lo.

A menção do nome de Davi, feita por Israel, trouxe-me de novo para a realidade.

“Eu ainda estava testando a sinceridade do Rev. Wilkerson”, dizia Israel, relatando seus sentimentos depois daquela primeira reunião ao ar livre, em que ouvira Davi pregar.

“Certa tarde, ele veio à minha casa e pediu-me para apresentá-lo a alguns dos líderes de outras gangs. Ele queria convidá-los para as reuniões que estava realizando na Arena St. Nicholas.

“Começamos a andar juntos pelo bairro de Brooklin, e eu mostrei-lhe Jo-Jo, que era presidente dos Dragons de Coney Island, uma das maiores quadrilhas de rua da cidade de Nova York. Só indiquei-o. Não queria que ele soubesse que eu o identificara para Davi pois os Dragons eram grandes inimigos dos Mau-Maus.

“Disse a Davi que ia para casa. Quando ele se encaminhou para Jo-Jo, escondi-me por trás da escadaria de um prédio de apartamentos, para ouvir. Jo-Jo olhou bem para ele e depois cuspiu nos seus sapatos. Esse é o maior sinal de desprezo que se pode demonstrar a um indivíduo. Jo-Jo não disse palavra: só cuspiu nos sapatos de Davi. Depois, virou-se de costas para ele e sentou-se nos degraus da escada.

“Jo-Jo não tinha casa. De fato, não possuía coisa alguma. Dormia na praça durante o verão, e quando chovia ou fazia frio, dormia no metrô. Jo-Jo era um rematado vagabundo. Roubava roupas das caixas grandes que ficavam nas esquinas para as organizações beneficentes, e usava-as até que ficavam em farrapos e, depois roubava mais.

“Naquele dia ele usava um par de alpargatas velhas e sujas, com os dedões aparecendo, e grandes calças velhas amarfanhadas, que serviriam bem para um gorducho.

“Estava certo de que se Davi Wilkerson fosse um impostor, seria desmascarado em seu encontro com Jo-

Jo. Jo-Jo era esperto, e descobriria logo um impostor. Se ele não fosse sincero, Jo-Jo lhe daria uma facada.

“Ele levantou os olhos para Davi e disse: “Vá embora, homem rico. Você é um estranho aqui. Você chega a Nova York, falando bonito, dizendo que Deus transforma as pessoas. Tem sapatos novos, bem engraxados, e calças novas — e nós não temos nada. Minha velha me chutou para fora de casa, porque tem dez crianças lá no nosso buraco, e noca de dinheiro. Te manca, cara, eu conheço o seu tipo. Você está aqui visitando os guetos como aqueles caras ricos que levam seus ônibus pelo bairro de Bowery. Pra fim de conversa, é melhor você dar no pé antes que alguém enfie uma faca na sua barriga.”

“Eu percebi que alguma coisa estava apertando o coração de Davi. Pode ser que ele soubesse que Jo-Jo falava a verdade. Mais tarde ele me disse que foi por ter lembrado de algo que um certo General Booth dissera: “É impossível aquecer o coração dos homens com o amor de Deus, quando seus pés estão duros de frios.” Pode ser que eu não esteja citando textualmente suas palavras, mas de qualquer forma Davi disse que isso passara pela sua mente. E sabem o que ele fez? Sentou-se naqueles degraus — bem ali na rua — tirou os sapatos e entregou a Jo-Jo.

“Jo-Jo olhou espantado para Davi e disse: “Que está tentando provar, pregador? que tem coração, ou o quê? Eu não vou calçar seus sapatos fedidos.”

“Mas Davi respondeu-lhe à queima-roupa: “Meu chapa”, disse ele, “você estava choramingando por causa de sapatos. Agora, calce, ou pare de chorar.”

“Jo-Jo respondeu: “Mas eu nunca tive um sapato novo.”

“Davi apenas continuou dizendo: “Calce.”

“Jo-Jo calçou assim o sapato de Davi. Em segui-

da, este começou a afastar-se em direção ao carro. Continuei escondido por trás dos degraus, enquanto Jo-Jo corria atrás de Davi rua abaixo. O pobre Davi estava só de meia, e teve de andar assim dois quarteirões para chegar ao carro, enquanto todo mundo ria e caçoava dele. Foi aí que tive a certeza de que ele era sincero.”

Israel parou um pouco, reprimindo as lágrimas. “Nada do que Davi dissera até então me impressionara. Mas aquele homem não era um impostor: ele vivia o que pregava. Percebi que não poderia resistir à espécie de poder que podia levar um homem a um ato como aquele em favor de alguém como Jo-Jo.” Depois do culto, atravessei vagarosamente a multidão, ainda emocionado com o trabalho e com o poder da presença de Deus dentro de mim, enquanto falara. Fiquei pensando que talvez ele quisesse que eu fosse pregador. Seria aquela a sua forma de comunicar-se comigo? Não encontrei a resposta, mas senti que precisava de tempo para pensar no assunto.

O pessoal ainda conversava no vestíbulo e na calçada, em frente ao templo. Continuava recebendo cumprimentos ao sair pela porta central. Naquele momento, dois carros do outro lado da rua ligaram os motores. Ouvi um grito de mulher. Olhando naquela direção, vi canos de espingarda saindo pelas janelas, e reconheci alguns dos Bishops. Eles começaram a atirar selvagememente em minha direção, enquanto os carros arrancavam velozmente. Havia gente caindo em frente à igreja, e outros correndo aterrorizados para dentro do templo, procurando escapar à fuzilaria. Abaixei-me por trás de uma porta, enquanto balas ricocheteavam na parede de pedra, ao meu lado. Os carros desapareceram na noite.

Quando a confusão se dissipou, um senhor de idade encaminhou-se para mim e rodeou-me os ombros com o braço : “Filho, não fique desanimado. O próprio

Jesus foi tentado no deserto, depois do seu batismo. Deve sentir-se honrado pelo fato de Satanás ter marcado você para ser perseguido. Eu prevejo que fará grandes coisas para Deus, se perseverar.” Deu-me umas palmadinhas no ombro e desapareceu no meio da multidão.

Eu não sabia o que era “perseverar”, contudo queria fazer grandes coisas para Deus. Mas não estava muito certo de ser uma honra o fato de Satanás ter mandado os Bishops para me matar.

O ambiente parecia ter-se acalmado e saí de novo, iniciando o longo caminho de volta para casa. O Rev. Arce levava Israel de carro para casa, mas eu quis ir a pé. Precisava pensar. O Sr. Delgado, que estivera trabalhando com Davi Wilkerson, convidara-me para ir à sua casa passar a noite com ele. Era um homem amável, gentil, bem vestido. Pensei que ele devia ser muito rico. Fiquei envergonhado dos meus maus modos, das roupas velhas, e recusei o convite. Ele me deu uma nota de um dólar, e me disse que se precisasse de dinheiro, bastava avisá-lo.

Agradei e comecei a voltar para o apartamento. Ao atravessar a Av. Vanderbilt, vi Loca diante do seu apartamento. “Ei, Nicky, onde você tem estado todo esse tempo ? Disseram que saiu da quadrilha. É verdade ?”

Disse-lhe que sim.

“Puxa, rapaz, você está fazendo falta. Já não é a mesma coisa, sem você lá. Por que não volta ?”

De repente, alguém me abraçou por trás. Eu ri: “Puxa, vocês querem mesmo que eu volte, hein?” pensando que fosse um dos nossos. O rosto de Loca transfigurou-se, gelado de terror. Virei a cabeça depressa, e reconheci Joe, um Apache a quem havíamos raptado e queimado.

Estava lutando para me libertar quando vi a faca

na mão dele. Joe me segurou por trás passando a mão esquerda em volta do meu pescoço, enquanto brandia a lâmina sobre o meu ombro, em direção ao coração. Levantei a mão direita para frustrar o golpe daquela lâmina de vinte e quatro centímetros e ela me feriu na mão, entre o anular e o mínimo, atravessando-me a mão e esfolando um pouco o peito.

Girei sobre mim mesmo, e ele me golpeou de novo. “Desta vez eu te mato”, uivou. “Pensa que pode fugir, ficando escondido detrás de uma igreja, mas está muito enganado, meu velho. Vou fazer um favor para o mundo e matar um covarde que virou honesto.”

Gritei para Loca: “Saia daqui! Este cara está louco!”

Ele avançou para mim e deu uma facada em direção ao meu estômago, mas pulei para trás e arranquei a antena de um carro que estava estacionado ali. Agora podíamos lutar de igual para igual. Nas minhas mãos, a antena era uma arma tão mortífera quanto a peixeira dele.

Rodeei o rapaz, esgrimindo no ar com a vara de metal. Estava agora de volta ao meu elemento. Senti-me confiante de que poderia matá-lo. Por experiência, eu sabia qual seria o seu próximo movimento. Quando ele arremettesse contra mim com a faca, daria um passo atrás, fazendo com que perdesse o equilíbrio. Podia cegá-lo, girando o corpo e o braço e atingindo-o nos olhos, e paralisá-lo ou matá-lo com um segundo golpe.

Segurei a antena com a mão esquerda, enquanto a direita, que pingava sangue do ferimento que ele me fizera, conservava à minha frente para me resguardar da faca.

“Vamos, menino”, cochichei, “tente mais uma vez. Só uma vez. Será a última.”

Os olhos de Joe estavam apertados, cheios de

ódio. Eu sabia que teria de matá-lo, porque nada mais o faria parar.

Ele avançou para mim, e eu dei um passo atrás, e a faca sibilou, quase tocando o meu estômago. Agora! Ele perdera o equilíbrio. Levantei a antena como um chicote, para bater-lhe no rosto desprotegido.

Repentinamente, senti como se a mão de Deus tivesse agarrado o meu braço. “Dê a outra face.” A voz era audível, e muito real. Olhei para aquele Apache não como um inimigo, mas como uma pessoa. Senti pena dele, ali no meio da noite, cuspidando palavrões, com o ódio gravado em seu rosto. Vi-me no seu lugar, algumas semanas atrás, na rua escura, procurando matar um inimigo.

Orei. Pela primeira vez na vida, orei por mim:

“Deus, ajuda-me.”

O Apache recuperou o equilíbrio e olhou para mim: “O que você disse?”

“Deus, ajuda-me”, eu repeti. Ele parou e arregalou os olhos.

Loca correu, enfiando o gargalo quebrado de uma garrafa em minha mão : “Corta a cara dele, Nicky.”

O rapaz começou a correr.

“Atira nele, Nicky, atira nele !”

Levantei o braço, mas em vez de atirar o caco de garrafa no Apache que fugia, atirei-o contra a parede do prédio.

Depois, peguei um lenço e enrolei-o na mão que sangrava muito. Ficou logo empapado de sangue e Loca subiu correndo ao seu quarto, e trouxe uma toalha de banho para absorver o sangue. Ela quis me levar para casa, mas eu disse que era capaz de ir sozinho, e fui embora.

Tinha medo de ir ao hospital, mas sabia que precisava de ajuda. Já estava ficando fraco devido à perda de sangue. Precisava atravessar a Praça Washington e a Praça Fulton, para chegar ao Hospital Cumberland. Achei melhor ir antes que me esvaísse em sangue e morresse. De pé na esquina de De Kalb, perto do Corpo de Bombeiros, eu esperava a luz do semáforo acender, mas senti a cabeça tonta e resolvi atravessar a rua antes de desmaiar.

Cambaleei pelo meio do tráfego. Então ouvi um grito, e um dos Mau-Maus veio correndo pela rua para me ajudar. Era Tarzan, um rapagão que usava um enorme chapéu mexicano. “Que é isto, Nicky, está querendo se matar?” Ele pensava que eu estava louco, porque entregara o coração a Jesus.

“Rapaz, eu estou ferido. Muito ferido. Ajude-me a chegar à casa de Israel, por favor.”

Tarzan foi comigo até o apartamento de Israel, e nós subimos os cinco lances de escadas, até o quarto dele. Era meia-noite quando bati à porta.

A mãe de Israel abriu e me convidou para entrar. Ela percebeu que eu estava ferido. Israel saiu do outro quarto. Olhou para mim e começou a rir. “Rapaz, o que aconteceu com você?”

“Fui esfaqueado por um Apache.”

“Puxa ! nunca pensei que isto pudesse te acontecer.”

A mãe de Israel nos interrompeu e insistiu para que eu fosse para o hospital. Israel e Tarzan me ajudaram a descer as escadas, e me levaram ao pronto-socorro do hospital vizinho. Tarzan concordou em pegar minha carteira onde estava o dólar que eu ganhara, e ir contar ao meu irmão Frank o que me acontecera. Israel esperou o médico examinar minha mão. Alguns tendões tinham sido cortados, e eu ia precisar de anestesia.



Israel estava sério quando me levaram na maca. “Não se preocupe, meu chapa, nós vamos acertar o cara que fez isto.”

Eu queria dizer-lhe que não precisávamos mais de vingança. Deus cuidaria disso. Mas a porta fechou se vagorosamente atrás de mim...

No dia seguinte, bem cedo, Israel estava no meu quarto de hospital. Eu ainda estava meio tonto devido à anestesia, mas pude perceber que estava diferente. Finalmente consegui abrir os olhos e vi que ele tinha rapado completamente a cabeça.

“Ei, careca, o que é que há ?” murmurei. A velha expressão voltara ao rosto de Israel.

“Caramba, primeiro eles quase nos furam como peneiras diante da igreja, e agora esfaqueiam você. Esse negócio de Jesus não dá pé. Aquele cara não podia fazer isso. Vou pegá-lo para você.”

Eu estava recuperando os sentidos, e levantei-me na cama. “Ei, cara, você não pode fazer isso. Eu poderia tê-lo acertado sozinho, mas deixei-o nas mãos de Deus. Se você voltar às ruas, nunca mais sairá. Lembre-se do que Davi falou sobre lançar a mão ao arado... Meu chapa, fique comigo e esqueça a briga.”

Lutei para ficar sentado, e notei que Lídia e Loreta tinham entrado com Israel. Caí, porém, de costas na cama, pois ainda estava fraco com a perda de sangue e a cirurgia. O meu braço inteiro estava em um só molde de gesso, desde a ponta dos dedos até o cotovelo.

Loreta era uma bela italianinha de cabelos negros com quem tivera vários encontros. Ela falou: “Nicky, Israel tem razão. Aqueles caras vão entrar no hospital e matá-lo, se você não voltar para a quadrilha. Vamos fazer como nos velhos tempos. Você fica bom e volta para os Mau-Maus. Estamos esperando você.”

Virei e olhei para Lúdia. “É isso que você acha também ?”

Ela baixou a cabeça. “Nicky, preciso te contar uma coisa. Estou envergonhada. Devia ter falado há muito tempo. Já faz dois anos que sou crente.”

“O quê ?” encarei-a incrédulo. “Você quer me dizer que acreditava em Cristo todo este tempo e não me contou? Como é que pode ser crente e fazer tudo que tem feito? Os cristãos não agem assim. Eles não se envergonham de Jesus. Não, não creio em você.”

Lúdia mordeu o lábio inferior, e lágrimas vieram aos seus olhos, enquanto ela torcia o lençol com as mãos. “Estou envergonhada, Nicky. Eu tinha medo de lhe falar de Cristo. Se falasse a verdade, você não me quereria mais.”

Israel aproximou-se da cama. “Vamos, Nicky. Você está apenas confuso. Vai sentir-se melhor mais tarde. Loreta e eu achamos que você deve voltar para a quadrilha. Não sei o que Lúdia acha. Mas pense nisso e não se preocupe. Vou falar com alguns dos rapazes, e vamos pegar aquele cara que fez isto com você.”

Dei-lhe as costas. Loreta chegou-se e beijou me na face. Senti lágrimas em meu rosto, quando Lúdia curvou-se e me beijou. “Sinto muito, Nicky. Perdoe-me, por favor.”

Eu não disse nada. Ela me beijou outra vez e saiu depressa. Ouvi a porta fechar-se atrás deles.

Depois que eles saíram, quase pude sentir a presença de Satanás no quarto. Ele falara comigo por intermédio de Israel e Loreta. Estava me preparando através da minha decepção com respeito a Lúdia.

“Nicky”, cochichou ele, “você é um bobo. Eles têm razão. Volte para a gang. Recorde dos bons tempos. Lembre-se da satisfação de vingar-se. Lembre como era

doce estar nos braços de uma garota bonita. Você traiu sua quadrilha, Nicky, mas ainda não é tarde demais para voltar.”

Enquanto me tentava, a enfermeira entrou com a bandeja do jantar. Ouvi-o ainda a segredar : “Ontem à noite foi a primeira vez na vida em que você não revidou. Covarde! O grande e bravo Nicky Cruz chorando na Arena St. Nicholas, correndo de um Apache e deixando-o escapar. Mulherzinha. Santinho Medroso.”

“Sr. Cruz?” Era a enfermeira falando, ao aproximar-se do meu leito. “Se virar para cá, eu arrumarei a sua bandeja.”

Dei um pulo na cama, e bati na bandeja, jogando-a no chão: “Vá para o inferno !”

Quis dizer mais alguma coisa, porém não saiu nada. Todos os antigos palavrões tinham desaparecido. Naquele instante, não fui nem capaz de lembrá-los. Fiquei ali sentado com a boca aberta, e de repente lágrimas começaram a correr dos meus olhos, descendo ao longo do rosto como dois regatos. “Desculpe”, soluzei. “Por favor, chame um ministro Chame o Rev. Arce.”

Silenciosamente, a enfermeira apanhou os pratos do chão, e bateu de leve no meu ombro: “Vou chamá-lo agora mesmo. Deite e descanse.”

Deitei a cabeça no travesseiro, ainda soluçando. Em pouco tempo o Rev. Arce chegou e orou em meu favor. Enquanto ele orava, eu me senti libertado do espírito que se apossara de mim. Disse-me que pediria ao Sr. Delgado para me visitar, na manhã seguinte, e ele providenciaria para que eu tivesse os cuidados necessários.

Naquela noite, depois que a enfermeira me ajudou a trocar o paletó do pijama, ajoelhei-me ao lado do leito do hospital. De tarde eles haviam colocado um outro paciente na cama ao lado da minha, mas pensei que ele

estivesse dormindo. Comecei a orar em voz alta, o único jeito que eu sabia. Ninguém me dissera que se pode orar “em pensamento”. Sabia apenas que tinha de orar a Deus, e a única maneira de fazê-lo era falando com ele — em voz alta. Comecei assim a orar.

Pedi a Deus que perdoasse o rapaz que havia me esfaqueado, e que o protegesse de todo mal, até que ele pudesse aceitar a Jesus. Pedi a Deus que me perdoasse pela maneira como eu tratara Lídia, e por ter dado aquele tapa na bandeja, derrubando-a das mãos da enfermeira. Eu lhe disse que iria onde quer que desejasse e faria o que ele quisesse. Lembrei a Deus que eu não estava com medo de morrer, mas pedi que me deixasse viver o bastante para um dia falar a mamãe e a papai a respeito de Jesus.

Fiquei de joelhos muito tempo, antes de jogar-me na cama e cair no sono.

Na manhã seguinte, estava me vestindo para deixar o hospital, quando o homem da cama ao lado falou baixinho, fazendo-me sinal para chegar perto dele. Era um velho que tinha um tubo na garganta. Tremia, estava muito pálido e a sua voz era um murmúrio.

“Eu estava acordado ontem à noite”, cochichou ele.

Fiquei um pouco envergonhado e dei um sorriso tolo. “Muito obrigado”, disse ele, “muito obrigado pela sua oração.”

“Mas eu não estava orando pelo senhor”, confessei. “Pensei que o senhor estivesse dormindo. Eu estava orando por mim mesmo.”

O ancião estendeu o braço e agarrou a minha mão sã, com seus dedos frios e úmidos. O aperto era muito fraco, mas pude sentir que ele estava apertando com energia.

“Oh, não, você está enganado. Você estava orando por mim. E eu também orei. Pela primeira vez em muitos, muitos anos, eu orei. Eu também orei. Eu também desejo fazer o que Jesus quer que eu faça. Muito obrigado.”

Grandes lágrimas rolaram pelas suas faces, vinçadas de profundas rugas, enquanto ele falava. Eu disse: “Deus o abençoe, meu amigo”, e saí. Eu nunca tentara ajudar ninguém, em minha vida. E nem sabia como o fizera, naquele dia. Mas sentia de forma confortadora e forte que o Espírito de Deus operara por meu intermédio. Estava satisfeito.

O Sr. Delgado estava me esperando no saguão. Pagou a minha conta, e levou-me para o seu carro. “Telefonei para Davi Wilkerson ontem à noite”, disse ele. “Está em Elmira realizando uma série de reuniões. Ele quer que eu leve você e Israel para lá, amanhã “

“Davi mencionou isso a última vez em que nos encontramos”, disse eu, “mas Israel voltou para a quadrilha. Acho que ele não vai.”

“Vou encontrar-me com ele hoje à noite. Mas hoje quero que você fique na minha casa, onde estará em segurança. Vamos sair amanhã bem cedo para Elmira.”

Parecia uma ironia o fato de eu estar indo para Elmira para avistar-me com Davi. Era para lá que a polícia queria me mandar, mas por uma razão diferente. Passei o resto do dia orando por Israel, para que ele não voltasse para a quadrilha, mas resolvesse ir comigo para Elmira.

Na manhã seguinte, levantamo-nos bem cedo e atravessamos a cidade de carro, em direção ao Brooklin e ao Conjunto Habitacional Fort Greene. O Sr. Delgado disse que Israel concordara em ir conosco, e deveria encontrar-se conosco na esquina das ruas Myrtle e De Kalb às sete da manhã. Quando ali chegamos, Israel não

estava. Comecei a sentir um frio na boca do estômago. Demos a volta no quarteirão, mas não o vimos. O Sr. Delgado disse que tínhamos pressa; não obstante, passamos pelo seu apartamento, na Rua St. Edward, defronte ao 67.º Distrito, para ver se podíamos encontrá-lo. Passamos lá, mas não vimos sinal dele. O Sr. Delgado ficou olhando para o relógio, e finalmente disse que tínhamos de ir embora.

“Será que não podemos dar só mais uma volta no quarteirão?” disse eu; “pode ser que o encontremos desta vez.?”

“Olhe, Nicky”, respondeu, “eu sei que você gosta de Israel e está com medo que ele volte para a quadrilha. Mas ele precisa aprender a arranjar-se sozinho. Disse que nos encontraria às sete horas, e não está aqui. Vamos dar mais uma volta no quarteirão, mas são seis horas de viagem até Elmira, e Davi está nos esperando às duas da tarde.”

Fizemos a volta do quarteirão mais uma vez, e depois fomos para o Bronx, para pegar Jeff Morales. Jeff era um rapaz porto-riquenho que queria entrar para o ministério da Palavra de Deus. Davi pedira ao Sr. Delgado que o levasse para servir-me de intérprete quando falasse na igreja.

Quando saímos da cidade, tive uma sensação de alívio. Recostei-me no banco e suspirei. O peso fora retirado. Mas no meu coração havia uma profunda tristeza porque estávamos deixando Israel para trás, e eu tinha um pressentimento de algo ameaçador, envolvendo condenação e desespero, em relação ao futuro dele. Eu não sabia naquela época, mas... seis anos se passariam antes que nos encontrássemos de novo.

Naquela noite Davi apresentou-me ao povo de Elmira e dei o meu testemunho. Davi me pedira para começar desde o princípio, e contar a minha história

exatamente como acontecera. Fui obscuro nos detalhes, e não pude lembrar-me de muita coisa. Compreendi logo que Deus não apenas tirara de mim muitos dos antigos desejos, mas também apagara muitas daquelas recordações da minha mente. Conteí, porém, a história da melhor maneira que pude. Muitas vezes adiantei-me ao meu intérprete, e Jeff tinha de dizer: “Calma, Nicky, espere por mim.”

O povo riu e chorou, e quando foi feito o apelo, muitos aproximaram-se do altar para dar seu coração a Cristo. A sensação de que Deus estava me chamando para um ministério especial ficou ainda mais forte, quando vi que Deus estava operando através da minha vida.

No dia seguinte tive oportunidade de conversar com Davi por muito tempo. Ele me perguntou se eu estava mesmo decidido a ingressar no ministério. Respondi que não sabia direito o que era isso, e nem podia falar um inglês inteligível, mas sentia que Deus esperava algo de mim, e estava me guiando nesse sentido. Davi disse que faria tudo o que lhe fosse possível para me arranjar uma escola.

Escola! Há três anos que eu não ia à escola, desde que fora expulso. “Davi, não posso voltar para a escola. O diretor disse que se eu voltar, ele me entrega à polícia.” Davi riu.

“Não é aquela escola, Nicky. É uma Escola Bíblica. Você gostaria de ir para a Califórnia?”

“Para onde?”

“Califórnia, na costa ocidental.”

“É perto de Brooklin?” perguntei. Davi caiu na gargalhada

“Oh, não, Nicky. Estou vendo que o Senhor vai ter de operar muito em você. E eu sei que ele é

suficientemente poderoso para fazê-lo. Espere para ver grandes coisas acontecerão através do seu ministério. Estou certo disso.”

Sacudi a cabeça. Tinha medo dos guardas de Brooklin. Se precisava ir para a escola, fazia votos fervorosos para que fosse em algum lugar fora da cidade de Nova York.

Davi quis que eu ficasse em Elmira, enquanto ele escrevia para a Escola Bíblica. Mais tarde, fiquei sabendo que ela ficava em La Puente, Califórnia, perto de Los Angeles. O curso bíblico era para moças e rapazes que desejavam preparar-se para o ministério e não tinham possibilidades financeiras de ir para a faculdade; o curso durava três anos. É claro que eu não terminara o ginásio, mas Davi escreveu uma carta expressa pedindo-lhes que me aceitassem assim mesmo. Ele disse que eu não estava escondendo nada a respeito da minha vida pregressa, mas falava de meus sonhos e ambições, e pedia que fizessem uma experiência comigo, embora eu tivesse me tornado cristão há poucas semanas.

As coisas em Elmira não estavam correndo muito bem, nesse meio tempo. Alguém espalhou o boato que eu ainda era chefe da gang e que estava procurando formar uma quadrilha ali. Davi ficou aborrecido, e percebeu que aquilo podia significar distúrbio. Eu passava a noite com Davi, mas tinha medo de que passassem a criticá-lo. Concordamos em orar a respeito do problema.

Naquela noite Davi falou-me sobre o batismo no Espírito Santo. Ouvi-o atentamente, mas não entendi o que ele estava querendo me ensinar. Ele leu passagens das Escrituras nos livros de Atos, I Coríntios e Efésios. Explicou que depois que uma pessoa é salva, Deus deseja transmitir-lhe o seu poder. Explicou a conversão de Saulo em Atos 9; três dias depois de sua conversão,



Saulo foi batizado com o Espírito Santo, recebendo um novo poder.

“É disso que você precisa, Nicky”, disse Davi. “Deus deseja dar-lhe poder, e dons especiais.”

“Que espécie de dons você quer dizer ?” perguntei-lhe.

Ele abriu a Bíblia em I Coríntios 12:8-10 e explicou a respeito dos nove dons do Espírito.

“São dados aos que são batizados no Espírito Santo. Pode ser que você não receba todos, mas receberá alguns. Nós, pentecostais, cremos que todos os que são batizados no Espírito têm dom de línguas.”

“Você quer dizer que eu serei capaz de falar em inglês mesmo sem estudar?” perguntei, estupefato.

Davi ia continuar falando, porém fechou a Bíblia : “O Senhor disse aos apóstolos para “esperar”, e então receberiam poder. Não quero ser apressado a esse respeito, com você, Nicky. Vamos esperar no Senhor, e ele vai batizá-lo, quando estiver preparado para isso. Por enquanto, temos um problema nas mãos, e precisamos orar para resolvê-lo.”

Ele desligou a luz e eu disse: “Se ele me der outra língua espero que seja italiano. Eu conheço a garota italiana mais bacana que existe, e estou certo de que...” Fui interrompido pelo travesseiro de Davi que sibilou através do quarto e amassou-se contra o meu rosto.

“Durma, Nicky. Já é quase dia, e metade da cidade pensa que você ainda é um chefe de quadrilha. Se ele lhe der outra língua, é melhor que seja algo que este povo possa entender, quando você lhes disser que não é, na verdade, um assassino.”

Na manhã seguinte, Davi parecia preocupado quando voltou da reunião matutina.

“A situação não está boa, Nicky. Vamos precisar tirar você daqui antes de cair a noite, e eu não sei para onde pode ir, a menos que seja de volta para Nova York.”

“Você acha que o Senhor ouviu nossas orações ontem à noite ?” perguntei.

“É claro que sim. É por isto que eu oro: porque creio que ele me ouve.” Davi olhou-me surpreso.

“Você orou para que Deus tomasse conta de mim?”

“Você sabe que sim.”

“Então, por que está tão preocupado ?”

Davi levantou-se e encarou-me durante um minuto: “Vamos tomar café, estamos atrasados. Estou com fome, e você?”

Naquele dia, às duas horas da tarde, tocou o telefone no quarto do motel. Era o pastor da igreja onde Davi estava pregando. Havia uma senhora no seu escritório que queria falar conosco. Davi disse que sairíamos imediatamente.

Entramos e o pastor apresentou-nos à Sra. Johnson que viajara trezentos quilômetros, de sua casa, no norte do Estado de Nova York. Tinha setenta e dois anos, e disse que na noite anterior o Espírito Santo lhe falara. Lera as notícias a meu respeito nos jornais, e afirmou que o Espírito Santo a avisara de que eu estava em dificuldades, e que deveria ir ao meu encontro.

Olhei para Davi: grandes lágrimas corriam pela sua face. “O seu nome pode ser Sra. Johnson, mas eu penso que realmente é Sra. Ananias”, disse ele.

“Não compreendo”, disse. Olhou com estranheza para Davi.

“Ele está se referindo ao Ananias mencionado em Atos 9, a quem o Espírito Santo tocou e enviou para

auxiliar Paulo”, interrompeu o pastor.

“Só sei que o Senhor me dirigiu para vir buscar este rapaz e levá-lo para casa”, disse sorrindo a Sra. Johnson.

Davi mandou que me preparasse para voltar com ela. Disse também que deveria ter uma resposta de La Puente dentro de poucos dias, e me avisaria o mais depressa possível. Eu não queria ir, mas depois de saber o que acontecera na noite anterior, e vendo o que estava acontecendo, fiquei com medo e atendi.

Duas semanas mais tarde recebi um telefonema de Davi. Estava exultante. Os diretores do Instituto Bíblico tinham respondido. Estavam tão intrigados a respeito da perspectiva da minha ida, que concordaram em dispensar todos os requisitos e aceitar-me como aluno. Ele mandou que eu tomasse um ônibus de volta a Nova York, pois sairia para a Califórnia no dia seguinte.

Desta vez não senti medo durante a viagem para Nova York. Lembrei-me da viagem com o Dr. John, e da terrível depressão que senti, da sensação de estar voltando a cair na fossa. A fossa, porém, desaparecera. Desta vez eu estava saindo do deserto.

Eu teria de esperar cinco horas na estação rodoviária, antes que Davi fosse encontrar comigo. Concordara em esperar na própria rodoviária, para evitar problemas. Contudo, os problemas tinham um meio de me achar. Vieram na forma de dez Viceroyes que formaram um círculo silencioso ao meu redor, enquanto me achava sentado, lendo uma revista.

“Ei, olha o menino bonito”, disse um deles, fazendo referência ao meu terno e gravata. “Ei, almo-fadinha, você está fora do seu território. Não sabe que isto é domínio dos Viceroyes?”

“Ei, turma, sabem quem é este? É aquele Mau-

Mau simplório que virou pregador”, disse de repente um dos rapazes.

Outro aproximou-se de mim e espetou o dedo no meu rosto: “Ei, pregador, posso encostar em você ? Pode ser que a sua santidade pegue em mim.”

Dei um tapa na sua mão: “Você quer morrer?” rosnei, o velho Nicky ressuscitando. “Ponha outra vez a mão em mim, e você é um homem morto.”

“Puxa”, pulou para trás, fingindo surpresa. “Vejam só. Ele parece pregador, mas fala como um...” e usou um palavrão.

Antes que pudesse mexer-se, levantei-me de um salto e mergulhei o punho no seu estômago. Quando se dobrou com o golpe, golpeei-o na nuca, com o punho fechado, fazendo-o cair inconsciente por terra. Os outros rapazes estavam surpresos demais para se moverem. As pessoas que estavam na estação rodoviária começaram a se espalhar, e a se esconder por trás dos bancos. Afastei-me em direção à porta.

“Vocês aí, tentem qualquer coisa, e mato vocês. Vou atrás dos Mau-Maus depois volto para matar todos os Viceroyes.

Viram que eu falava sério e sabiam que os Mau-Maus eram duas vezes mais depravados e mais fortes do que eles. Olharam uns para os outros e se afastaram em direção à outra porta, arrastando o companheiro meio desmaiado.

“Eu volto”, gritei. “É melhor vocês se mandarem, porque se estiverem aqui quando eu voltar, já sabem que vão morrer.”

Corri porta a fora, em direção a uma entrada do metrô que havia ali perto. Mas, no caminho, passei por uma igreja de pessoas de origem espanhola. Algo em mim fez com que eu diminuísse o passo, e voltasse. Subi

vagarosamente os degraus e entrei no edifício aberto. Quem sabe era melhor que eu orasse antes, pensei. Iria depois buscar os Mau-Maus.

Uma vez, porém, dentro da igreja, esqueci os Mau-Maus — e os Viceroy. Comecei a pensar em Jesus, e na nova vida que me esperava no futuro. Ajoelhei-me ao pé do altar e os minutos se passaram como segundos, até que finalmente senti um tapinha no ombro. Olhei. Era Davi Wilkerson.

“Quando não encontrei você na estação rodoviária, imaginei que estivesse aqui”, disse ele.

“Naturalmente”, respondi. “Onde você acha que eu estaria: de volta à gang?” Ele deu uma risada, e saímos em direção ao carro dele.

## Capítulo 12

# ENVOLVIDO NA ESCOLA

---

O INSTITUTO BÍBLICO DE LA PUENTE, Califórnia, é acanhado e despretensioso. Está localizado em um pequeno trato de terra, bem perto da cidade. A maior parte dos setenta alunos matriculados na escola era de fala espanhola, e quase todos tinham origem modesta.

Steve Morales e eu chegamos de avião de Nova York. A escola era diferente — muito diferente de tudo o que eu já experimentara. Os regulamentos e horários eram muito rígidos. A escola era muito sistemática, e as aulas iam de terça a sábado. A maior parte dos alunos vivia em dormitórios do tipo alojamento militar.

Foram necessários vários meses para que eu me

acostumasse com o Instituto. Eu sempre vivera sem freios, mas no Instituto tudo era regulado por um sino, desde a hora em que nos levantávamos, às seis da manhã, até o momento das luzes se apagarem, às nove e trinta da noite. De modo geral, não havia tempo disponível, e exigiam de nós que passássemos mais de duas horas por dia em oração, além das seis horas de aula. Meu maior problema era não poder conversar com as garotas. Isto era estritamente proibido, e a única oportunidade em que podíamos conversar era em uns poucos momentos roubados antes e depois das aulas, ou enquanto estávamos lavando pratos, durante o cumprimento de nossa escala na cozinha.

Contudo, a filosofia da escola era ensinar disciplina e obediência. Embora isso fosse muito difícil para mim, era justamente o tipo de treinamento de que eu precisava. Qualquer coisa menos severa me proporcionaria liberdade em excesso.

As refeições eram fartas, mas estavam longe de ser apetitosas. De manhã cedo, geralmente comíamos mingau com torradas, mas uma vez por semana tínhamos ovos. Porém essa dieta típica era parte definida do nosso treinamento, pois a maioria iria trabalhar em regiões ou bairros pobres, ministrando a pessoas de fala espanhola. Seríamos, então, forçados a viver em circunstâncias bem humildes.

Os professores foram muito pacientes comigo. Eu não sabia como agir, e me sentia terrivelmente inseguro. Procurava compensar minhas falhas, agindo com esperteza e ostentação.

Lembro-me de certa manhã, durante o terceiro mês escolar, quando estávamos de pé enquanto o professor nos dirigia em uma longa oração no início da aula. Eu estivera espreitando, havia algumas semanas, aquela garota mexicana de cabelos negros, muito bonita e espiritual, que se assentava à minha frente, porém não

conseguiu chamar sua atenção. No meio da oração peguei a cadeira dela, afastando-a silenciosamente da carteira, pensando que assim ela iria sem dúvida ter sua atenção voltada para mim. Depois do “amém”, todos nos sentamos. Ela realmente me notou. Virou-se para trás, em sua posição deselegante no chão, e olhou para mim com olhos que despediam chispas de fogo. Quase morrendo de rir, estendi a mão para ajudá-la a levantar-se, porém ela me encarou furiosa e pôs-se de pé sem minha ajuda. Não disse uma palavra e, de certa forma, a coisa perdeu mesmo a graça. Enquanto colocava a cadeira de volta no lugar, ela bateu deliberadamente com a perna pontuda da mesma na minha canela. Penso que nunca sentira tanta dor em toda a minha vida. O sangue fugiu-me das faces, e pensei que ia desmaiar. Toda a classe caiu na risada. Finalmente recuperei o controle e olhei para ela. Ela devolveu-me o olhar com olhos que seriam capazes de fundir a blindagem de um tanque de guerra. Sorri debilmente, mas sentia o estômago embrulhado. Ela virou-se e sentou-se rigidamente na cadeira, olhando para o professor.

Este limpou a garganta, e disse: “Agora que terminamos a devoção matinal, comecemos a aula. Sr. Cruz será o primeiro a ser argüido esta manhã.”

Olhei para ele com olhos fracos e inexpressivos. “Sr. Cruz!” disse ele. “O senhor preparou a lição, não foi?” Tentei dizer algo, mas minha perna doía tanto que não pude falar. “Sr. Cruz, sabe qual é o castigo para quem não prepara a lição. Sei que tem grande dificuldade com a língua, e que ainda não disciplinou a mente para pensar em termos acadêmicos. Todos estamos tentando ser pacientes com o senhor, mas a menos que coopere, não tenho escolha : preciso dar-lhe um zero, e reprová-lo nesta matéria. Vou perguntar-lhe mais uma vez : preparou a lição?”

Sacudi a cabeça afirmativamente, e fiquei de pé.

Minha mente estava completamente vazia. Fui manquejando até a frente da sala de aula, e olhei para a classe. Encarei a garota bonita de olhos negros. Ela sorriu docemente, e abriu o seu caderno de forma que pude ver páginas e mais páginas de notas escritas com uma belíssima caligrafia — a lição que eu deveria apresentar. Olhei para o professor e disse debilmente : “Desculpe-me.” Corri para fora da classe, em direção ao dormitório.

Eu me fizera de tolo. Pensara que podia ser “vivo” e todos iriam rir, como faziam nas quadrilhas. Mas estas pessoas eram diferentes. Elas me toleravam porque tinham dó de mim. Eu era um desajustado, um proscrito.

Sentei-me na cama e escrevi uma longa carta para Davi Wilkerson. Disse-lhe que era duro viver ali, e que eu cometera um erro em ter aceito sua oferta. Eu sentia decepção, mas tinha medo que fosse deixá-lo embaraçado, se continuasse na escola. Pedi-lhe para mandar-me uma passagem de avião, para que pudesse voltar. Mande a carta expressa, e enderecei-a à casa de Davi na Pensilvânia.

A resposta dele chegou uma semana depois. Rasguei o envelope ansiosamente, para encontrar um pequeno bilhete :

“Querido Nicky :

Fico satisfeito em saber que você está indo tão bem. Ame a Deus e fuja de Satanás.

Pena que eu não tenha dinheiro em caixa, agora. Escreverei mais tarde para você, quando conseguir algum dinheiro. Seu amigo, Davi.”

Fiquei doente, confuso e frustrado. Escrevi então



uma carta expressa ao Sr. Delgado. Eu sabia que ele tinha dinheiro, mas tive vergonha de contar-lhe que estava passando por horas tão duras na escola. Disse-lhe que minha família em Porto Rico precisava de dinheiro e eu tinha de ir para lá, arrumar um emprego e ajudá-la. Fazia um ano que eu não tinha notícias de minha família, mas parecia-me a única estória que eu podia contar, sem me complicar.

Uma semana depois, recebi uma carta expressa do Sr. Delgado :

“Querido Nicky:

Fiquei satisfeito em receber notícias suas. Enviei dinheiro para a sua família, para que você possa ficar na escola. Deus o abençoe.”

Naquela noite, fui conversar com o Diretor, o Sr. Lopez. Contei-lhe os problemas que estava tendo. Estava me rebelando contra toda a autoridade. No dia anterior, fora minha vez de lavar o auditório, e eu atirara o esfregão no assoalho e dissera a eles que viera à Califórnia para estudar, e não para trabalhar como um escravo. Eu ainda andava gingando. Sabia que não devia pensar como o velho Nicky pensava — mas não conseguia. Quando os outros rapazes do dormitório tentaram orar por mim, eu os empurrei e disse-lhes que eram bons demais para mim. Eu era um trapaceiro. Um gangster. Eles todos eram santos. Eles queriam orar por mim e impor as mãos sobre mim, mas eu me recusei a permitir que se aproximassem. Chorei lágrimas amargas, sentado em seu pequeno escritório, e clamei pedindo sua ajuda.

O Sr. Lopez era um homem pequeno, de pele bronzeada. Ouviu-me silenciosamente, meneou a cabeça, e finalmente estendeu a mão, pegando sua velha

Bíblia que estava escondida debaixo de uma pilha enorme de provas não corrigidas.

“Nicky, você precisa de um relacionamento mais íntimo com o Espírito Santo. Você foi salvo e quer seguir a Jesus, mas jamais terá qualquer vitória real em sua vida, enquanto não receber o batismo do Espírito Santo.”

Fiquei ali sentado, ouvindo o Sr. Lopez ler, na Bíblia aberta, versículos que falam da maravilhosa vitória que eu poderia alcançar, se recebesse o Espírito de Deus.

“Em Atos 1”, disse ele, “os apóstolos estavam na mesma situação em que você está. Tinham sido salvos, porém, não tinham poder. Dependiam da presença física da pessoa de Jesus Cristo para proporcionar-lhes poder. Enquanto estavam perto dele, sentiam poder. Quando, porém, foram separados dele perderam o poder. Só uma vez nos Evangelhos encontramos o registro de Jesus curando alguém sem estar presente. Foi o caso do servo do centurião. Porém, mesmo nesse caso, o centurião precisou dirigir-se a Jesus para exercer sua fé. Em Mateus registra-se que Jesus comissionou os doze discípulos e deu-lhes poder sobre os espíritos imundos, para expulsá-los, e para curar toda sorte de enfermidades. Mas, mesmo tendo recebido a ordem, eles não possuíam poder suficiente para continuar sozinhos. Encontra-se evidência disso no fim do mesmo livro, quando um homem levou seu filho para ser curado por Jesus, dizendo que o apresentara aos discípulos, e eles não tiveram poder para curá-lo.”

Ouvi atentamente, enquanto os dedos do diretor moviam-se agilmente, demonstrando familiaridade com a Bíblia, gasta pelo uso. “No Jardim do Getsêmani, Jesus afastou-se dos discípulos para orar. Mas logo que ele desapareceu de vista, eles perderam o poder. Jesus pedira que ficassem acordados e vigiassem, mas eles

caíram no sono.”

Pensei com meus botões : “É justamente isso que acontece comigo. Sei o que ele quer que eu faça, mas não tenho forças para fazê-lo. Eu o amo e quero servi-lo, mas não tenho poder.”

O diretor continuou falando, acariciando a Bíblia com as mãos, como se estivesse tocando a ponta dos dedos de um velho e querido amigo. Seus olhos brilhavam, úmidos, enquanto ele falava do seu precioso Senhor: “Depois, você se lembra, naquela mesma noite quando Pedro estava ao lado de fora do palácio, no momento em que levaram o seu Senhor, ele perdeu o poder. Tornou-se um covarde espiritual. Naquela noite, até mesmo uma criada pôs a descoberto sua mentira, fazendo com que Pedro blasfemasse contra o seu Salvador, e até negasse que o conhecia.”

Lopez respirou fundo, dando um suspiro, e grandes lágrimas se formaram nos seus olhos, caindo nas páginas amareladas da Bíblia aberta: “Nicky, isto é muito semelhante a todos nós. Como é trágico! Como é terrivelmente trágico, que na sua hora de necessidade, ele teve de ficar sozinho! Aproveusse a Deus que eu estivesse lá para ficar com ele... para morrer com ele. Mas assim mesmo, Nicky, tenho a impressão de que eu seria igual a Pedro, porque o Espírito Santo ainda não viera, e eu, dependendo das minhas próprias forças, teria também abandonado meu Salvador.”

Parou de falar por um momento, pois sua voz ficou sufocada. Tirou o lenço do bolso e assoou ruidosamente o nariz.

Reabriu a Bíblia em Atos, e continuou: “Nicky, lembra-se do que aconteceu depois da crucificação ?”

Meneei a cabeça. Eu conhecia muito pouco a Bíblia.

“Todos os discípulos desistiram. Foi isto que

aconteceu. Eles disseram que tudo estava terminado, e iam voltar aos seus barcos de pesca. O único poder que eles tinham era o que fluía da presença física de Jesus, em quem vivia o Espírito Santo. Mas, depois que ressuscitou, Jesus lhes recomendou que voltassem a Jerusalém e esperassem até receberem novo poder... o prometido poder do Espírito Santo.

“A última promessa feita por Jesus aos seus seguidores, foi a de que eles receberiam poder. Veja aqui em Atos 1:8.” Ele estendeu a Bíblia por sobre a escrivaninha, para que pudéssemos ler juntos: “Mas receberéis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia, e Samaria, e até aos confins da terra.”

“Veja, Nicky, isto não é uma ordem para sair pelo mundo dando testemunho. É uma promessa de que receberíamos poder. E quando os apóstolos receberam poder, não puderam deixar de ser testemunhas. Receberam poder por ocasião do batismo do Espírito Santo. O Espírito voltara dos céus de maneira poderosa e magnificente, enchendo cada um daqueles apóstolos com o mesmo poder possuído por Jesus.”

Eu me remexi na cadeira: “Se ele já enviou o seu Espírito”, disse eu, “por que não o enviou a mim?”

“Mas ele enviou”, respondeu o diretor, que se pôs outra vez de pé, e começou a andar para cá e para lá, ao lado de sua pequena escrivaninha; “ele enviou! Só que você ainda não o recebeu.”

“Enviar. Receber. Qual é a diferença?”

“O Espírito de Deus está em você, Nicky. Ele entrou em sua vida naquela noite, na Arena St. Nicholas. Ninguém pode dizer: “Senhor Jesus!” senão pelo Espírito Santo. Foi o Espírito quem o convenceu dos seus pecados. Foi o Espírito quem lhe deu o poder para aceitar a Jesus como seu Senhor. Foi o Espírito quem

abriu as portas para que você entrasse nesta escola. Mas você ainda não deixou que ele o possuísse completamente.”

“Como é que eu faço, então?” perguntei sinceramente. “Tenho tentado purificar minha vida, livrar-me de todos os meus pecados. Tenho jejuado e orado, mas nada aconteceu.”

“Você nada faz, Nicky. Você simplesmente o recebe.” Sacudi a cabeça. Ainda estava confuso.

O Sr. Lopez pegou a Bíblia de novo e encontrou com facilidade o livro de Atos. “Vou contar-lhe a história de um homem chamado Saulo. Estava a caminho de Damasco para um grande “quebra-pau”, mas foi derrubado pelo Espírito de Cristo, na estrada. Três dias depois ele foi batizado no Espírito e começou a pregar. Desta vez o poder veio através da imposição de mãos.”

“É esta a maneira pela qual eu posso recebê-lo ?” perguntei. “Alguém irá impor as mãos sobre mim e serei batizado com o Espírito Santo?”

“Pode ser que seja dessa maneira”, respondeu o Sr. Lopez. “Ou você pode recebê-lo quando estiver sozinho. Mas, uma vez que isto aconteça, a sua vida jamais será a mesma.”

Ele parou, e depois, olhando-me bem no fundo dos olhos, disse: “O mundo precisa de sua voz, Nicky. Há centenas de milhares de jovens pelos Estados Unidos que ainda vivem onde você viveu — e da mesma forma como você viveu. Estão presos nos laços do medo, do ódio e do pecado. Necessitam de uma voz profética poderosa que se levante nas favelas e nos guetos, e indique-lhes Cristo, que é a única saída para as suas misérias. Eles não vão ouvir os eloqüentes oradores dos púlpitos modernos. Nem dar atenção aos professores de seminários e institutos bíblicos. Nem atender aos visitantes sociais. Não darão crédito aos evangelistas

profissionais. Não vão às grandes igrejas, e mesmo que o fizessem, não seriam bem recebidos. Eles precisam de um profeta saído de suas próprias fileiras, Nicky. E desde este momento, vou começar a orar para que seja você esse profeta. Você fala a linguagem deles. Viveu onde eles vivem. É como eles. Você odiou como eles odeiam. Teve medo como eles têm. Agora Deus tocou sua vida e o chamou para fora da sarjeta, a fim de que possa chamar outros para seguirem o caminho da cruz.”

Houve um longo período de silêncio sagrado. Ouvi-o dizer: “Nicky, quer que eu ore para que você receba o Espírito Santo?”

Pensei bastante, e depois respondi: “Não. Acho que isto é algo que devo receber sozinho. Se tenho que me manter por mim mesmo, devo recebê-lo sozinho. Creio que ele virá quando chegar a hora... porque eu já estou preparado.”

O diretor olhou para mim e sorriu: “Você é prudente, Nicky. Suas palavras só poderiam ter vindo do Espírito de Deus. Muito breve sua vida vai mudar completamente. Orarei por você, enquanto você ora por si próprio.”

Olhei rapidamente para o relógio de parede. Eu passara quatro horas com ele. Eram duas da madrugada.

As cinco noites seguintes foram passadas em oração agonizante, na capela. Meus dias eram cheios de atividade estudantil, mas à noite eu me dirigia para a capela, a fim de suplicar a Deus para que me batizasse no seu Santo Espírito. Eu não sabia orar, exceto em voz alta. Comecei assim a orar em voz cada vez mais alta. Eu me ajoelhava diante do altar, e clamava a Deus: “Batiza-me, batiza-me, batiza-me!” Mas, nada acontecia. Era como se o salão fosse uma caixa hermeticamente fechada, o que impedia minha voz de subir até os céus. Noite após noite eu ia à capela, ajoelhava, dava socos no

gradil do altar, e gritava: “Batiza-me, ó Deus, por favor, batiza-me, para que eu tenha o poder de Jesus.” Tentei mesmo pronunciar palavras em uma língua desconhecida, mas não saiu nada.

Na sexta-feira à noite, depois de uma semana de quatro a cinco horas de oração infrutífera por noite, eu estava a ponto de estourar sob a tensão emocional. Saí da capela, bem tarde, e estava atravessando vagorosamente o pátio, quando ouvi alguém gritando atrás do prédio onde ficavam as salas de aula. Corri para o lado de onde ouvira o barulho e dei de frente com Roberto, ex viciado em drogas: “O que foi, Roberto ? O que foi?”

Ele levantou os braços e gritou: “Glória a Deus! Glória a Deus ! Glória a Deus !”

“O que aconteceu ? Por que você está tão alegre ?”

“Eu fui batizado no Espírito. Agora mesmo, há poucos minutos, eu estava orando e Deus tocou minha vida e encheu-me de alegria e felicidade. Não posso parar. Preciso ir. Preciso contar ao mundo inteiro. Glória a Deus, Nicky, glória ao seu maravilhoso nome!” Ele saiu correndo pelo pátio, pulando e gritando: “Aleluia! Glória a Deus!”

“Ei, espere um minuto”, saí gritando atrás dele. “Roberto ! Roberto ! Onde você recebeu o batismo? Onde você estava quando isso aconteceu ?”

Ele virou-se, e quase sem fôlego, apontou para o prédio da escola. “Na classe. Na sala grande. Eu estava na frente, de joelhos, e ele me encheu de fogo. Aleluia! Glória a Deus!”

Não esperei para escutar mais. Saí correndo loucamente pelo pátio, em direção à classe. Se ele tocara Roberto, podia ser que ainda estivesse lá e me tocasse também. Deslizei pela porta do edifício e corri saguão a dentro, até o salão. Freando à porta, espiei. Tudo estava

escuro e silencioso.

Entrei devagar na sala vazia e escura, e tateei por entre as carteiras, até chegar à frente. Ajoelhei ao lado da carteira onde a garota bonita de olhos negros se estendera tão sem cerimônia no chão, quando afastei a cadeira. Não tive tempo para reconstituir o acontecimento em minha mente; coloquei-me de mãos postas, na posição tradicional de prece, e ergui o rosto.

Em alta voz, gritei então: “Deus, sou eu, Nicky! Eu também estou aqui. Batiza-me!” Esperei ansiosamente. Nada aconteceu.

Talvez eu esteja falando com a pessoa errada, pensei. Vou tentar outra vez. “Jesus”, gritei com todas as forças dos pulmões, “sou eu, Nicky Cruz, aqui na sala de aulas, em La Puente. Estou esperando para ser batizado no teu Espírito. Permite que eu receba o batismo.” A ansiedade era tão grande que eu quase me sentia suspenso no ar. Minha boca estava aberta, pronta para falar em línguas. Minhas pernas estavam tensas debaixo de mim, prontas para pular e correr como Roberto. Nada, porém, aconteceu. Nada. Silêncio. O assoalho tornou-se duro, e meus joelhos começaram a doer. Levantei-me vagorosamente e saí desanimado, atravessei o pátio escuro e fui para o dormitório.

O ar recendia com o perfume dos jasmims que desabrochavam durante a noite. A grama estava úmida debaixo dos meus pés, regada pelo orvalho da madrugada. Nos arbustos, ouvi o canto solitário de um curiango, e algures, à distância, ouvi o resfolegar grave e plangente de uma locomotiva diesel, puxando vagorosamente os vagões carregados, ladeira acima. A lua escondeu-se por trás de uma nuvem escura semelhante a uma dama sedutora, esgueirou-se para dentro do seu apartamento e fechou a porta. O perfume dos jasmims flutuava no ar frio da noite, e as lâmpadas dos postes piscavam quando o vento agitava os ramos



das palmeiras diante dos raios da sua luz. Eu estava sozinho no paraíso de Deus.

Entrei silenciosamente no dormitório, e encaminei-me, guiado pela força do hábito, para meu beliche na penumbra. Deitei-me de costas na cama, com as mãos cruzadas sob a cabeça, de olhos arregalados na escuridão. Eu podia ouvir o rressonar suave dos outros rapazes. “Deus!” soluzei. E senti lágrimas escaldantes me subirem aos olhos e correrem para dentro de minhas orelhas, e sobre o travesseiro. “Faz uma semana que eu estou pedindo, e tu não me atendeste. Eu não presto. Já sei porque não pude receber-te: é porque eu não sou digno. Eu ajo como um imbecil em relação às outras pessoas. Nem sei como segurar o garfo e a faca. Não sei ler direito, nem raciocinar com ligeireza suficiente para assimilar os ensinamentos. Tudo o que sei é da gang. Estou tão deslocado aqui, e sou tão sujo e pecador... Eu quero ser bom. Mas não posso ser bom sem o teu Espírito. Não obstante, tu não o dás porque eu não sou bastante digno.”

A imagem do meu velho quarto, na Rua Fort Greene, 54, atravessou-me a mente como um relâmpago, e eu comecei a tremer incontrolavelmente. “Eu não quero voltar, meu Deus, mas o que acontece é que não consigo me ajustar aqui. Todos estes rapazes e estas moças são tão espirituais e santos, e eu tão impuro e pecador... reconheço que estou fora do meu lugar. Vou voltar amanhã.” Virei-me de lado, e caí num sono agitado.

Depois da aula, no dia seguinte, voltei ao dormitório para arrumar minhas malas. Tinha resolvido sair furtivamente da escola, e empreender a longa jornada de volta para casa — pedindo carona. Não adiantava ficar ali.

Naquela noite, sentado no meu beliche, os meus pensamentos foram interrompidos por um dos alunos

externos.

“Ah, Nicky! É você mesmo que eu queria encontrar.”

Pensei com meus botões: “É você mesmo que eu não queria encontrar.”

“Nicky”, continuou ele num tom alegre, “vamos realizar um estudo bíblico e um culto na pequena igreja do Boulevard Guava. Eu quero que você vá comigo.”

Sacudi a cabeça: “Hoje não, Gene. Estou cansado, e tenho muito o que estudar. Convide um dos outros rapazes.”

“Mas não há nenhum outro rapaz por aqui”, disse ele enquanto me dava um tapinha nas costas, “e além disso, o Espírito Santo me mandou procurar você.”

“Hummm, o Espírito, é? Bem, o Espírito me mandou ficar aqui e descansar um pouco, pois eu tenho estado muito ocupado falando com ele a semana inteira. Agora, raspe-se e deixe-me descansar.” Deitei e dei-lhe as costas.

“Não sairei daqui se você não for comigo”, disse ele teimosamente. Sentou-se aos pés de minha cama, e cruzou as pernas.

Fiquei exasperado. O rapaz estava louco. Será que não percebia que eu não queria ir ?

“Tá bom”, suspirei, “vou com você. Mas, não se surpreenda se eu cochilar no culto.”

“Vamos”, disse Gene alegremente, puxando-me pelo braço. “Estamos atrasados, e tenho de pregar.”

Eu concordara em ir porque decidira sair de mansinho depois do culto, e arranjar uma carona para a cidade. Meti no bolso às pressas a escova de dentes e alguns outros pertences e resolvi deixar o resto da bagagem. Afinal de contas, não valia muita coisa.

Chegamos à pequena capela mais ou menos às sete e trinta da noite. Era feita de adobe, rebocada por dentro. Os toscos bancos de madeira estavam cheios de mexicanos simples e sinceros. “Pelo menos estou em boa companhia”, pensei. “Até mesmo esta gente é melhor do que eu. Pelo menos estão aqui porque querem. Eu estou aqui porque fui forçado a vir.”

Gene pregou cerca de quinze minutos, e depois fez o apelo. Eu estava sentado no último banco, ao lado de um homem de cabelos grisalhos que recendia fortemente a sujeira e suor. Suas roupas estavam sujas, como se ele tivesse vindo diretamente do campo sem ter tomado banho. Enquanto Gene orava, meu vizinho de banco começou a chorar: “Jesus, Jesus, Jesus”, murmurava ele sem parar. “Obrigado, Jesus. Oh, obrigado, Jesus.”

Algo moveu se dentro de mim. Era como se alguém tivesse aberto uma torneira, um pouquinho só, a princípio; e que, depois, começasse a jorrar. “Obrigado, Jesus”, orava o velho granjeiro ao meu lado, “obrigado.”

“Oh, Deus!” solucei, “Oh, Jesus, Jesus.” Cerrei os dentes, e tentei segurar a avalanche, mas as comportas não agüentaram, e eu me vi correndo corredor abaixo, em direção ao altar, tropeçando e cambaleando, até que caí de encontro ao gradil de madeira bruta, chorando incontrolavelmente.

Senti as mãos de Gene sobre mim. “Nicky.” Eu quase não ouvia a sua voz, por causa de meus soluços. “Nicky, Deus não ia deixar você fugir esta noite. O seu Espírito veio a mim há uma hora atrás, e mandou que fosse ao dormitório, para buscar e trazer você a este culto. Eu sabia que você planejava fugir. Ele enviou-me para impedi-lo.”

Como ele sabia ? Ninguém sabia! Ninguém, exceto Deus.

“Deus me enviou a você, Nicky. Todos os rapazes e

professores estão orando por você, na escola. Sentimos a mão de Deus sobre você de maneira maravilhosa. Sentimos que ele está para encaminhá-lo a um grande e precioso ministério. Nós gostamos de você. Nós amamos você. Amamos você.”

As lágrimas corriam como regatos. Eu queria falar, mas não consegui dizer nada. Percebi que ele deu a volta pelo gradil tosco, sem pintura, pôs o braço ao redor dos meus ombros, e ajoelhou-se ao meu lado. “Posso orar por você, Nicky ? Posso orar para que Cristo o batize no seu Santo Espírito ?”

Tentei responder, mas o choro aumentou. Acenei afirmativamente com a cabeça, resmunguei qualquer coisa que ele interpretou como sendo uma resposta afirmativa.

Eu não tive consciência da sua oração, nem prestei atenção nela. Nem sei se ele orou ou não. De repente, abri a boca, e dela saíram os mais belos sons que eu já ouvi. Senti uma grande purificação interior, como se o meu corpo estivesse sendo limpo, desde a sola dos pés até o alto da cabeça. A linguagem com que eu estava louvando a Deus não era inglês nem espanhol. Era uma língua desconhecida. Eu não tinha idéia do que estava falando, mas sabia que era louvor ao Deus Santíssimo, em palavras que, por mim mesmo, jamais seria capaz de formar.

O correr do tempo perdeu qualquer significado, e a dureza das tábuas em que eu estava ajoelhado não fez diferença. Eu estava louvando a Deus da maneira que sempre desejara, e nunca mais ia parar.

Pareceu-me que se haviam passado apenas alguns momentos, quando senti Gene me sacudir pelo ombro: “Nicky, está na hora de ir. Precisamos voltar para a escola.”

“Não, está muito bom aqui”, ouvi-me dizer, “deixe-

me ficar aqui para sempre.”

“Nicky”, ele insistiu, “precisamos ir. Você pode continuar quando voltarmos, mas agora precisamos ir embora.”

Levantei os olhos. A igreja estava vazia; só nós dois estávamos ali. “Ei, onde está o pessoal?”

“Rapaz, são onze horas da noite. Faz uma hora que todos saíram.”

“Quer dizer que estive orando duas horas?” Não podia acreditar.

“Obrigado, Jesus, obrigado!” gritei, enquanto corríamos para o carro.

Gene deixou-me defronte ao dormitório, e foi embora. Corri para dentro e acendi a luz. Comecei a cantar com todas as forças: “Santo, Santo, Santo, Deus onipotente!”

“Ei, que barulho é esse ? O que é que deu em você?” começaram a gritar. “Apague essa luz. Que loucura é essa? Apague a luz!”

“Calma”, gritei. “Hoje estou celebrando. Vocês não sabem o que me aconteceu, mas eu sei, e quero cantar... Glória, glória, aleluia!...” Uma fuzilaria de travesseiros me atingiu, vindo de todos os cantos do quarto. “Apague a luz!” Mas eu sabia que uma luz se acendera em minha alma, que jamais haveria de apagar-se. Brilharia para sempre.

Naquela noite, sonhei de novo — pela primeira vez desde que fora salvo. No sonho, eu estava no alto da colina, perto de Las Piedras, em Porto Rico, onde eu subira muitas vezes em meus pesadelos. Olhando para o céu, vi a forma de um pássaro. Mesmo dormindo, comecei a tremer, e tentei levantar-me. “Oh, Deus, não permita que isso comece de novo. Por misericórdia!” Mas o pássaro chegava cada vez mais perto. Só que desta vez

não era o passarinho sem pernas — era uma pomba. Encolhi-me de terror, pensando que ela iria bicar-me, e bater com as asas no meu rosto. Mas não — nada disso aconteceu. Era uma pomba mansa e meiga. Ela foi descendo... descendo... e pousou mansamente sobre a minha cabeça. O sonho se desfez, e eu caí num sono profundo, calmo, delicioso.

## Capítulo 13

# ONDE OS ANJOS TEMEM ANDAR

---

OS DIAS QUE SE SEGUIRAM foram cheios de alegria e de vitória. A primeira transformação que notei foi na minha conduta. Não andava mais gingando. Ficava atento durante as orações, orando com a pessoa que dirigia. Em lugar de bancar o “vivo”, comecei a demonstrar consideração pelos outros, principalmente pela garota de lindos olhos negros que se sentava à minha frente.

Descobri que o nome dela era Glória. No dia em que dei meu testemunho diante da classe, ela encaminhou-se para mim e apertou-me a mão de maneira digna, como uma dama: “Deus o abençoe, Nicky. Tenho orado por você.”

Tinha uma desconfiança de que ela provavelmente estivesse orando para que eu “caísse morto”. Mas percebi que estava realmente feliz pelo fato de Deus ter-me tocado. Seus olhos, profundos e negros, piscavam como as estrelas à meia-noite e seu sorriso era lindo.

Na semana seguinte encontrei coragem suficiente para convidá-la a ir comigo a uma campanha de evangelização, que estávamos realizando em uma pequenina igreja perto da escola. Ela sorriu, e duas covinhas apareceram, quando acenou afirmativamente.

No decorrer daquele ano fomos juntos a muitos cultos. Embora estivéssemos sempre na companhia de outras pessoas, fiquei sabendo muitas coisas a seu respeito. Nasceu no Estado de Arizona. O pai era italiano, e sua mãe mexicana. Tinham mudado para a Califórnia quando ela estava com cinco anos, e seus pais abriram um bar em Oakland. Na última série do ginásio, fora salva e decidira entrar na Escola Bíblica. Seu pastor, o Rev. Sixto Sanchez, sugerira que ela escrevesse para o Instituto Bíblico. Eles a aceitaram, e entrara na escola no outono daquele ano.

Perto do fim do ano escolar, senti que Glória estava passando por algum profundo desassossego íntimo. O regime escolar era muito pesado para ela. Nos últimos dias de aula, ela me disse que achava que não agüentaria cursar outro ano, e que por isso não voltaria à escola depois das férias. Fiquei desapontado, mas ela prometeu que me escreveria.

Passei aquele primeiro verão em Los Angeles. Alguns amigos me levaram para lá e providenciaram um lugar para eu morar. Mas senti muito a falta de Glória. Quando as aulas começaram, no outono, fiquei muito satisfeito ao encontrar uma carta à minha espera. Ela cumprira a promessa.

Glória revelou-me, em parte, os motivos que a levaram a deixar a escola. “Minhas experiências foram diferentes das suas, Nicky”, escreveu ela. “Embora mamãe e papai trabalhem num bar, fui criada em uma atmosfera moralmente boa. Quando fui salva, fui a extremos exagerados. Aprendi que era pecado copiar os padrões do mundo. Desfiz-me de toda maquiagem,

deixei de usar maiô, e desisti até de enfeitar-me com jóias. Tudo em mim era negativo. Quando fui para a escola, a situação piorou ainda mais. Estava a ponto de sofrer um colapso mental. Queria contar isso a você, mas nunca tivemos oportunidade de estar a sós. Espero que compreenda e continue orando por mim. Mas eu não voltarei para a escola...”

O segundo ano na Escola Bíblica passou depressa. Minhas notas melhoraram, e os outros alunos estavam começando a me aceitar como igual. Tive várias oportunidades de pregar em trabalhos ao ar livre, e dar meu testemunho em algumas igrejas vizinhas.

Em abril, recebi uma carta de Davi Wilkerson. Ele ainda estava morando na Pensilvânia, mas queria que eu voltasse para Nova York naquele verão, para trabalhar entre as quadrilhas do Brooklin. Planejava alugar um apartamento na Av. Clinton, entre as ruas Fulton e Gates, e havia conseguido que Thurman Faison e Luiz Delgado trabalhassem comigo, se eu fosse. O dinheiro era pouco, mas tínhamos moradia e pagariam sete dólares por semana a cada um de nós.

Naquela noite, depois da hora de estudo, fui ao escritório do diretor, e telefonei para Davi, a cobrar. O telefone tocou durante muito tempo, e finalmente uma voz sonolenta atendeu. Ele resmungou que pagaria a taxa.

“Ei, Davi, sou eu, Nicky. Você já acabou de jantar?”

“Nicky, sabe que horas são?” “Claro, meu chapa, são dez da noite.” “Nicky...” havia uma pontinha de exasperação na voz, “podem ser dez horas na Califórnia, mas aqui é uma da madrugada. Eu e Gwen estamos dormindo há duas horas. Agora você acordou o bebê também.”

“Mas Davi, só queria dar-lhe as boas novas.”



Ouvi perfeitamente a criança berrando, como “fundo musical”. “O que é tão bom que não pode esperar até de manhã, Nicky ?”

“Isto não pode esperar, Davi. Eu vou para Nova York trabalhar com você neste verão. Deus me disse que quer que eu vá.”

“Isso é ótimo, Nicky. Estou vibrando, Gwen também, e o bebê também. Vou mandar uma passagem de avião para você. Boa noite.”

Fiquei acordado a noite inteira, fazendo planos para a minha volta a Nova York.

A viagem para a “minha cidade” ajudou-me a ver como eu tinha mudado. Era como se toda a minha vida tivesse se tornado realmente viva. Quando começamos a descer no aeroporto de Nova York, meu coração começou a bater mais depressa ante as recordações, e o entusiasmo cresceu. Localizei a silhueta do Edifício Empire State no horizonte, e depois, a ponte de Brooklin. Nunca percebera como a cidade era tão compacta, nem como se espalhava por centenas de quilômetros quadrados. Meu coração transbordava de amor e compaixão pelos milhões de pessoas que estavam amarradas, ali em baixo, na selva de asfalto do pecado e do desespero. Meus olhos ficaram rasos de água quando o avião fez um círculo sobre a cidade. Estava triste e feliz — amedrontado e ansioso. Estava em casa.

Davi foi me buscar no aeroporto, e nós nos abraçamos e choramos sem acanhamento. Com o braço rodeando meus ombros, levou-me até o carro, falando, cheio de entusiasmo, a respeito do seu novo sonho.

Escutei, enquanto ele falava dos planos que tinha para o futuro; do seu novo Centro — Desafio Jovem. Porém, ele percebeu que algo estava me preocupando, e

finalmente seu entusiasmo arrefeceu o suficiente para perguntar-me o que era.

“Davi, você soube alguma coisa de Israel? Onde ele está? Se está bem?”

Davi curvou a cabeça, e finalmente olhou para mim com um olhar sombrio.

“Não, Nicky, nem tudo está bem. Não falei nada sobre isto em minhas cartas, porque temia desanimá-lo. Acho que devo contar tudo agora, para que comece a orar comigo nesse sentido.”

Ficamos algum tempo no carro abafado, no pátio de estacionamento do aeroporto, enquanto Davi me contava a situação de Israel.

“Israel está na prisão, Nicky. Foi envolvido em um assassinato, em dezembro, depois que você foi para a escola. Até agora, não saiu da prisão.”

Meu coração acelerou-se. Senti um suor frio na palma das mãos. Respirei fundo.

“Conte-me tudo o que sabe, Davi. Eu quero saber.”

“Quando tive notícias dele tudo estava terminado, e já tinha sido levado para a penitenciária de Elmira. Fui até Nova York para visitar a mãe de Israel. Ela chorou ao conversar comigo, e me contou que houvera uma grande mudança na vida do filho depois que ele aceitara Cristo, mas, depois do desengano, ele voltara para a quadrilha.”

“Que desengano?” perguntei.

“Você não sabe?”

“Você se refere ao fato de eu ter sido esfaqueado? Ele disse que ia pegar o cara que fizera aquilo.”

“Não, foi algo mais profundo do que isso. A mãe dele contou me que no dia em que você saiu do hospital, o Sr. Delgado passou no apartamento pediu-lhe para

ir com você encontrar comigo em Elmira, no dia seguinte. Israel ficou entusiasmado e disse que iria. Ela o acordou na madrugada do dia seguinte às quatro horas, passou as roupas dele, e arrumou a sua mala. Ele foi até a Av. Flatbush e esperou das seis até às nove da manhã. De alguma forma, vocês se desconstruíram. Ele voltou para o apartamento, jogou a mala no chão, e disse à mãe que todos os crentes eram uma cambada de trapaceiros. Naquela noite voltou para a gang.”

Senti lágrimas vindo aos meus olhos, quando me virei para Davi. “Nós o procuramos. Procuramo-lo por toda parte. Eu queria parar e procurar mais, mas o Sr. Delgado disse que precisávamos ir. Oh, Davi, se soubéssemos! Se tivéssemos olhado um pouco mais detidamente, poderia ser que ele agora estivesse na escola comigo.”

Davi assoou o nariz e prosseguiu: “Depois que voltou para a quadrilha, ele e outros quatro atiraram em um rapaz da quadrilha dos Angels da Rua Sul, defronte à Arcada Penny. Ele morreu imediatamente. Israel foi acusado de assassinato em segundo grau, e sentenciado a cinco anos na penitenciária do Estado. Está lá agora.”

Houve uma longa e sofrida pausa, e finalmente perguntei a Davi se ele o tinha visto, ou tivera notícias dele desde que fora preso.

“Escrevi-lhe, mas vim a saber que ele não podia responder. Só pode escrever para a família. Até os seus cursos por correspondência precisam ser enviados através do capelão da prisão. Orei por ele todo o verão seguinte, e finalmente empreendi uma viagem a Elmira, só para vê-lo. Estavam preparando a sua transferência para a colônia penal agrícola de Comstock, e permitiram que eu me entrevistasse com ele durante alguns minutos. Israel está bem, penso eu, mas ainda tem mais de três anos para ficar atrás das grades.”

Ficamos ali, sentados em silêncio, durante longo

tempo, e finalmente eu disse: “Penso que devemos orar por ele.”

Davi curvou-se sobre o volante e começou a orar em voz alta. Virei-me de costas, no assento, e ajoelhei-me no piso do carro, com os cotovelos apoiados no banco. Passamos quase quinze minutos orando, ali no pátio de estacionamento. Quando terminamos, Davi disse: “Fizemos tudo o que nos é possível fazer por Israel, por enquanto, Nicky; mas há uma cidade cheia de outros, iguaizinhos a ele, que nós ainda podemos salvar para Jesus Cristo. Você está pronto para por mãos à obra?”

“Vamos”, disse eu. Mas eu sabia que minha obra jamais estaria completa enquanto não pudesse libertar Israel. Davi deu partida no carro, e enveredou pelo intenso tráfego de Nova York. Eu estava abrasado de zelo pelo Senhor. “Quero visitar os membros da minha velha quadrilha, amanhã”, disse como que desinteressadamente. “Quero falar-lhes de Jesus.”

Davi virou-se para mim, ao sair da preferencial e breicar diante de um sinal vermelho, e disse: “Eu, se fosse você, avançaria devagar, Nicky. Desde que você foi embora, muita coisa aconteceu. Você se lembra quando se converteu? Quase mataram você. Eu teria muito cuidado. Há muito o que fazer, sem se envolver tão cedo com os Mau-Maus. Só loucos entram onde os anjos temem andar.”

O semáforo mudou de cor, e nós arrancamos, abrindo a curva, para ultrapassar um ônibus. “Posso ser louco, Davi, mas desta vez sou louco por amor de Jesus. Ele irá comigo e me protegerá. Os anjos podem ter medo de entrar na zona dos Mau-Maus, mas eu vou com Jesus.”

Davi sorriu e balançou a cabeça como a concordar, enquanto entrava na Av. Clinton. Freando diante de um edifício de apartamentos, ele disse: “Ele é o seu guia,

Nicky, não eu. Faça o que ele ordenar, e você só terá vitória. Vamos, quero que conheça Thurman e Luís.”

O dia seguinte seria o grande dia. Passei a maior parte da noite acordado, orando. De manhã, vesti o terno e pus uma gravata vistosa, com minha Bíblia nova de capa de couro debaixo do braço, atravessei a cidade em direção ao conjunto habitacional de Fort Greene. Ia ao encontro dos Mau-Maus.

A cidade não se modificara muito. Alguns dos prédios mais antigos tinham sido condenados, e havia tapumes ao seu redor. Tudo o mais permanecia como eu deixara, dois anos antes. Mas eu estava diferente. Engordara e cortara o cabelo. Contudo, a diferença maior estava no íntimo. Eu era um novo Nicky.

Quando atravessei a Praça Washington, meu coração começou a bater mais depressa. Comecei a procurar os Mau-Maus; contudo, pela primeira vez, estava preocupado a respeito da maneira como saudá-los — e o que eles diriam, quando me vissem. Como eu me apresentaria? Não estava com medo, só queria ter sabedoria para manejar a situação para a glória de Deus.

Quando saí da praça, vi uma turma de Mau-Maus encostada na parede de um edifício. As palavras de Davi relampejaram pela minha mente: “Só loucos entram onde os anjos temem andar”, mas eu murmurei uma oração em voz alta, pedindo que o Espírito Santo fosse comigo, e encaminhei-me para a “tropa” de desocupados.

Havia cerca de treze rapazes naquela turma. Reconheci Willie Cortez, e dando-lhe um tapinha nas costas, disse: “Ei, Willie, meu chapa...”

Cortez voltou-se e arregalou os olhos: “Não me diga que você é o Nicky?”

“Sim, meu chapa, sou o Nicky.” “Puxa, você parece

um santo, ou coisa parecida.” “Conversa, rapaz. Acabo de chegar da Califórnia. As coisas estão indo bem para mim. Sou crente e estou estudando.”

Ele agarrou meus ombros com ambas as mãos e fez-me girar várias vezes, olhando para minhas roupas e meu aspecto. “Puxa, Nicky, não acredito. Não posso acreditar.”

Depois, virando-se para os outros membros da gang, que estavam olhando curiosamente, disse. “Ei, rapazes, tirem o chapéu. Este é o Nicky. Ele foi nosso presidente. Era um cara bem bom de briga e fez história com os Mau-Maus. Era o mais durão de todos.”

Os rapazes tiraram os chapéus, respeitosos. Willie Cortez era o único do grupo a quem eu conhecia. Quase todos os rapazes eram mais novos, muito mais novos, mas todos ficaram impressionados. Tinham ouvido falar de mim, e aglomeraram-se ao nosso redor, estendendo a mão.

Coloquei o braço ao redor do ombro de Willie e sorri para ele. “Olha, Willie, vamos dar uma volta pela praça. Quero conversar com você.”

Afastamo-nos do grupo e entramos na Praça Washington. Willie andava vagarosamente ao meu lado, com as mãos nos bolsos, arrastando os pés no cimento. Quebrei o silêncio: “Willie, quero contar a você o que Cristo fez em minha vida.”

Ele não levantou a cabeça, mas continuou andando enquanto eu falava. Contei-lhe como eu me sentira quando era membro da quadrilha, dois anos antes, e como eu entregara o coração a Cristo. Contei-lhe a maneira como Deus me guiara para fora do deserto de concreto, para um lugar onde agora eu era um ser humano útil.

Willie interrompeu-me, e eu percebi que a sua voz tremia: “Ei, Nicky, pára com isso, te manca! Você me faz

sentir mal. Quando fala, alguma coisa mexe aqui dentro do meu peito. Você está diferente. Não é mais o mesmo velho Nicky. Você me dá medo.”

“Tem razão, Willie, alguma coisa me transformou. O sangue de Cristo transformou-me e lavou-me; agora, estou limpo. Sou um homem diferente. Não tenho mais medo. Não tenho mais ódio. Agora eu amo as pessoas. Amo você, Willie. E quero dizer-lhe que Jesus te ama.”

Chegamos a um banco, e fiz sinal para Willie sentar. Ele sentou-se e olhou-me, dizendo: “Nicky, fala mais de Deus.” Pela primeira vez na minha vida percebi como era importante falar de Cristo para os meus amigos. Percebi a solidão na sua face, a ignorância — o medo. Ele era exatamente como eu fora dois anos antes. Mas agora eu queria mostrar-lhe como escapar. Sentei ao lado dele, e abri a Bíblia nas passagens marcadas com lápis vermelho. Li as passagens bíblicas referentes ao pecado do homem. Quando li : “Pois o salário do pecado é a morte”, Willie olhou para mim com medo estampado no rosto.

“O que quer dizer, Nicky? Se eu sou pecador, e Deus vai me matar porque pequei, o que posso fazer? Quero dizer, puxa, preciso fazer alguma coisa. Que devo fazer?” Seus olhos mostravam grande excitação, e ele ficou de pé, de um salto.

“Sente-se, Willie, ainda não acabei. Vou contar o resto da história. Deus ama você. Ele não quer que vá para o inferno. Ele o ama tanto que mandou seu único Filho para pagar o preço de seus pecados. Ele enviou Jesus para morrer em seu lugar, para que você não precise morrer, mas possa ter vida eterna. E se você aceitá-lo, se você confessá-lo, ele salvará você.”

Willie deixou-se cair no banco, com um ar de desespero no rosto. Fiquei olhando para ele, com os olhos cheios de lágrimas. Fechei os olhos com força e comecei a orar, mas as lágrimas conseguiram passar por

entre as pálpebras cerradas, e correram pelas minhas faces. Quando abri os olhos, Willie também estava chorando.

“Willie, sabe o que significa arrepender-se?” Ele fez que não.

“Significa mudar de direção. Dar marcha-ré. Se você não se importa, quero que faça uma coisa.

Pode ferir o seu orgulho, mas eu vou orar por você. Você quer ajoelhar-se?”

Eu não tinha idéia de como ele iria reagir. Havia gente andando para lá e para cá, na calçada, bem defronte ao banco em que estávamos sentados, mas Willie acenou afirmativamente, e sem hesitação, ajoelhou-se na calçada. Olhando para cima, ele disse: “Nicky, se Deus pôde mudar você, pode me transformar também. Você ora por mim agora?”

Coloquei as mãos sobre a cabeça de Willie e comecei a orar. Senti seu corpo estremecer sob minhas mãos, e ouvi seus soluços. Ele pôs-se a orar. Estávamos ambos orando em voz alta — muito alta. Através de uma cortina de lágrimas, clamei: “Senhor! Toca em Willie! Toca em meu amigo. Salva-o. Faz com que ele seja um líder para levar outros a ti.”

Willie orava em voz alta e torturada: “Jesus... Jesus... Ajuda-me! Ajuda-me!” Estava ofegante, enquanto chorava e gritava: “Oh, Jesus, ajuda-me!”

Ficamos no jardim o resto da tarde. Ao crepúsculo, Willie voltou ao seu apartamento, prometendo trazer o resto da gang à minha casa, na noite seguinte. Fiquei ali de pé vendo-o afastar-se, até sumir-se ao longe. Mesmo olhando por trás, podia-se notar a diferença. Algo fluíra através de mim e alcançara Willie Cortez. Acho que não andei até a Av. Clinton, naquela tarde... flutuei... louvando a Deus a cada vez que respirava. Lembrei-me da vez em que correria pelo



grande pasto, defronte à nossa casa em Porto Rico, batendo os braços e tentando voar como um passarinho. Ali em Nova York, naquela noite, levantei a cabeça e respirei fundo. Finalmente estava voando.

Passei o resto do verão com a gang, pregando ao ar livre e realizando trabalho pessoal. Jejuava religiosamente, ficando sem comida das seis horas da manhã de quarta-feira até seis da manhã de quinta-feira. Descobri que quando jejuava e passava algum tempo em oração, aconteciam coisas em minha vida. Também escrevi várias vezes para Glória, e ultimamente suas cartas estavam ganhando um tom amigável e amável, como se ela estivesse gostando de me escrever. Os seus planos para o ano seguinte eram ainda indefinidos, e eu orei muito por ela.

Duas semanas antes de voltar à escola, um negociante cristão, que fazia parte da junta de conselheiros de Davi, chegou com um cheque. Disse-me que queriam dar-me alguma coisa extra pelo trabalho que eu realizara, e sugeriam que eu usasse o cheque para comprar uma passagem de avião até Porto Rico, a fim de visitar meus pais, antes de voltar à escola. Foi imensa a minha emoção.

Cheguei a San Juan numa segunda-feira, à tardinha, e tomei um ônibus para Las Piedras.

Já estava quase escuro, quando desci do ônibus e comecei a atravessar a cidadezinha, em direção à conhecida trilha que serpenteava pela colina gramada, subindo até a casinha branca de madeira, no topo do outeiro. Cem mil recordações inundaram meu coração e minha mente. Alguém gritou: “É Nicky. É Nicky Cruz”, e vi um homem correndo à minha frente, colina acima, para contar a papai e mamãe que eu estava chegando. Alguns segundos depois a porta abriu-se de um golpe, e quatro dos meninos mais novos saíram voando colina abaixo. Fazia cinco anos que não os via, mas eu

reconheci meus irmãos. Atrás deles, com a saia voando ao vento, vinha minha mãe. Deixei cair a mala, e corri para encontrá-los. Colidimos em uma agitação de exclamações felizes, lágrimas e abraços apertados. Os meninos treparam às minhas costas, derrubando-me por terra em uma luta animada. Mamãe pôs-se de joelhos, abraçando-me o pescoço, e sufocando-me de beijos. Recuperando a calma, vi que dois dos meninos mais novos tinham corrido para apanhar a minha mala e traziam-na trilha acima. Olhei para a casa, e ali de pé, alta e importante, estava a figura poderosa e solitária de papai, olhando em minha direção. Dirigi-me vagorosamente para ele, que permanecia imóvel, ereto, observando-me. Pus-me então a correr, e ele começou a descer vagorosamente os degraus para me encontrar. Afinal, irrompeu também numa corrida, e me encontrou na frente da casa. Apertando-me nos braços peludos, levantou-me do chão e apertou-me contra o peito amplo. “Bem-vindo, à sua casa, passarinho, bem-vindo.”

Frank escrevera a mamãe e papai, dizendo que minha vida mudara, e que eu estava estudando, na Califórnia. Espalhará-se a notícia de que me tornara crente, e muitos dos membros das igrejas em Las Piedras foram à nossa casa, à noite, para me ver. Disseram que outros queriam ver-me, mas ficaram com medo de ir à “casa do feiticeiro”. Criam que papai podia falar com os mortos, e na sua superstição tinham medo de se aproximar. Contudo, queriam ter um culto na casa de um dos crentes e pediram-me para pregar e dar meu testemunho. Disse-lhes que dirigiria o culto, mas teria que ser em minha casa. Olharam uns para os outros, e o dirigente do grupo disse: “Mas, Nicky, muitos dos nossos irmãos têm medo dos demônios. Têm medo de seu pai.”

Disse-lhes que iria ajeitar as coisas, e que na noite seguinte teríamos um grande culto cristão em minha casa.

Mais tarde, naquela mesma noite, quando papai ouviu o que tínhamos planejado, objetou violentamente. “Não permito isso. Não haverá culto cristão nesta casa. Essa gente vai arruinar meus negócios. Se tivermos um culto aqui, os outros nunca mais virão... estarei arruinado como espírita. Proíbo isso.”

“Você não é capaz de ver como o Senhor transformou o seu filho? Tem de haver algo nisso. A última vez em que o vi, ele era como um animal. Agora é um pregador, um ministro cristão. Nós teremos o culto e você assistirá”, argumentou mamãe.

Raramente mamãe discutia com papai, mas quando isto acontecia, sempre saía vencendo. Desta vez, também foi assim. Na noite seguinte a casa ficou lotada de gente da vila, bem como de vários pregadores de cidades vizinhas. O calor era escaldante. Fiquei de pé, na frente da sala, e dei o meu testemunho. Entrei em muitos detalhes, contando o domínio que Satanás exercera sobre mim, e como eu fora liberto das suas garras pelo poder de Cristo. O povo manifestava audivelmente seu agrado, enquanto eu pregava, murmurando aprovação, e algumas vezes gritando e batendo palmas de júbilo, enquanto eu descrevia os vários acontecimentos que cercaram a minha salvação.

Ao fim do culto, pedi a todos que curvassem a cabeça. Então, convidando os que quisessem aceitar a Cristo como salvador pessoal que dessem um passo à frente e se ajoelhassem, fechei os olhos e comecei a orar silenciosamente.

Houve um movimento na multidão. Senti que algumas pessoas estavam se aproximando. Ouvi-as chorar, enquanto se ajoelhavam à minha frente. Mantive minha posição, com os olhos fechados e o rosto voltado para o céu. Podia sentir a transpiração descendo pelo meu rosto, correndo pelas minhas costas e gotejando pelas minhas pernas. Eu estava todo suado, devido ao

calor que se gerara em mim, enquanto pregava, mas sentia que Deus estava operando, e continuei a orar.

Ouvi então uma mulher que ajoelhada diante de mim, começou a orar. Reconheci sua voz, e abri os olhos incredulamente. Não pude conter minha alegria: ali, ajoelhada à minha frente, com o rosto enterrado na saia, estava minha mãe e também dois de meus irmãos menores. Caí de joelhos diante dela, e rodeei-a com os braços.

“Oh, Nicky, meu filho, meu filho, eu também creio nele. Quero que ele seja o Senhor de minha vida. Não suporto mais ouvir falar de demônios e espíritos maus, e quero este Jesus como meu Salvador.” Ela começou então a orar. Ouvei a mesma voz que um dia me mandara para o quarto, e depois para o porão, com gritos histéricos de: “Eu odeio você...” clamando agora a Deus, pedindo salvação, e grandes soluços sacudiram meu corpo, enquanto ela orava pedindo perdão: “Por misericórdia, Deus querido, perdoa-me por ter falhado em relação ao meu filho. Perdoa-me por tê-lo afastado do lar. Perdoa meus pecados, e por não ter crido em ti. Agora eu creio. Creio em ti. Salva-me, ó Deus, salva-me.”

Abri os braços e cingi os meus dois irmãos mais novos, um de quinze e outro de dezesseis anos, e todos nos aconchegamos, orando e louvando a Deus.

Mais tarde, levantei-me e olhei para a multidão. Muitos outros tinham vindo e estavam ajoelhados no chão, orando e chorando. Fui de um para outro, impondo as mãos sobre as suas cabeças, e orando por eles. Finalmente, parei e olhei para o fundo da sala. Ali, encostado à parede, via-se a figura solitária de papai, levantando-se ereta sobre as cabeças curvadas. Nossos olhos se cruzaram em um longo olhar, e o seu queixo estremeceu visivelmente. Seus olhos encheram-se de lágrimas — mas ele virou-se e deixou repentinamente a sala.

Papai jamais declarou abertamente sua fé. Mas sua vida abrandou-se desde então. Depois daquela noite, não houve mais nenhuma sessão espírita na casa da família Cruz. Voltei a Nova York dois dias depois, e um dos pastores porto-riquenhos batizou minha mãe e meus dois irmãos nas águas, na semana seguinte.

Eu tinha menos de uma semana disponível em Nova York, antes de viajar para a Califórnia, para fazer meu último ano na escola. Na noite anterior à minha viagem houve uma grande concentração da mocidade na Igreja de Deus João 3:16. Fizemos um grande esforço para levar os Mau-Maus a assistir. Fizera amizade com Steve, seu novo presidente, e ele disse que se eu fosse estar presente, levaria com certeza a gang ao culto.

No vestíbulo, antes do culto começar, eu examinava os velhos orifícios feitos pelas balas de dois anos antes, quando os Mau-Maus começaram a chegar. Mais de oitenta e cinco deles apareceram. A pequena igreja ficou completamente lotada. Quando entraram, gritei-lhes: “Ei, meus chapas, aqui é território de Deus. Tirem o chapéu.” Eles obedeceram de boa vontade. Um rapaz estava no canto do vestíbulo, com uma das garotas. Gritou: “Ei, Nicky, posso abraçar minha garota aqui?”

Respondi: “Sim, meu chapa, vai em frente, mas nada de beijar nem de bolinação.” O resto da quadrilha caiu na gargalhada e entrou no auditório.

No fim do culto, o pastor pediu-me para dar meu testemunho. Virei-me e olhei para os rapazes. Sabia que iria embora para a Califórnia no dia seguinte, e um calafrio subiu pela minha espinha. Alguns daqueles rapazes estariam mortos ou presos, quando eu voltasse. Preguei. Preguei como um moribundo a moribundos. Esqueci-me de restringir as emoções, e derramei o coração. Já estávamos na igreja havia duas horas, e eu preguei mais quarenta e cinco minutos. Ninguém se

movia. Quando terminei lágrimas corriam pela minha face, e eu apelei a eles para entregarem a vida a Deus. Treze rapazes foram à frente, e ajoelharam-se diante do altar. Se Israel estivesse ali...

Um dos rapazes que se apresentou era meu velho amigo, Hector Furacão. Lembrei-me da época em que o fizera passar pela cerimônia da iniciação, para entrar na quadrilha, e da vez em que havíamos tido uma “briga leal” e ele fugira ao ver que eu ia matá-lo por ter roubado meu despertador. Furacão estava agora ajoelhado diante do altar.

Depois do culto, fui andando com ele até Fort Greene. Furacão era o conselheiro de guerra dos Mau-Maus. Visto que fora por meu intermédio que entrara na gang, sentia muita responsabilidade por ele. Perguntei-lhe onde vivia.

“Estou morando em um apartamento abandonado.”

“Rapaz, por que não está morando mais com sua família?” perguntei.

“Eles me chutaram. Ficaram com vergonha de mim. Você se lembra? eu fui um dos rapazes que foram à frente naquela noite na Arena St. Nicholas, com você e Israel. Várias semanas depois, convidei minha família para ir à igreja comigo, e todos os meus familiares foram convertidos. Tornamo-nos ativos na igreja, e eu estava trabalhando com a mocidade. Abandonara a gang, e tudo o mais, como você e Israel. A igreja, porém, era muito exigente. Eu queria arranjar festinhas para a mocidade, mas eles não aceitavam. Finalmente fiquei desanimado e desviei .”

Era a mesma velha história. Ele se encontrara mais tarde com os Mau-Maus, e eles o convidaram a voltar para a quadrilha, da mesma forma como haviam tentado comigo. Disseram que os crentes eram

“quadrados”, vagabundos, afeminados, e que a gang era o único grupo que tinha a verdadeira solução para os problemas da vida. Na verdade, eles o “evangelizaram”, fazendo com que voltasse à quadrilha.

Seguiu-se uma série de prisões. Seus pais tentaram conversar com ele, mas ele teimou e finalmente ficaram tão exasperados a ponto de dizer que teria de sair de casa, se não concordasse com as regras familiares. Preferiu sair, e desde então morava em um velho edifício condenado.

“Algumas vezes passo fome”, disse ele, “mas prefiro morrer de fome do que pedir alguma coisa ao meu velho. Ele é “quadrado” mesmo. Tudo o que pensa é em ir à igreja e ler a Bíblia. Eu costumava ser assim, mas agora estou de volta ao meu ambiente — os Mau-Maus.”

Chegamos ao edifício onde ele morava. Todas as janelas estavam cobertas por tapumes, e ele me contou que havia um lugar, nos fundos, onde conseguira forçar um dos tapumes e esgueirar-se para dentro. Dormia sobre um acolchoado estendido no chão.

“Furacão, como é que você apareceu esta noite?” perguntei, referindo-me ao fato dele ter atendido ao apelo para salvação.

“Fui à frente porque, bem dentro de mim, eu desejo ser correto, Nicky. Quero seguir a Deus. Mas não consigo encontrar a solução certa. Cada vez que me volto para ele, e depois desvio, as coisas ficam piores. Gostaria que você voltasse para a gang, Nicky. Quem sabe se eu voltaria para Cristo, se você estivesse aqui.”

Sentamo-nos na guia da calçada e conversamos madrugada a dentro. Ouvi o relógio da torre dar quatro horas. “Furacão, sinto o Espírito de Deus dizendo-me para falar isto a você. O relógio acaba de dar quatro horas. É tarde. Mas se você der o coração a Jesus, ele o

levará de volta. É tarde, mas não tarde demais. Você sente a sua culpa, mas Deus o perdoará. Você não quer entregar-se a Jesus agora?”

Hector escondeu o rosto nas mãos e começou a chorar. Mas continuou a sacudir a cabeça e a dizer: “Não posso. Não posso. Quero fazer isso. Mas sei que se fizer, volto para a quadrilha amanhã mesmo. Não posso. Não posso mesmo.”

“Hector, você não viverá nem mais um ano se não se render a Cristo agora. Você estará morto, neste mesmo dia do ano que vem. Eles vão matar você.” Meu coração transbordava com palavras que não eram minhas, enquanto eu profetizava para ele.

Hector apenas balançou a cabeça. “Se acontecer, aconteceu, Nicky, e eu não posso fazer nada.”

Estávamos sentados no meio-fio da Av. Lafayette. Perguntei-lhe se podia orar por ele. Ele encolheu os ombros. “Não vai adiantar nada, Nicky, eu sei disso.”

Levantei-me, coloquei as mãos sobre a sua cabeça, e orei para que Deus abrandasse o seu coração, para que ele pudesse voltar a Cristo. Quando terminei, apertei-lhe a mão: “Furacão, espero vê-lo quando voltar. Mas sinto profundamente que, a menos que você volte para Cristo, nunca mais o verei.” Na tarde seguinte, viajei para a Califórnia. Naquela época, não sabia quão exatamente a minha profecia viria a ser cumprida.

## Capítulo 14

# GLÓRIA

---

O VERÃO PASSADO EM NOVA YORK transformou



minha vida, meus pensamentos e meus pontos de vista. Voltei à Califórnia resolvido a pregar.

Não tinha encontrado, porém, a maior bênção, senão quando cheguei à escola em La Puente — Glória voltara ao Instituto Bíblico. Não sabia quanto sentira a sua falta, até o momento em que a encontrei de novo.

A situação na escola continuava ainda impossível. Tudo parecia conspirar para nos separar. Os regulamentos eram os mesmos de dois anos antes, quando havíamos sentido a mesma frustração. A conversa à mesa era limitada a frases como “passe o sal, por favor”, e os professores com olhos de águia observavam cada um dos nossos movimentos no pátio. Embora eu detestasse trabalhar na cozinha, comecei a apresentar-me como voluntário para serviços extra, lavando pratos, com o propósito de ficar perto de Glória. A cozinha barulhenta era tudo, menos reservada, mas descobri que podíamos manter uma conversa semi-reservada, contanto que estivéssemos ambos curvados sobre a pia — eu com os braços enterrados até os cotovelos em água quente e sabão, e Glória enxaguando e enxugando.

À medida que os meses voavam, cheguei à conclusão de que estava apaixonado por ela. Minhas notas continuavam a melhorar, e eu tinha um apetite de leão, em parte, estou certo, por causa do exercício extra junto à pia da cozinha; mas sentia-me frustrado porque não podia expressar-lhe o meu amor. Toda vez que tínhamos alguns minutos a sós, alguém nos interrompia. Procurava chegar mais cedo à sala de aulas, mas invariavelmente alguns estudantes entravam ali, justamente na hora em que eu tentava falar a sério com Glória. A frustração estava me pondo louco. Mesmo levando em conta minha origem latina, achava quase impossível sentir-me romântico diante de uma pia repleta de pratos gordurosos, em uma cozinha cheia de

estudantes a cantar hinos.

Numa quinta-feira à noite, recebi permissão para ir à cidade. Parei na primeira cabina telefônica que encontrei, e disquei o número do dormitório de Glória. Quando a conselheira atendeu, coloquei um lenço sobre o fone e, em voz de baixo profundo, pedi para falar com a Srta. Steffani. Houve uma pausa, e ouvi a conselheira cochichar para Glória: “Penso que é o seu pai.”

Glória deu uma risadinha, quando me ouviu gaguejando do outro lado da linha. Estava frustrado e desesperado. “Preciso encontrar-me com você”, murmurei.

“Nicky, o que é que você está procurando dizer?” cochichou Glória, lembrando-se de que pensavam que ela estava falando com o pai.

Gaguejei e enrolei as palavras, mas os termos certos não me vinham à mente. Todas as minhas associações com garotas haviam sido em termos de gang, e eu realmente não sabia como conversar com uma moça tão pura e doce como Glória.

“Penso que se pudesse vê-la pessoalmente, poderia expressar-me melhor”, disse eu. “Talvez seja melhor voltar para o meu quarto e parar de aborrecer você.”

“Nickyyy!” escutei-a gritar, “não ouse colocar o fone no gancho.”

Ouvi as outras moças do quarto rindo. Não obstante, Glória estava resolvida a forçar-me a falar.

“Psiu, elas vão ficar sabendo que sou eu”, respondi.

“Não me importa que fiquem sabendo. Agora diga-me o que você está procurando dizer.”

Fiz um tremendo esforço para encontrar as pa-

lavras certas, e finalmente disse: “Estou pensando que seria maravilhoso se você aceitasse andar comigo.” Eu confessara. Finalmente, tinha conseguido. Fiquei de respiração suspensa, esperando a reação dela.

“Andar com você? Que significa “andar” com você?” Glória estava gritando e dessa vez ouvi as moças rindo alto.

“Significa isso mesmo”, disse meio acanhado. Senti meu rosto queimar embora estivesse sozinho na cabine, a um quilômetro de distância. “Queria que você saísse comigo.”

Glória voltou a cochichar: “Você quer dizer que quer. que eu seja a sua namorada?”

“É isso mesmo o que quero dizer”, disse eu, ainda vermelho e tentando encolher-me dentro da cabine telefônica.

Percebi que ela encostou bem a boca no fone quando suspirou: “Sim, Nicky, seria maravilhoso. Tenho sentido que Deus nos vem aproximando com um propósito. Vou escrever um bilhete bem comprido e passá-lo a você na hora do café, amanhã cedo.”

Depois de colocar o fone no gancho, fiquei parado na cabine durante muito tempo. A noite estava quente, mas eu estava alagado de suor frio, e minhas mãos tremiam como varas verdes.

Mais tarde, fiquei sabendo que depois que Glória pôs o fone no gancho, a conselheira olhou para ela, dizendo com uma voz severa: “Glória, por que o seu pai haveria de telefonar a esta hora da noite, e pedir para você sair com ele?”

Uma das garotas falou entre risadas: “Porque o nome do pai dela é Nicky.” Embora bem morena, Glória ficou rubra, e todo o quarto explodiu em uma grande gargalhada. Não é todo o dia, que uma garota recebe um

convite do homem dos seus sonhos para ser namorada dele, com quarenta colegas escutando tudo. A conselheira ficou indignada, e deu-lhes três minutos para se prontarem para dormir. Glória, porém, passou a metade da noite com a cabeça debaixo do travesseiro, tendo só a tênue luz da rua como iluminação, escrevendo-me a sua primeira carta de amor. Esta ficou totalmente ilegível, mas foi a carta mais esperada que eu já recebi.

Várias semanas depois, fui abordado por um dos professores, Esteben Castilho, que pediu-me para ajudá-lo a iniciar uma obra evangelística em S. Gabriel, perto da escola. Disse que alistara mais sete alunos para trabalhar com ele nos fins de semana. Descobriu uma pequena capela que fora fechada e abandonada. Os alunos deveriam sair aos sábados, e bater em todas as portas da vizinhança, convidando o povo para os cultos na capela. Os alunos ajudariam a lavar e preparar o pequeno edifício, e ensinariam na escola dominical. O Professor Castilho seria o pregador e pastor.

Senti-me honrado com o convite, e fiquei muito emocionado quando ele piscou um olho e me contou que Glória fora também convidada para servir no comitê, junto comigo. “O senhor é um professor muito sábio, Sr. Esteben”, disse-lhe sorrindo. “Creio que podemos fazer um bom trabalho para Cristo com o excelente comitê que escolheu.”

“Quem sabe se depois que terminarem o trabalho sobrará algum tempo para outras coisas importantes”, replicou ele.

Pude perceber que a notícia de que Glória concordara em ser minha namorada já se espalhara. Fiquei muito grato àquele mestre sábio e compreensivo, que nos ajudou a encontrar uma forma pela qual o nosso amor pudesse desenvolver-se e desabrochar de maneira natural, orientada por Deus.

No mês seguinte, trabalhamos todos os sábados na pequena capela, e saímos de casa em casa convidando o povo para os cultos de domingo. Finalmente, eu e Glória tivemos oportunidade de passar um dia juntos. Víamos um ao outro constantemente, mas sempre na companhia de outros. Naquele dia, porém, pela primeira vez, teríamos três horas gloriosas só para nós. Glória preparou um lanche de piquenique, e depois de uma atarefada manhã, convidando o pessoal para os cultos, fomos a um pequeno parque para comer e conversar.

Começamos a falar ao mesmo tempo — e depois rimos um para o outro, embaraçados. “Você primeiro, Nicky. Eu ouço”, disse Glória.

Os minutos se fizeram horas, enquanto ficávamos ali sentados, conversando. Estivera tão ansioso para contar minha vida a ela com todos os detalhes. Falei interminavelmente, e ela ouviu com atenção, absorta, com as costas apoiadas em uma grande árvore. De repente, caí em mim: só eu estava falando, e ela só fizera ouvir.

“Desculpe, Glória, mas há tanta coisa no meu coração, e eu quero que você saiba de tudo... todo o bem e todo o mal. Quero que saiba tudo o que me aconteceu no passado. Perdoe-me por ter falado tanto. Fale você agora. Conte-me o que está no seu coração.”

Ela começou, devagar a princípio, mas logo as palavras começaram a fluir facilmente, e ela derramou o coração diante de mim. Depois, retraiu-se e ficou em silêncio.

“O que foi, Glória? Continue.”

“Eu esfriei muito, Nicky. Compreendi isso quando voltei para a escola e vi sua transformação. Você está diferente. Você não é tolo nem inseguro, como era. Você cresceu, amadureceu, e tem grande espiritualidade. Vejo em você uma vida que foi entregue ao Senhor. Nicky...” e

os seus olhos se encheram de lágrimas. “Eu-eu-eu quero isso para mim. Quero a paz, a segurança, a certeza que você tem na sua vida. Eu me sinto seca, espiritualmente. Embora Deus tenha me curado e mandado de volta à escola, espiritualmente sinto-me fria. Procuro orar, mas nada acontece. Estou vazia. Morta. Desejo aquilo que vejo em você.”

Ela baixou a cabeça e escondeu o rosto nas mãos. Aproximei-me e coloquei desajeitadamente o braço ao redor dos seus ombros, enquanto estávamos ali sob a ramada da árvore. Ela virou-se para mim e enterrou a cabeça no meu peito. Os meus braços rodearam seu corpo trêmulo, e alisei o seu cabelo com a mão. Glória voltou a face manchada de lágrimas em direção à minha, e nossos lábios se encontraram em um longo e hesitante beijo de amor.

“Eu amo você, Nicky.” As palavras derramaram-se da sua boca, bem dentro do meu ouvido. “Eu o amo de todo o coração.”

Não nos mexemos de nossa posição, e ficamos sentados ali, durante muito tempo, bem juntinhos, abraçados como duas videiras enlaçadas, subindo em direção aos céus.

“Glória, quero casar-me com você. Sei disso há muito tempo. Quero viver o resto da minha vida com você. Nada tenho a oferecer. Pequei muito, mas Deus me perdoou. E se você acha que o seu coração também pode perdoar, quero que seja minha esposa.”

Senti seus braços me enlaçarem ao redor da minha cintura, e ela deitou a cabeça no meu ombro.

“Sim, querido. Sim. Se Deus o permitir, eu serei sua para sempre.”

Ela levantou a cabeça, e nossos lábios se encontraram em outro beijo. Deixei-me cair de costas, e puxei-a para mim. Ficamos deitados na grama, os

braços ao redor um do outro, em um apertado abraço.

Senti em minhas pernas uma sensação de queimadura, de comichão. Deus estava perto, mas o passado ainda estava dentro de mim. Surgiu na minha mente o pensamento de que aquela era uma das mais belas criaturas de Deus. Estava eu para contaminá-la com desejos pecaminosos? A sensação de fogo continuava a subir por minhas pernas. Tornou-se mais aguda.

De repente, ergui-me de um salto, empurrando-a para trás. Ela rolou na grama. “Nicky”, gritou “o que foi?”

“Formigas”, gritei. “Milhões de formigas! Estou coberto delas!”

Comecei a correr, batendo furiosamente nas pernas; chutei fora os sapatos. Não adiantou. Minhas meias estavam cobertas de pequenos demônios vermelhos. Eu as sentia andando às centenas pelas minhas pernas. Por mais que batesse na calça, nada parecia interromper o seu ataque sem tréguas e o seu avanço para cima. Glória me olhava de olhos arregalados, com ar incrédulo, enquanto eu corria em círculo, dando tapas nas pernas e coçando-me.

“Vire-se! Vire-se!” gritei. “Olhe para o outro lado! Depressa.” Ela virou-me as costas e olhou para o parque. Lutei freneticamente com a fivela do meu cinturão, e soltei-a.

“Nicky...” começou ela, e fez menção de virar-se.

“Vire-se! Não olhe!” gritei, Ela compreendeu o que eu estava fazendo, e virou-se, obedientemente.

Levei muito tempo para afastar todas as formigas. Algumas tentavam penetrar debaixo da minha pele. Tive que bater as calças numa árvore, para fazê-las cair. Finalmente, pude dizer a Glória que ela podia virar-se.

Voltamos para a escola. Ela foi andando, e eu coxeando. Tentei não perder a calma, pois ela estava rindo. Mas, palavra, que eu não conseguia ver nada de engraçado naquilo.

Deixei-a defronte ao dormitório das moças, e fui direto para meu quarto e para o chuveiro. De pé sob a água fria, e esfregando sabão nos vergões vermelhos que cobriam minhas pernas, agradei a Deus por Glória — e pelo poder protetor do seu Espírito. “Senhor”, disse eu sob a cascata que se derramava do chuveiro, “sei que ela é para mim. As formigas foram uma prova. Louvo o teu nome por me teres provado, e peço que nunca mais precisas disciplinar-me de novo.”

No dia seguinte, domingo à noite, fui escalado para pregar na missão de S. Gabriel. Senti o Espírito de Deus sobre mim, quando dei meu testemunho para o pequeno grupo de gente humilde que viera ao culto. No fim do culto, fiz o apelo. Observei Glória quando ela escorregou do seu assento, ao fundo, ali naquela pequenina igreja, e veio à frente. Nossos olhos prenderam-se num abraço, quando ela se ajoelhou diante do altar e curvou a cabeça em oração. Ajoelhei-me ao lado dela, e o Sr. Castilho impôs as mãos sobre nós e orou. Senti a mão de Glória apertar meu cotovelo, enquanto o Espírito de Deus enchia seu coração. A mão de Deus estava sobre nós dois.

No Natal, fui para sua casa, em Oakland. Glória providenciara para que eu ficasse com amigos, visto os pais dela não simpatizarem com seus estudos no Instituto. Seu pastor, Rev. Sanchez, arranjou para eu falar em uma pequena igreja onde os cultos eram feitos em espanhol, a Missão Betânia. Eu passava os dias com Glória, e pregava à noite. Nada poderia ter me feito mais feliz.

Na primavera do meu último ano, recebi outra carta de Davi. Estava comprando uma grande casa



velha na Av. Clinton, para abrir um centro para adolescentes e viciados em entorpecentes. Convidava-me para voltar a Nova York depois de receber o diploma, e trabalhar no Centro Desafio Jovem.

Conversei àquele respeito com Glória. Parecia que o Senhor estava nos forçando a aceitar os seus planos. Pensávamos ter de esperar mais um ano, até que Glória terminasse o seu curso, antes de nos casarmos. Mas agora, as portas estavam se abrindo, e parecia que Deus queria que eu voltasse para Nova York. Eu sabia que não poderia voltar sem ela.

Escrevi a Davi, e disse-lhe que eu precisaria orar antes de tomar uma decisão. Disse-lhe também que Glória e eu queríamos nos casar. Respondeu que ficaria esperando minha decisão, e que Glória também seria bem-vinda.

Resolvemos casar em novembro, e um mês depois chegamos a Nova York, para aceitar o oferecimento de Davi, e começamos o nosso trabalho no Centro Desafio Jovem.

A enorme e velha mansão de três andares, na Av. Clinton, 416, ficava no coração de um velho bairro residencial do Brooklin, a poucos quarteirões do Conjunto Habitacional de Fort Greene. Naquele verão, alguns estudantes tinham ido ali e tinham dado uma limpeza no edifício, a fim de começar o ministério. Davi contratara os serviços de um jovem casal para morar no casarão, como supervisores. Eles prepararam um pequeno apartamento para mim e Glória em uma garagem, nos fundos da casa.

Era muito pequeno e tosco. O chuveiro ficava do lado de fora, pegado ao edifício principal, e a única cama era um sofá; mas para nós era o céu. Nós nada tínhamos e de nada precisávamos. Tínhamos um ao outro, e um desejo abrasador de servir a Deus a qualquer custo. Quando Davi começou a desculpar-se

por nossas acomodações pobres e pequenas, lembrei-lhe que servir a Jesus nunca era sacrifício — mas uma honra.

Pouco antes do Natal, voltei a visitar a zona dos Mau-Maus. Meu coração sentira o peso da responsabilidade por Hector Furacão, e queria encontrá-lo e trabalhar com ele pessoalmente, agora que voltara para o Brooklin para ficar. Encontrei um grupo de Mau-Maus na confeitaria, e perguntei-lhes: “Onde está o Furacão?”

“Converse com Steve, o nosso presidente; ele contará o que aconteceu”, disse um deles e os rapazes se entreolharam.

Eu temia a verdade, mas fui ao apartamento de Steve.

“O que aconteceu a Hector?” perguntei-lhe.

“Vamos descer para a rua, e eu lhe contarei. Não quero que a minha velha escute.” Steve sacudiu a cabeça e olhou para a parede.

Descemos as escadas, e paramos no saguão do edifício, para nos resguardar do vento frio, e Steve me contou a história. “Depois que falou com você, naquela noite antes de sua volta para a Califórnia, ele ficou muito impaciente. Nunca o vira daquele jeito. Tivemos um grande “quebra-pau” com os Apaches, e ele portou-se como um selvagem, procurando matar todo mundo que atravessasse seu caminho, até os Mau-Maus. E então, três meses depois ele levou a dele.”

“Como foi que aconteceu?” perguntei, sentindo já a depressão borbulhar em meu coração e pulmões, fazendo com que a minha respiração se tornasse ofegante e curta. “Quem foi?”

“Furacão, Gilbert, mais dois rapazes e eu, fomos matar um Apache. Ele vivia sozinho no quinto andar de

um prédio de apartamentos. Mais tarde, descobrimos que aquele não era o cara, mas Furacão resolvera matar aquele mesmo, e nós fomos com ele para ajudá-lo. Furacão estava com um revólver. Batemos à porta do sujeito. Estava escuro, mas o careta era esperto. Abrindo rapidamente a porta, viu Furacão com o revólver. Pulou para fora, para o corredor, brandindo uma baioneta de sessenta centímetros. Havia uma lâmpada acesa, no teto, e ele a estourou com a baioneta. Não conseguíamos ver nada. Ele estava como um louco, brandindo a baioneta, e dando golpes para todos os lados. Furacão disparou o revólver três vezes, e depois ouvimos um grito terrível: “Ele me matou! Ele me matou!” Não sabíamos quem era, e pensamos que Furacão matara o Apache. Saímos correndo escada abaixo — cinco lances de degraus, e chegamos à rua.”

Steve virou-se e olhou escada acima, em direção ao seu apartamento, para ver se alguém estava procurando ouvir. “Vimos, então, que Furacão não estava conosco. Gilbert saiu correndo e subiu as escadas, indo encontrar Furacão em pé, encostado na parede, com aquela baioneta inteira cravada nele. Gilbert disse que a ponta estava aparecendo nas costas. O Apache voltara correndo para o quarto e trancara a porta. Hector estava com medo, e chorava. Ele se apoiara à parede, com aquela enorme faca enterrada, atravessando seu ventre, e implorava a Gilbert que não o deixasse morrer. Disse que tinha medo de morrer. Gritou algo a respeito das batidas do relógio, e depois caiu no corredor, sobre a baioneta, e morreu.”

Minha garganta estava seca, e minha língua parecia como se eu tivesse enrolado algodão nela. Gaguejei: “Por que vocês o deixaram lá?”

“Porque estávamos todos amedrontados. Estávamos em pânico. Nunca tínhamos visto ninguém morrer assim. Todos os rapazes se espalharam e

fugiram. A polícia foi lá, mas não conseguiu provar nada, e soltaram o Apache. Ficamos muito chocados com tudo o que aconteceu.”

Virei-me para sair, e Steve me perguntou: “Nicky, o que você acha que ele quis dizer sobre o relógio?”

Balancei a cabeça “Não sei. Até mais tarde.”

Estava atordoado enquanto voltava à Av. Clinton. A cada passo parecia ouvir as batidas do relógio da torre na Av. Flatbush e minha voz dizendo a Hector Furacão: “É tarde, Hector, mas não demais. Mas, se você não entregar seu coração a Cristo, eu nunca mais o verei.”

“Deus querido”, murmurei, “por favor, não me deixe afastar outra vez de um amigo, sem tentar um pouquinho mais.”

Meu salário inicial era de dez dólares por semana, além de quarto e comida. Dado o fato de que o pequeno apartamento na garagem não tinha cozinha, tomávamos as refeições na casa grande. Glória e eu gostávamos muito de comida espanhola apimentada. Mas no Centro, precisávamos comer alimento bem equilibrado. Por isso, esbanjávamos a maior parte dos nossos dez dólares, todas as semanas, em comida. Era o nosso único prazer extra na vida.

Começamos o trabalho nas ruas. Davi Wilkerson escrevera um pequeno folheto que chamávamos “Folheto Galinha”. Continha mensagem para os jovens, desafiando-os a aceitarem a Cristo, deixando de ser “covardes” (galinhas). Distribuíamos aquele folheto aos milhares, nas ruas de Brooklin e de Harlem.

Ficou evidente, imediatamente, que a nossa obra mais importante seria entre os viciados em entorpecentes. Muitos dos membros das quadrilhas, que outrora se satisfaziam em fumar maconha e beber vinho, haviam começado a fazer uso de heroína.

Nosso método era ousado. Aproximávamos de grupos de rapazes que estavam parados nas esquinas, e entabulávamos conversa.

“Ei, meu chapa, quer largar o vício?”

“Sim, meu chapa, mas como?” respondiam eles invariavelmente.

“Venha ao Centro Desafio Jovem, na Av. Clinton. Nós vamos orar por você. Cremos que Deus responde às orações. Você pode dar um pontapé no vício, pelo poder de Deus.” Dávamos-lhes um exemplar do folheto “Galinha”.

“Puxa vida, só isso? Bem, talvez eu telefone para vocês, ou apareça lá algum dia.” Foi um começo muito vagaroso. A maior parte do tempo era gasta andando entre grupos de jovens que estavam pelas esquinas, conversando. Os viciados não trabalham. Arranjam dinheiro em furtos, batendo carteiras e pegando “otários” no conto do vigário, e outros “contos”. Eles entram em apartamentos fechados, roubam os móveis e vendem. Roubam bolsas de senhoras. Roubam roupas dos varais, leite das portas, de madrugada; enfim, qualquer coisa disponível para obter dinheiro suficiente para alimentar o vício. Por toda a parte em Williamsburg, há pequenas turmas de oito a dez pessoas pelas esquinas, planejando roubos ou procurando descobrir como se livrar de coisas roubadas.

Na época do Natal, tivemos o primeiro convertido no Centro.

Seu nome era Pedro. Fora um Mau-Mau. Era um rapaz alto, de cor, que vivera com uma mulher casada. Um dia o marido dela encontrou-o em um bar, e Pedro feriu-o com uma faca. O homem era membro dos Scorpions, uma gang do outro lado da cidade, e Pedro ouviu falar que estavam atrás dele. Conheci-o certa noite, ouvi sua história, e ofereci-lhe refúgio no Centro

Desafio Jovem. Ele aceitou de boa vontade. Três dias depois que se mudou para o Centro, aceitou a Cristo, entregando sua vida ao Senhor.

Durante os três meses que se seguiram, vivemos e respiramos Pedro. Glória e eu passamos o nosso primeiro Natal depois de casados, em nosso pequeno apartamento de dois cômodos, tendo Pedro como nosso hóspede. Ele tomava todas as refeições conosco. Ia conosco a todos os lugares aonde fôssemos. Nos fins de semana, íamos de metrô a várias igrejas, para assistir cultos. Pedro sempre ia conosco .

Uma noite, em março, fui dormir tarde, como de costume. Glória já se havia aninhado em nosso sofá-cama, no quarto da frente. Pensei que ela estivesse dormindo, e me despi silenciosamente, para não acordá-la. Esgueirando-me para debaixo das cobertas, coloquei o braço em torno de seus ombros, quando percebi que ela estava chorando. Senti seu corpo sacudindo-se sob o meu braço, enquanto ela soluçava.

“Ei, menina, o que é que há ?”

Foi o bastante; as lágrimas vieram com soluços. Fiquei ao seu lado, massageando-lhe as costas e confortando-a, até que ela se acalmou suficientemente para podermos conversar. “O que há, Glória? Você não está se sentindo bem, o que foi ?”

“Não é nada, Nicky. Você não entende, e nunca entenderá.”

“Entender o quê?” Estava confuso diante da sua atitude hostil.

“Aquele parasita!” Glória exclamou. “Aquele parasita do Pedro! Será que ele não compreende que quero passar um pouco de tempo sozinha com você ? Faz apenas quatro meses que estamos casados, e ele tem de ir conosco a todos os lugares onde vamos ? Se no banheiro não coubesse só uma pessoa, ele seria capaz

de pedir para tomar banho conosco .”

“Ei, vamos”, acalmei-a, “nem parece que você é a minha Glória. Devia sentir-se orgulhosa. Ele é o nosso primeiro convertido. Você devia estar agradecendo a Deus.”

“Mas, Nicky, eu não quero partilhar você com outras pessoas, o tempo todo. Eu me casei com você, e você é o meu marido. Pelo menos, devo poder passar algum tempo com você sem ter aquele Pedro de dentes arreganhados por perto, dizendo o tempo todo: Glória a Deus!”

“Você não está falando sério; está, Glória?”

“Nunca falei tão sério. Um de nós precisa ir embora. Ou você está casado comigo, ou você vai dormir com Pedro. Estou falando sério. Você não pode ter nós dois.”

“Ei, escute, querida. Se eu o mandar de volta para a rua, ele voltará diretamente para a quadrilha, ou os Scorpions o matarão. Precisamos conservá-lo aqui.”

“Bem, se ele voltar para a quadrilha, então há algo errado com o seu Deus. Que espécie de Deus Pedro tem, afinal de contas? Um Deus que o soltará no mundo, a primeira vez em que ele se encontrar em dificuldades ? Não creio nisso. Creio que, se um homem tem uma experiência de conversão, Deus é suficientemente grande para guardá-lo para sempre. E se formos obrigados a bancar a ama-seca para todos esses rapazes que você está convidando a vir aqui, eu não quero saber desse negócio.” A voz de Glória alterou-se enquanto ela falava.

“Mas, Glória, ele é o meu primeiro convertido...”

“Talvez seja isto que está errado entre você e ele. Ele é o seu convertido. Se fosse um convertido do Senhor, você não precisaria ficar tão preocupado com o

perigo dele voltar para a quadrilha.”

“Bem, pode ser que você esteja certa. Mas assim mesmo, temos a obrigação de providenciar um lugar para ele ficar. E lembre-se, Glória, que o Senhor me chamou para esta obra, e você concordou em vir comigo.”

“Mas, Nicky, o que eu não quero é partilhar você com os outros, o tempo todo. Só isto.”

“Você não precisa me partilhar com ninguém agora. E amanhã eu vou falar com Pedro, e ver se ele pode encontrar alguma coisa para fazer, em vez de ficar atrás de nós o tempo todo. Certo?” Abracei-a carinhosamente.

“Certo”, murmurou ela, ao mesmo tempo que deitava a cabeça no meu ombro e aconchegava-se a mim.

Sonny chegou no último dia de abril — junto com uma predição de neve em maio. Era o primeiro viciado em entorpecentes com quem eu trabalharia .

Entrei na capela, aquela noite, e notei um rapaz de rosto muito pálido, sentado num canto. Percebi logo que ele era viciado; dirigi-me a ele e sentei ao seu lado. Passando o braço por sobre os seus ombros, comecei a falar-lhe francamente. Ficou com a cabeça curvada, olhando para o chão, enquanto eu falava.

“Sei que você é viciado... é um farrapo. Percebo que já está “fisgado” há muito tempo, e que não é capaz de livrar-se do vício. Pensa que ninguém se importa com você. Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Deus se importa. Ele pode ajudá-lo.”

O rapaz levantou a cabeça e olhou-me inexpressivamente. Finalmente, disse que o seu nome era Sonny. Fiquei sabendo mais tarde que fora criado em um lar religioso, mas fugira de casa e fora parar na



cadeia vezes sem conta, por uso de droga e por roubo. Teve de deixar o vício “na marra” nas várias vezes que passou pela cadeia, mas ao sair, voltava aos entorpecentes. Estava “fisgado” irremediavelmente.

Sonny era um viciado que tinha um meio singular de conseguir dinheiro para alimentar seu vício. Seu companheiro saía correndo pela rua, e arrebatava a bolsa de uma senhora. Quando ela começava a gritar, Sonny aproximava-se dela e dizia: “Não grite, minha senhora. Conheço aquele ladrão. Vou buscar sua bolsa. Espere aqui, que eu volto em um minuto.” A senhora parava de gritar chamando a polícia, e enquanto ela ficava esperando, Sonny saía correndo para juntar-se ao amigo e dividir o despojo.

Ajoelhado a seu lado, na capela, eu disse : “Quero orar por você. Você precisa de Jesus em sua vida.” Senti uma onda de compaixão encher meu coração, e comecei a chorar enquanto orava : “Senhor, ajuda este rapaz. Ele está morrendo. Só tu podes ajudá-lo. Ele precisa de esperança, de amor. Por misericórdia, ajuda-o.”

Quando terminei, Sonny disse : “Preciso ir para casa.”

“Eu levo você.”

“Não”, respondeu com expressão de pânico no rosto. “Você não pode fazer isso.”

Eu sabia que ele estava dando um jeito de escapar para tomar uma “picada”. Então, vamos ficar com você aqui”, disse eu.

“Não”, respondeu, “preciso ir ao tribunal amanhã cedo. Eles vão me sentenciar a prisão. Nem sei mesmo por que estou aqui.”

“Você está aqui porque Deus o mandou”, disse eu. “Deus está me usando para ajudá-lo. Fique conosco aqui no Centro esta noite; amanhã irei ao tribunal com

você.” Ele insistiu em ir para casa, e eu prometi encontrar-me com ele às oito da manhã.

No dia seguinte, fui com ele ao tribunal. Quando estávamos subindo os degraus do grande edifício, eu lhe disse: “Sonny, vou orar para que Deus faça com que o juiz adie o seu julgamento por dois meses, para que você possa deixar o vício e conhecer a Cristo. Depois disso, pode ser até que ele absolva você.”

“Vai ser difícil. Aquele juiz sem-vergonha nunca adia nada. Ele me porá na cadeia antes do meio-dia. Espere para ver.” Sorriu.

Parei nos degraus do tribunal e comecei a orar em voz alta: “Senhor, eu te peço em nome de Jesus que mandes o teu Espírito Santo tocar aquele juiz, fazendo com que adie o julgamento do caso de Sonny, para que ele possa tornar-se crente. Muito obrigado por responderes à minha oração. Amém.”

Sonny olhou para mim como se eu estivesse louco. Tomei-o pelo braço: “Vamos, vamos ouvir o juiz dizer que vai adiar o seu caso.”

Entramos na sala de audiência, e Sonny apresentou-se ao oficial de justiça. Depois, ficou junto aos outros acusados, e eu me sentei no fundo da sala.

O juiz ouviu três casos, e sentenciou os rapazes a prolongados períodos de prisão. O terceiro rapaz que foi julgado começou a gritar quando o juiz pronunciou sua sentença. Trepou na mesa e tentou pegar o juiz, gritando que ia matá-lo. Todos os que estavam na sala de audiência ficaram de pé, enquanto os policiais derrubavam o rapaz e o algemavam. Quando o arrastaram para fora, por uma porta lateral, ele gritava e dava pontapés, e o juiz enxugou a testa e disse: “O seguinte.” Sonny pôs-se de pé nervosamente, enquanto o magistrado folheava seu processo. Olhando por cima dos óculos, finalmente ele disse : “Por alguma razão, sua

investigação preliminar não está completa. Quero que você se apresente de novo daqui a sessenta dias.”

Sonny virou-se e olhou para mim com os olhos cheios de incredulidade. Sorri e fiz sinal para que ele viesse comigo. Tínhamos uma tarefa difícil pela frente, e precisávamos iniciá-la.

Deixar a heroína “na marra” é uma das experiências mais agonizantes que se pode imaginar. Preparei um quarto para Sonny no terceiro andar do Centro. Eu sabia que seria necessária constante supervisão. Por isso, avisei a Glória que passaria os três dias seguintes com Sonny. Arrumei uma vitrola com discos evangélicos, e resolvi ficar sentado ao lado dele naquele quarto, até que passasse pela prova.

No primeiro dia ele ficou desassossegado, andando pelo quarto e falando rapidamente. Naquela noite ele começou a tremer. Fiquei sentado a seu lado noite a dentro, enquanto terríveis crises de calafrio se sucediam e seu corpo era violentamente sacudido, os dentes castanholavam, chegando até a fazer vibrar o quarto todo. Às vezes ele conseguia escapar de mim e corria para a porta, mas eu a trancara, e ele não podia sair.

Na madrugada do segundo dia, seu tremor diminuiu, e eu o levei para baixo, para tomar um lanche. Sugeri que déssemos uma volta no quarteirão. Nem bem havíamos saído do Centro, quando ele começou a vomitar. Curvou-se sobre a calçada, apertando o estômago com ânsias de vômito. Levantei-o, mas ele safou-se de mim e foi cambaleando até o meio da rua, onde caiu. Arrastei-o de volta até a calçada, e segurei sua cabeça no meu colo, até que os tremores passassem, e ele recuperasse as forças. Voltamos, então ao nosso quarto no terceiro andar, para esperar e orar.

Quando a noite se aproximava, ele começou a gritar: “Nicky, eu não consigo. Fui longe demais, não dá para largar o vício. Preciso de uma “picada.”

“Não, Sonny, vamos atravessar juntos esta prova. Deus lhe dará forças para vencer.”

“Não quero força nenhuma. Quero uma “picada”. Preciso dela. Por favor, por favor, Nicky. Não me segure aqui. Pelo amor de Deus, deixe-me ir. Deixe-me ir.”

“Não, Sonny. Pelo amor de Deus eu não deixo você ir. Você é precioso para ele. Ele quer usá-lo, mas não pode fazê-lo enquanto este demônio possuir você. Pelo amor de Deus, vou segurá-lo aqui até que esteja bom de novo.”

Sentei-me com ele, e passamos ali a noite inteira. Ele suou frio e teve náuseas terríveis, a ponto de eu pensar que o seu estômago ia virar pelo avesso. Banhei sua cabeça com toalhas molhadas, liguei a vitrola no último volume, e cantei para ele, acompanhando os cantores dos discos.”

No dia seguinte eu estava morrendo em pé. Tentei outra vez fazê-lo engolir algum alimento, mas devolveu tudo na mesma hora. Sentei-me ao lado da sua cama, e orei até o por do sol.

Ele caiu num sono espasmódico, gemendo, sobressaltado, e dando repelões. Duas vezes levantou-se agitado e tentou alcançar a porta. Da última vez tive de agarrá-lo e arrastá-lo de volta para o leito.

Por volta de meia noite, sentado na cadeira ao lado da cama, senti a nuvem negra do sono cair sobre mim. Tentei lutar para afastá-la, mas havia quarenta e duas horas que eu não dormia. Sabia que se caísse no sono, Sonny poderia escapar, e desaparecer. Estávamos perto da vitória, mas eu não tinha mais forças, e senti meu queixo cair sobre o peito. “Talvez se fechar os olhos só uns minutinhos...”

Acordei assustado. O brilho melancólico das lâmpadas da rua refletiam-se no grande quarto simples do terceiro andar do prédio. Não pensava que tivesse

dormido mais do que alguns segundos, mas algo dentro de mim me advertia de que dormira muito mais do que isso. Olhei para a cama de Sonny. Estava vazia. Os cobertores estavam em desordem, e jogados de lado. Ele fora embora!

Meu coração pulou para a garganta. Levantei-me de um pulo, e saí em direção à porta, quando o vi ajoelhado no assoalho, ao lado da janela. Senti uma onda de alívio, e me aproximei devagar da janela, ajoelhando-me nas tábuas nuas, ao lado dele. Uma nevada primaveril caía suavemente, e refletia na calçada a luz dos postes. A rua e a calçada confundiam-se debaixo de um só tapete de um branco imaculado, e os ramos das árvores, perto da janela, com seus minúsculos brotos delicados que começavam a surgir, brilhavam devido à neve branca e fofa que os cobria. Cada floco macio reluzia individualmente, quando flutuava diante da luz das lâmpadas, caindo ao chão. Faziam-me lembrar de uma figura de cartão de Natal.

“É maravilhoso. É indescritível. Nunca vi coisa mais bela; e você?” disse Sonny.

Eu olhava para ele. Seus olhos estavam claros, e a voz firme. Sua face mostrava-se radiante; sua língua não estava grossa, nem sua fala pastosa.

Ele sorriu para mim : “Deus é bom, Nicky. Ele é maravilhoso. Esta noite ele me libertou de um destino pior do que o próprio inferno. Ele me libertou da escravidão.”

Olhei para fora, admirei o quadro delicado de beleza pura que estava diante de mim, e murmurei : “Obrigado, Senhor, obrigado.” E ouvi Sonny murmurar : “Muito obrigado.”

Pela primeira vez deixei Sonny a sós, atravessei o pátio coberto de neve fofa, em direção ao meu apartamento. Tinha a cabeça descoberta, e a neve

gélida, que caía tão mansamente, cobriu meu cabelo e rangia suavemente debaixo dos meus pés, enquanto eu subia os degraus exteriores.

Bati de leve, e Glória abriu a porta. “Que horas são ?” perguntou ela estremunhada.

“Quase três da manhã”, respondi. Encontramos-nos na soleira da porta, e apertei-a amorosamente contra mim, enquanto observávamos a neve suave e fofa amontoar-se silenciosamente no chão, cobrindo tudo o que era escuro e feio com um lençol maravilhosamente branco, como a inocência.

“Sonny encontrou-se com Cristo”, disse eu. “Uma nova vida nasceu para o reino.”

“Eu te agradeço, Jesus”, disse Glória de manso. Houve uma longa pausa, e ficamos na soleira da porta, admirando o maravilhoso quadro diante de nós. Então, senti o braço de Glória apertar minha cintura. “Sonny não é a única nova vida que passou a existir. Não tenho tido tempo de falar com você, porque tem estado tão ocupado nestes últimos três dias, mas há uma vida nova em mim, também, Nicky. Vamos ter um nenê.”

Puxei-a para mim e estreitei-a junto ao meu peito, cheio de amor e alegria. “Oh, Glória, eu amo você! Eu a amo muito, muito!” Suavemente, curvei-me, passei os braços por trás dos joelhos dela, e vagarosamente levantei-a no colo. Dei um pontapé na porta, que se fechou com um estalido, mergulhando o quarto em completa escuridão. Carreguei-a para o sofá, e coloquei-a carinhosamente na cama. Sentando-me ao lado dela, pousei a cabeça suavemente no seu ventre macio, aconchegando-me ao máximo à nova vida que estava ali dentro. Com as mãos ela acariciou meu rosto e minha cabeça. A exaustão me dominou e caí num sono profundo e sossegado.

Depois de sua conversão, Sonny levou-nos a co-

nhecer o escuro submundo da grande cidade, e introduziu-nos no reino dos viciados, das prostitutas, e dos criminosos.

Glória e eu passamos muitas horas nas ruas, distribuindo folhetos, e o número de pessoas que eram atendidas no Centro cresceu. Tínhamos contudo, bem poucos adolescentes. A maioria era constituída de adultos. Abrimos o terceiro andar para recolher as mulheres. Glória ajudava a cuidar das moças, e eu trabalhava com os rapazes, embora como diretor estivesse encarregado dos dois grupos.

Davi mudara-se para uma casa em Staten Island, e vinha ao Centro todos os dias, quando estava na cidade, para supervisionar o trabalho.

Compramos uma Kombi. Glória e um dos rapazes saíam duas vezes por semana para apanhar membros de gangs e trazê-los ao Centro, para os cultos.

Pedro alugou um apartamento em Jersey, e mudou-se, mas Sonny ficou até setembro, quando viajou para La Puente, onde foi cursar o Instituto Bíblico. Naquele mesmo verão, o apartamento do segundo andar do Centro foi desocupado, e eu e Glória mudamo-nos para lá. O dormitório dos homens ficava nos fundos do segundo andar. No primeiro, havia o escritório, a cozinha, o refeitório e uma sala grande que usávamos como capela. Esperava que depois que nos mudássemos para o casarão, isto ajudaria a diminuir a tensão que Glória sentia. Não obstante, a necessidade de viver na mesma casa com quarenta viciados em psicotrópicos não propiciava uma vida de calma e paz.

A tensão continuou. Glória e eu tínhamos bem poucos momentos a sós, pois eu passava todas as horas disponíveis com os viciados. No outono de 1962, tive de fazer uma viagem de emergência a Porto Rico. Mamãe enviara um cabograma a Frank. Papai morrera. Frank, Gene e eu voamos para Porto Rico com nossas esposas,

onde eu dirigi um culto, por ocasião do sepultamento do meu pai. Eu retornava como pastor evangélico, e embora papai jamais tivesse aceitado abertamente a Cristo como filho de Deus, realizei aquela cerimônia com a certeza de que houvera uma transformação na sua vida, e que Deus, na sua misericórdia, seria capaz de julgá-lo de acordo com o seu coração. O “Grande” estava morto — mas as recordações de um pai que eu aprendera a amar, continuaram vivendo no meu coração.

Alicia Ann nasceu em janeiro de 1963. Ajudou a preencher um vazio na vida solitária de Glória, visto que agora ela possuía alguém com quem repartir seu amor, durante os longos dias que passava sozinha. Eu ansiava por ficar algumas horas com elas, mas o desejo dominante de ministrar aos farrapos humanos viciados em entorpecentes, afastava-me do lar desde o alvorecer até a meia-noite. Recomendei-lhe que não deixasse ninguém pegar o bebê, pois embora eu amasse os viciados, sabia que suas mentes severamente prejudicadas pelas drogas eram capazes de qualquer coisa.

Mas nunca fiquei sabendo quantas noites Glória ficou chorando sozinha até dormir, na solidão de nosso apartamento. Ela fora, sem dúvida, a escolha certa de Deus para mim. Nenhuma outra mulher teria podido agüentar uma vida daquelas.

## Capítulo 15

# **PASSEIO AO INFERNO**

---

EU PASSARA DOIS DIAS FORA da cidade, quando voltei, Glória falou-me de Maria. Tinha vinte e oito anos.



Fora recolhida da rua meio congelada, com sintomas agudos de privação de heroína, e no limiar da morte. Glória pediu-me que pensasse especialmente nela, ao pregar naquela noite, na pequena capela.

Depois do culto, Glória levou Maria ao meu escritório. Ela gaguejava o tempo todo, sofrendo ainda a privação da droga. “Esta noite”, disse ela, “tive a estranha sensação de que desejava libertar-me desta vida inútil. Enquanto você pregava, tive um estranho sentimento de que realmente desejava morrer para esta vida miserável. Não obstante, pela primeira vez na vida, eu quero viver. Não consigo entender isso.”

Expliquei-lhe que ela estava experimentando o que a Bíblia chama “arrepentimento”. “Maria, você não pode receber o amor de Deus, enquanto não estiver disposta a morrer para você mesma. Diga-me, quer morrer para a sua velha vida ? Quer que a velha vida de drogas e prostituição seja condenada à morte, sepultada e esquecida para sempre?”

“Sim, sim, sim”, soluçou ela. “Estou disposta a fazer qualquer coisa para escapar.”

“Está disposta a morrer para o “eu”?” perguntei.

“Sim”, respondeu ela, reprimindo as lágrimas, “até isso.”

“Então deixe-me falar-lhe a respeito de um amor tão maravilhoso, tão lindo, tão esplêndido que pode mudar até mesmo uma pessoa como você tornando-a pura e santa. Deixe-me falar-lhe de Jesus.”

Durante cerca de dez minutos, falei-lhe a respeito do perfeito amor de Deus, que foi derramado sobre nós em Jesus Cristo.

Ela escondeu o rosto nas mãos e começou a chorar. Aproximei-me dela e coloquei a mão no seu ombro. “Maria, vamos ficar de joelhos e orar...” Antes

que eu terminasse de falar, Maria caíra de joelhos no assoalho. Senti que a represa se rebentara. Maria nascera de novo, para uma nova vida em Jesus Cristo.

Um mês depois, ela entrou em meu escritório. A necessidade que sentia da droga estava se tornando insuportável, e ela queria deixar o Centro. Johnny, seu namorado, já se rendera à pressão da droga, abandonando o Centro alguns dias antes, nas caladas da noite.

Levantei-me e fechei a porta. “Maria”, disse eu, “nada em minha vida é tão importante como o seu futuro. Falemos a respeito do que aconteceu em sua vida.”

Ela concordou. Remontamos à época em que Maria tinha dezenove anos, e tirara o diploma do ginásio. Deixei-a falar. “Foi Johnny quem me ensinou a fumar maconha. Minhas amigas haviam-me contado sua experiência com a erva. Tinham dito que não havia problemas, contanto que não se lançasse mão de coisa mais forte. Johnny parecia ter sempre um bom suprimento de “pacaus”, e eu achava tudo muito divertido.”

Maria parou, como se lembrasse daqueles primeiros dias, quando começara sua descida ao inferno, e pensei como sua atitude era típica das dezenas de viciados que estavam se apresentando no Centro.

Noventa por cento deles tinham começado com maconha e depois tinham ido além, viciando-se em narcóticos. Percebi o que vinha a seguir, mas senti que ela precisava desabafar. “Fale, Maria, qual era o efeito?” Ela relaxou o corpo na cadeira, e começou a contar-me a história, com os olhos semi-cerrados.

“Eu sentia que os problemas, literalmente, voavam para longe de mim”, respondeu ela. “Certa vez, senti que eu mesma estava flutuando quilômetros e quilômetros

acima da terra. Então comecei a partir-me em pedaços. Meus dedos soltaram-se das mãos e voaram para longe, no espaço. As mãos saíram dos punhos. Os braços e pernas deixaram meu corpo. Parti-me em milhões de pedaços que voaram, levados por uma brisa suave.”

Ela parou de novo, lembrando. “Mas a maconha não era suficiente. O que ela fazia era apenas aguçar em mim um desejo de algo mais forte. Eu estava mentalmente “fisgada”.

“Foi Johnny quem me deu a primeira “picada”. Ele vinha falando disso há semanas. Certa tarde, depois de ter chorado o dia inteiro, parecia que tudo ia mal. Johnny chegou então com a agulha e a colher. Eu sabia o que ele ia fazer, mas ele parecia tão certo de que aquilo me ajudaria, que deixei-o prosseguir. Naquela época eu nada sabia a respeito do vício de narcóticos, mas ele me garantiu que tudo iria sair bem. Amarrou um cinto em torno do meu braço, bem apertado, pouco acima do cotovelo, até que a veia saltou como um grande caroço, sob a minha pele. Esvaziou na colher o conteúdo de um envelope, um pó branco e semelhante a açúcar. Adicionou água com um conta-gotas, e em seguida acendeu um fósforo sob a colher, até o líquido ferver. Outra vez, com o conta-gotas, sugou a heroína agora dissolvida. Depois, com perícia, furou minha veia com a ponta da agulha hipodérmica. Então, cuidadosamente, apertou o conta-gotas, fazendo gotejar o potente líquido na parte mais larga da agulha hipodérmica. Deixando o conta-gotas de lado, moveu a agulha para baixo e para cima, em meu braço, até o líquido desaparecer na veia. Não senti nada quando ele tirou a agulha. Não sabia então, mas acabara de me tornar uma viciada que injeta narcótico diretamente na veia, sendo esta a forma mais terrível do vício.

“Johnny, não estou boa”, disse eu.

“Nada disso, você está bem, garota”, respondeu.

“Descanse e logo estará voando. Prometi, e nunca deixo de cumprir minhas promessas, não é mesmo?”

“Mas eu não o ouvia mais. Comecei a ter ânsias, e antes que pudesse mexer-me, vomitei no assoalho. Caí atravessada na cama, e comecei a tremer e a suar. Johnny sentou-se ao meu lado e segurou minha mão. Logo relaxei os músculos, e uma sensação quente, de fluidez, atravessou meu corpo. Tinha a impressão de que me elevava em direção ao forro; acima de mim podia ver a face sorridente de Johnny. Ele curvou-se sobre mim e murmurou: “Como é que está indo, boneca?”

“Delicioso”, murmurei. “Puxa, está ficando bom.” Eu começara a minha incursão no inferno.

“Só recebi outra picada uma semana mais tarde. Desta vez, quando Johnny fez a sugestão, concordei prontamente. A dose seguinte veio após três dias. Depois disso, Johnny não precisava mais sugerir, eu é que pedia. Não o sabia então, mas já estava viciada. .. “fisgada”.

“Na semana seguinte, quando Johnny chegou em casa, eu estava começando a tremer. Pedi-lhe uma “picada”.

“Escute, boneca, eu gosto de você e tudo o mais, mas esta droga custa dinheiro, você sabe.”

“Eu sei disso. Johnny, mas preciso de uma “picada .”

“Johnny sorriu: “Não tem, menina. Puxa, você está começando a me custar caro.”

“Por favor, Johnny”, insisti com ele, “não brinque comigo. Não percebe que eu preciso de uma “picada?”

“Johnny dirigiu-se para a porta. “Hoje não. Esqueça. Eu não tenho tempo nem dinheiro.”

“Johnny”, eu estava gritando. “Não me abandone.

Pelo amor de Deus, não saia!” Mas ele se fora, e ouvi a chave girar na fechadura.

“Tentei conter-me, mas nada pude fazer. Cheguei à janela, e vi Johnny na esquina, conversando com duas garotas. Eu sabia quem eram. Trabalhavam para Johnny. Ele se referia a elas como parte do seu “estábulo”. Eram prostitutas que compravam a droga de que precisavam com o dinheiro que ganhavam na profissão. Johnny fornecia a “mercadoria”, e elas passavam a droga aos fregueses, mediante uma comissão.

“Fiquei olhando pela janela, e vi quando ele pôs a mão no bolso do paletó e passou disfarçadamente, para uma das garotas, um pequeno envelope branco. Eu sabia que era a droga. Ao ver Johnny desfazer-se da preciosa heroína, não pude agüentar. Por que ele a dava para ela, e não me deixava tomar uma “picada”? Deus, como eu precisava de uma!

“De repente, ouvi meus próprios gritos: “Johnny! Johnny!” eu gritava da janela, com todas as forças dos pulmões. Ele olhou para cima, e voltou para o apartamento. Quando entrou, eu estava atravessada na cama, soluçando e tremendo. Havia perdido todo o autocontrole.

“Johnny fechou a porta. Sentei na cama e tentei falar, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele avançou para mim e bateu-me na boca com as costas da mão. “Que diabo está querendo?” gritou ele. “Quer que eu seja preso, ou o quê?”

“Johnny, por favor, ajude-me. Preciso de uma “picada”. Vi você dar a droga para aquelas garotas. Por que não dá para mim? Por favor!” Eu chegara a um estado de completo desespero. Estava tremendo e soluçando ao mesmo tempo. Sentia o gosto do sangue que escorria pelo canto da boca, mas não me importava. Tudo o que eu queria era a agulha. Johnny deu uma risada.

“Escute, garota, você é diferente daquelas cadelas que estão lá na rua. Você tem classe. Mas esta droga não se consegue de graça. Custa, e muito. Aquelas garotas lá embaixo trabalham para conseguir a delas. O que é que você está fazendo para conseguir a sua, hein?”

“Eu vou trabalhar, Johnny. Farei qualquer coisa. Tudo. Só quero que você me dê aquela agulha.”

“Não sei não”, disse Johnny. “Você tem classe demais para trabalhar na rua.”

“Johnny, farei qualquer coisa. Fale o que é.” Senti o soalho subir ao meu encontro, quando joguei-me aos seus pés e abracei seus joelhos para não cair com o rosto no chão.

“Você quer dizer que está disposta a trabalhar para mim na rua?” Ele parou e depois continuou com entusiasmo. “Você pode, menina, eu sei que você pode, se quiser. Rapaz, você pode passar por cima daquelas frangas, de dez contra um. Os homens vão enxamear ao seu redor, e entre nós dois podemos fazer muito dinheiro. Que tal? Eu teria muito dinheiro e poderia comprar para você toda H (heroína) que quisesse e você nunca mais passaria por isto. Que tal? É isso que você quer?”

“Sim, Johnny, sim, sim. Só quero que você me dê uma “picada.”

“Johnny aproximou-se do fogão, e acendeu uma boca. Tirou a colher e colocou nela um pouquinho de pó branco. Adicionou água e segurou-a sobre a chama. Enchendo a agulha, aproximou-se de mim, que estava agachada no chão. “Puxa, menina, isto é o começo do céu para nós dois. Com você ao meu lado, podemos alcançar a lua.” Senti a agulha penetrar na veia. A tremura parou quase imediatamente — em questão de segundos. Johnny ajudou-me a levantar, e levou-me para a cama, onde eu caí em profundo sono. Mas

Johnny estava enganado. Não era o começo do céu. Era o começo de um pesadelo horrível, que haveria de durar oito longos anos. Não o céu — mas o inferno.

“O inferno é um abismo sem fundo, no qual a gente cai e continua caindo, sem nunca chegar ao fundo. Não há ponto de parada nem interrupção na queda no vício dos tóxicos. Esse, o caminho que eu começava a trilhar.

“Johnny não poderia usar-me, se eu não fosse viciada. Quando me tornei escrava das drogas, tornei-me também escrava dele. Tinha de fazer o que ele quisesse... e ele queria que eu me prostituísse para dar-lhe dinheiro. Ele me fornecia droga, mas eu via que a situação não era exatamente o céu que ele prometera.

“Descobri logo que Johnny tinha outra mulher. Eu sabia que ele não queria casar comigo, mas nunca imaginara que estivesse sustentando outra. Soube disto de maneira crua.

“O movimento fora pequeno na noite anterior, e eu havia levantado e descido à rua, naquela tarde, para fazer algumas compras. Gostava de sair e esquecer-me do que eu era, imaginando ser igual às outras pessoas. Estava na esquina das ruas Hicks e Atlantic, esperando o sinal abrir, quando senti alguém agarrar-me o ombro, puxando-me com força, de forma que me fez dar meia-volta. “Você é Maria, não é?” Era uma mulher morena de longos cabelos negros que se espalhavam pelos ombros. Seus olhos despediam chispas de fogo. Antes que eu pudesse responder, ela disse: “Sim, é você. Já te conheço. É você que anda atrás do meu homem. Vou ensiná-la, cadela imunda.”

“Procurei afastar-me, mas ela deu-me um tapa no rosto. O sinal se abria, e o povo passava apressado ao nosso redor, mas eu não estava para ser empurrada por ninguém, daquela forma. Estendi a mão, puxei-a pelo cabelo, e empurrei-a para trás com a outra mão.

“Ela começou a gritar como uma louca. “Cadeira suja. Dormindo com o meu homem. Vou matar você.” Estava como louca. Tentou acertar-me com a bolsa, mas eu me abaixei. Empurrei-a com o corpo, e ela caiu de costas, contra o gradil, na entrada da estação do metrô. Ouvi quando respirou fundo no momento em que bateu a espinha no duro cano de ferro.

“Peguei sua cabeça e empurrei-a para trás, contra o cano, em direção aos degraus negros que levavam à estação do metrô. Eu estava tentando enterrar as unhas nos seus olhos, onde tinha certeza de que iria feri-la. De repente, ela enterrou os dentes na minha mão. Senti a carne rasgar-se, quando arranquei a mão de sua boca, gritando de dor.

“Quando me afastei, alguém me agarrou e a multidão me separou dela. O homem que me agarrara fez-me dar meia volta e me atirou na rua, onde tropecei e caí. A multidão ainda estava aglomerada em torno da outra mulher. Atravessei a rua depressa, e continuei correndo pela calçada, do outro lado.

“Não olhei para trás, mas corri para meu apartamento. Ali lavei a mão e pedi à vizinha para me fazer um curativo. Naquela noite voltei para a rua... Nunca mais vi aquela mulher.

“Eu não sentia mais nenhuma obrigação para com Johnny. Descobri que podia conseguir “picadas” com muitos outros homens, cada um dos quais ficaria contente se eu trabalhasse para ele. Isto tornou-se um longo pesadelo. Passei a viver com um homem após outro. Todos eram viciados em entorpecentes. Eu vendia meu corpo; eles roubavam.

“Comecei a trabalhar em sociedade com algumas das outras mulheres. Nós alugávamos um quarto para a noite. Saíamos para a rua e esperávamos. Alguns homens eram fregueses regulares, mas na maior parte eram inteiramente estranhos. Negros, italianos,



orientais, porto-riquenhos, brancos... o dinheiro deles tinha uma só cor.

“Era o inferno: quando conseguia dormir durante o dia, acordava gritando, aterrorizada com sonhos terríveis. Estava aprisionada em meu próprio corpo, e era a minha própria carcereira. Não havia fuga daquele temor, daquela imundície, e do horror daquele pecado.

“Os homens das ruas não eram os únicos que me davam problemas. Eu também estava em constante dificuldades com a polícia. Fui presa onze vezes, durante os oito anos do meu vício. A sentença mais comprida foi de seis meses. Fui presa a propósito de tudo: roubo em lojas, vício de entorpecentes, furto de pequenas quantias, vagabundagem, e também, prostituição.

“Eu odiava cadeia. Da primeira vez, chorei muito. Prometi a mim mesma que nunca mais faria algo que me levasse a ser presa de novo. Mas quatro meses depois, estava de volta. Voltei dez vezes.

“Os policiais estavam constantemente me assediando. Um guarda vinha de dois em dois dias, quando eu estava na rua, procurando fazer com que me entregasse a ele. Mas eu sabia que não lucraria nem um tostão com aquilo, por isso nunca cedi.

“Mas a heroína estava me destruindo. Lembro-me da primeira vez em que tomei uma dose exagerada. Eu ainda estava trabalhando, e voltara para a casa de minha mãe. Abandonara Johnny. Mamãe estava trabalhando em uma fábrica, e eu em um escritório. Eu disse a mamãe que precisava de algumas roupas novas para trabalhar, e implorei tanto que levei a a fazer um empréstimo no banco.

“Cheguei cedo do serviço, naquela tarde, e tirei o dinheiro da escrivania. Desci para o Harlem, onde morava o traficante, comprei a heroína e coloquei-a dentro do soutien. Andei mais uns dois quarteirões, e

cheguei a um porão onde viviam alguns viciados, meus conhecidos. Eu estava desesperada, trêmula. Esquentei a droga em uma tampinha de garrafa, enchi a agulha, e mergulhei-a na veia. Percebi logo que alguma coisa estava errada. Fiquei tonta e desmaiei. Posso lembrar-me de que alguém me tocou, tentando fazer-me ficar de pé. Penso que eles ficaram com medo quando não reagi. Alguém rasgou meu soutien, roubou o resto de H, e depois jogou-me para fora do porão, deixando-me caída na calçada.

“Quando acordei, estava no Hospital Bellevue. A polícia me encontrara, levando-me para o hospital. Eu fora roubada. Todo o dinheiro desaparecera. Três guardas rodeavam minha cama, todos fazendo perguntas ao mesmo tempo. Disse-lhes que estivera bebendo, e que alguém pusera algo na minha bebida. Mas eles sabiam. Fizeram o médico marcar “DE” na minha ficha, indicando “dose exagerada”. Foi a primeira de uma série de três.

“A última quase me matou.

“Estivera bebendo no quarto. A combinação de vinho barato e de dose exagerada de heroína, fez-me desmaiar.

“Fiquei inconsciente na cama, e o cigarro caiu em meu cabelo. Posso lembrar a sensação estranha que tive. Sonhei que a mão de Deus estendeu-se e sacudiu-me ... e continuou a sacudir-me... Lembro-me que disse: “Te manca, Deus, me deixa sozinha. Pára de me sacudir.” Mas as sacudidelas não pararam. E eu acordei.

“Eu sabia que alguma coisa estava errada, porém não percebi nada. Senti o odor de algo podre — um cheiro de carne queimada. Tentei levantar-me, mas caí no soalho. Rastejando até o espelho, consegui levantar-me e olhei. O rosto que vi não era o meu. Eu estava careca. Todo o cabelo fora queimado. Meu rosto era uma

massa de bolhas e carne crestada. Minhas orelhas tinham sido quase completamente queimadas, e delas subia uma espiral de fumaça, como que de uma torrada queimada. As duas mãos estavam queimadas e empoladas, por ter tentado apagar o fogo com elas, inconscientemente.

“Comecei a gritar. Um homem que morava do outro lado do corredor, ouviu meus gritos histéricos, e sabendo que eu era viciada em drogas, veio e começou a esmurrar a porta.

“Cambaleei até a porta e agarrei o trinco, procurando abri-la, mas a carne das palmas de minhas mãos grudou no metal, quando tentei virar a maçaneta. A carne de minhas mãos despreendeu-se, e não pude abrir.

“Não sei como, ele conseguiu abrir a porta pelo lado de fora. Queria levar-me para o hospital, mas eu recusei. Caí sem forças na cama, e pedi que me levasse ao apartamento de minha amiga, Inez. Ele me levou, e eu passei a noite lá.

“As queimaduras, porém, eram de segundo e terceiro grau, e a dor tornou-se insuportável. Eu tinha medo do hospital. Já estivera lá anteriormente. Como estava “fisgada”, sabia que se fosse para o hospital, teria de deixar o vício, “na marra”. Eu achava que não agüentaria, e estava com medo de morrer.

“Mas, no dia seguinte, Inez forçou-me a ir para o hospital. Ela não teve de insistir muito. Eu sabia que morreria, se não fosse. Piquei lá um mês e meio, até as queimaduras sararem.

“Quando saí do hospital, voltei para as ruas. Tomei a minha primeira “picada” quarenta e cinco minutos depois de ter saído do hospital e naquela noite eu estava de volta ao trottoir. Só que agora tudo estava mais difícil, devido às cicatrizes e queimaduras.

Ninguém me queria. Minhas roupas estavam cobertas de queimaduras de cigarro e manchas de café. Meu corpo vivia sujo e cheirava mal. Algumas vezes eu andava pela rua vomitando. O vício estava me pondo louca.

“Um rapaz espanhol chamado René costumava conversar comigo nas ruas. Ele fora traficante, mas esteve no Centro Desafio Jovem, e abandonara o vício. Tornara-se crente, e durante os últimos meses vinha insistindo comigo para que eu viesse aqui e também abandonasse a droga.

“Certa noite fria de março, eu estava precisando desesperadamente de uma “picada”. Desci pela rua cambaleando, virei a esquina próxima ao n.º 416 da Av. Clinton, e caí sem forças na escadaria.

“Mário estava na portaria naquela noite. Ele chamou Glória. Ela me levantou suavemente, e eu me apoiei nela. Entramos pela porta lateral, ao lado da mesa e passamos para a capela.

“Ajoelhe-se, Maria”, disse ela, “ajoelhe-se e ore.” Eu me sentia entorpecida, e julguei estar morrendo. Pensei: se é necessário isto para permanecer viva, vou fazê-lo. Ajoelhei-me no chão, atrás de um dos bancos, mas antes que pudesse curvar a cabeça, comecei a vomitar. Vomitei em minha blusa e no chão. Comecei a chorar e a tremer, e caí amontoada no chão, com as duas mãos à minha frente, sobre meu próprio vômito.

“Levantei os olhos. As outras moças que estavam na capela me rodearam. Reconheci algumas que eu ficara conhecendo na cadeia, mas estavam diferentes. Pareciam anjos flutuando no ar entre as cadeiras e mesas, descendo vagarosamente sobre mim. Estavam sorrindo. Havia um brilho em suas faces. Seus olhos refulgiam, não devido à maconha ou H, mas devido a uma luz interior que resplandecia sobre mim.

“Sentia-me em pouco tonta, e parecia que minha

cabeça girava como um pião.

“Glória ali estava, ao meu lado; percebi que ela estava ajoelhada no meu vômito. Virei a cabeça e tentei chorar, mas só consegui vomitar.

“As moças reuniram-se ao meu redor, e ouvi-as orar. Glória levantou-se e senti suas mãos sobre minha cabeça. Um poder eletrizante, espiritual, atravessou-me o corpo, quase erguendo-me do solo, fluindo de suas mãos delicadas para o meu corpo queimado.

“Ouvi música. Algumas moças estavam cantando. Estremeci e vomitei de novo.

“Por favor, será que posso ir para a cama?” gaguejei.

“Senti mãos fortes sob meus braços, quando uma das moças me levantou e quase me carregou escada acima. Ouvi o ruído de água corrente, e senti que estavam tirando minha roupa. Eu estava doente demais para me importar. Pensei que iam me afogar. Pensei que talvez fossem um grupo de lunáticos e pretendiam matar-me. Mas eu não estava ligando.

“Elas me colocaram carinhosamente sob o chuveiro, e me lavaram. Foi a primeira vez em vários meses que tomei um banho inteiro, e valeu a pena. Ajudaram a enxugar-me, vestiram uma combinação, e depois, levaram-me para uma cama em um grande quarto cheio de outras camas.

“Dê-me um cigarro”, pedi a uma das moças.

“Nós não fumamos aqui, Maria. Mas tome uma bala. Prove. Penso que ajudará você”, disse Glória. Elas se revezaram, massageando minhas costas. Cada vez que eu pedia um cigarro, Glória punha outra bala em minha boca.

“Ficaram ao meu lado durante dois dias e duas noites. À noite, eu acordava tremendo e via Glória ali, ao

lado de minha cama, lendo a Bíblia ou orando em voz alta. Não fiquei sozinha nem um instante.

“Foi na terceira noite que Glória me convidou: “Maria, quero que você desça para o culto na capela.” Eu estava fraca. Muito fraca. Mas desci para a capela, e sentei-me bem atrás.

“Naquela noite você pregou. Foi nessa noite que eu entrei neste escritório, ajoelhei-me aqui e abri meu coração para o Senhor.”

Maria parou de falar. Sua cabeça curvara-se para a frente e tinha os olhos pregados na Bíblia que estava sobre a minha escrivaninha.

“Maria”, murmurei suavemente, “o Senhor ouviu seu clamor?”

Ela olhou para mim: “Sim, Nicky. Nunca duvidei disto. Mas quando a necessidade da droga se torna forte demais, tenho vontade de ceder.” Uma lágrima correu-lhe pela face. “Continue orando por mim. Com a ajuda de Deus, vou vencer agora.”

## Capítulo 16

# COM CRISTO NO HARLEM

---

DAVI VIAJAVA A MAIOR parte do tempo, recrutando obreiros para trabalhar durante o verão, e levantando dinheiro para o Centro. À medida que o tempo passava, ele tinha cada vez menos contato pessoal com os viciados, e descobriu que estava fazendo o papel de administrador — papel esse que não queria assumir, mas que lhe fora imposto pelas circunstâncias.

A maior parte do nosso trabalho era feito através dos cultos ao ar livre, e de encontros casuais na rua. Quase todas as tardes armávamos nossa plataforma e nosso serviço de alto-falantes em algum bairro pobre da cidade.

Certa tarde, Mário e eu levamos um pequeno grupo em nossa Kombi, até o coração do Harlem Espanhol. Distribuíamos folhetos, procurando reunir uma multidão para um culto ao ar livre, mas estávamos tendo pouco êxito.

Mário me disse: “Vou buscar gente.”

“Hoje não dá”, respondi. “Ninguém está interessado. Acho que é melhor desarmar tudo e ir para casa.”

“Não”, disse Mário, “nós vamos conseguir gente para ouvir. Você e os outros podem começar a colocar os alto-falantes nos lugares. Em menos de uma hora vamos ter o maior culto ao ar livre.”

“Rapaz, como é que você pensa que vai realizar um culto, sem gente? Hoje eles não estão mesmo interessados.”

“Não se preocupe. Deixe que eu resolvo isto”, disse Mário.

Rindo timidamente, ele saiu correndo rua abaixo e virou a esquina.

Começamos a montar o equipamento. Era uma verdadeira aventura de fé. Eu me sentia como Noé, construindo a arca no alto da montanha seca. Mas continuamos a trabalhar, esperando que Deus providenciasse a chuva.

E ele providenciou. Quinze minutos depois havíamos terminado, e eu estava de volta à esquina, distribuindo folhetos, quando vi um enorme grupo de rapazes correndo pela rua, na minha direção. Estavam

agitando porretes e tacos de beisebol, e gritavam com todas as forças. Virei-me e ia voltar para a plataforma, quando vi novo grupo de rapazes vindo de outra direção, gritando e agitando porretes. “Preciso cair fora daqui”, pensei, “esses rapazes vão ter um “quebra-pau.” Mas era tarde demais! Fui rodeado pela turma que gritava e dava cotoveladas. Fiquei esperando pela briga.

De repente, vi Mário correndo por uma travessa que havia no meio do quarteirão, gritando a plenos pulmões: “Ei turma, o chefe da terrível quadrilha dos Mau-Maus, de Brooklin, vai falar dentro de quinze minutos. Venham ouvi-lo. Venham ouvir o grande Nicky Cruz, o sujeito mais perigoso de Brooklin. Venham preparados. Ele é um matador, e ainda é perigoso.”

Os rapazes derramavam-se dos apartamentos, descendo pelas escadas de emergência, e correndo em minha direção. Enxameavam ao meu redor, e gritavam: “Onde está o Nicky? Quero vê-lo. Onde está o chefe dos Mau-Maus?”

Mário chegou, com um sorriso que ia até as orelhas. “Você viu? Eu disse que conseguiria uma multidão.”

Olhamos ao nosso redor. Ele havia reunido uma turba de tamanho respeitável. Devia haver uns trezentos rapazes rodeando-nos, no meio da rua.

Balancei a cabeça. “Só espero que não sejamos todos mortos. Puxa, esses rapazes parecem terríveis.”

Mário ainda estava rindo, ofegante, por causa da corrida. “Vamos, pregador, sua congregação está esperando.”

O suor escorria-lhe pelo rosto, mas ele trepou até a plataforma, agarrou o microfone e levantou a mão, pedindo silêncio. Os rapazes ouviram-no falar, à semelhança de um camelô de feira, “enrolando” o auditório antes de apresentar o show.



“Senhores e senhoras. Hoje é um grande dia. O chefe da terrível e famosa quadrilha Mau-Mau vai falar a vocês... O homem mais perigoso de Nova York. Ele é temido tanto por moços como por velhos. Só que agora não é mais o chefe. É ex-chefe. Esta tarde vai contar-lhes porque não está mais na gang, e porque está associado a Jesus. Apresento a vocês NICKY CRUZ, o primeiro e único, ex-chefe dos Mau-Maus.”

Estava gritando quando terminou. Pulei para a plataforma, ficando por trás do microfone. Os garotos na multidão começaram a gritar e bater palmas. Fiquei de pé na plataforma, sorrindo e acenando com a mão, enquanto eles aplaudiam. Muitos deles me conheciam ou haviam lido a meu respeito nos jornais. Cerca de duzentos adultos tinham-se reunido por trás da multidão de adolescentes. Dois carros da polícia pararam, um de cada lado do povo.

Levantei os braços. Os gritos, assobios e aplausos diminuíram. Em um instante a turba estava silenciosa.

Senti-me fortemente ungido pelo Espírito Santo, quando comecei a pregar. As palavras saíram livremente, sem dificuldade. “Eu era o chefe dos Mau-Maus. Estou percebendo que vocês já ouviram falar de mim.” Outra vez a multidão irrompeu em aplausos espontâneos. Levantei os braços, e pedi silêncio. “Quero contar-lhes porque sou ex-chefe dos Mau-Maus. Sou ex-chefe porque Jesus transformou meu coração! Um dia, em uma reunião de rua exatamente igual a esta, ouvi um pregador falar de alguém que podia transformar minha vida. Ele me disse que Jesus me amava. Eu não sabia quem era Jesus, e sabia que ninguém me amava. Mas Davi Wilkerson disse que Jesus me amava. Agora a minha vida está mudada. Eu me entreguei a Deus, e ele me deu uma nova vida. Eu era igual a vocês: vivia correndo pelas ruas. Dormia nos telhados. Fui expulso da escola por causa de briga. A polícia estava atrás de mim,

e fui preso muitas vezes, e muitas vezes dormi na cadeia. Eu estava com medo. Mas, então, Jesus transformou minha vida. Ele me deu um alvo para o qual eu agora vivo. Ele me deu esperança. Ele me deu um novo objetivo na vida. Eu não fumo mais maconha, nem brigo, nem mato. Não fico mais acordado de noite, com medo. Não tenho mais pesadelos. Agora as pessoas conversam comigo quando eu passo. A polícia me respeita. Estou casado, e tenho uma filhinha. Porém, o que é mais importante de tudo, sou feliz e não vivo mais fugindo de tudo e de todos.”

A multidão estava silenciosa e atenta. Terminei a mensagem e fiz um apelo para os que queriam aceitar a Cristo.

Vinte e dois atenderam ao apelo, e ajoelharam-se defronte à multidão, enquanto eu orava.

Terminei a oração, e levantei os olhos. Os policiais tinham saído dos carros, e estavam de pé, com os quepes na mão, e as cabeças curvadas. Virei o rosto para o céu. O sol brilhava no Harlem...

O Harlem Espanhol tornou-se nosso lugar predileto para cultos ao ar livre. Parecia que ali éramos capazes de atrair multidões maiores, e a necessidade do evangelho era mais aparente do que em qualquer outro lugar em que havíamos pregado. Eu não me cansava de lembrar à nossa equipe que “onde abundou o pecado, superabundou a graça”.

Glória teve dificuldades em aceitar o Harlem Espanhol. Ela não conseguia acostumar-se com o cheiro. Procurava não agir de forma antipática, mas algumas das feiras livres eram quase demais para o seu estômago. Até para mim, era difícil acostumar-me com as moscas que enxameavam sobre a carne, as frutas e vegetais.

Além disto, havia o cheiro dos viciados. Pareciam

desprender um mau cheiro. E quando agrupados, principalmente sob o calor do verão, era quase insuportável ficar perto deles.

Aprendemos muito durante aqueles primeiros meses de pregação nas ruas. Aprendemos que as pessoas que tinham mais êxito eram as que haviam saído das ruas, e podiam apresentar um testemunho de primeira mão a respeito do poder transformador de Jesus Cristo. Eu não tinha tanto êxito, ao pregar para viciados em entorpecentes quanto os que tinham sido viciados. Descobrimos que esses eram nossos melhores pregadores. Seus testemunhos, honestos e minuciosos, causavam um impacto tremendo nos outros viciados. Começamos a levá-los conosco sempre que íamos pregar nas ruas. Contudo, isto também trouxe problemas.

Muitas vezes, durante os cultos de pregação nas ruas, os viciados que se aglomeravam procuravam tentar e provocar nossos auxiliares. Acendiam um “pacau” em frente deles, e deliberadamente sopravam a fumaça em seus rostos. Cheguei a ver um homem tirar uma agulha e um pacote de heroína, e agitá-los na cara de um de nossos obreiros que se livrara das drogas, dizendo: “Ei, menino, não sente falta disto? Rapaz, isto é que é vida. Precisa experimentar.” A tentação era quase irresistível, mas aquelas vidas estavam protegidas pelo escudo da força de Deus.

Descobri que Maria, particularmente, não tinha acanhamento de levantar-se diante de um grupo dos seus antigos colegas, prostitutas e viciados, e dar testemunho da graça de Deus. O seu testemunho simples levou, várias vezes, os ouvintes até às lágrimas, quando falava de um Deus que é um amigo íntimo e pessoal. Um Deus que, na pessoa do seu filho Jesus Cristo, palmilhou as duras estradas da Palestina, tocando nos pecados do povo e libertando-o deles. A maior parte daquela gente jamais soubera da existência

de um Deus assim. O Deus de quem ouviam falar, se é que conheciam algum, era um juiz severo que abomina o pecado e fustiga as pessoas, colocando-as na linha, como um policial. Ou, talvez, identificavam Deus com as igrejas frias e formais que tiveram oportunidade de observar.

Certo dia, um ex-membro de quadrilha, um jovem de cor que fora viciado em heroína, estava dando testemunho a respeito da sua infância. Contou que fora obrigado a fugir de casa aos treze anos, porque o apartamento era muito apertado. Falou dos diversos homens que viveram com sua mãe. Contou como dormira nos telhados e no metrô. Afirmou que precisara surrupiar comida, mendigar e roubar. Ele não tinha casa de espécie alguma, e usava os telhados ou ruelas como latrina. Estava vivendo como um animal selvagem, na selva das ruas.

Enquanto falava, uma velha senhora, na extremidade da multidão, começou a chorar. Seu choro tornou-se quase histérico, e eu rodeei o povo para chegar até ela. Quando consegui dominar-se, ela me disse que aquele rapaz poderia ser seu filho. Ela tivera cinco filhos que haviam abandonado o lar, e viviam exatamente conforme a descrição dele, nas ruas da cidade. O seu sentimento de culpa era maior do que podia suportar. Reunimo-nos ao seu redor, e oramos a seu favor. Ela levou a cabeça para trás e olhou para os céus, pedindo que Deus a perdoasse e protegesse seus filhos, onde quer que eles estivessem. A pobre mulher encontrou paz junto a Deus naquela tarde, mas o dano causado aos filhos já estava feito. Em milhares de outros casos, ocorria o mesmo. Sentíamos como se estivéssemos procurando esvaziar o oceano com uma colher de chá. Não obstante, sabíamos que Deus não esperava que ganhássemos o mundo — apenas que testificássemos e fôssemos fiéis. E esse era o nosso alvo.

Na quinta-feira, tarde da noite, preparamos um culto ao ar livre na esquina de uma escola, no Harlem Espanhol. O verão estava quente, e uma grande multidão reuniu-se para ouvir os alegres corinhos em espanhol, e a música evangélica de ritmo acelerado que fluía de nossos alto-falantes.

A multidão estava inquieta e nervosa. Quando a música chegou a um ritmo mais acelerado, alguns de nossos rapazes e moças colocaram-se defronte ao microfone e começaram a cantar, bater palmas, e marcar o ritmo. A um lado, todavia, eu notei uma perturbação. Um grupo de “pequenos” estava dançando ao som da música. Eram cerca de cinco ou seis “pequenos”, gingando em plena rua, bamboleando as cadeiras e sapateando. Algumas pessoas tiveram sua atenção desviada para eles e começaram a aplaudi-los, rindo e batendo palmas com eles, acompanhando o ritmo. Deixei o lugar onde estava, e rodeei o povo, em direção ao grupo. “Ei, meninos, por que vocês estão dançando aqui? Aqui é território de Jesus!”

Um deles disse: “Aquele homem lá pagou para nós dançarmos. Veja, ele nos deu dez centavos.” Apontaram para um moço magro, de cerca de vinte e oito anos de idade, que estava na extremidade da multidão. Dirigi-me a ele para conversar. Ele viu que eu me aproximava e começou a saracotear, no ritmo da música.

Procurei falar com ele, mas continuou dançando, sapateando, e sacudindo as cadeiras, dizendo: “Meu chapa, isso é música pra frente, cha-cha-cha.”

Girava em torno de si mesmo, e batia com as mãos nos quadris. Cantava sacudindo as cadeiras e a cabeça como um louco: “Bi-bop, cha-cha-cha... dum-di-dum-dum... dança, meu chapa, dança.”

Finalmente consegui sua atenção: “Ei, cara, quero perguntar-lhe uma coisa.”

Ele continuou da mesma forma, dançando no ritmo da música: “Sim, paizinho, o que é que você quer? O que é que você quer?... Bi-bop, di-dum-dum... o que é que você quer?”

Eu disse: “Você deu dinheiro àqueles garotos para que eles dançassem e atrapalhassem nossa reunião?” Minha paciência estava começando a acabar.

Girando ainda, respondeu: “É isso mesmo, meu chapa; você está falando com o cara certo. Sou o homem... da-da-di-da...” Dava estalos com a língua e sapateava, levantando os pés à sua frente, enquanto girava.

Pensei que ele estivesse louco. “Por quê?” gritei-lhe. “O que há de errado com você, afinal?”

“Porque não gostamos de vocês. Não gostamos de crentes. Não. Não. Não. Não gostamos de crentes. Da-da-dum-di-dum.”

Perdi a calma. “Pois bem, seu”, disse, cerrando os punhos e avançando para ele, “vamos continuar este culto, e você vai calar a boca, ou então eu vou lhe dar uma surra, e você vai ficar quieto a força.”

Ele viu que eu falava sério, mas seu orgulho não lhe permitia acabar com a brincadeira imediatamente. Pôs a mão na boca fingindo surpresa, e arregalou os olhos, fingindo terror. Mas parou de dançar e calou-se.

Voltei ao microfone e preguei naquela tarde a respeito das minhas experiências de adolescente em Nova York. Testifiquei a respeito da sujeira, da pobreza, da vergonha e do pecado que existiram em minha vida. Em seguida, preguei sobre a culpa dos pais que permitem que seus filhos cresçam em tal pecado. Roguei-lhes que dessem um bom exemplo para os filhos.

Enquanto eu falava, alguns tiraram o chapéu. Este é um dos melhores sinais de reverência e respeito.

Notei lágrimas nos olhos de muitas pessoas, e vi alguns lenços aparecerem. Percebi que o Espírito e o poder de Cristo estavam operando de maneira especial, mas não previ o impacto que ele produziria alguns momentos depois.

Enquanto pregava, notei um velho, claramente embriagado, chorando no meio de todo aquele povo. Uma mocinha, que estava na frente, escondeu a face nas mãos e ajoelhou-se na rua, com os joelhos nus sobre o pavimento duro e sujo. Uma de nossas auxiliares deixou o grupo e ajoelhou-se ao lado da menina, orando com ela. Quanto a mim, continuei a pregar.

Era evidente que o poder do Espírito de Deus estava naquela reunião. Quando terminei a pregação e fiz o apelo, notei um viciado em narcóticos, na extremidade da multidão, em grande agonia espiritual. Ele enfiou a mão no bolso da camisa, tirou vários pacotinhos, e atirou-os na rua, aos seus pés. Começou a gritar, sapateando nos pequenos envelopes brancos. “Maldito, pó imundo. Você arruinou a minha vida. Levou minha esposa embora. Matou meus filhos. Mandou minha alma para o inferno. Maldito! Maldito!”

Caiu de joelhos no chão, chorando e balançando-se para a frente e para trás, com o rosto nas mãos. Um de nossos obreiros correu para o lado dele. Dois dos nossos ex-viciados rodearam-no, um com a mão sobre a sua cabeça, e o outro ajoelhado, todos orando em voz alta enquanto ele gritava pedindo perdão.

Oito ou nove viciados em entorpecentes vieram à frente e ajoelharam-se na rua, diante do microfone. Fui de um para o outro impondo as mãos em suas cabeças e orando por eles, completamente esquecido do barulho do trânsito intenso e dos olhares dos transeuntes curiosos.

Depois do culto, demos uma palavra em particular

a cada um dos que haviam aceitado a Cristo, e falamos a respeito do Centro. Nós os convidamos para morar conosco, enquanto se livravam do vício. Sempre havia alguns que se dispunham a nos seguir imediatamente. Outros hesitavam e recusavam-se. Outros apareciam dentro de uma semana ou mais, e pediam para serem admitidos.

Quando a multidão se dissolveu, reunimos nosso equipamento e começamos a guardá-lo na Kombi. Um dos meninos que estivera dançando na rua, começou a puxar a manga do meu paletó. Perguntei-lhe o que queria, e ele disse que o “dançador” queria falar comigo. Perguntei-lhe onde estava o homem, e ele apontou para um beco escuro, do outro lado da rua.

A noite já caíra, e eu não sentia vontade de entrar num beco escuro onde se escondia um louco. Disse ao garoto para avisar ao homem que eu teria prazer em conversar com ele — ali, debaixo das luzes da rua.

O garoto saiu correndo, e voltou dentro de instantes. Já havíamos quase terminado de desmontar nosso equipamento. Ele balançou a cabeça e disse que o homem precisava conversar comigo, mas estava muito envergonhado para encontrar-me no claro.

Comecei a dizer ao garoto: “Nada feito”, mas, repentinamente, lembrei-me de Davi Wilkerson procurando-me no porão onde eu fora esconder-me, depois do primeiro culto ao ar livre. Lembrei-me de como ele entrou sem medo e disse: “Nicky, Jesus ama você”. Aquela coragem e compaixão me levaram a aceitar a Cristo como meu salvador.

Assim, olhando para o céu escuro, disse ao Senhor que, se ele queria que eu fosse conversar com aquele “dançador” selvagem, faria a sua vontade. Mas ia no seu Espírito, e não em minha própria força e poder, e estava esperando que ele fosse adiante de mim — principalmente por ser naquela ruela escura.



Atravessei a rua e parei na entrada do beco. Era como a entrada de um túmulo. Murmurei uma oração: “Senhor, espero que tenhas entrado aqui antes de mim”, e entrei. Apalpando as paredes de alvenaria, mergulhei na escuridão.

Ouvi então o som amortecido de alguém soluçando. Avancei, e na penumbra pude ver o homem agachado no meio de algumas latas de lixo malcheirosas. Tinha a cabeça entre as pernas e o seu corpo era sacudido por soluços convulsivos. Aproximei-me e ajoelhei-me a seu lado. O cheiro rançoso das latas de lixo era insuportável. Mas havia ali um ser humano em desespero, e o desejo de ajudá-lo foi maior do que a podridão reinante no beco.

“Ajude-me. Por favor, ajude me”, soluçava ele. “Li a seu respeito no jornal. Ouvei falar que você se converteu e foi para a Escola Bíblica. Por favor, ajude-me.”

Não podia crer que aquele era o mesmo homem que apenas alguns minutos antes estava dançando e cantando na rua, procurando atrapalhar nossa reunião. “Será que Deus me perdoa? Diga-me, será que eu me distanciei demais dele? Será que ele me perdoa? Por favor, ajude-me.”

Disse-lhe que Deus o perdoaria. Eu sabia. Ele havia me perdoado. Fiz algumas perguntas a respeito de sua vida. Contou-me sua história, enquanto permanecia ajoelhado ali, em meio à sujeira do beco.

Há muito tempo atrás, ele sentira que Deus o estava chamando para o ministério. Deixara o emprego e se matriculara em uma escola bíblica para estudar, preparando se para o serviço do Senhor. Voltando a Nova York, porém, encontrou uma mulher que o seduziu, afastando-o de sua esposa. Esta, com seus dois filhos, implorou-lhe que não os abandonasse. Lembrou-lhe os votos feitos a Deus, e os votos do

casamento, mas ele estava possesso de um demônio: deixou a esposa e foi morar com a outra mulher. Dois meses depois esta o deixou dizendo que estava cansada dele e que sua companhia já não lhe agradava. Ficou desesperado, e caiu no vício, fumando maconha e tomando “bolinhas”. Perguntei-lhe que tipo de comprimido estava tomando, e respondeu que eram “bombitas”, nembies, tuinal e seconal (barbitúricos). Sentia que estava ficando louco. “Eu estava tentando afastar você”, gemeu ele. “Foi por isto que agi daquela forma no meio da rua. Estava com medo. Medo de Deus e medo de enfrentá-lo. Quero voltar para Deus. Quero voltar para minha esposa e meus filhos, mas não sei como. Você pode orar por mim?” Levantou a cabeça, e vi seus olhos cheios de angústia e culpa, pedindo ajuda.

Ajudei-o a levantar-se e saímos do beco, atravessamos a rua e entramos na Kombi. Éramos seis. Ele sentou-se no banco do meio, com a cabeça encostada nas costas do banco à sua frente. Começamos a orar por ele, todos em voz alta. Ele também começou a orar. De repente, percebi que estava citando versículos da Bíblia. Do fundo da sua memória, e do seu treinamento no Instituto Bíblico, estavam-se derramando as palavras do Salmo 51 — o salmo que o Rei Davi pronunciou depois de ter cometido adultério com Bate-Seba, enviando o marido dela para a frente de batalha. Jamais sentira o poder de Deus tão próximo de mim, como quando aquele ex-ministro, que se tinha tornado servo de Satanás, recebeu o Espírito de Cristo e repetiu chorando a sua confissão, pedindo perdão nas palavras das Santas Escrituras:

*“Compadrece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões .*

*Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado.*

*Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim.*

*Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar, e puro no teu julgar.*

*Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe.*

*Eis que te comprazes na verdade no íntimo, e no recôndito me fazes conhecer a sabedoria.*

*Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve.*

*Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que exultem os ossos que esmagaste.*

*Esconde o teu rosto dos meus pecados, e apaga todas as minhas iniquidades.*

*Cria em mim, ó Deus, um coração puro, renova dentro de mim um espírito inabalável.*

*Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito.*

*Restitui-me a alegria da tua salvação, e sustenta-me com um espírito voluntário.*

*Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores se converterão a ti.*

*Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus, Deus da minha salvação, e a minha língua exaltará a tua justiça.”*

Ele terminou a oração. A Kombi estava em silêncio. Então Glória levantou a voz — bela, suave — terminando as palavras do salmo:

*“Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito*

*quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus.”*

Levantamo-nos todos. Ele enxugou o rosto com o lenço, e assoou o nariz. Nós outros também estávamos fungando e limpando os olhos.

Virou-se então para mim: “Dei meu último centavo para aqueles meninos malucos dançarem na rua. Será que você pode me dar vinte centavos para eu telefonar para minha esposa e pegar o metrô? Vou para casa.”

Tínhamos estabelecido a praxe de nunca dar dinheiro a viciados em narcóticos ou bêbedos. Sabíamos que quase sem exceção, o dinheiro seria gasto em entorpecentes ou bebida. Mas aquela era uma exceção. Enfiei a mão no bolso e tirei o meu último dólar. Ele pegou a nota, e atirou-se ao meu pescoço, com o rosto ainda molhado de lágrimas. Depois, aproximou-se de cada um dos outros e também abraçou-os.

“Terão notícias minhas”, disse ele, “eu voltarei.”

E voltou mesmo. Dois dias depois. Levou sua esposa e os dois filhos ao Centro, para que os conhecêssemos. Sua fisionomia estava radiante; tinha um brilho que jamais poderia ser produzido por drogas ou comprimidos. Era a luz do Senhor.

## Capítulo 17

# NO VALE DAS SOMBRAS

---

É QUASE IMPOSSÍVEL colocar quarenta viciados em tóxicos debaixo do mesmo teto, e não ter problemas

— principalmente se supervisionados por pessoal inexperiente. A única coisa que impedia a organização do Centro Desafio Jovem de explodir era o Espírito Santo. Estávamos sentados num barril de pólvora, e qualquer um de nós podia acender o pavio na mente de algum psicopata, e fazer-nos ir todos pelos ares, caindo no esquecimento. A única esperança era conservar-nos tão perto de Deus quanto possível.

A maioria daqueles homens e mulheres era perita na arte de enganar, tornando-se assim difícil distinguir quem era autêntico e quem era falso. Ganhavam a vida contando mentiras. Nós confiávamos naquelas pessoas tanto quanto podíamos.

Eu era intransigente quanto à disciplina, e logo descobri que a maior parte deles não se ressentia se fôssemos justos e razoáveis. De fato apoiavam-se na disciplina, porque lhes dava uma base firme de operação — um sólido sentimento de participação. Contudo, eu sabia que nem todos tinham este sentimento.

Davi concordava com a minha filosofia. Porém a desagradável responsabilidade de precisar repreender a toda hora os delinqüentes começou a pesar demais sobre os meus ombros. Muitas vezes precisava sair da cama, no meio da noite, para resolver uma querela, ou até mesmo, algumas vezes, para mandar alguém embora, por ter quebrado as regras.

Grande parte das decisões mais importantes cabia a mim, e precisávamos aumentar o nosso quadro de colaboradores, a maioria dos quais acabava de sair da universidade. Comecei a sentir profundamente minha falta de preparo, e a perceber a minha própria insegurança. Eu pouco ou nada sabia a respeito de processos administrativos, e ainda menos a respeito dos aspectos psicológicos das relações pessoais necessárias para manter a comunicação, e para me relacionar com os outros membros da equipe. Podia perceber inveja da

parte de alguns dos que trabalhavam sob minha direção, e comecei a notar um estremecimento gradual em nossas relações.

Quando Davi passava pelo Centro, eu tentava explicar que tinha problemas grandes demais para mim, mas ele sempre me dizia: “Você saberá resolvê-los, Nicky. Tenho grande confiança na sua capacidade.”

Os problemas, porém, continuaram a acumular-se como nuvens negras no horizonte, antes de uma tempestade.

No outono, fui com Davi até Pittsburg, para falar na cruzada de Kathryn Kuhlman. O ministério da Srta. Kuhlman é um dos mais abençoados pelo Espírito em todo o mundo. Sua obra, através da Fundação Kathryn Kuhlman, alcança todas as partes do globo. Ela visitara o Centro Desafio Jovem, demonstrando um interesse especial pelo meu trabalho. Eu lhe havia mostrado a cidade e as favelas. “Agradeço a Deus por ter tirado você destes cortiços”, disse-me ela. “Se um dia tiver um problema grande demais para resolver, pode me telefonar .”

Pensei que devia tentar falar com ela, enquanto estivesse em Pittsburg, porque meu coração estava cada vez mais pesado. Contudo, fui levado pela grandiosidade do programa. Naquela noite, falando através do meu amigo Jeff Morales, que me acompanhara como intérprete, dei meu testemunho perante milhares de pessoas, no grande auditório. Depois do culto, jantamos em um pequeno restaurante, mas, até então, não tivera oportunidade de falar a sós com a Srta. Kuhlman. Deixei assim Pittsburg, ainda mais frustrado com minha incapacidade de resolver meus problemas pessoais.

Em janeiro de 1964, o trabalho havia crescido muito e já não podíamos conservar as mulheres alojadas no terceiro andar do casarão da Av. Clinton, 416. Fizemos negociações para arranjar uma casa do outro lado da rua, para acomodar as mulheres. Eu já

percebera algumas conspirações, lideradas por alguns viciados que me vira obrigado a disciplinar. Além disto, tínhamos recebido várias lésbicas no Centro, que estavam causando grandes problemas. Eu temia constantemente que qualquer delas tentasse seduzir alguma das estudantes inexperientes que nos ajudavam como conselheiras.

Cuidar de viciados era como tentar apagar um incêndio na floresta com uma toalha de banho molhada. Cada vez que eu conseguia controlar um pequeno problema, outro maior surgia. Percebi que estava me deixando envolver pessoalmente, e quando um viciado em narcóticos voltou para o mundo, tomei aquilo como fracasso pessoal.

Glória advertiu-me sobre o erro de levar todo o peso sozinho, mas a responsabilidade pesava grandemente em meus ombros.

Foi nessa época que Quetta chegou ao Centro. Fazia o papel de “homem” e fora certa vez “casada” com outra moça.

Vestia roupas de homem, calças, camisa, sapatos e até sua roupa de baixo era masculina. Tinha pouco mais de trinta anos, era dona de uma bonita pele e com cabelos muitos negros cortados como de homem. Era uma garota magra, esbelta e atraente, com personalidade marcante.

Quetta era uma das maiores traficantes de narcótico da cidade. Durante anos dirigira uma “galeria de picadas” no seu apartamento. Homens e mulheres iam ali, não só para comprar heroína, mas também para participar de orgias sexuais. Ela fornecia tudo o que era necessário: agulhas, recipientes para ferver a droga, heroína, comprimidos, e para os sexualmente depravados: homens e mulheres. Era uma situação confusa.

Quando a polícia deu uma batida no apartamento de Quetta, prendeu doze pessoas, inclusive algumas prostitutas profissionais, e descobriu dez “apetrechos” (colheres, agulhas, e conta-gotas). Os policiais demoliram literalmente o apartamento, arrancando o reboco das paredes, levantando as tábuas do assoalho, etc., até descobrir o seu esconderijo de drogas, que valia milhares de dólares.

Quetta veio para o Centro, enquanto estava em liberdade condicional. Expliquei-lhe as regras, e disse-lhe que devia vestir roupas de mulher e deixar o cabelo crescer. Além disto, nunca poderia ficar a sós com qualquer das outras ex-viciadas, a não ser acompanhada de uma de nossas auxiliares. Ela estava demasiado doente para discordar, e parecia estar alegre por ter se livrado das grades. Em menos de uma semana aceitou a Cristo, e apresentou todas as evidências externas de uma verdadeira conversão.

Contudo, logo cheguei à conclusão de que mesmo a conversão pode ser fingida. Embora usássemos Quetta para testificar em muitos trabalhos ao ar livre, eu sentia que havia algo de falso nela.

Duas semanas mais tarde, uma das conselheiras veio procurar-me logo de manhã. Estava branca como um lençol, e tremendo como vara verde.

“O que foi, Diane? Entre e sente-se.”

Diane era a mais nova de nossa equipe, uma garota provinciana de Nebraska, que acabara de diplomarse na Escola Bíblica.

“Não sei como contar-lhe, Nicky”, disse ela. “É sobre Quetta e Lilly.”

Lilly era uma viciada que viera para o Centro havia apenas uma semana. Estava freqüentando os cultos, mas ainda não se entregara ao Senhor. Senti os lábios secos. “O que houve com elas?” perguntei.



Diane enrubesceu e baixou a cabeça.

“Estavam juntas na cozinha, ontem, por volta de meia-noite. Aproximei-me delas e, Nicky, elas estavam ... estavam...” Sua voz embargou-se, devido à vergonha e ao acanhamento. “Não fui capaz de dormir a noite toda. O que podemos fazer?”

Levantei-me da cadeira e comecei a andar, medindo o escritório a passos.

“Volte ao prédio e diga-lhes que quero vê-las no meu escritório imediatamente”, decidi. “Este lugar é dedicado ao Senhor. Não podemos admitir que coisas assim aconteçam aqui.”

Diane saiu, e eu me sentei novamente, com a cabeça entre as mãos, orando desesperadamente, pedindo sabedoria. Em que ponto eu falhara? Havíamos permitido que Quetta testificasse em nome do Centro. Os jornais tinham publicado sua história e dado muita publicidade. Ela falara até em igrejas, a respeito da transformação ocorrida em sua vida.

Esperei mais de uma hora, e depois saí, para ver o que estava acontecendo. Encontrei Diane na escada.

“Elas saíram. As duas. Ficaram com medo, e disseram que iam embora. Não pudemos impedi-las.”

Virei-me e entrei vagarosamente no Centro. Sentia a derrota pessoalmente — fora um golpe duro. Durante três dias Glória orou e conversou comigo, enquanto eu me sentia completamente desiludido com a minha aparente incapacidade de alcançar aquelas viciadas com a verdadeira mensagem de transformação.

“Nicky, o próprio Jesus teve fracasso entre os seus seguidores”, disse ela. “Lembre-se de todos os que têm sido fiéis, e que têm tido êxito. Lembre-se de Sonny, que está no Instituto Bíblico, estudando para ser pastor. Pense em Maria, e na maravilhosa transformação de sua

vida. Lembre-se do que Deus fez por você. Esqueceu-se da sua própria experiência de salvação? Como é que pode duvidar de Deus e ficar desanimado com esses fracassos isolados?”

Glória tinha razão, mas eu me sentia incapaz de livrar-me daquele desânimo. A medida que o verão avançava, a sensação de culpa se avolumava. Julgava-me um completo fracasso. Não havia comunicação entre mim e a maioria dos outros membros da equipe. Davi ainda acreditava em mim, mas eu percebia, aguda e dolorosamente, as constantes falhas do Centro. A tensão crescia. Glória continuou tentando tirar-me daquela atitude derrotista, mas tudo o que eu fazia era inteiramente negativo.

O único ponto alto foi a chegada de Jimmy Baez. Ele vivera “fisgado” pelos narcóticos durante oito anos. Entrou no Centro pedindo remédios, pensando que era um hospital.

“Não tem outro remédio aqui a não ser Jesus”, disse-lhe.

Pensou que eu estivesse louco.

“Puxa, pensei que isto fosse uma clínica. Vocês são uma cambada de birutas.” Olhou ao seu redor, desesperadamente, procurando sair do meu escritório.

“Sente-se, Jimmy. Quero conversar com você. Cristo pode transformá-lo.”

“Ninguém pode me transformar”, resmungou. “Já tentei, mas não consigo.”

Levantei-me e aproximei-me dele. Colocando as mãos sobre sua cabeça, comecei a orar. Senti que ele estremeceu, e de repente caiu de joelhos, clamando a Deus. Daquela noite em diante nunca mais sentiu necessidade de outra “picada” de heroína.

“Veja”, observou Glória, quando lhe falei da con-

versão de Jimmy, “Deus está mostrando que ainda pode ajudá-lo. Como é que você pode continuar duvidando dele? Por que não pensar positivamente? Há vários meses que você não sai para os cultos noturnos ao ar livre. Ponha-se a trabalhar para Deus, e sentirá a orientação do Espírito Santo, como sentia antes.”

Aceitei o conselho, e concordei em dirigir os cultos ao ar livre na última semana de agosto. Na primeira noite, armamos nossa plataforma em Brooklin, e comecei a pregar. Era uma noite quente e abafada, mas a vasta multidão estava atenta. Preguei com todas as forças, e senti que me saíra bem. Quando me aproximava do fim, fiz um apelo.

De repente, levantei os olhos e, na extremidade da multidão eu o vi. Seu rosto era inconfundível. Era Israel. Todos aqueles anos, eu orara, procurara, inquirira... e, de repente, ali estava ele, um rosto na multidão.

Meu coração pulou. Talvez Deus o tivesse mandado de volta. Senti o velho fogo derramar-se em meu coração, enquanto fazia o apelo. Parecia que prestava bastante atenção, esticando o pescoço para ouvir as minhas palavras. O órgão portátil começou a tocar, e um trio feminino começou a cantar. Vi Israel virar-se para se afastar.

Pulei da plataforma e, às cotoveladas, abri caminho furiosamente entre a multidão, tentando alcançá-lo antes que ele desaparecesse. “Israel! Israel!” gritei-lhe. “Espere! Espere!”

Ele parou e virou-se. Não nos víamos há seis anos. Tinha ganhado corpo e amadurecido. Mas o seu rosto harmonioso tinha a aparência de mármore cinzelado, e os seus olhos estavam fundos e tristes.

Abracei-o com força, e procurei arrastá-lo de volta para a reunião. Ele resistiu e permaneceu imóvel.

“Israel”, gritei, transbordando de alegria, “é você

mesmo?” Dei um passo atrás, agarrei os seus ombros, olhando para ele. “Por onde tem andado? Onde você está morando? O que está fazendo? Conte-me tudo. Por que não me telefonou? Tenho procurado você em todos os cantos de Nova York. Hoje é o melhor dia da minha vida.”

Seus olhos estavam distantes e frios; sua maneira, estranha e retraída. “Preciso ir, Nicky. Tive muito prazer em ver você de novo.”

“Precisa ir? Faz seis anos que não nos vemos. Tenho orado todos os dias por você. Você vai para casa comigo.” Comecei a puxá-lo, mas ele sacudiu a cabeça e retirou o braço. Pude sentir os músculos fortes enrijecendo sob a sua pele.

“Outro dia, Nicky. Hoje não.” Tirou minha mão do seu ombro, e começou a afastar-se.

“Ei, espere um minuto. O que é que há com você? Você é o meu melhor amigo. Não pode ir embora assim.”

Virou-se e quase me congelou com um olhar gélido daqueles olhos inflexíveis, cinzentos como o aço.

“Mais tarde, Nicky”, disse ele entre os dentes. Virou-se abruptamente e desceu rua abaixo, para a escuridão.

Piquei imóvel pela surpresa, e chamei-o desesperadamente. Mas ele nem se virou. Continuou andando, e retornou à penumbra de onde viera.

Voltei alquebrado para o Centro. Arrastei-me escada acima, até o terceiro andar, e fechei a porta atrás de mim, em um dos quartos do sótão. “Senhor”, gritei com voz agoniada, “o que é que eu fiz? Israel está perdido, e a culpa é minha. Perdoa-me.” Caí no chão e passei muitos minutos chorando incontrolavelmente. Dava socos desesperados na parede. Não recebi resposta. Durante duas horas fiquei no sótão abafado,

exaurindo-me física, emocional e espiritualmente.

Eu sabia que iria deixar o Centro. Sentia que o meu ministério estava terminado. Eu era um fracasso em tudo o que tentava fazer. Tudo em que eu tocava, terminava mal. Quetta. Lilly. Agora, Israel. Não adiantava ficar lutando contra os problemas crescentes que não podia vencer. Não adiantava continuar no ministério. Eu estava arrasado. Derrotado. Fulminado. Pus-me de pé e fiquei olhando pela janelinha do sótão, para o céu escuro. “Senhor, estou derrotado. Eu errei. Tenho confiado em mim mesmo, e não em ti. Se é esta a razão pela qual tu permitiste que isto acontecesse, estou disposto a confessar o meu terrível pecado. Humilha-me. Mata-me, se necessário. Todavia, Deus querido, não me lances no lixo.”

Sacudia-me em soluços. Encostei-me à porta, olhando para o quarto. Silêncio. Eu não sabia se ele me ouvira ou não. Mas naquele momento, pouca diferença fazia. Eu já fizera tudo o que sabia.

Desci de novo as escadas, e fui para o meu apartamento. Glória já tinha posto o nenê na cama, e estava arrumando a cozinha. Fechei a porta e encaminhei-me para a cadeira. Antes que eu pudesse sentar, ela estava à minha frente. Seus braços rodearam-me a cintura, e ela me atraiu para si. Não sabia nada do que acontecera na rua ou no sótão, mas porque somos uma só carne, ela pôde perceber que eu fora ferido, e estava ao meu lado para sustentar o meu espírito abatido, e me dar forças na hora da necessidade.

Apertei-a contra mim, e escondi o rosto no seu ombro, enquanto as lágrimas começavam a cair de novo. Durante muito tempo ficamos ali, abraçados um ao outro, meu corpo sacudido pelos soluços. Por fim o choro passou, e levantei-lhe o rosto com ambas as mãos, olhando profundamente nos seus olhos. Estavam cheios de lágrimas, como fontes profundas, jorrando

água, da terra pura. Mas, não chorava. Ela estava sorrindo, embora fracamente. E o amor que fluía do seu coração transbordava dos seus olhos, enquanto as lágrimas gotejavam e corriam em pequenos regatos pela face bronzeada.

Apertei o seu rosto com as mãos. Ela estava linda. Mais linda do que nunca. Glória sorriu, e então os seus lábios se abriram, quando ela se aconchegou a mim em um beijo suave e demorado. Pude sentir o sal das minhas próprias lágrimas, e a quentura úmida da sua boca contra a minha.

“Pronto, Glória, terminou. Vou embora. Pode ser que eu tenha ficado orgulhoso. Talvez tenha pecado. Não sei, mas sei que o Espírito afastou-se de mim. Estou como Sansão. ao sair para guerrear os filisteus, sem o poder de Deus. Sou um fracasso. Arruíno todas as coisas em que toco.”

“O que é, Nicky?” Sua voz era macia e suave. “O que aconteceu?”

“Vi Israel hoje. Pela primeira vez depois de seis anos, vi o meu melhor amigo. Ele me deu as costas. A culpa dele ser o que é, cabe a mim. Se eu não o tivesse deixado sozinho na cidade, há seis anos atrás, ele estaria trabalhando hoje ao meu lado. Em vez disso, passou cinco anos na prisão, e está perdido. Deus não se importa mais.”

“Nicky, isto é quase uma blasfêmia”, disse Glória, com voz ainda suave. “Você não pode culpar-se pelo que aconteceu a Israel. Naquela manhã em que saiu da cidade, não passava de um garoto amedrontado. Não foi sua a culpa de não ter encontrado Israel. Está errado ao culpar-se a si próprio. Como tem coragem de dizer que Deus não se importa mais? Ele se importa. Ele se importou o suficiente para salvá-lo.”

"Você não compreende" disse eu, movendo a ca-

beça. "Desde que Davi me contou que Israel voltou para a quadrilha, culpei-me a mim mesmo. Tenho carregado o peso da culpa em meu coração. Esta noite eu o vi, e ele virou-me as costas. Nem quis falar comigo. Se você tivesse visto a dureza do seu semblante!"

"Mas, Nicky, você não pode desistir agora, justamente quando Deus está começando a operar..."

"Amanhã vou me demitir", interrompi. "Meu lugar não é aqui. Meu lugar não é no ministério. Não sou suficientemente bom. Se eu ficar, todo o Centro Desafio Jovem vai ser destruído. Sou como Jonas. Pode ser que ainda esteja fugindo de Deus, e não saiba disso. Eles precisam lançar-me ao mar, para que um peixe me coma. Se não se livrarem de mim, o barco inteiro vai afundar."

"Nicky, que conversa louca! Satanás é quem está fazendo você ficar assim", disse Glória, quase chorando. Afastei-me dela.

"Tem razão, Satanás está em mim. Mas eu vou renunciar."

"Nicky, pelo menos fale com Davi primeiro."

"Já tentei, centenas de vezes. Mas ele sempre está ocupado demais. Acha que eu posso resolver tudo sozinho, mas está errado. Não agüento mais. Sou incapaz, e já é tempo de admiti-lo. Sou um fracasso ... um fracasso."

Depois que fomos deitar, Glória passou o braço em torno da minha cabeça e acariciou meu pescoço.

"Nicky, antes de renunciar você me promete uma coisa? Você telefona para Kathryn Kuhlman e conversa com ela?"

Acenei que sim, com a cabeça. Meu travesseiro estava molhado de lágrimas, e ouvi Glória murmurar: "Nicky, Deus vai tomar conta de nós."

Enterrei a cabeça no travesseiro, pedindo a Deus que não me permitisse ver o sol despontar outro dia, em minha vida.

Naqueles dias de trevas e indecisão, só uma estrela brilhante surgiu, na forma daquela senhora majestosa, que parecia transpirar a própria presença do Espírito Santo. Só o fato de conversar com a Srta. Kuhlman, pelo telefone, no dia seguinte, parece que ajudou. Ela insistiu para que eu fosse a Pittsburg, com as despesas pagas por ela, antes de tomar uma decisão final.

Na tarde seguinte, tomei o avião para Pittsburg. Fiquei surpreso quando ela não procurou forçar-me a ficar no Centro. Em vez disso, declarou:

"Talvez Deus esteja dirigindo você para um ministério diferente, Nicky. Pode ser que ele o esteja levando pelo vale das sombras, a fim de que possa sair ao sol, do outro lado. Tão somente, conserve os olhos em Jesus. Não fique amargurado nem desanimado. Deus pôs a mão sobre você, e não vai abandoná-lo agora. Lembre-se, Nicky, quando passamos pelo vale da sombra, ele está conosco."

Oramos e ela pediu que, se fosse da vontade de Deus que eu deixasse o Centro Desafio Jovem, que ele conservasse aquela nuvem de desânimo ao meu redor. Se quisesse que eu permanecesse, dissipasse a nuvem, para que eu me sentisse disposto a ficar em Nova York.

Voltei à cidade na manhã seguinte, grato pela amizade e confiança daquela senhora cristã, gentil e dinâmica.

Naquela noite, depois que o nenê dormiu, sentei à mesa da cozinha e conversei outra vez com Glória. Eu queria mesmo sair. Começaríamos tudo de novo, talvez na Califórnia. Glória disse que me seguiria onde quer que eu fosse. O seu grande amor e sua confiança davam-me



novas forças. Antes de ir para a cama, peguei um pedaço de papel e uma caneta, e escrevi meu pedido de demissão.

Foi um fim de semana horrível. Na segunda-feira cedo, quando Davi chegou ao Centro, estendi-lhe meu pedido de demissão, e esperei enquanto ele lia.

Ele baixou a cabeça.

“Fui eu quem falhei com você, Nicky?” perguntou suavemente. “Será que eu estava tão ocupado que não fiquei aqui o tempo suficiente, quando você precisou de mim? Venha ao meu escritório; vamos conversar .”

Segui-o silenciosamente pelo saguão, e entramos no escritório. Ele fechou a porta, e encarou-me com um semblante profundamente aflito.

“Nicky, não sei o que está por trás de tudo isto. Mas sei que, em grande parte, sou culpado. Todos os dias tenho me repreendido por não passar mais tempo com você. Vivo correndo, levantando dinheiro para o Centro. Não tenho tido tempo nem para a minha família. Sinto em meus ombros o pesado fardo da responsabilidade. Então, antes de conversarmos, quero pedir-lhe que me perdoe por ter falhado com você. Você me perdoa, Nicky?”

Baixei a cabeça, e meneei-a silenciosamente. Davi suspirou fundo, e caiu na cadeira.

“Vamos conversar, Nicky.”

“É tarde demais para conversar, Davi. Várias vezes procurei falar-lhe. Sinto que é isto que eu devo fazer.”

“Mas, por que, Nicky? O que causou esta decisão repentina?”

“Não é repentina, Davi. Está sendo preparada há muito tempo.” Aí, então, abri o coração diante dele.

“Nicky”, disse Davi, com os olhos penetrantes fixos

em mim, “todos nós passamos por esses períodos de depressão. Eu já decepcionei algumas pessoas, e já fiquei decepcionado com outras. Pensei em desistir várias vezes. Frequentemente, tenho me sentido como Elias, debaixo de um zimbro, gritando:

“Basta; toma agora, Senhor, a minha alma.” Contudo, Nicky, você entrou em lugares onde os anjos temeriam andar. Não consigo imaginá-lo fugindo destas pequenas derrotas.”

“Elas não são pequenas para mim, Davi. Já resolvi. Desculpe.”

No dia seguinte, Glória e Alicia embarcaram de avião para Oakland, e dois dias depois voei até Houston, para cumprir o meu último compromisso, pregando naquela cidade. Estávamos em agosto de 1964. Eu passara dois anos e nove meses no Centro Desafio Jovem.

Em Houston, fiquei meio envergonhado de contar que saíra do Centro. A minha pregação, porém, foi fria e ineficaz. Estava ansioso para seguir para a Califórnia e encontrar-me com Glória.

Enquanto voava através do país, apercebi-me de que não estava mais viajando por conta do ministério. Havíamos economizado muito pouco, e as passagens de avião e despesas de mudança iriam deixar-nos sem dinheiro. Fiquei assustado. Inseguro. Com medo.

Lembrei-me das vezes em que pessoas tinham tentado colocar dinheiro em minhas mãos, quando pregara em concentrações e conferências. Eu agradecia, e mandava que fizessem um cheque em nome do Centro Desafio Jovem. Nada queria para mim. Toda a minha vida fora dedicada ao Centro. Parecia irônico que até mesmo em Houston eu tinha continuado a dizer, aos que queriam contribuir, que fizessem os cheques em nome do Centro Desafio Jovem, sabendo que eu mal

tinha dinheiro para viver, nos dias seguintes.

Glória foi encontrar-se comigo no aeroporto. Ela alugara um apartamento pequeno. Estávamos “quebrados” e deprimidos. Eu dera a Deus quase seis anos da minha vida, e sentia que ele me voltara as costas. Pretendia desistir, deixar o ministério, e começar da estaca zero, em alguma outra atividade. O sol mergulhou no Oceano Pacífico, e todo meu mundo afundou na escuridão.

Não sabia para onde me voltar. Percebi que estava me afastando de tudo. Não queria ir à igreja com Glória, preferindo ficar sentado em casa, olhando para as paredes. Glória tentou orar comigo, mas eu me sentia desanimado e afastava-a de mim, dizendo que ela podia orar, mas, quanto a mim, sentia-me vazio.

Dentro de algumas semanas, espalhou-se a notícia de minha volta à Califórnia. Começaram a chegar convites para falar nas igrejas. Logo me cansei de dizer “não” e de inventar desculpas. Finalmente, disse a Glória para não atender mais interurbanos, e não responder às cartas.

Nossa situação financeira era, porém, desesperadora. Havíamos gastado todas as economias, e Glória não conseguira achar emprego.

Como último recurso, aceitei um convite para pregar em uma cruzada para jovens. Estava espiritualmente frio. Pela primeira vez na vida, subi ao púlpito sem orar. Sentado na plataforma, admirei minha própria dureza e frieza. Fiquei chocado com a minha atitude mercenária. Não obstante, estava desesperado. Se Deus me deixara cair, como eu sentia que ele o fizera, em Nova York, então não me sentia obrigado a buscar a sua bênção para pregar. Se me pagassem, eu aceitaria. Era simplesmente isso.

O Senhor, todavia, não considerava as coisas as-

sim tão simples. Ele tinha planos muito mais elevados para mim, mais do que apenas receber um cheque como pagamento pela pregação. Pregador Cristo é coisa sagrada — e ele prometeu: “Minha palavra... não voltará para mim vazia.”

Quando fiz o apelo, algo aconteceu. Primeiro, um jovem saiu do meio da multidão e aproximou-se, ajoelhando-se diante do altar. Depois, outro veio do canto mais afastado do auditório. Outros ainda vieram à frente, e os corredores ficaram cheios de jovens dirigindo-se ao altar, ajoelhando-se defronte do gradil e entregando suas vidas a Cristo. Tão grande era o número de jovens ali na frente, que muitos precisaram ficar de pé, atrás dos que se ajoelharam diante do gradil superlotado. No fundo da igreja, vi gente caindo de joelhos e clamando a Deus. Outros continuavam se apresentando. Nunca estivera em um culto em que o Espírito de Deus caísse sobre a congregação com tanto poder.

O Senhor procurava dizer-me algo, não baixinho, sussurrando, mas com voz trovejante. Dizia-me que ainda estava no seu trono, lembrando-me que, embora eu o decepcionasse, ele não me decepcionava. Estava me dizendo, em termos inconfundíveis, que não terminara sua obra em minha vida... e que ainda queria usar-me, embora eu não estivesse disposto a ser usado.

Senti os joelhos tremerem, e tentei segurar-me no púlpito. De repente, meus olhos encheram-se de lágrimas e eu, o pregador da noite, caí para a frente, de joelhos diante do gradil. Ali, com o coração cheio de arrependimento, derramei a alma perante o meu Deus, numa nova dedicação a ele.

Depois do culto, Glória e eu entramos no carro que estava estacionado no pátio da igreja. Havíamos planejado sair para lancha e depois dar um passeio de carro. Em vez disso, concordamos em ir para casa.

Quando entramos, caí de joelhos. Glória ajoelhou-se ao meu lado, e nós dois choramos e clamamos a Deus. E eu sabia. Sabia que havia mais ainda. Sabia que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus. Abri os olhos, e através das lágrimas, vi que ele estava ao meu lado. Podia sentir a sua presença. Quase podia ouvir as palavras: Sim, “ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo: a tua vara e o teu cajado me consolam...” Salmo 23.

Havíamos atravessado o vale da sombra da morte, mas a sua graça nos guiara, e agora a luz do sol já coroava o pico das montanhas distantes, anunciando o alvorecer de um novo dia.

## Capítulo 18

# NO TERRITÓRIO DE JESUS

---

A GRANDE OPORTUNIDADE surgiu pouco antes do Natal, quando recebi um convite de um grupo de leigos conhecido como “Full Gospel Business Men's Fellowship International”. Foi através desse grupo de comerciantes dedicados que começaram a chegar convites para falar em ginásios e universidades. Durante 1965 estive na maioria das cidades mais importantes do país. Minhas concentrações e cruzadas, em sua maior parte patrocinadas por igrejas de todas as denominações, estavam obtendo maravilhoso êxito, e eu falei a multidões de mais de dez mil pessoas.

Agradecia diariamente a Deus por sua bondade. Porém, ainda estava impaciente e tinha um profundo anseio no coração. Não parecia encontrar a solução para o problema, e por isso tornava-me cada dia mais impaciente.

Foi então que fiquei conhecendo Daniel Malachuk, um negociante extrovertido, de elevada estatura, que vivia em Nova Jersey, e que, sem o saber, trouxe à tona o meu problema. Casualmente ele mencionou certa noite que sabia que o meu desejo original fora trabalhar com os “pequenos”. Não respondi à sua observação, mas suas palavras ficaram gravadas em minha mente.

Recordei minha própria infância. Se tão somente alguém tivesse se preocupado em me levar a Cristo quando criança, talvez...

Conversei a esse respeito com Glória. Deus estava usando o meu testemunho em grandes cruzadas, mas cada vez que eu lia nos jornais um artigo sobre crianças presas por terem cheirado cola ou terem fumado maconha, meu coração doía. Continuávamos orando para que Deus nos mostrasse o caminho para nos aproximarmos dessas crianças.

Poucos meses depois, Daniel ajudou a preparar uma cruzada de quatro dias em Seattle. Durante todo esse tempo, eu estivera falando através do intérprete Jeff Morales. Jeff mudara-se para a Califórnia, a fim de viajar comigo para as grandes concentrações onde as pessoas tinham dificuldade em entender meu sotaque. Porém, cerca de meia hora antes de deixar o aeroporto, ele telefonou: “Nicky, estou de cama, com pneumonia. O médico não me deixou ir. Você terá que se virar sozinho.”

De pé na plataforma, diante de uma bateria de microfones e de câmaras de TV, examinei a enorme multidão. Será que eles seriam capazes de entender-me, apesar do sotaque porto-riquenho? Será que ririam do

meu inglês arrevesado? Nervosamente, limpei a garganta e abri a boca para falar. As palavras não saíram — só um murmúrio enrolado. Limpei a garganta outra vez, e saiu uma coisa que parecia com “uuuggghhllkfg”.

A multidão mexeu-se nervosa, mas polidamente. Não adiantava. Eu já tinha me habituado à ajuda de Jeff. Curvei a cabeça e pedi poder: “Senhor amado, se podes dar-me uma língua desconhecida para louvar o teu nome, confio em que podes dar-me uma língua conhecida para falar de ti a estes jovens.”

Levantei a cabeça e comecei a falar. As palavras vieram perfeitas, e fluíram de minha boca com poder sobrenatural. Jeff fora substituído por Jesus e, desde aquele momento, tive a certeza de que sempre que estivesse falando dele, não precisaria mais de intérprete.

Depois do último culto, Daniel foi ao meu quarto, no hotel.

“Nicky, as bênçãos de Deus estão se derramando de maneira maravilhosa. Uma oferta de amor de três mil dólares foi levantada para você usar em seu ministério.”

“Daniel, não posso aceitar esse dinheiro.”

“Nicky”, disse Daniel, enquanto se colocava à vontade, esparramando-se no sofá e tirando o sapato, “o dinheiro não é para você. É para Deus operar através da sua pessoa.”

“E posso usá-lo de qualquer forma que sinta que Deus quer?” perguntei.

“Isso mesmo”, disse Daniel.

“Então vou usá-lo para os “pequenos”. Quero começar um centro para ministrar a eles.”

“Maravilhoso”, explodiu Daniel, sentando no sofá. “Dê-lhe o nome de “Esforço para a Juventude.”

E o nome foi “Esforço para a Juventude”. Voltei à

Califórnia com os três mil dólares, resolvido a abrir um Centro onde pudesse tirar os pequenos das ruas, e ganhá-los para Cristo.

Estabelecemos o nosso Centro em Fresno, na Av. N. Broadway, 221. Requeremos o alvará oficial do Estado da Califórnia, e pendurei uma placa na porta da frente: “Esforço para a Juventude, Nicky Cruz, Diretor.”

Logo em seguida, comecei a vasculhar as ruas. No primeiro dia, encontrei um garoto de onze anos dormindo no vão de uma porta. Sentei-me ao seu lado e perguntei como se chamava.

Ele me examinou com o canto dos olhos, e finalmente disse: “Rubem; por que quer saber?”

“Não sei”, respondi na mesma linguagem errada que ele usara. “Você me pareceu tão simpático que quis conversar com você.”

Espontaneamente ele me contou que o pai era viciado em tóxicos. Ele mesmo tinha cheirado cola no dia anterior. Deixara a escola no sexto ano. Escutei sua história, e depois contei-lhe que eu estava abrindo um Centro para garotos como ele, e perguntei-lhe se gostaria de ir morar comigo.

“Você quer mesmo que eu vá?”

“Claro”, respondi, “mas temos de falar primeiro com seu pai.”

“Com os diabos”, respondeu o garoto, “o meu velho vai pular de alegria por se livrar de mim. O único que vai se importar é o comissário de menores.”

O comissário ficou satisfeito com a notícia, e Rubem mudou-se para o Centro naquela mesma noite.

Poucas semanas depois, recolhemos mais dois meninos. Foram todos matriculados na escola, e fazíamos estudos bíblicos diários no Centro. A princípio,



Rubem nos deu muito trabalho, mas no fim da segunda semana aceitou a Cristo durante um estudo bíblico. Na tarde seguinte, ao voltar da escola, dirigiu-se diretamente para o seu quarto e começou a estudar. Glória piscou para mim. “Que outra evidência você quer, de que a sua conversão foi sincera?” disse ela. Eu não precisava de nenhuma outra. Senti-me bem, interiormente. A inquietude estava desaparecendo .

À medida que os dias se passavam, começamos a receber telefonemas de mães aflitas, que diziam que os filhos estavam completamente impossíveis, e pediam que os recolhêssemos. Em questão de semanas, nossas acomodações estavam lotadas, e ainda continuávamos recebendo telefonemas. Glória e eu passamos muito tempo em oração, pedindo a Deus que nos guiasse.

Certa manhã, depois de apenas algumas horas de sono, o telefone tocou. Cambaleei até o aparelho. Era Daniel Smith, membro ativo da sociedade “Full Gospel Business Men's” de Fresno:

“Nicky, Deus está nos dirigindo por um misterioso caminho. Várias pessoas de nosso grupo têmorado em favor da obra que você está realizando. Deus colocou no meu coração o desejo de ajudá-lo a formar uma Junta de Diretores. Falei com Earl Draper, contador, com o Rev. Paulo Evans, e com H. J. Keener, gerente de uma estação de TV local. Estamos dispostos a trabalhar com você, se nos aceitar.”

Era outra resposta de oração, o fato daquele pequeno grupo de negociantes e profissionais liberais se colocarem à disposição do Centro, para ajudar na direção.

Mais tarde, naquele mesmo mês, Davi Carter juntou-se à nossa equipe, para trabalhar com os meninos. Eu conhecera Davi, um rapaz de cor, alto, quieto, quando era chefe de uma quadrilha em Nova York. Fora para o Instituto Bíblico depois da sua conversão, e como

não tinha laços de família, podia passar muitas horas aconselhando pessoalmente os meninos famintos de amor. Havia também duas moças mexicanas: Frances Ramirez e Angie Sedillos, que se juntaram a nós para promover o contato com as meninas, e ajudar no trabalho da secretaria.

O último membro da equipe era uma pessoa muito especial para mim. Tratava-se de Jimmy Baez. Jimmy acabara de diplomar-se na Escola Bíblica, e desposara uma jovem calma, de voz suave. Ele viria para trabalhar como nosso supervisor, mas para mim, era muito mais do que isso. Ele era uma prova viva do poder transformador de Jesus Cristo. Era difícil imaginar que aquele jovem de aparência culta, rosto simpático e óculos de aros escuros, fosse o mesmo garoto franzino, pálido, que ficara agachado horas a fio no Centro Desafio Jovem, tremendo devido à privação de heroína, e suplicando que lhe dessem drogas.

Com o coração cheio de fé em Deus, e as mãos ocupadas com os “pequenos”, continuamos avançando. Deus estava abençoando, e eu pensava já ter recebido o máximo em surpresas maravilhosas. Contudo, para os que amam a Deus, não há limite para as surpresas do amanhã.

Naquele outono, Daniel Malachuk escalou me para uma série de palestras em Nova York. Depois de me apanhar no aeroporto, entramos no seu carro e fomos para a cidade, passando por quilômetros e mais quilômetros de apartamentos, tipo cortiço. Recostei-me no banco, ao lado dele, e fiquei observando os velhos prédios passarem velozmente. Algo me tocava o coração. Eu não fazia mais parte do gueto, mas ele ainda era uma parte de mim. Comecei a pensar nos velhos amigos, e nos membros da quadrilha — principalmente em Israel. “Jesus”, orei, “por favor, dê-me outra oportunidade de dar meu testemunho em presença

dele.”

Depois da reunião, naquela noite, Daniel foi comigo para o quarto do hotel onde eu ia passar a noite. O telefone estava tocando quando entramos.

Atendi, e houve um longo silêncio do outro lado da linha, antes que eu ouvisse uma voz fraca, mas bem conhecida dizer: “Nicky, sou eu, Israel.”

“Israel!” gritei. “Glória a Deus! Minha oração foi respondida. Onde você está?”

“Estou em casa, Nicky, no Bronx. Acabei de ler no jornal que você estava na cidade, e telefonei para o seu irmão, Frank. Ele disse que eu poderia encontrá-lo no hotel.”

Comecei a dizer algo, mas ele me interrompeu: “Nicky, eu-eu-eu estava pensando se poderia vê-lo enquanto está na cidade. Só para conversar a respeito dos velhos tempos.”

Quase não podia crer nos meu ouvidos. Virei-me para Daniel: “Israel. Ele quer me ver.”

“Convide-o para se encontrar conosco no hotel, amanhã à noite, para jantar”, disse Daniel. O encontro longamente esperado foi marcado para as seis horas da tarde seguinte.

Orei por ele a noite inteira, pedindo a Deus para me dar as palavras certas, a fim de ganhar o seu coração para Cristo.

Daniel e eu ficamos medindo o saguão do hotel com nossos passos, das cinco e trinta às sete horas da noite. Ele não apareceu. O coração subiu-me à garganta, enquanto eu me lembrava daquela manhã, nove anos antes, quando nos tínhamos desencontrado da primeira vez.

De repente, eu o vi. Suas feições harmoniosas,

olhos profundos, cabelo ondulado. Nada mudara. Não pude falar, pois as lágrimas vieram-me aos olhos. “Nicky”, disse ele com voz estrangulada, “nem posso crer.” Repentinamente, começamos a rir e falar ao mesmo tempo, completamente esquecidos do trânsito intenso ao nosso redor.

Passado algum tempo, Israel se afastou e disse: “Nicky, quero que você conheça minha esposa, Rosa.” Ao seu lado estava uma jovem porto-riquenha, baixinha e simpática, com um sorriso que tomava conta de todo o seu bonito rosto. Curvei-me para apertar-lhe a mão, porém ela me agarrou pelo pescoço e beijou-me resolutamente na face. “Está alegre de conhecer você”, piscou, falando um inglês arrevesado. “Tenho vivido perto de você todo este tempo. Israel fala muito de você estes três anos.”

Fomos até o salão Hay Market Room para jantar. Israel e Rosa ficaram para trás, e pude perceber que algo os preocupava. “Ei, Israel, qual é o problema? Daniel vai pagar a conta. Vamos!”

Israel olhou para mim embaraçado, e finalmente me puxou de lado. “Nicky, não posso entrar aí. É chique demais. Não sei o que fazer.”

Rodeei-lhe os ombros com o braço. “Eu também não sei o que fazer”, respondi. “Olhe, peça o troço mais caro que encontrar na lista e deixe o “dono do ouro” aqui pagar”, sorri, apontando para Daniel.

Depois do jantar, tomamos o elevador para o meu apartamento, no décimo - quarto andar. Israel estava descontraído, e parecia o mesmo velho

Israel, quando nos falou da sua casa, no gueto “Não é um lugar muito agradável para se viver”, disse ele. “Precisamos guardar os pratos na geladeira, por causa das baratas. Mas poderia ser pior. No andar térreo, os ratos vêm dos esgotos e mordem as crianças

enquanto dormem. É como se estivéssemos acorrentados ali”, disse. “Não podemos livrar-nos. É um lugar péssimo para criar os filhos. Na semana passada, três meninas do meu edifício, todas de cerca de nove anos, foram estupradas em uma viela, nos fundos do prédio. Não temos coragem de deixar as crianças saírem à rua, e eu estou doente de preocupação . Quero sair de lá. Mas...”

A sua voz falhou, e ele levantou-se da cadeira, foi até a janela, e olhou para fora, em direção à torre reluzente do edifício “Empire State”. “Mas a gente precisa viver em algum lugar, e em qualquer outro lugar o aluguel é alto demais. Quem sabe no ano que vem... talvez no ano que vem nos mudemos para um lugar melhor. Até que eu não me saí tão mal. Comecei lavando pratos, e prosperei. Agora sou contínuo em um edifício na Wall Street.”

“Mas depois que você conseguir mudar, o que acontecerá?” interrompi.

“O que foi que você disse?” perguntou.

Percebi que chegara a hora de me aprofundar no passado. “Israel, conte-me o que foi que saiu errado.”

Ele voltou para o sofá onde Rosa estava, sentou-se nervosamente ao seu lado. “Não me incomode de falar nisso agora. Acho mesmo que preciso falar. Nunca contei, nem para Rosa. Você se lembra daquela manhã, depois que saí do hospital, quando você e aquele homem iam encontrar comigo?”

Acenei que sim. A recordação era dolorosa.

“Esperei três horas. Fiquei como louco. Eu fiquei danado com os crentes, e naquela noite voltei para a quadrilha.”

“Israel, sinto muito. Nós procuramos você...”

“Não importa. Faz muito tempo. Talvez as coisas

fossem diferentes se eu tivesse ido com vocês. Quem sabe?”

Fez uma pausa, e depois começou de novo. “Depois, arranjamos uma encrenca com os Angels da Rua Sul. Aquele cara entrou em nosso território e dissemos que não queríamos nenhum “bicho de pé” por ali. Quis bancar o engraçadinho, e batemos nele. Correu, e cinco dos nossos foram atrás dele até os domínios da Rua Sul, e o agarramos na Arcada. Nós o puxamos para fora, e começamos a lutar com ele. A coisa de que me lembro a seguir, é que um dos nossos tinha um revólver na mão e começou a dar tiros. Paco pôs-se a segurar a barriga e dizer brincando: “Oh, peguei um tiro! peguei um tiro!” Todos os rapazes riam.”

“Então, o “bicho-do-pé” caiu no chão. Estava mesmo ferido. Estava morto. Eu vi o buraco da bala na sua cabeça.”

Israel fez uma pausa. O único som que se ouvia era o do trânsito, atenuado pela distância, lá embaixo.

“Fugimos. Eu e mais três fomos agarrados. Os outros se safaram. O cara que puxou o gatilho tomou vinte anos. O resto, de cinco a vinte anos.”

Ele parou de falar, e baixou a cabeça: “Foram cinco anos de inferno.”

Recuperando a serenidade, prosseguiu: “Tive de fazer um “acordo” para sair da prisão.”

“O que é um “acordo?” interrompeu Daniel. “A Junta de Livramento Condicional disse que eu seria solto, se pudesse provar-lhes que tinha um emprego me esperando. Eles me disseram que eu teria de voltar para meu antigo lar. Eu não queria voltar para o Brooklin. Queria começar a vida de novo, mas disseram que eu tinha de voltar para casa. Assim, eu fiz um “acordo” através de um viciado que estava lá dentro comigo. Ele conhecia um homem que tinha uma fábrica de roupas

no Brooklin, e disse à minha mãe que, se ela lhe pagasse cinquenta dólares, ele me prometeria um emprego. Ela deu ao homem o dinheiro, e ele escreveu uma carta dizendo que eu tinha um emprego na sua fábrica, quando saísse da prisão. Foi a única maneira de arranjar emprego. Rapaz, quem é que vai querer um ex-preso como empregado?”

“Mas você conseguiu o emprego?” perguntou Daniel.

“Nada” disse Israel, “eu disse a vocês que era um “acordo”. Não havia emprego nenhum. Era só um jeito para eu sair da cadeia.”

“Saí, então, e fui a uma agência de empregos, e menti sobre o meu passado. Você pensa que eles me teriam contratado, se eu contasse que saíra da cadeia no dia anterior? Arranjei um emprego de lavador de pratos, e depois uma dúzia de outros empregos. Desde então, tenho mentido. A gente precisa mentir para conseguir um emprego. Se meu patrão soubesse que eu sou um ex-preso, ele me mandaria embora, apesar de eu estar fora da cadeia há quatro anos, e ser um bom empregado. Portanto, eu minto. Todo mundo faz isso.”

“O oficial de justiça responsável por você durante seu livramento condicional, ajudou-o?” perguntou Daniel.

“Sim ele foi o único sujeito que realmente tentou. Mas o que é que poderia fazer? Ele tinha mais de cem rapazes como eu para ajudar. Não, a responsabilidade era minha, e consegui tudo sozinho.”

O quarto ficou em silêncio. Durante todo o tempo Rosa estivera sentada, quieta, ao lado de Israel. Ela não conhecia essa parte da vida de seu marido.

Depois eu falei: “Israel, você se lembra daquela vez em que estávamos procurando os Phantom Lords, e caímos em uma emboscada?”

“Lembro.”

“Você salvou a minha vida naquela noite, Israel. Esta noite eu quero retribuir aquele favor. Quero dizer-lhe algo que salvará sua vida.”

Rosa estendeu a mão e passou o braço pelo dele. Ambos viraram-se e me olharam com ar de expectativa.

“Israel, você é o meu melhor amigo. Você pode notar que houve uma transformação na minha vida. O velho Nicky morreu. A pessoa que você vê agora não é realmente o Nicky, é Jesus Cristo vivendo em mim. Você se lembra daquela noite, na Arena St. Nicholas, quando demos nosso coração ao Senhor?” Israel fez que sim, baixando os olhos para o chão. “Deus entrou no seu coração naquela noite, Israel. Eu sei disso. Deus fez um acordo com você e ainda mantém a sua parte do acordo. Ele não se esqueceu de você, Israel. Você tem fugido todos estes anos, mas a mão dele ainda está sobre você.”

Peguei a Bíblia: “No Velho Testamento tem a história de um homem chamado Jacó. Ele também fugiu de Deus. Então, uma noite, exatamente como esta, ele teve uma luta com um anjo. O anjo venceu, e Jacó rendeu-se a Deus. Naquela noite Deus mudou o seu nome. Não era mais Jacó — mas Israel. E Israel significa “aquele que anda com Deus.”

Fechei a Bíblia e fiz uma pausa, antes de continuar. Os olhos de Israel estavam molhados, e Rosa apertava o seu braço. “Durante todos estes anos, tenho ficado acordado durante a noite, muitas vezes, orando por você — pensando como seria maravilhoso se estivesse trabalhando ao meu lado — não como fazíamos antes, mas na obra de Deus. Israel, esta noite eu quero que você passe a andar com Deus. Quero que entre no território de Jesus.”



Israel olhou-me com os olhos rasos de água. Virou-se e olhou para Rosa. Ela estava confusa, e falou-me em espanhol. Eu estivera falando em inglês, e vi que Rosa não compreendera tudo o que dissera. Ela perguntou-me o que eu queria. Israel explicou que eu queria que eles dessem o coração para Cristo. Ele falou rapidamente em espanhol, contando-me do seu desejo de voltar para Deus — como outrora Jacó teve vontade de voltar ao lar, e perguntou-me se ela iria com ele.

Ela sorriu, e os seus olhos brilharam, enquanto acenava que sim.

“Glória a Deus!” gritei. “Ajoelhem-se ao lado deste sofá, enquanto oro.”

Israel e Rosa ajoelharam-se ao lado do sofá. Daniel escorregou da cadeira e ajoelhou-se, do outro lado da sala. Coloquei as mãos sobre suas cabeças, e comecei a orar, primeiro em inglês, depois em espanhol, oscilando entre as duas línguas. Senti o Espírito de Deus fluindo através de meu coração, meus braços, e meus dedos, e alcançando as suas vidas. Orei, pedindo a Deus para perdoá-los e abençoá-los e recebê-los na plenitude do seu reino.

Foi uma oração longa. Quando terminei, ouvi Israel começar a orar. Temerosamente a princípio, e depois com intensidade, ele clamou: “Senhor, perdoa-me. Perdoa-me. Perdoa-me.” Então a sua oração mudou, e eu pude sentir novas forças atuando em seu corpo, quando começou a dizer: “Senhor, muito obrigado.”

Rosa uniu-se à sua oração: “Obrigado, Senhor, muito obrigado.”

Daniel pôs Israel e Rosa em um táxi, e pagou a corrida até o seu apartamento no Bronx. “Nicky” disse ele limpando os olhos, enquanto se afastavam, “esta foi a melhor noite da minha vida, e sinto que Deus vai mandar Israel para a Califórnia para trabalhar com

você.”

Concordei. Pode ser que sim. Deus tem sempre uma forma de cuidar de tudo.

## Epílogo

---

Em uma tarde no fim da primavera, Nicky e Glória descansavam nos degraus da frente do Centro, na Av. N. Broadway, 221, observando Ralphie e Karl cortando a grama, enquanto a noite se aproximava. Estava quase na hora do culto ao ar livre no gueto. No quintal, podiam-se ouvir os sons alegres de Davi Carter e Jimmy Baez rindo para Allen, Joly e Kirk, que jogavam bolinha. O jantar terminara, e lá dentro Frances e Angie supervisionavam os outros meninos que tomavam o banho diário. Alicia e a pequena Laura, agora com um ano e quatro meses, brincavam alegremente na grama recém cortada.

Glória estava sentada em um degrau mais baixo, olhando com afeto e pensativamente para o seu marido, encostado numa coluna do balaustre com os olhos semi-serrados, como se estivesse perdido no mundo dos sonhos. Ela inclinou-se e colocou a mão no joelho dele.

“Querido, o que há? Em que está pensando?” “O que foi?” perguntou ele distraído, relutando em deixar seus pensamentos.

“Qual o seu sonho agora? Ainda está fugindo? Já temos o Centro para os “pequenos”. Israel e Rosa estão morando em Fresno e servindo ao Senhor. Sonny está pastoreando uma grande igreja em Los Angeles. Jimmy está trabalhando com você e Maria está servindo a Deus em Nova York. Na semana que vem você vai para a Suécia e Dinamarca, para pregar. Por que ainda está sonhando? O que mais poderia pedir a Deus?”

Nicky endireitou-se e olhou bem no fundo dos olhos inquiridores da companheira. Sua voz tinha um tom distante, quando disse: “Não é o que eu peço a Deus, querida, mas o que ele pede a mim. Com nosso trabalho estamos só arranhando a superfície.”

Houve uma longa pausa. Só os ruídos das atividades alegres soavam em torno da casa. “Mas, Nicky”, disse Glória, mantendo os olhos fixos nele, “não é tarefa só para você. É a tarefa de todos os cristãos — em toda parte.”

“Sei disto”, respondeu Nicky. “Fico pensando em todas aquelas enormes igrejas, no centro da cidade, que ficam vazias durante a semana. Não seria maravilhoso se aquelas salas de aula inúteis pudessem ser transformadas em dormitórios para ser cheios de centenas de crianças e adolescentes dos guetos, que nunca souberam o que é amor? Cada igreja poderia tornar-se um Centro, dirigido por voluntários...”

“Nicky”, interrompeu Glória, apertando-lhe o joelho. “Você é um sonhador. Você acha que os membros daquelas igrejas vão transformar os seus belos prédios em dormitórios para crianças perdidas e sem lar? Eles querem prestar ajuda, mas desejam que outras pessoas o façam em seu lugar. Ficam irritados quando um bêbedo perturba o seu culto. Imagine o que diriam, se fossem à igreja certa manhã de domingo, e encontrassem seu “santuário” profanado com camas, catres, e um bando de ex-viciados em narcóticos e cheiradores de cola nos saguões do templo? Não, Nicky, você é um sonhador. Essa gente não quer sujar as mãos. Não desejam ver seus tapetes sujos com o pó de pés descalços.”

Nicky balançou a cabeça. “Você tem razão, é claro. Fico sempre imaginando o que Jesus faria. Será que ele sujaria as mãos?”

Ele parou e olhou para as montanhas distantes,

refletindo: “Você se lembra da viagem que fizemos no ano passado a Ponta Loma, na baía de San Diego? Lembra-se daquele enorme farol? Durante muitos anos ele tem orientado os navios que entram no porto, mas agora os tempos mudaram. Li na semana passada que a fumaça das fábricas é tão espessa que eles precisam construir um novo farol bem perto da água, para que a luz possa passar por baixo das nuvens de fumaça.”

Glória ouvia atentamente.

“É isto que está acontecendo hoje em dia. A igreja ainda continua com a sua luz brilhando, bem alto. Todavia, poucas pessoas conseguem vê-la, porque os tempos mudaram, e há muita fumaça. Faz-se necessário que uma nova luz brilhe perto do chão — bem embaixo, onde o povo está. Não é suficiente ser o guarda do farol: eu preciso também ser o portador da luz. Não, eu não estou fugindo mais. Só quero estar onde há ação.”

“Eu sei”, disse Glória, refletindo profunda alegria e compreensão em sua voz. “É isto o que eu desejo para você. Mas você tem de prosseguir sozinho. Você sabe disso, não sabe?”

“Sozinho, não”, disse Nicky, abaixando-se, e colocando as mãos sobre as dela. “Estarei andando no território de Jesus.”

As risadas dos garotos no quintal tornaram-se mais altas; eles terminaram o jogo e entraram. Karl e Ralphie tinham pegado suas Bíblias, e estavam sentados no meio-fio, defronte da casa.

Nicky baixou a cabeça, e olhou para Glória. “Hoje de manhã recebi um telefonema de uma senhora de Pasadena.” Parou, esperando uma reação. Glória esperou que ele continuasse. “O filho de doze anos foi apanhado pela polícia, porque estava vendendo maconha. O marido dela quer que ele vá para a cadeia.” Nicky fez uma pausa. “Mas não temos lugar para ele,

nem dinheiro para sustentá-lo.”

Silêncio. Nicky observava um pardalzinho que pulava na grama. Seus olhos encheram-se de lágrimas, enquanto pensava na criança desconhecida... uma entre milhares de outras... famintas de amor... disposta a enfrentar a cadeia, só para chamar a atenção de alguém... procurando alguma coisa real... procurando Jesus, mesmo sem o saber...

Glória interrompeu seus pensamentos. “Nicky”, disse ela suavemente, seus dedos entrelaçados com os dele, “o que é que você vai fazer?”

Nicky sorriu e olhou-a nos olhos, dizendo: Farei o que Jesus quer que eu faça. Vou me interessar.”

“Oh Nicky, Nicky...” disse Glória, enquanto enlaçava suas pernas com os braços. “Eu o amo! Sempre há lugar para mais um. E Deus vai suprir o que faltar.”

Jimmy tirou a Kombi da garage. Os meninos subiram nela, para ir ao culto ao ar livre no gueto. Nicky pôs Glória de pé: “Vamos! Depressa! Está na hora de realizar a obra de Jesus.”

Eu estava para começar a gravação de um programa no estúdio de rádio, ao lado do meu escritório, quando Nicky Cruz entrou. Olhando à sua volta, para assegurar-se de que ninguém mais se achava ali, fechou a porta e ficou à minha frente silenciosamente, com os ombros curvados, as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos da calça. Sua face quase não tinha expressão, embora, quando eu a estudei, percebesse sinais de que lutava para controlar suas emoções.

“Tome”, disse ele laconicamente, tirando vagarosamente as mãos dos bolsos. Por alguns instantes, eu não sabia se devia ficar calma ou alarmada!

Então, sobre a mesa diante de mim, Nicky começou a colocar a mais estranha coleção de objetos que eu

já vira. Ele os identificava à medida que os colocava na mesa: uma garrucha feita em casa, um par de soqueiras que me pareceram horríveis, um punhal de cabo de osso, duas bolinhas de chumbo engenhosamente amarradas na ponta de um chicote de couro, e “os apetrechos” — uma agulha hipodérmica, um conta-gotas e uma tampinha de cerveja para ferver a droga — as ferramentas indispensáveis de um viciado em psicotrópicos.

“Esta é a minha entrega final”, disse Nicky, com os olhos brilhantes de decisão. Olhou para a mesa, tocando cada um dos objetos com a ponta dos dedos, como num adeus. “Eu vivi por eles. Minha vida dependeu deles. Mas agora minha necessidade cessou. Eu os entrego a ele.”

Ele os teria literalmente colocado nas mãos de Jesus, feridas pelos cravos, se isso fosse possível. Entregou-os a mim, como a uma espécie de depositária. Agora era minha vez de ficar emocionada.

Ainda conservo aquela bizarra coleção. De vez em quando eu a tomo entre as mãos para recordar-me do que foi Nicky Cruz... e do Deus cuja misericórdia e graça fez dele o que ele é hoje em dia.

Kathryn Kuhlman  
Pittsburg, Pensilvânia

\*\*\*



Nicky Cruz

### **Notas da digitalizadora:**

A história de David Wilkerson e Nicky foi também contada no cinema, no filme *A Cruz e o Punhal*, disponível em vídeo:

[www.minasdeleitura.com.br/videosvhs/038.php](http://www.minasdeleitura.com.br/videosvhs/038.php)

Leia mais sobre Kathryn Kuhlman, no livro *Bom Dia Espírito Santo*, de Benny Hinn, também disponível no PDL (Projeto de Democratização da Leitura):

[www.portaldetonando.com.br/forumnovo/portal.php](http://www.portaldetonando.com.br/forumnovo/portal.php)